

ELZA MARGARIDA DE MENDONÇA PEIXOTO

"PARA NÃO DEIXAR O CÉREBRO NA MÁQUINA"

- Um estudo sobre os sentidos de "cultura" e "lazer"
no discurso da "teoria do lazer" em interrelação
com o discurso de trabalhadores organizados no sindicato cutista
dos Metalúrgicos de São José dos Campos.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	P359p
V.	ff
TOMBO EXL	28905
PROC.	667/96
C	<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	30/10/96
N.º CPD	C11.000938 83-1

FICHA CATÁLOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF-UNICAMP

Peixoto, Elza Margarida de Mendonça
 P 359p Para não deixar o cérebro na máquina: um estudo sobre os sentidos de "cultura" e "lazer" no discurso da "teoria do lazer" em interrelação com o discurso de trabalhadores organizados no sindicato cutista dos Metalúrgicos de São José dos Campos. / Elza Margarida de Mendonça Peixoto. - Campinas, SP: [s. n.], 1996.

Orientador: Nelson Carvalho Marcellino, Eni Pulcinelli Orlandi.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

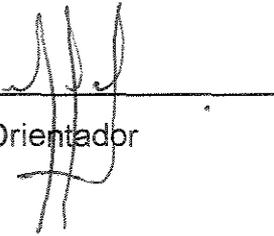
1. Lazer. 2. *Ação sindical. 3. Cultura. 4. Análise do discurso. I. Marcellino, Nelson Carvalho, 1950 -. II. Orlandi, Eni Pulcinelli. III. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Elza Margarida de Mendonça Peixoto e aprovada pela Comissão Julgadora em 08/05/96.

Data: 1º / 10 / 96

Assinatura: _____

Orientador

A handwritten signature in black ink, consisting of several vertical strokes and a horizontal base, positioned above a horizontal line that serves as a signature line.

"Na canga do boi de carro
Tem gente amarrado lá,
Gente não é boi de carro
Pra carro de boi puxar.
Gente tem mente que gira
Mente que pode girar,
Gira a mente do carreiro
A canga pode quebrar."

"A canção do carreiro."¹
Percival

¹ - Versos de "A canção do carreiro de Percival, compositor popular de viola e líder rural em Goiás. In Carlos Rodrigues Brandão, "A cultura do povo a prática da classe - canções de militância", Campinas, março de 1980.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:

Esta dissertação de mestrado não seria concluída sem as contribuições dos Profs. Drs. Nelson Carvalho Marcellino, Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi, Celi Nelza Zulk Taffarel e Inês Navarro.

Suas intervenções foram fundamentais para a percepção, aproximada, do movimento que envolve a questão do lazer entre trabalhadores organizados.

AGRADECIMENTOS:

Ao Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino, que sustentou este trabalho tanto no sentido material - através dos recursos disponíveis no DEL (Departamento de Estudos do Lazer) e na Comissão de Pós-graduação - como no sentido teórico - com seus conhecimentos sobre a teorização disponível sobre o lazer.

À Prof^a Dr^a Eni Orlandi, pelos momentos fascinantes em que o passeio da inteligência brilhante pela realidade concreta expressa nos discursos - dolorosa criação da humanidade - permitiu-me flutuar no terreno do saber, sendo e saboreando, enquanto tomava ciência.

À Prof^a Celi Nelza Zulk Taffarel, voz exausta pelo esforço de lembrar a necessidade de compromisso concreto com um projeto histórico no qual as desigualdades gritantes possam começar a ser encaradas, enfrentadas e modificadas. Voz exausta pelo esforço diário de lembrar que a Educação Física, o Lazer e qualquer área do conhecimento não podem ficar de fora desse projeto... Voz exausta pelo sacrifício de sua vida pessoal em nome desse projeto histórico em construção... Voz exausta que murmura versos nos intervalos de descanso, preparando a persistência... e a esperança.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) órgão financiador sem cujo apoio não conseguiríamos possibilitar as bases materiais para a realização deste estudo.

A Newton Cunha, por ousar discutir e apontar uma felicidade que, por enquanto, ousamos somente imaginada.

Aos professores da Universidade Estadual de Campinas, que, ao longo de quatro anos e meio da minha vida e de suas vidas, estiveram ensinando, conteúdos, projetos, concepções, entendimentos e comprometimentos. Em especial aos professores Lino Castellani Filho, Élide Rugai Bastos, Armando Boito, Ricardo Antunes e Angela Tude, com quem tive o prazer de compartilhar minhas intenções de pesquisa e de quem obtive orientações esparças e valiosas.

Aos funcionários da Universidade Estadual de Campinas que prosseguem, nos conflitos humanos em meio à burocratização e ao desconhecimento total do processo de sua instalação, ajudando a buscar e elaborar discursos que esperamos, sempre, serem desveladores.

A Dulce Leocádio, Vitória Coutinho e Rogério Ferreira pela revisão ortográfica e bibliográfica do texto.

Aos Diretores e Funcionários do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos que contribuíram comigo propondo e discutindo as possibilidades do lazer no interior dos sindicatos, em especial a Pio, Rosângela, Mollines, Adilson, Fátima e Aparecida (Cidinha).

Ao Dr. Antonio Lopes, que enfrentou comigo muitos dos meus medos, num "bonde andando", para, observando-os em meio à exaustão do interminável por fazer, colocá-los, comigo, no devido lugar da racionalidade subjetiva... Vivemos e compartilhamos o conflito do inconsciente desejando emergir no marulho da racionalidade.

Ao Sr. José Joaquim (Zezinho), por tantas contas penduradas que nunca poderão ser pagas...

À Márcia, Edson, Isabela e André "Valentes", que contribuíram muito para que eu produzisse um caminho, não esperando pelo destino...

Às eternas amigas Isabel Cristina (Belzinha), Gílian e Carolina (Carol), em cujo convívio de ano e meio vimos, juntas, este complexo laço da vida ir se organizando...

Aos companheiros "de casa", com quem dividi pães e poeira: Gílian, Heloísa (Helô), Ângela, Adelvânea (Dê), Gisela, Lúcia, João, Kátia e Fábio.

Aos amigos, indispensáveis auxiliares na gestação e no cuidado de e com Ana Terra, em especial ao Tom e à Cacilda, à Lígia, Jocimar, Inara, Iara, Sr. José Joaquim (Zezinho), Carolina (Carol), Fábio e Andreia. E àqueles sem cujas letras e palavras trocadas por carta e telefone, eu não conseguiria amadurecer: Bel, Celi, Ricardo e Gílian.

À D. Nancy e ao Dr. José que, junto com Ana e Gramani, foram minha família em Campinas. O tempo e a distância não destruirão estes laços...

Ao Gramani e a Ana, por terem olhado com serenidade e bom humor esse pedaço da minha vida, constituindo-se, efetivamente, na minha maior possibilidade de prazer em Campinas. Com eles redescobri a arte... Com eles percebi uma outra relação material com a vida... Através deles criei profundos laços de amizade...

Ao Marcelo, por Ana Terra...

À minha pequena Alegria Abençoada... Valioso filão de alegria e força... Serzinho forte ao sabor dos "vai" e "vem" da vida ao lado de uma mãe que tem somente a si mesma para dar, quando vale mais a ordem das mercadorias...

Meus pais... Este estranho silêncio por não saber como dizer, quando todas as palavras são insuficientes...

Ao futuro:

Em parte, este estudo tenta entender aquilo que vem sendo roubado de nós, autorizado pela "necessidade", sendo prometido para depois... Realiza-se entre sonhos e aspirações de classe... Permite-se aspecto e parte de algo que, no futuro, junto com tantos outros estudos acadêmicos, vai revelar nuances de nossa organização social, nossos projetos, nossos conflitos concretos e abstratos marcando uma era, uma História...

Certamente a elaboração deste trabalho revela-me a mim meus próprios mistérios... Certamente sua contribuição revela-nos nossa própria miséria e alegria... Sendo dizer proibido, ocultado pela pressa do "market" - novo Hitler, nova cara da Inquisição - estas nuances aguardam silenciadas que a história ou os historiadores as desenterrem... Sepulto, então, todos estes conflitos neste texto.

RESUMO

Este estudo insere-se na temática "lazer e trabalho" e aborda os sentidos do termo lazer como possibilidades determinadas pelos contextos e posições ideológicas. Objetivando localizar razões para o aparecimento e o silenciamento do "lazer" nas Resoluções do 3º e 4º Congressos da Central Única dos Trabalhadores optamos por investigar os sentidos do termo nos discursos produzidos por "trabalhadores organizados em um sindicato cutista" e pela "teorização sobre o lazer". Tal investigação busca captar diferenças de sentidos atribuídos ao termo nestas formações discursivas que podem estar determinando o silenciamento. Elege-se como metodologia a "Análise de Discurso" na vertente francesa, segundo às concepções de Pêcheux (1988) e Orlandi (1992). A análise restringe-se a alguns autores que discutem a temática do lazer na atualidade, às Resoluções do 4º Concut e entrevistas realizadas com diretores e funcionários do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos. Através da verificação de repetições de termos e da multiplicidade de sentidos que marcam estas repetições, destacamos no discurso da "teoria do lazer" os "valores" do lazer e no discurso de trabalhadores organizados em sindicatos os sentidos de "luta" e "cultura". Observamos que enquanto o discurso da teorização preocupa-se com a atribuição de "valores" ao lazer como atividade de ocupação do tempo disponível onde exercita-se a ludicidade e a resistência, o discurso de trabalhadores sindicalistas preocupa-se em encontrar formas de garantir a representatividade de classe através da manutenção da "unidade" do "sujeito coletivo". Nestes contextos são produzidos sentidos diferenciados para o lazer que guardam, ao mesmo tempo, proximidades e discrepâncias a depender da direção político-ideológicas das definições. Trata-se de uma primeira investigação que ainda não explicita de todo as razões do silenciamento sobre a temática do lazer nas Resoluções do 4º Concut, sinalizando, entretanto que este silenciamento está marcado pelos acontecimentos políticos do período histórico em que foram produzidas as Resoluções e pelas disputas internas à CUT quanto às direções políticas que devem ser dadas as ações e propostas. O estudo lança como uma das hipóteses a serem investigadas posteriormente que, variando entre tendências socialistas e social-democratas, cada uma destas posições em disputa estaria significando de maneira político-ideológica diferenciada a temática do lazer, ressaltando a importância de investigações que busquem demonstrar as determinações ideológicas nas decisões quanto ao planejamento da temática em diferentes instâncias.

RESUME

This investigation is inserted in the theme "leisure and work" and broaches the senses of the term leisure as possibilities determined by the contexts and ideological stands. We have decided for the investigation of the senses of the term in the speeches produced by organized workers of a "cut" syndicate and by the "theory about leisure", aiming to find reasons for the appearing and the omission of the term leisure in the Resolutions of the 3rd and 4th Congress of the "Central Única dos Trabalhadores". Such investigation seeks to catch some differences of the senses attached to the term in these discursive work-buildings which can be determining the omission. The "analysis of speech", in the french tendency according to the Orlandi's (1992) and Pêcheux (1988) concepts, is elected to be the methodology. The analysis limits itself to some authors who discuss the theme on leisure nowadays, to the Resolutions of the 4th "Concut" and interviews granted by directors and functionaries of the metalurgical workers' syndicate of São José dos Campos. Verifying the repetitions of terms and the multiplicity of senses which indicate these repetitions, we make salient the "values" of leisure in the discourse about the "theory of leisure" and senses of "conflict" and "culture" in the sindicalistical workers' speech. We notice that, while the discourse of the theory is preoccupied with attachment of "values" to leisure, as a disposable time activity, when the state of being ludic and the resistance are practised, the syndicalist workers' speech is concerned to find manners to guarantee the class representation by the keeping of the "unity" of the "collective subject". Different senses for leisure, which keep, at the same time, proximities and discrepancies depending on the political ideological direction of the definitions, are produced in these contexts. This study is the first investigation which does not yet explicitly express the causes of the omission about the theme on leisure in the resolutions of the 4th "concut", showing, however, that this omission is marked by the political facts of the historical period when the Resolutions were produced and by the internal disputes at the "Cut" about the political directions which must be given to the actions and proposals. The investigation launches as one of the hypothesis which will be examined later, that, varying between social democrat and socialist tendencies, each of these disputing stands would be seeing the theme on leisure from a different political ideological point of view, making noteworthy the importance of the investigations in the decisions on the theme planning in different instances.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
I - Sobre uma maneira de olhar a realidade:.....	05
- O processo de produção do estudo sobre o discurso do lazer.....	06
1.0 - Histórico: relatando um percurso entre os possíveis percursos.....	06
1.1 - Deparando-nos com sentidos sincréticos: onde aparenta a origem	06
1.2 - Os esforços de síntese realizados até aqui.....	08
1.3 - Produzindo a forma aproximada do problema.....	12
1.4 - Definindo a questão guia do estudo.....	18
1.5 - Deparando-nos com a necessidade de definição do instrumental de análise.....	18
1.6 - Delimitando os discursos em estudo e os objetivos frente à questão guia e ao referencial metodológico.....	38
1.7 - Sobre a coleta complementar dos dados.....	38
1.8 - Possibilidade do estudo no vínculo com a "teoria do lazer" e a Educação Física.....	41
1.9 - Das partes ao todo.....	44
II - Olhando um aspecto da realidade:.....	47
- O jogo dos sentidos no discurso da "teoria do lazer" e em sua difusão.....	48
1.0 - Introdução.....	48
2.0 - As referências para a leitura dos textos fundadas na A.D. e na observação do discurso de trabalhadores organizados.....	52
2.1 - A leitura dos textos que compõem a "teoria do lazer".....	52
2.2 - O sentido de texto para a A.D.....	53
3.0 - Os textos aqui privilegiados, suas ordens internas e o jogo dos sentidos necessários à sustentação do discurso	56
4.0 - A ordem dos discursos.....	70
4.1 - Onde o discurso localiza a origem.....	70
4.2 - Como o discurso localiza a relação lazer/trabalho.....	80
4.3 - As justificativas históricas para o estudo, o planejamento, e a intervenção na área do lazer.....	89
5.0 - Repetições e diferenças de sentido no jogo do discurso teórico sobre o lazer: pistas para a ordem do discurso.....	92

III - Olhando outro aspecto da realidade.....	98
- O jogo dos sentidos no discurso de trabalhadores organizados.....	99
1.0 - Introdução.....	99
2.0 - As referências sobre a "teoria do lazer" e algumas características gerais sobre seu acontecimento do lazer entre trabalhadores organizados determinando o olhar sobre o objeto.....	100
3.0 - Luta: o sentido de unidade na fala do sujeito coletivo e as diversidades.....	103
3.1 - O processo de produção das Resoluções.....	103
3.2 - As posições ocupadas pelos sujeitos do discurso na disputa pelos sentidos.....	105
3.3 - A ilusão do sujeito para a AD - para entender a ilusão do sujeito coletivo.....	108
4.0 - O processo de produção e análise das entrevistas.....	115
4.1 - As falas do discurso.....	116
4.2 - A elaboração do roteiro.....	119
4.3 - O roteiro das entrevistas.....	120
4.4 - O processo de realização das entrevistas.....	122
4.5 - O processo de análise.....	123
5.0 - Os sentidos atribuídos à "cultura" e "lazer" no interior dos sindicatos e o vínculo com o "movimento" da ação sindical como representação social legal dos trabalhadores.....	125
5.1 - As posições sobre o papel dos sindicatos.....	126
5.2 - As posições sobre os problemas de funcionamento dos sindicatos.....	140
5.3 - As posições sobre a relação cultura/lazer/sindicato	149
5.4 - Os sentidos de cultura e lazer presentes nos recortes.....	156
6.0 - O jogo do sentido no discurso.....	166
IV - Efeitos do olhar para a realidade.....	170
- Efeitos da interrelação entre os discursos.....	171
1.0 - Introdução.....	171
2.0 - O que fizemos até agora.....	172
3.0 - O foco de interesse.....	173
4.0 - Os processos de significação.....	173
5.0 - Os sentidos verificados.....	175
5.1 - O sentido lúdico da ação sindical.....	181
6.0 - Limites para o entendimento das razões do silenciamento.....	182
V - Levantamento Bibliográfico.....	186

INTRODUÇÃO

Há na atualidade um esforço crescente para propor o lazer como lema. Esta proposta vem marcada ora pela consideração do lazer como espaço de construção e propagação de "valores" moralizadores da sociedade, a partir dos quais é possível sanear "distúrbios pós Revolução Industrial", ora pela proposta de uso deste espaço para a propagação de "valores questionadores" desta mesma condição social vigente.

Quase toda a teorização sobre o lazer tem estado ocupada com a investigação sobre o que os trabalhadores estão fazendo no seu tempo de não-trabalho. Esta preocupação tem sido fecunda em investigações sobre as atividades que são praticadas neste tempo, o tempo destinado a estas atividades, os lugares em que são realizadas, e as sensações que suscitam, de modo a delimitar o que é e o que não é o lazer.

Diferentemente da tendência geral nos estudos do lazer de estabelecer definições e delimitações para esta prática social, neste trabalho há um esforço pela percepção da diversidade de sentidos atribuídos ao termo, bem como de visualizar o processo de produção destes sentidos em determinados contextos. Para isto partimos do princípio de que as atribuições de sentidos ao lazer estão diretamente vinculadas às situações históricas em que este é produzido e realizado como prática social.

Diante do quadro de transformações históricas pelo qual o Brasil passou recentemente, os estudos sobre os sentidos do lazer entre trabalhadores organizados em sindicatos, para mim, têm de passar por um processo de "autorização" de sentido. Entendo ser necessário perguntar a estes trabalhadores, tendo em vista o importante papel que lhes coube neste processo, como ficam os sentidos do lazer quando estão em jogo seus projetos de mudanças estruturais.

A questão chave para nós é saber qual o sentido atribuído ao lazer pelos que acreditam na "luta de classes" e têm uma posição assumida como "classe trabalhadora", a fim de perceber como este sentido se reflete nas políticas que defendem e desejam ver implantadas.

Dessa forma, neste estudo, confronto as posições aí verificadas com o discurso produzido pela teorização, desejando perceber o ressoar dos sentidos do lazer no lugar autorizado para atribuir-lhe sentidos, delimitando-o e definindo-o.

Contribuir para uma melhor formulação do que entendo ser o eixo central da discussão sobre o lazer - a relação entre lazer e trabalho - é o que pretendo com este estudo. Mas, todo fazer teórico inscreve-se num conjunto de "dizeres" que sustentam as coisas que são ditas e o modo como elas significam. Segui as indicações dos textos observando que estes dizeres, também no discurso do lazer, vão estar inscritos nos embates entre o discurso liberal sobre o lazer e o discurso chamado de "economia política do tempo livre" onde é determinante a referência marxista².

Para a análise dos textos elegemos a "teoria da análise de discurso", na vertente francesa, representada no Brasil, entre outros, por Orlandi. Tomamos esta decisão tendo em vista percebermos estas falas como discursos produzidos com uma direção inconsciente existente por trás da ilusão de dominância do que é dito no discurso.

Foi esta opção metodológica que possibilitou sistematizar uma discussão sobre a dispersão do sentidos do lazer entre as posições organizadores dos discursos da representatividade de interesses de classe e da teorização sobre a prática social do lazer. Através do instrumental de Análise de Discurso, busquei perceber a multiplicidade de sentidos do termo no jogo dos conflitos que marcam a instauração dos sentidos dominantes nestas formações discursivas.

Em ambos os casos - o discurso de trabalhadores organizados e da teorização sobre a questão do lazer - estou preocupada em perceber o processo de produção do discurso sobre o lazer, e, para isso, busquei peças textuais expressivas das formações discursivas eleitas para análise: na CUT, as Teses ao Congresso e as Resoluções, bem como Revistas contendo avaliações e propostas políticas internas; no sindicato, privilegiei realizar entrevistas com diretores e funcionários envolvidos com as atividades diárias do sindicato.

² - Uma breve descrição deste conflito é feita no artigo: Tempo livre, trabalho e lutas sociais, Reflexão, n. 35, 1986.

Para acompanhar o discurso do lazer no movimento com que se apresenta no mundo do trabalho foram necessárias etapas de investigação que estiveram sendo, a todo momento, relacionadas e confrontadas, como acontecimentos.

Na **primeira** etapa procurei conhecer o referencial metodológico e aprofundar elementos do instrumental de análise a fim de reconhecer o trânsito dos sentidos nos discursos aqui delimitados.

Na **segunda** destas etapas procurei conhecer limitadamente, a teorização sobre a relação "lazer/trabalho", buscando captar as bases sobre as quais se instala o discurso da teorização.

Na **terceira** etapa, dividida em três momentos:

a) procurei observar quais os sentidos que regiam as posições de trabalhadores organizados na CUT quanto à questão do lazer. Fiz esta análise através do texto das Resoluções, contendo relatos sobre as lutas políticas, as greves, o tipo de reivindicação priorizada, e a contrapartida repressiva que sofreram.

b) ao mesmo tempo, entrei em contato com os metalúrgicos de São José dos Campos e acompanhei, durante um ano, suas discussões sobre o papel dos Departamentos de Cultura nos sindicatos. Nesta etapa selecionei pessoas a serem entrevistadas e realizei as entrevistas.

c) por último passei a analisar as respostas de trabalhadores organizados no sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, sobre as relações e os vínculos entre lazer / cultura e ação sindical.

O processo de pesquisa está sendo relatado neste texto em quatro partes:

Na primeira parte faço o relato de todo o processo de investigação desde a elaboração do projeto de estudo, a seleção do instrumental de análise, até a seleção dos textos e entrevistados. Denominei-a de "processo de produção do meu próprio discurso".

Na segunda parte, faço o relato sobre a leitura dos textos da teoria do lazer selecionados, discutindo os eixos em torno dos quais está organizada a teorização. A esta parte chamei de "o jogo dos sentidos no discurso da teoria do lazer".

Na terceira parte, faço o relato sobre a leitura das Resoluções e das entrevistas, relacionando os sentidos de sindicato, cultura e lazer, de modo a possibilitar a percepção dos jogos em que as posições sobre o lazer se inscrevem e instalam em relação a eles.

Por fim, na quarta e última parte procuro sistematizar algumas considerações, à luz da análise de discurso, sobre o significado da multiplicidade de sentidos com que o termo lazer emerge em meio aos fragmentos de discurso analisados.

Onde podemos chegar? Talvez, na constatação de um papel passageiro ao mesmo tempo paliativo e fundamental para o lazer, no sentido de que a humanidade pode e deve produzir uma forma mais humanitária e justa de vida coletiva que não deixe de contemplar as possibilidades de realização da essência da natureza humana: espelhar-se ludicamente na própria capacidade criativa.

Aquilo que em Newton Cunha (1987) aparece como a negação do trabalho e do lazer em busca da "felicidade imaginada, que no sindicato aparece como a possibilidade de retomada da "luta" e que entre intelectuais petistas ressoa como a política de produção social da memória, pode estar estruturando outros sentidos para o lazer que ainda estão em construção.

Nesse mesmo lugar, onde os discursos fazem o jogo do "poder" e do "contra-poder", organizam-se as peças, como no Tan-gram, construindo sentidos que podem sempre estar produzindo outros.

Fascinada, vejo desenrolarem-se os processos de produção destes discursos, num jogo de peças que estão todas lá, às vezes visíveis, às vezes imperceptíveis aos olhos que passam sem poder ver... Por isso, importa perceber e ressaltar, junto com a noção de sentidos múltiplos, que apenas alguns deles podem ser visualizados. É uma tentativa. Que venham outras.

PARTE I

SOBRE UMA MANEIRA DE OLHAR A REALIDADE...

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESTUDO SOBRE O DISCURSO DO LAZER.

1. Histórico: relatando um percurso entre os possíveis

Tendo em vista o interesse de perceber como está caracterizada a preocupação com o tempo disponível entre trabalhadores organizados, captando aí os sentidos possíveis de lazer e as relações de sentido em que se inscreve, proponho especificar aqui o trajeto metodológico do estudo.

Passando pela delimitação do tema e do problema, pela definição da questão guia, pela definição do instrumental de análise, pelo processo de coleta dos dados de pesquisa, pela maneira como o material foi organizado e pelo processo de leitura e análise dos textos, relato a maneira como optei conduzir esta discussão. Em outras palavras, achei procedente relatar o processo de produção de meu próprio discurso.

1.1 Deparando-me com sentidos sincréticos: onde aparenta a origem

Em 1989, a passeio em São Paulo, fiz uma visita a uma amiga que trabalhava no "Sindicato dos trabalhadores nas indústrias da construção civil de São Caetano do Sul". Acompanhando-a em seus afazeres, enquanto conversávamos, fiquei conhecendo as instalações e o pessoal do sindicato, e acabei me inteirando, minimamente, dos problemas e do dia-a-dia por eles vivenciados. Em uma destas visitas, sem muito interesse, percebi um salão no andar inferior do prédio com as dimensões de uma quadra de futebol e um palco no fundo, um vão livre, sem nenhum tipo de demarcação.

Em outro momento, acompanhando um funcionário do sindicato até o refeitório, verifiquei a existência de traves de futebol de salão do tipo das que são utilizadas em jogos de handebol e futebol em quadras fechadas ou abertas. Expressei imediatamente minha surpresa e curiosidade sobre o fato, ao que o funcionário respondeu: "isto aí é um resquício do assistencialismo pelego da ditadura". Associei, então, o espaço aberto sob os escritórios, as traves encostadas num depósito, e o comentário feito pelo funcionário concluindo que, em algum tempo, foram praticadas atividades físicas no espaço do sindicato e estas atividades não foram bem vistas por alguns sindicalistas.

Ainda não fazia parte dos meus planos estar em Campinas cursando especialização e mestrado centrados nos estudos do lazer e, com certeza, não estavam postas, com a clareza com que as descrevo agora, questões que, naquela época, inquietavam-me instintivamente: porque e para que uma trave de futebol num sindicato? Quais as possibilidades de uso destes equipamentos neste espaço?

Que acontecimentos estariam girando em torno daqueles símbolos do passado ali depositados? Ao mesmo tempo indagava que jogos de sentidos relacionavam, marcavam e determinavam a fala do funcionário, as traves, o salão / quadra e a ação sindical? Porque aparece imediatamente como "estranha" - ao funcionário e a mim - a existência de equipamentos utilizados para a prática de esportes dentro do sindicato?

Isto ficou marcado em mim. Muitas vezes minha opção de estudo causou estranheza entre interlocutores; talvez, agora, este relato ajude-nos a esclarecer, respondendo as tantas perguntas que surgiram sobre o "porquê", o "para quê", ou sobre qual a sua utilidade e relevância.

Há coisas que necessitam de resposta antes que estejam tão integradas à lógica que não saibamos mais distingui-las. Os "conceitos" dos quais partimos - eu e o funcionário em questão - para tecer nossos comentários e deflagrar nossas reflexões - são parte de uma discussão que está longe de ser esgotada - a problemática da função social das atividades de "lazer".

No esforço de entendimento da problemática do lazer, caminho buscando explicações, formulando muito mais questões que respostas.

1.2 Os esforços de síntese realizados até aqui

A preocupação com o "discurso do lazer" instala-se definitivamente em 1991. Entre aulas e textos, encontro, na teorização sobre o lazer, o esforço de identificação e delimitação de "atitudes", "valores", "conteúdos", "tempos" e "espaços" que estariam caracterizando o "lazer do trabalhador", sem levar em conta, até aquele momento, as posições defendidas por estes quando predominam, além dos interesses individuais, os interesses organizados pelas categorias da "representatividade" e da "posição de classe".

A constatação destas preocupações predominantes com o que seria ou não o lazer, quando seria ou não o lazer, como seria ou não o lazer, acabaram reacendendo, em mim, a curiosidade sobre a posição de trabalhadores organizados quanto ao "lazer", e ao que é dito sobre o lazer pela teorização.

Esta forma da abordagem do tema inquietava-me, porque entendia que não estávamos entrando no âmago da questão, apenas rodopiávamos em sua superficialidade permanecendo sempre à beira do acontecimento do lazer. Parecia-me que a "teoria do lazer" esforçava-se por refletir uma universalidade discursiva, como se não houvesse diferenças e interesses diferenciados; como se o lazer unificasse as pessoas e as realidades, as teorias e as falas; como se toda a problemática sobre o tema se resolvesse bastando delimitar e identificar o termo.

Disposta a investigar o lazer na perspectiva da posição de trabalhadores organizados, estranhei como as preocupações eram polarizadas sobre faixas etárias, sexo, ocupação ou outras variáveis de mesma esfera. Demonstrando interesse no estudo da relação lazer/trabalho como posição de classe percebi esta proposta causar estranheza entre meus interlocutores. A dispersão das abordagens existentes sobre o lazer, sem a explicitação dos nortes teórico-ideológicos que as regiam e amarravam, passava a impressão de vastidão temática interna ao próprio tema.

Nesse contexto, o primeiro esforço de sistematização sobre a questão do lazer entre trabalhadores organizados foi **projetado** como um estudo sobre as "Políticas de Atuação na Área do Lazer Propostas pela Central Única dos Trabalhadores:

avanços ou conformação", em que pretendia analisar as concepções vigentes no interior da CUT, caracterizando a posição hegemônica e a direção dada ao assunto.

A análise das posições presentes entre trabalhadores seria feita a partir de alguns textos³ - produzidos pelo Departamento Sócio-Econômico e Político da CUT; das Resoluções do 3º Congresso da Central Única dos Trabalhadores; de jornais, relatórios, folhetos, textos - encontrados no "Centro de Pastoral Vergueiro"⁴; de entrevistas; de artigos publicados na revista Teoria & Debate⁵; de livros publicados sobre o sindicalismo, entre outros documentos - que possibilitassem a percepção de uma posição hegemônica quanto à questão do lazer no interior do movimento sindical.

Não é preciso dizer que a proposta do projeto trazia uma expectativa pretenciosa para um curso de especialização; as referências indicavam que os textos selecionados ainda não haviam sido observados sob o ponto de vista que nos interessava, o que colocava para mim a dificuldade do "desbravamento" de sua materialidade e relações de significado. Por outro lado, dispunha de menos de ano e meio para elaborar a monografia.

A inexistência de elaborações cutistas detalhadas sobre suas políticas e posições quanto ao lazer, a ausência de financiamento, bem como minhas limitações teóricas, obrigaram a uma maior delimitação do estudo. Na monografia de especialização "Primeiras Reflexões Sobre a questão do Lazer no Espaço Sindical"⁶ limitei-me a analisar, através das Resoluções do 4º Congresso da Central Única dos Trabalhadores⁷, a relação estabelecida entre Trabalho/Lazer⁸ no interior da CUT.

³ - Aqueles mesmos textos encontrados no "Centro de Pastoral Vergueiro" permitiram, também, a realização do trabalho - paralelo à monografia - "Conteúdos Culturais no Lazer da Classe Trabalhadora", que sistematizava o levantamento de conteúdos e concepções sobre o lazer ali presentes.

Ai verificamos a utilização de atividades de lazer - inclusive interesses físico esportivos - e outras atividades culturais, como forma de mobilização dos trabalhadores, servindo ora de chamariz, ora de diversão. Muitas vezes essas atividades apresentavam-se como forma de fortalecimento da organização através da idéia de "defesa pessoal", a exemplo do caso da capocira.

⁴ - Centro de catalogação de dados sobre as diferentes lutas populares. Apresenta um acervo considerável sobre os movimentos sociais organizados.

⁵ - Revista publicada, trimestralmente, pelo Partido dos Trabalhadores. São Paulo/SP.

⁶ - Monografia de conclusão do "Curso de Especialização em Recreação e Lazer". O texto monográfico encontra-se à disposição na Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

⁷ - Resoluções: texto contendo o resumo das deliberações do 4º Congresso Nacional da Central Única dos Trabalhadores. O Congresso Nacional é definido, no almanaque da CUT, referendado no estatuto da CUT,

Entretanto, ainda não foi possível captar e descrever este movimento naquele momento⁹. Foram obstáculos fundamentais ao desenvolvimento e aprofundamento dos estudos realizados durante a especialização o fato de os textos terem sido lidos sem muito critério metodológico, sendo tratados como documentos que deveriam explicitar, claramente, posições de trabalhadores sobre um determinado entendimento de lazer. Quando verificamos que havia toda uma ordem de sentidos envolvendo a questão nos sindicatos, estávamos em vias de conclusão do trabalho e era inviável a recuperação deste contexto.

Deste modo olhando os textos e resoluções em busca "do" sentido, e não "das possibilidades de" sentido dentro da própria organização, reduzimos a riqueza dos "monumentos"¹⁰ à inexistência do sentido que buscávamos. A leitura cuidadosa do texto, realizada pela Prof^a Ms. Inês Navarro, possibilitou a continuidade deste estudo - a nível de mestrado - na medida em que apontou e detalhou todas as falhas metodológicas em sua realização, alertando para as possibilidades não desenvolvidas durante a especialização.

Entretanto, apesar destas limitações, algumas observações significativas feitas na monografia, percebidas apenas depois da análise do estudo feita pela Prof^a Inês, exemplificam a relevância da continuidade da discussão:

capítulo III, Parágrafo Especial, como "organismo máximo de deliberação" da entidade. O Congresso elege a Executiva Nacional e as diretrizes para o encaminhamento das "lutas", sendo a referência que orienta e respalda a direção eleita, durante o congresso, para conduzir a CUT durante dois anos. (Almanaque da CUT, p. 14, julho de 1986; uma publicação da Secretaria Nacional de Imprensa e Divulgação).

⁸ - A expressão trabalho/lazer resume a ideia da existência de um vínculo estreito, estabelecido historicamente, entre trabalho e lazer, e o objetivo de estudá-los conjuntamente. "Considerando a existência de uma unidade particular entre 'tempo de trabalho' e 'tempo de não trabalho', o lazer é encarado como um momento necessário à reposição e reprodução da força de trabalho." (FALLEIROS, 1980)

⁹ - Recentemente, a realização do estudo sobre os sentidos atribuídos à "luta" nas Resoluções do 4º Concut, permitiu captar a noção de trabalho na noção mesma de "luta" que, repetitivamente, encontramos nos textos. O estudo compõe a terceira parte desta dissertação, introduzindo o capítulo sobre a interpretação da posição dos trabalhadores quanto à relação Lazer/Trabalho/ação sindical/vivência pessoal da atividade.

¹⁰ - Segundo ORLANDI, Terra à Vista, p. 34): "..., a mais longo prazo, na história, temos os relatos que são tomados como documentos, enquanto se impõem como modelos de ciência: como história, como etnografia, como linguística. Procuramos deslocar isso propondo uma desconstrução, através do método da análise de discurso, considerando os documentos não como documentos mas como discursos. "Expor o olhar leitor à opacidade" significa ler nesses relatos tanto a construção de outros sentidos para a história, como compreender o que significa a codificação do conhecimento etnográfico, assim como a forma histórica em que se dá a relação do tupi com o português."

Considerando esta referência, as Resoluções são um texto em que está inscrito um discurso, cujos sentidos estão em permanente construção, a cada nova leitura, a cada nova análise. O sentido de documento os apresenta "transparentes", e os limita em fatos fechados, o que não são.

" Nas Resoluções do 4º Congresso da Central Única dos Trabalhadores, não foram encontradas, explicitadas, preocupações diretas com a questão do Lazer. Em nenhum momento é citada a palavra ou palavras que expressem preocupações assemelhadas.

O documento é um relato das ações e iniciativas da CUT na década de 80. Entre estas ações, no plano imediato, estão as greves por melhorias salariais e pela redução da jornada de trabalho sem redução dos salários. Considero a preocupação com a redução da jornada de trabalho uma reivindicação que, indiretamente, e, embora sem aprofundá-la, pode estar absorvendo interesses quanto ao tempo disponível também para as atividades de Lazer.

A ausência de preocupações explicitadas quanto a questão do Lazer se faz presente, pela prioridade imediata na defesa da Classe Trabalhadora contra a exploração. No documento, esta exploração se apresenta: a nível econômico, através das altas jornadas de trabalho, da demissão no período recessivo em que o Brasil se encontra, da redução dos salários; a nível político, pelas decisões que são tomadas pelo governo, atendendo aos interesses privados e desconsiderando a posição dos trabalhadores, "principais atingidos com essas decisões"; e a nível social com as condições precárias e de pobreza vividas pela maioria dos trabalhadores do campo e da cidade, com a violência no campo, onde estão sendo mortos líderes do movimento sindical; com as péssimas condições de saúde, educação, moradia, saneamento, locomoção etc. a que estão sujeitos." (Peixoto, 1992, p. 66-67)

Apesar de evidenciar-se a ausência de preocupações explicitadas quanto à questão do Lazer no texto contendo as Resoluções do 4º Congresso da CUT, outras variáveis presentes permitem afirmar uma possibilidade de preocupação sobre o assunto não dita de forma direta. A análise das Resoluções do Congresso anterior (3º Concut) demonstrou que o termo/tema aparece, claramente, com características muito próximas das ideias Lafargueanas de crença nas possibilidades da maquinaria e da industrialização, manifestas em março de 1808 e publicadas no texto "O direito à preguiça".

Esta constatação me deixou intrigada. Por que a existência de objetos ligados aos "interesses físico esportivos"¹¹ no sindicato? Por que o tema é objeto de interesses dos sindicatos e não é apontada nenhuma deliberação sobre a questão no texto geral das Resoluções do 4º Congresso? Por que ele aparece no congresso anterior com características Lafargueanas e desaparece no 4º Congresso? Que

¹¹ - J. DUMAZEDIER, Valores e conteúdos culturais do lazer.

acontecimentos mediaram o "dizer" e o "silenciar" deliberações sobre a questão do lazer?

Estas considerações me colocaram diante da possibilidade de haver outras variáveis, além da condição sócio-econômica, que estariam interferindo e determinando a ausência da menção do "lazer" nas Resoluções. O que pode estar movendo o processo de dizer e calar sobre um assunto tido pelos estudiosos como fenômeno emergente da modernidade e como reivindicação histórica dos trabalhadores?

Em busca destas outras variáveis, pensei poder encontrar pistas para a razão deste silenciamento na teorização sobre o lazer, na medida em que esta poderia estar refletindo o embate histórico que vem ocorrendo entre entendimentos/ações liberais sobre o modo de produção e circulação de bens e serviços e o esforço de organização dos trabalhadores na definição/defesa de projetos que atendam às necessidades de outras condições de trabalho/modo de produção/apropriação dos objetos produzidos.

Neste estudo há uma tendência a verificar, nos conflitos postos e presentes no discurso de trabalhadores organizados e na teorização sobre o lazer, a impossibilidade de um sentido puro e único para ele, no qual os interesses não são consensuais, únicos, ou puros, estando permanentemente mediados pelo debate com o "outro".

As inquietações e a sensação de incompletude aqui descritas fizeram-me retornar ao tema, optando por desenvolvê-lo durante o mestrado.

1.3 Produzindo a forma aproximada do problema

Venho dizendo que o estudo proposto aqui tem como referência o levantamento inicial realizado, e acima relatado, que buscava responder ao esclarecimento das posições dos trabalhadores quanto ao Lazer no interior do sindicato.

Nossos estudos demonstraram haver um processo de silenciamento quanto à questão do lazer no período de intervalo entre a elaboração das Resoluções do 3º e

4º Congressos da CUT. Entretanto, e isto é o que pretendo acentuar neste ítem, levantei informações, em diversos textos e fragmentos de texto, que permitiram afirmar a relevância da investigação sobre a posição de trabalhadores organizados quanto à questão do lazer. As informações são as seguintes:

a) Existe um interesse pelo lazer entre trabalhadores organizados.

Pode-se constatar este fato nos diversos textos coletados no Centro de Pastoral Vergueiro, tratando, especificamente, da promoção, divulgação e discussão de atividades de cultura e lazer destinadas aos trabalhadores. Estas atividades estão representadas pelos interesses físico-esportivos, intelectuais, artísticos etc. Em sua maioria estão **incluídas e caracterizadas como atividades culturais**, a serem coordenadas pelos Departamentos de Cultura.

b) Este interesse pela questão é observado principalmente nos sindicatos.

Com destaque especial ao Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região que apresenta, entre os textos selecionados no Centro de Pastoral Vergueiro, a maior quantidade de elaborações e explicitações quanto a este aspecto¹².

c) O interesse pelo Lazer não aparece explicitado nas Resoluções do 4º Congresso da CUT, instância máxima no processo de deliberação/encaminhamento de propostas políticas gerais de interesse dos trabalhadores.

Mas aparece em algumas reivindicações colocadas no texto citado, como: "redução da jornada de trabalho", a construção de uma "escola alegre", ou ainda a discussão sobre o "monopólio capitalista dos meios de comunicação" **podendo estar indicando uma preocupação com a qualidade da ocupação do tempo disponível entre os próprios trabalhadores organizados.**

¹² - É possível verificar a quantidade e a qualidade das propostas dos Metalúrgicos de Campinas a partir da análise dos textos produzidos aí (agrupados no estudo "Conteúdos culturais no lazer de trabalhadores organizados em sindicatos). A proposta inicial do Projeto de Dissertação de Mestrado era trabalhar com os dados produzidos pelos Metalúrgicos de Campinas. Em 1993, o sindicato de São José dos Campos apresenta um interesse em desenvolver políticas culturais. Resolvemos, então, acompanhar o processo destas definições, o que facilitaria, sobremaneira, a descrição do processo de produção de textos e teses.

Entendo que estas indicações necessitam ser melhor acompanhadas em sua dinâmica de inclusão/exclusão em função dos jogos de interesse em que está envolvida a ação sindical.

A preocupação dos sindicatos com a questão do Lazer aparece nas seguintes publicações, caracterizada pelos seguintes textos:

1 . "*SOL E ALEGRIA - primeiro jornal sindical voltado para o Lazer do Trabalhador*" definido pelo próprio jornal como "*Órgão informativo do Conselho das Entidades Sindicais Mantenedoras de Colônias de Férias do Estado de São Paulo*";

2 . "*Definições e Propostas - Departamento de Cultura, Esportes e Lazer do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Campinas, Americana, Indaiatuba, Monte Mór, Nova Odessa, Paulínia, Sumaré e Valinhos.*" que diz:

"LAZER- o Sindicato deve fazer ampla campanha junto à categoria no sentido de tornar o LAZER um direito dos trabalhadores. Devemos romper o preconceito que muitos de nós militantes temos sobre o lazer. Muitos de nós confundimos lazer com alienação ou falta de compromisso com a luta. Porém a falta de lazer gera militantes duros, insensíveis, que ao desenvolver um trabalho político e sindical transmitem toda essa dureza e afastam' as pessoas ao invés de aproxima-las" ¹³

3 . "*Resoluções do 3º Congresso da Central Única dos Trabalhadores*" - no Capítulo "*Diretrizes de Ação*", no item "*A CUT e a defesa dos direitos sindicais*" sub-item "*Direito ao emprego e redução da jornada de trabalho*" diz:

"O desemprego é o grande fantasma que se projeta para o futuro da classe trabalhadora. O desemprego, estrutural no capitalismo, está aumentando ao longo dos anos em função das inovações tecnológicas, com implicações sociais e políticas gravíssimas.

A luta pela redução da jornada de trabalho para compartilhar o emprego, pelo uso alternativo do tempo livre para a cultura, educação e lazer, é uma tarefa decisiva para o sindicalismo internacional."

4 . "*CUT e a questão Cultural*", "*Política Cultural Sindical*", "*Relatório da Comissão Cultural CUT - Regional Grande São Paulo*" que propõem e discutem a

¹³ - Grifo nosso.

questão da realização dos eventos - sem mencionar a palavra "lazer" - mas com forte preocupação com a qualidade da utilização dessas atividades.

Estes, e uma série de outros textos que tratam do tema, indicam, mesmo que de forma emergente, uma preocupação com a ocupação do "tempo disponível" do trabalhador, vinculada à definição de políticas de ação a serem desenvolvidas pelos Departamentos de Cultura na estrutura interna dos Sindicatos.

Algumas indicações sobre o caráter do lazer¹⁴ como uma demanda para os Departamentos de Cultura dos sindicatos aparecem na entrevista realizada com João Zinclair¹⁵ - Diretor do Departamento de Cultura do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região - na qual este coloca a dificuldade da definição do papel do Departamento de Cultura nos Sindicatos, visto que

"...existem parcelas de dirigente sindical, eu acho, não apenas no nosso sindicato, mas no movimento sindical como um todo, de não visualizar, de não compreender a questão cultural como um elemento fundamental de mobilização e conscientização da luta entre as classes sociais, seja em nosso país ou no mundo, que a cultura¹⁶ pode contribuir nessa situação; mas existem várias dúvidas sobre a necessidade de cultura, entendeu?"¹⁷

Essa preocupação de Zinclair reporta para o entendimento e o sentido atribuídos, no interior dos sindicatos, à cultura e ao lazer. Parece haver um consenso de que o Departamento de Cultura deve estar voltado para os interesses e necessidades dos trabalhadores. O problema parece estar em qual o caráter que estes Departamentos vão ter nos sindicatos: substituir o papel do Estado na realização de eventos culturais; dar o apoio logístico às atividades de Formação Sindical; planejar e executar atividades que permitam uma maior aproximação com as "bases" amenizando a situação conjuntural do afastamento entre dirigentes sindicais/sindicalizados/base e destes com a sede; auxiliar na melhoria das relações internas entre funcionários e dirigentes do sindicato.

¹⁴ - Que entendemos estarem caracterizadas pela organização e encaminhamento de atividades politizadas de curta duração direcionadas para a diversão e a conscientização.

¹⁵ - Entrevista realizada em novembro de 1991, no estacionamento do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região.

¹⁶ - Importante frisar a necessidade de não perder de vista o modo como o termo cultura aparece neste discurso e que sentidos adquire.

¹⁷ - Como falado.

A complexidade desta problemática pôde ser observada - dois anos após a realização da entrevista citada - durante a votação¹⁸ da tese "Cultura e Estratégia" produzida pelos membros do Departamento de Cultura do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos com o objetivo de exigir um posicionamento definitivo - da categoria e dos dirigentes - quanto à direção a ser dada ao Departamento.

Na ocasião, observamos não haver posições contrárias ao planejamento de ações na área da cultura (cuja definição está marcada pelas atividades identificadas por nós como "de lazer"), mas concepções divergentes quanto aos sentidos e encaminhamentos destas ações. No trecho transcrito abaixo podemos ter uma idéia do ponto crítico em questão:

" A VIDA NÃO É SÓ DUREZA

É importante atrair os trabalhadores ao Sindicato com atividades culturais, sociais e esportivas (a serem discutidas com a secretaria de Cultura):

- a) Festas regulares mensais no Sindicato com pagode, samba, rock etc.
- b) Campeonatos de futebol de salão e outras modalidades, **desde que haja, interessados em auto-organizá-los**. Como experiência organizar um primeiro campeonato de futebol no 1º semestre do próximo ano.
- c) Promoção em conjunto com outros sindicatos e entidades de shows, peças teatrais etc, **que sejam pagas as apresentações se auto sustentando.**"¹⁹

A preocupação dos diretores que defendiam esta proposta estava respaldada, fundamentalmente, nas contas do sindicato e nas despesas causadas pelo que era chamado "ônus da política e do aparato assistencialista do sindicato" tido como uma herança do sindicalismo (populista/ditatorial) de Estado, e objetivava, essencialmente, bloquear a proposta de contratação de um profissional especializado para conduzir o Departamento e as políticas de ação cultural.

Em outras palavras, a ação cultural, mediante projeto e direção, é fundamental e essencial para a ação sindical mas esbarra na questão do papel do sindicato: cabe

¹⁸ - Durante o Congresso dos Metalúrgicos de São José dos Campos e região, realizado em novembro de 1993, no balneário do sindicato situado em Caraguatatuba.

¹⁹ - Tese "Fora o Congresso e Itamar - Antecipação das eleições gerais - Por um governo Lula apoiado nas Organizações dos trabalhadores e um programa anticapitalista". Tese lançada no 3º Congresso dos Metalúrgicos de São José dos Campos, realizado em novembro de 1993, na Colônia de férias do sindicato em Caraguatatuba.

a este estabelecer políticas de cultura? Em caso positivo, qual seria a sua característica? Qual o lugar atribuído, aí, à questão do lazer? Quais os limites da ação sindical neste sentido?

Há todo um conflito inserido na discussão sobre a questão da cultura/lazer nos sindicatos. A riqueza desta investigação está em analisar quais são os interesses postos em questão, quando aparece como consensual a importância da intervenção cultural por parte dos sindicatos e como ponto polêmico a natureza desta intervenção cultural.

Tendo em vista que as atividades/conteúdos postos, no sindicato, entre os limites de uma ação cultural, vão desde a realização de eventos²⁰ em que predominam os "interesses físico-esportivos" até a realização de ato público de lançamento de livro relatando, refletindo e comemorando os 8 anos da Grande Greve da GM realizada em São José dos Campos em 1986²¹, convém indagar: quais os posicionamentos sobre a questão do lazer presentes nos sindicatos e quais as consequências destes posicionamentos para o Sindicato e para as decisões sobre o lazer, de maneira a que acabe por ser um tema silenciado nas Resoluções?

Algumas outras questões relevantes para o desenvolvimento de estudos sobre a questão do lazer entre trabalhadores organizados em sindicatos dizem respeito a: qual o processo que autoriza o dizer e o silenciar da expressão "lazer" na fala de trabalhadores organizados na CUT? O que dizem quando se referem ao assunto? O que e como o que é dito significa? Até onde vai o conflito de interesses já especificado e até que ponto está marcado pela definição das diretrizes gerais e do papel do sindicato? Qual a vinculação entre estes interesses e os projetos de sociedade defendidos por estes trabalhadores, que podem, a depender de sua profundidade, incluir ou excluir a questão do lazer?²²

²⁰ - Momentâneos e com o caráter de diversão com ligeira politização.

²¹ - O ato público foi realizado em 26 de abril de 1984, na Sede dos Metalúrgicos de São José dos Campos, contando com a presença do autor Celso Horta, jornalista responsável pelo histórico e pela redação, em que incluí-se os textos dos processos redigidos pelos advogados Michel Mary Nolan, Luis Eduardo Greenhalgh. Além destes, estiveram presentes os 43 trabalhadores indiciados e todos os diretores do sindicato.

²² - O que inclui o lazer - como exemplo citamos a "Corrida Operária: correndo contra a privatização", a "Gincana estudantil contra a privatização da Embraer" ou ainda o "Domingo no Parque contra a privatização da Embraer" objetivando denunciar e posicionar-se contra a natureza das privatizações realizadas e previstas pelo governo.

Estas são algumas das questões que indicam a complexidade da relação lazer/sindicalismo. Frente a esta complexidade, para efeito metodológico de encaminhamento e direcionamento do estudo, pretendo, a seguir, definir a questão guia com a qual estaremos imediatamente preocupados.

1.4 Definindo a questão guia do estudo

Diante amplitude de questões que a problemática suscita, reafirma-se a necessidade de investigar, no discurso sindical cutista²³, **qual a dinâmica das relações de sentido que determina a ausência de deliberações explícitas**²⁴ quanto à questão do lazer nas Resoluções do 4º Congresso da Central Única dos Trabalhadores²⁵.

Desta forma, detemo-nos, neste estudo, a investigar a **multiplicidade de sentidos** atribuídos ao termo "lazer" entre trabalhadores organizados no Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, filiado à Central Única dos Trabalhadores, de modo a que possamos perceber com mais clareza as razões do interesse de Sindicatos Cutistas pela questão do lazer, permitindo, talvez, a visualização das razões do apagamento do termo nas Resoluções do 4º Concut.

1.5 Deparando-nos com a necessidade de definição do instrumental de análise - o processo de apropriação do instrumental.

O passo seguinte no processo de investigação e delimitação da problemática foi o de identificar uma proposta metodológica de trato com o discurso político que possibilitasse captar concepções sobre um tema que não é citado nas Resoluções da CUT, embora esteja presente nas ações de sindicatos e ela filiados²⁶.

²³ - Entende-se por discurso sindical cutista, o conjunto dos textos produzidos por militantes, funcionários, diretores e sindicalistas, sobre a "causa dos trabalhadores".

²⁴ - ORLANDI lembra que o "silêncio sobre o lazer não é implícito, é silêncio". No livro "As formas do silêncio" a autora trata do que caracteriza a ausência.

²⁵ - Fresquinhas, as Resoluções do 5º Congresso, apresentam a mesma ausência.

²⁶ - Temos tido notícias recentes de experiências sendo realizadas no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo.

1.5.1 Localizando uma possibilidade metodológica de resposta ao problema proposto.

Buscando resolver a problemática do instrumental de análise a ser utilizado, iniciei estudos de aprofundamento sobre as possibilidades e os limites da "análise de conteúdo". Neste percurso, tomei contato com a "análise de discurso" que, tecendo críticas ao que chama de "afirmação do óbvio" na "análise de conteúdo", busca encontrar não o conteúdo ideológico explícito ou implícito do texto, mas o modo como este conteúdo significa, a processualidade e historicidade deste significar.²⁷

À medida em que me aprofundava no referencial metodológico entendia que aquela reflexão sobre a materialidade textual proposta pela A.D. vinha ao encontro do problema da impossibilidade de uma leitura imediata dos sentidos e definições atribuídos ao lazer entre trabalhadores organizados. Diferentemente dos estudos do lazer, entre trabalhadores organizados o lazer é uma questão polêmica e, muitas vezes, uma unanimidade no sentido da impossibilidade de sua relação com o político.

Mas o que é a A.D., de onde vem e qual é a proposta que traz?

1.5.2 Breve histórico sobre a A.D. e aspectos teórico-metodológicos básicos.

Não tenho a intenção de descrever o mecanismo da análise de discurso, antes, pretendo apontar alguns aspectos principais da metodologia que permitiram a análise que descrevo em seguida. Entretanto, este não foi um exercício fácil, esteve marcado pelo apego às descrições dos autores em face da absoluta consciência de que suas palavras poderiam esclarecer muito mais que qualquer reflexão aprofundada que viesse a fazer sobre a metodologia.

Insisto na descrição a seguir por dois motivos básicos: primeiro, pela possibilidade de aprendizado que envolve o esforço de elaborar outra sistematização do "já dito"; segundo, a necessidade de semear informações sobre a A.D. que garantam, minimamente, uma curiosidade quanto ao instrumental, suscitando uma busca posterior; um terceiro motivo a ser acrescentado seria o de demonstrar, à

²⁷ - E. ORLANDI, Terra à vista, p. 243.

medida do contato com cada princípio da A.D., as transformações que foram ocorrendo no que toca ao modo como passaram a ser observados os textos aqui relacionados.

Pude observar em Orlandi (1988) e Gadet (1993) a preocupação de localizar as bases históricas e teóricas da Análise de Discurso (os rompimentos e as críticas em que se funda), bem como objetivos e princípios básicos que a orientam e caracterizam.

Gadet (1993, p.7-10) enumera alguns aspectos que considera relevantes para a percepção da peculiaridade da Análise de Discurso Francesa:

"Temos sublinhado, freqüentemente, as particularidades de sua emergência. Emergência geográfica, de início: fenômeno limitado à França. Ou, para ser mais exata, o que pode levar esse nome (por exemplo existe uma disciplina 'discourse analysis' na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos) não se apoia sobre a mesma configuração teórica, e não se reveste, de modo algum, da mesma forma. Na França a Análise de Discurso é, de imediato, concebida como um dispositivo que coloca em relação, sob uma forma mais complexa do que o suporia uma simples covariação, o campo da língua (susceptível de ser estudada pela linguística em sua forma plena) e o campo da sociedade apreendida pela história (nos termos das relações de força e de dominação ideológica). Emergência temporal, também; a Análise de Discurso só aparece nos anos sessenta, sob uma conjuntura dominada pelo estruturalismo ainda pouco criticado na linguística, e triunfante por ser 'generalizado', isto é, exportado para as outras ciências humanas (por exemplo Lévi-Strauss ou Barthes), ou inspirador de reflexões mesmo quando não se declara explicitamente (por exemplo por Lacan, Foucault, Althusser ou Derrida); a linguística pode ainda ser chamada de ciência piloto das ciências humanas."

O autor considera que esta relação histórica com o estruturalismo "pesará, aliás, de forma muito pronunciada, sobre a escolha de uma teoria gramatical", acentuando que

"Há ainda um terceiro fator para particularizar esta Análise de Discurso: é que ela se apoia sobre o político. Ela nasce na crença em uma visão de intervenção política, porque aparece como portadora de uma crítica ideológica, apoiada em uma arma científica, que permitiria um modo de leitura cuja objetividade seria insuspeitável. Que aí haja ilusão, a de encontrar 'o que o texto disse verdadeiramente' (ou 'quis verdadeiramente dizer'), só mais tarde é que, em favor de um vasto movimento de reflexão crítica sobre

os seus fundamentos, a suspeita virá à tona. Ilusão ainda é a concepção da lingüística como instrumento objetivo de abordagem da língua, sonho de uma hipotética neutralidade da gramática." (Gadet, 1993, p. 7-9)

Como última característica que diferencia e peculiariza esta concepção de Análise de Discurso Francesa das demais, ressalta que

"Finalmente, como esse feixe de diferenças não pode se resolver em uma semelhança às outras teorias, não podemos senão destacar uma última característica da Análise de Discurso Francesa, cuja a forma acabada é a de Michel Pêcheux, com o apoio sobre uma teoria do discurso. Para ele é impossível a Análise de Discurso sem sua ancoragem em uma teoria do sujeito, tema que também deve ser visto como um lugar problemático, que deve ser constituído."(Gadet, 1993, p.9)

Paul Henry, por sua vez, começa por informar que Pêcheux "sempre teve como ambição abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais e em particular da psicologia social". Historicizando o percurso de produção da Análise do Discurso a partir das bases em que Pêcheux instala suas reflexões: a leitura althusseriana de Marx e a leitura de Lacan sobre Freud, o autor reforça que na tentativa de abrir esta fissura teórico-científica "no campo da ciências sociais"

"... ele (Pêcheux) queria se apoiar sobre o que lhe parecia já ter estimulado uma reviravolta na problemática dominante das ciências sociais: o materialismo histórico tal como Louis Althusser o havia renovado a partir de sua leitura de Marx; a psicanálise, tal como a reformulou Jacques Lacan, através de seu 'retorno a Freud', bem como certos aspectos do grande movimento chamado, não sem ambigüidades, de estruturalismo. No fim da década de sessenta, o estruturalismo estava no seu apogeu. O denominador comum entre Althusser e Lacan tem algo a ver com o estruturalismo, mesmo que ambos não possam ser considerados estruturalistas. O que interessava a Pêcheux no estruturalismo eram aspectos que supunham uma atitude não-reducionista no que se refere à linguagem." (Gadet, 1993, p.14)

A análise de discurso foi concebida por Pêcheux como um instrumento científico que desse conta de possibilitar o estabelecimento das ciências sociais como ciência²⁸. O instrumento que elabora vem fundamentado sobre uma teoria da ideologia e sobre uma teoria do sujeito psicanalítico, que Pêcheux desenvolve sob o pseudônimo de Thomas Hebert. Através dos anos estas teoria, e, como

²⁸ - Gadet acentua que Pêcheux considerava que estas estavam em estágio pré-científico sendo muito mais ideológicas que científicas.

consequência, este instrumento vêm sendo revistos e aperfeiçoados em função de uma Análise do Discurso que desse conta de captar o processo de sua produção, os vínculos que estabelece com o ideológico e o político e as ilusões que carrega no processo de dizer.

Assim é que, no processo de sua formulação, na atualidade, o objetivo da Análise de Discurso é descrito como sendo perceber

"o modo como funciona um fragmento de discurso em seu contexto: são antes os processos de produção dos sentidos e os elementos que o constituem que interessam à AD. Diríamos que a sua finalidade é a compreensão e não a interpretação, pois não se trata, nesse caso, de atribuir um (ou vários) sentidos a um mito qualquer." (Orlandi, 1990, p.173)

Nesse processo de percepção do "funcionamento de um fragmento do discurso em seu contexto", a A.D. objetiva ainda

"compreender as formas textuais de representação do político" (Courtine, citado por Orlandi, 1990, p.25).

Partindo do pressuposto da materialidade histórica da linguagem, vista como um fato, um acontecimento no contexto das relações sociais humanas,

"Ela (a AD) se constrói um lugar particular entre a disciplina linguística e as ciências das formações sociais" (Orlandi, 1990, p. 25)

Assim, o discurso é entendido, na relação com a ideologia, como "um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica"²⁹; na relação com a linguística é entendido como "efeito de sentidos entre locutores"³⁰; no que toca à sua organização, "podemos considerar o discurso como uma dispersão de textos (Maingueneau, 1984) e o texto como uma forma de dispersão do sujeito (Foucault, 1969). Isso significa dizer que o sujeito é uma descontinuidade e o texto é um espaço de dissensões múltiplas." (Orlandi, 1990, p.180)

²⁹ - "A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas", M. Pêcheux e C. Fuchs, publicado em "Por Uma Análise Automática do Discurso", Capítulo IV, Organizado por F. Gadet e T. Hak, 1993, p.166, 2a. Edição.

³⁰ - Discurso, "efeito de sentidos entre locutores", definição de Pêcheux em "Por uma análise automática do discurso" (Gadet, 1993, p. 82) 2a. edição, Capítulo III. No mesmo capítulo, p. 108, denomina e delimita discurso como "(...) seqüência linguística limitada por dois *brancos semânticos* e que corresponde a condições de produção discursiva definidas."

As teorias do sujeito e da ideologia são mais complexas. Segundo Orlandi, "uma característica da AD (...) é que ela se interessa pelas condições de produção da linguagem, isto é, pelos interlocutores e pelo contexto de situação (enunciativo e histórico). É assim que o sujeito faz a sua entrada no campo da reflexão sobre a linguagem." (Orlandi, 1992, p.176-180)

Destacando "aspectos da natureza do sujeito inscrito no discurso", refere-se então às "teorias do sujeito" na "análise linguística tradicional" e "teoria da enunciação", para, em seguida colocar as críticas da AD a estas posições:

"A perspectiva discursiva propõe que se considere que a relação do sujeito com a linguagem é uma relação contraditória, em que há dupla determinação: do enunciado pelo sujeito e deste pela sua relação com a exterioridade, seu contexto sócio-histórico. Para que o seu discurso tenha um sentido, é preciso que ele já tenha sentido, isto é, o sujeito se inscreve (e inscreve o seu dizer) em uma formação discursiva que se relaciona com outras formações discursivas.

A relação entre a situação social do sujeito e a sua posição no discurso não é direta. Há formações imaginárias que presidem essa relação, de forma que o lugar de onde ele fala se reflete no que ele diz. É, portanto, um jogo de imagens que se projeta em todo discurso." (Orlandi, 1996, p.177)

A autora prossegue introduzindo a noção de polissemia ou "multiplicidade possível dos sentidos" e paráfrase ou o retorno do mesmo ("domesticação institucional da linguagem") dizendo resultar destas o movimento constitutivo das significações do discurso. Continua:

"A AD opera (...) uma descentração do sujeito. Ela propõe uma teoria não-subjetiva do sujeito que seja crítica face as formas da sua constituição histórica. A linguagem é produzida pelo sujeito em condições determinadas. O conceito de discurso, diz Maingueneau (1976), despossui o sujeito falante de seu papel central para integra-lo nos funcionamentos de enunciados, de textos, cujas condições de possibilidade são sistematicamente articuladas sobre formações ideológicas.

Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia." (Orlandi, 1996, p. 178)

Orlandi comenta que a ideologia é necessária à AD, entretanto, ressalta que para a AD o entendimento de ideologia é diferenciado do adotado pelas ciências sociais.

"Não partimos da ideologia (como dissimulação ou não do real) para o sentido, mas procuramos compreender os efeitos de sentido a partir do fato de que é no discurso que se configura a relação da língua com a ideologia." (Orlandi, 1990, p.36)

Em outro momento, referindo-se ao "efeito de unicidade do sujeito e da linguagem" comenta:

"Nessa perspectiva, a ideologia pode ser compreendida como a direção nos processos de significação, direção esta que se sustenta no fato de que o imaginário que institui as relações discursivas (em uma palavra, o discurso) é político.

(...)

Finalmente, podemos dizer que a ideologia não é dissimulação mas interpretação do sentido (em uma direção). Não se relaciona à falta mas, ao contrário, ao excesso: é o preenchimento, a saturação, a completude que produz o efeito da evidência, porque se assenta sobre o mesmo, o já lá." (Orlandi, 1990, p.36)

O processo de produção dos sentidos de um fragmento do discurso é perceptível através do princípio de que o dizer remete-se sempre a um já dito, o que faz com que o texto seja uma unidade do discurso atravessado pelo interdiscurso com o qual o autor - princípio de unidade do discurso - dialoga enquanto instala sentidos que deseja ver significar. Este diálogo vem marcado pela ideologia e pelo contexto histórico vivido pelo sujeito no processo de elaboração do dizer.

Entretanto, e este é outro princípio da AD, não é possível ao sujeito a onipotência no dizer. Marcado pela ilusão do controle do discurso, o sujeito deixa vaziar os sentidos autorizados e proibidos no processo do dizer, quando dialoga, pela negação ou afirmação, com as posições que deseja fazer significar da mesma forma ou diferentemente, assumindo aí posições diferenciadas. Este processo é chamado de "ilusão discursiva do sujeito" (Orlandi, 1990, p.178-179):

"Esta ilusão é própria de uma sociedade como a nossa, em que o sujeito é, ao mesmo tempo, livre e disciplinado. Daí vem o sentimento que tem o sujeito: a) de que o seu discurso nasce nele mesmo; b) de que ele escolhe (em abstrato) o que faz (e o que não faz) parte do seu discurso. Esses dois componentes do 'sentimento' do sujeito, de estar na origem do seu discurso, constituem o que se chama "esquecimentos nº 1 e nº 2, respectivamente (Pêcheux, 1975)." (Orlandi, 1990, p.179)

Conhecidos os princípios básicos da A.D. percebi estar limitada, nesta incursão pelo discurso produzido sobre o lazer entre **trabalhadores organizados em sindicatos cutistas** e a teorização acadêmica sobre o termo. Os textos faziam parte de discursos nos quais eu não tinha autorização para circular, seja porque não dominava a "ordem do discurso", seja porque não compunha o quadro dos autorizados a significar³¹.

Precisei produzir espaços, a partir de pequenas frestas abertas no discurso, que autorizassem um dizer sobre o lazer em meio ao "não dito". Estas brechas dependiam, por sua vez, da produção de competências que autorizassem um olhar "analista" sobre este discurso pelo qual perambulava. Havia elaborado uma proposta de estudo, relacionando duas instituições (o estudo acadêmico do lazer e sua efetivação discursiva) e precisava comprovar a possibilidade de um discurso sobre o lazer nos lugares em que até este momento ele soaria como "estranho" (no nosso caso, o discurso de trabalhadores organizados em sindicatos).

Foi o contato com as noções de "leitura", "polissemia", "paráfrase" e "ordem dos discursos" - entre outras propostas pela Análise de Discurso - que permitiram a visualização dos espaços produzidos nos textos analisados no próprio processo de sua elaboração e a continuidade autorizada da investigação. Estas noções, juntamente com as já citadas no item anterior, permitiram captar os conflitos do discurso em meio à multiplicidade de sentidos presentes nos textos, no diálogo aí estabelecido com "outros", marcando a historicidade do dizer.

Que novidade pode haver no gesto de ler? Em "A polissemia da noção de leitura" Orlandi³² lembra que há várias possibilidades de entendimento de "leitura", apontando-nos algumas destas possibilidades como: interpretação e atribuição de sentido; concepção de mundo; "construção de um aparato teórico metodológico de aproximação de um texto"; "estrita aprendizagem formal", entre tantos outros possíveis.

³¹ - M. FOUCAULT, A ordem do discurso. Aula inaugural pronunciada no Collège de France no dia 2 de dezembro de 1970. Traduzido por Sírio Possenti. Campinas, abril/junho de 1993. (mimeo)

³² - E. P. ORLANDI, Discurso e leitura, texto de apresentação.

Recortando os sentidos de "interpretação e compreensão" entre os sentidos possíveis, acentua "alguns fatos" que "se impõem em sua importância", quando "se assume uma perspectiva discursiva":

- "a) o de se pensar a produção da leitura e, logo, a possibilidade de encara-la como possível de ser trabalhada (se não ensinada);
- b) o de que a leitura, tanto quanto a escrita, faz parte do processo de instauração do(s) sentido (s);
- c) o de que o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história;
- d) o de que tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados histórica e ideologicamente;
- e) o fato de que há múltiplos e variados modos de leitura;
- f) finalmente, e de forma particular, a noção de que nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social." (Orlandi, 1996, p.8)

A partir dos critérios propostos para o entendimento de "interpretação e compreensão" no processo de leitura, objetivando a Análise do Discurso, pode começar a pensar e perceber minha própria posição na leitura de um texto marcado por uma conjuntura ("época") e produzido por "um segmento específico da sociedade" que aspira a um poder de decisão na "ordem social vigente".

Enquanto historiciza sua preocupação pessoal com a noção de "leitura" na problematização da noção "legibilidade" de um texto, Orlandi se pergunta: "O que torna um texto legível? O que é um texto legível?". Reflete:

"Percebi desde o início que a dita "legibilidade" do texto estava e não estava no texto. Explico. Percebi que a legibilidade do texto tinha pouco de 'objetivo' e não era apenas um consequência direta, unilateral e automática da escrita. Não me parecia verdadeira a afirmação: 'um texto bem escrito é legível'. Eu me perguntava: bem escrito para quem? Legível para quem? estas questões, em si, já relativizavam o que muitos colocavam como condições da legibilidade: as qualidades do próprio texto. A meu ver, entretanto, é a natureza da relação que alguém estabelece com o texto que está na base da caracterização da legibilidade.

A questão da legibilidade, para mim, é, além disso, uma questão de "graus" e não de tudo ou nada. Uma questão de condições e não de essência. Como tenho procurado mostrar, é uma questão de história no sentido amplo."(Orlandi, 1996, p.9)

Colocando o problema do "julgamento" no momento de apontar a legibilidade ou não de um texto, entende que a avaliação da "legibilidade" de um texto "tem mais a ver com quem a profere do que com o próprio texto. Ou seja, trata-se para mim já de um argumento produzido na relação entre o leitor e o autor, mediados pelo texto". E pergunta: "o que joga realmente na legibilidade"? (Orlandi, 1996, p.9)

Começando por retocar que "não há esse realmente que se pode responder inequívoca e definitivamente", já que para a autora a "questão da legibilidade - como as outras que têm como móvel a linguagem - não pode ser respondida com essa 'positividade' e de modo absoluto", conclui que:

"A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produções de sentidos, em uma palavra: de historicidade.

Há um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos "formações imaginárias" em análise de discurso, trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige. Tanto pode ser um seu "cúmplice" quanto um seu "adversário".

Assim, quando o leitor real, aquele que lê o texto, se apropria do mesmo, já encontra um leitor aí constituído com o qual ele tem de se relacionar necessariamente." (Orlandi, 1996, p. 9)

Para a autora "se se deseja falar em processo de interação da leitura" é fundamental perceber "a relação básica que instaura o processo de leitura" que entende ser "o jogo existente entre o leitor virtual e o leitor real". Destacando a historicidade na produção do texto que marca o modo como ele significa, oferecemos uma noção colocada para a AD, em que "leitura", não é um momento entre sujeito e texto simplesmente, mas uma relação com outros sujeitos presentes no processo de produção do texto e de realização da leitura, determinando os graus de sua "legibilidade".

"É uma relação de confronto. (...) O leitor não interage com o texto (relação sujeito/objeto), mas com outros(s) sujeito(s) (leitor virtual, autor, etc.) A relação como diria A. Schaff (em sua crítica ao fetichismo sócio, 1966), sempre se dá entre homens, são relações sociais; eu acrescentaria, históricas, ainda que (ou porque) mediadas por objetos (como o texto). Ficar na "objetividade" do texto, no entanto, é fixar-se na mediação, absolutizando-a, perdendo a historicidade dele, logo, sua significância.

Historicidade do texto, mas também historicidade da própria ação da leitura, da sua produção. Daí nossa afirmação de que a leitura é um momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significativa. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto. Leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos se constituem, simultaneamente, num mesmo processo. Processo que se configura de formas muito diferentes, dependendo da relação (distância maior ou menor) que se estabelece entre o leitor virtual e o real." (Orlandi, 1996, p.9)

Além desta relação entre os interlocutores (daí porque discurso "é efeito de sentidos entre interlocutores"), Orlandi coloca os "modos de leitura" como determinantes da "dinâmica do processo de leitura":

- "a) relação do texto com o autor: o que o autor quis dizer?
- b) relação do texto com outros textos: em que este texto difere de tal texto?
- c) relação do texto com seu referente: o que o texto diz de X?
- d) relação do texto com o leitor: o que você entendeu?
- e) relação do texto com o para quem se lê: (se for o professor) O que é mais significativo nesse texto para o professor Z? O que significa X para o professor Z?" (Orlandi, 1996, p.10)

A autora coloca o fato de que há possibilidades "indefinidas" de leitura do texto, lembrando que a "instauração do autor e do leitor" é parte integrante do processo de significação juntamente com a impossibilidade de 'pensar-se':

- "a) um autor onipotente, cujas intenções controlassem todo percurso da significação do texto.
- b) a transparência do texto, que diria por si toda (e apenas uma) significação; e ainda,
- c) um leitor onisciente cuja capacidade de compreensão dominasse as múltiplas determinações de sentidos que jogam em um processo de leitura." (Orlandi, 1996, p.11)

Prosseguindo nas implicações do processo de leitura, que faz parte do processo de instauração dos sentidos, a autora introduz as noções de "paráfrase" e "polissemia" dizendo ser nesta "tensa relação" que "todos esses componentes das condições de produção da leitura entram, não como elementos únicos, mas justamente em suas posições relativas". E completa: "é nessa relação de posições histórica e socialmente determinadas - em que o simbólico (linguístico) e o imaginário (ideológico) se juntam - que constitui as condições de produção da leitura".

Ela acrescenta ainda como contribuintes no processo de instauração do sentido a noção de "incompletude" derivando daí as noções de "implícito" e de "intertextualidade", dizendo:

"Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas: o que não está dito mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de se dizer o que se disse e que significa com nuances distintas, etc.

De forma bastante resumida, podemos dizer que há relações de sentidos que se estabelecem entre o que o texto diz e o que ele não diz, mas poderia dizer, e entre o que ele diz e o que outros textos dizem. Essas relações de sentido atestam, pois, a intertextualidade, isto é, a relação de um texto com outros existentes, possíveis, ou imaginários).

Os sentidos que podem ser lidos, então, em um texto não estão necessariamente ali, nele. O(s) sentido(s) de um texto passa(m) pela relação dele com outros textos.

Isso mostra como a leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente." (Orlandi, 1996, p.11)

Descrevendo a especificidade da noção de leitura na AD, Orlandi expõe a própria metodologia de modo que é na leitura que captamos o processo de produção dos sentidos, dos textos e dos discursos. Entretanto, esta não pode ser qualquer leitura, mas a leitura preocupada em perceber, em ler, em interpretar, os diálogos que estão estabelecidos no texto, a partir do processo de sua produção, agindo no próprio momento da interpretação.

A autora introduz a seguir, o último componente para a compreensão da "dinâmica do processo de leitura", a noção de "relações de força" como o "que não é imediatamente visível no texto mas o constitui" (Orlandi, 1996, p.12). Aqui, "o lugar social dos interlocutores (aquele do qual falam e lêem) é parte constitutiva do processo de significação", pois,

"(...) o(s) sentido(s) de um texto estão determinado(s) pela posição que ocupam aqueles que o produzem (os que o emitem e o lêem)." (Orlandi, 1996, p.12)

É deste modo que não é "qualquer um" que pode dizer "qualquer coisa" em "qualquer hora" e em "qualquer lugar". Saindo do sentido do discurso, de sua ordem, vai estar falando o incompreensível, vai então estar sendo o "louco", vai estar dizendo sobre um "falso" (Orlandi, 1996, p.12), um irreal.

"Se aprofundarmos mais nessas questões veremos que a relação do discurso com as formações ideológicas - representadas nele pela sua inscrição em uma formação discursiva determinada que se define relativamente e outras formações discursivas - é que, em última instância, vai produzir as suas diferentes leituras." (Orlandi, 1996, p.12)

Diz a seguir que "há uma complexidade de elementos muito distintos que tem a ver com a significação de qualquer texto"; que falar em "legibilidade" é reduzir bastante um "processo" complexo em que "entram determinações bem mais importantes: determinações de natureza histórica, social, lingüística, ideológica, etc." (Orlandi, 1996, p.12)

"De forma geral, podemos dizer que as atribuições de sentidos a um texto pode variar amplamente desde o que denominamos leitura **parafrásica**, que se caracteriza pelo reconhecimento (reprodução) de um sentido que se supõe ser o do texto (dado pelo autor), e o que denominamos leitura **polissêmica**, que se define pela atribuição de múltiplos sentidos ao texto." (Orlandi, 1996, p.12)

Lembrando que o "reconhecimento" e a "atribuição de sentidos" estão inscritos "na idéia de produção da leitura" diz que

"Ninguém lê num texto o que quer, do jeito que quer e para qualquer um. Tanto quanto a formulação (emissão), a leitura (compreensão) também é regulada. No entanto, ler (...) é saber **que o sentido pode ser outro**." (Orlandi, 1996, p.12)

Esta é a diferença básica operada pela noção de leitura na análise de discurso: os sentidos não são definitivos e exatos no processo da comunicação. Os sentidos podem ser outros. Há uma determinação nesse processo e é preciso estar atentos para as heterogeneidades possíveis de sentidos.

"Dessa forma, só a referência à história permite que se diga, de uma leitura, se ela compreendeu menos ou mais do que "devia". Porque, sem dúvida, na multiplicidade de sentidos possíveis atribuíveis a um texto - Rimbaud diz que todo texto pode significar tudo -, há uma determinação

histórica que faz com que só alguns sentidos sejam "lidos" e outros não."
(Orlandi, 1996, p.12)

Por sua vez, Foucault (1970), preocupa-se em explicitar uma Ordem do Discurso, em que ocorre o apagamento do seu processo de produção em geral. Ele verifica haver um mecanismo de proteção do discurso que impede a visualização de sua ordem interna, caminhando para "elidir a realidade do discurso" (Foucault, 1970, p.12). Ele localiza, através da história os mecanismos de disfarce dessa realidade discursiva, organizando-os em três grupos que chama de "procedimentos de exclusão".

Os procedimentos de controle e delimitação externos ao discurso, têm por objetivo controlar os poderes que o discurso carrega. São eles a "palavra proibida" (marcada por um tabu do objeto, um ritual da circunstância, ou um direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala); uma "divisão e uma rejeição" (marcada pela ideia de "razão" e "loucura"); e a "divisão do verdadeiro e do falso" (onde ele verifica haver uma "vontade de verdade", marcada por uma "verdade ideal como lei do discurso e uma racionalidade imanente como princípio do seu desenvolvimento").

Os procedimentos de controle e delimitação internos ao discurso, têm por objetivo "conjurar os acasos de sua aparição" (Foucault, 1970). Os princípios de rarefação do discurso que controlam suas aparições aleatórias são:

a) o comentário (que se faz sobre "textos criadores", limitando o "acaso" do discurso pelo "jogo de uma identidade que teria a forma da repetição e do mesmo");

b) o autor ("princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como sede de sua coerência", "limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do *eu*");

c) e a disciplina (se opõe aos dois princípios anteriores, "seu sentido e sua validade" não estão "ligados a quem se reconhece ser seu inventor", "o que é suposto de início não é nem um sentido que deve ser redescoberto, nem uma identidade que deve ser repetida; é aquilo que se requer para a construção de novos enunciados").

O terceiro grupo de procedimentos de exclusão tem a finalidade de "determinar as condições de sua colocação em jogo", selecionando sujeitos falantes. São o "ritual

da fala", as sociedades de discurso, as doutrinas, e a divisão do processo educacional.

Marcado por estes procedimentos de "controle" e "limitação", o discurso organiza-se como poder. No entanto Foucault verifica uma "logofobia" nesta mesma ordem, que se esforça por esconder a existência destes mecanismos de controle e por não explicitar o discurso como uma prática, que entende como violência diante da realidade.

"Desde que foram excluídos os jogos e o comércio dos sofistas, desde que se tem, com maior ou menor segurança, refreado seus paradoxos, parece que o pensamento ocidental cuidou para que o discurso tivesse o menor lugar possível entre o pensamento e a fala; parece que cuidou para que o discorrer parecesse somente uma colaboração entre o pensar e o falar; ou haveria um pensamento revestido de seus signos e tornado visível pelas palavras, ou, inversamente, haveria as próprias estruturas da língua postas em jogo e produzindo um efeito de sentidos.

Essa velhíssima elisão da realidade do discurso no pensamento filosófico assumiu muitas formas no curso da história. Encontramo-la muito recentemente disfarçada nos diversos temas que nos são familiares." (Foucault, 1970, p.12)

São os temas do "sujeito fundador", da "experiência originária", da "mediação universal".

"Quer esteja, portanto, numa filosofia do sujeito fundador, numa filosofia da experiência originária ou numa filosofia da mediação universal, o discurso nada mais é do que um jogo, de escritura no primeiro caso, de leitura no segundo, de troca no terceiro, e esta troca, esta leitura, esta escritura põem em jogo apenas os signos. Assim, o discurso se anula nessa realidade, colocando-se sob as ordens do significante" (Foucault, 1970, p.13).

Entrando então no que percebe como foco central dos mecanismos de controle do discurso, Foucault se pergunta sobre o domínio, o fascínio e o medo que o discurso exerce sobre a civilização atual.

"Ora, parece-me que sobre essa aparente veneração do discurso, sob essa aparente logofilia, oculta-se uma espécie de medo. Tudo se passa como se interdições, obstáculos, limiares, e limites tivessem sido dispostos de tal maneira que seja dominada, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso, de maneira que sua riqueza seja aliviada de sua parte mais perigosa

lento, de descontínuo, de batalhador, de desordem também, e de perigoso, contra este grande zum-zum incessante e desordenado do discurso." (Foucault, 1970, p.13)

Para apagar e compreender este medo em "suas condições, seus jogos e seus efeitos" sugere que sejam tomadas "três decisões às quais nosso pensamento hoje resiste um pouco e que correspondem aos três grupos de funções que acabei de evocar: pôr em questão nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; destruir, enfim, a soberania do significante" (Foucault, 1970, p.14).

Estes dois textos permitem visualizar os eixos da Análise de Discurso, trazendo elementos para o entendimento do processo inverso encaminhado por esta metodologia. Nela há o esforço pela percepção do discurso como prática social histórica e como sucessão de "ditos" (pela menção e pela referência), e "não ditos" (excluídos ou silenciados), que, significam nos processo de elaboração e leitura do discurso, sendo constitutivos de seu processo de produção. Em outras palavras, trata-se não apenas de investigar o dito e o não dito, mas de verificar o processo pelo qual as coisas são ditas e deixam de ser ditas na própria matéria textual.

Esta referência metodológica, no estudo da "teoria do lazer" e da fala de trabalhadores organizados, contribui sempre para remeter os textos a contextos de significação. Desta forma, o lazer, vai estar sempre significando em relação a outros sentidos postos nos textos analisados, representando discursos e interdiscurso. Em outras palavras, as posições assumidas em relação ao lazer vão estar marcadas por posições assumidas em relação aos contextos em que estas posições estão inseridas.

1.5.3 As transformações operadas pela A.D. na abordagem do problema do lazer entre trabalhadores organizados num sindicato cutista.

Para a análise de discurso o significante evidencia-se não no resultado recolhido pela análise superficial de conteúdo explícitos ou implícitos no texto, mas nos processos de produção da significação em que este resultado se inscreve, inclusive, aos olhos do próprio analista.

O problema central para a A.D. é o de observar e localizar sentidos existentes e silenciados no processo de produção de um discurso que evidenciam os conflitos aí presentes. Estas evidências são perceptíveis, principalmente, no observar das repetições e deslocamentos de sentido verificados no processo de análise dos textos.

Ora, a opção pela AD significou uma guinada no modo como vinha analisando os textos. Observando-os como "documentos", e acentuando "sinais" cuja significação passava ao largo do que achava ter encontrado nestes sinais, embaçava a dinâmica real de produção da citação, aqui e ali, do termo lazer nas Resoluções e demais textos.

Pela AD passei a percebê-los como "monumentos"³³, como locais de registro de processos de produção de sentidos envolvidos pelas teias da história do dizer e dos jogos de poder que a vêm marcando. Além da letra, da palavra, da frase; além do termo, do chavão, da proposta; está a história da elaboração dessa proposta, da seleção daquele chavão e não de outro, e das raízes de significação daquele termo; está a história dos embates travados, pelos mecanismos de controle do discurso, para que algumas coisas possam e devam ser ditas e outras coisas sejam silenciadas.

Com a demolição da estátua de Lênin, não quiseram derrubar apenas um velho símbolo do passado ou a lembrança de um homem considerado, agora, nocivo para a história de um país, mas, efetivamente, a memória dos sentidos e sensações de um tempo que, agora, se faz urgente negar e esquecer em função de uma outra realidade que se deseja construir e que não sobreviveria com os sentidos hegemônicos que se pretende atribuir a esta realidade e a este novo dizer que se instala.

Quando olhamos os textos como "monumentos" começamos a levar em conta a opacidade que os envolve. Ou seja, além das palavras, e mesmo nelas, o processo de apagamento das escolhas e esquecimentos que envolvem o dizer, não evidentes

³³ - Segundo ORLANDI, 1990, p.34, "..., a mais longo prazo, na história, temos os relatos que são tomados como documentos, enquanto se impõem como modelos de ciência: como história, como etnografia, como linguística. Procuramos deslocar isso propondo uma desconstrução, através do método da análise de discurso, considerando os documentos não como documentos mas como discurso. "Expor o olhar-leitor à opacidade" significa ler nesses relatos tanto a construção de outros sentidos para a história, como compreender o que significa a codificação do conhecimento etnográfico, assim como a forma histórica em que se dá a relação do tupi com o português." Considerando este comentário, as Resoluções são um texto em que está inscrito um discurso, cujos sentidos estão em permanente construção, a cada nova leitura, a cada nova análise. O sentido de documento os aparenta "transparentes", e os limita em fatos fechados. O que não são.

no conteúdo salientado, estão nele presente. A consciência da processualidade que envolve o dizer, o esquecer durante o dizer - marcado pela ideologia e pela História - e o calar, acaba por reorganizar o conjunto dos textos que vínhamos, há muito tempo, arquivando, por pura curiosidade, sem uma direção metodológica, podendo, efetivamente, explicar algumas características do discurso sindical cutista sobre o lazer - por nós já citadas - que soaram como "estranhas"³⁴.

Neste momento percebi a complexidade da Análise de Discurso Francesa. Como na própria Educação Física e, plagiando as palavras de Manuel Sérgio³⁵, saber sobre a Análise de Discurso era aceitar ter de saber muito mais que Análise de Discurso. Esta constatação me fez, muitas vezes, repensar a opção metodológica, mas, a cada momento de desânimo e insegurança deparava-me com a sensação de incompletude, caso optasse por alguma outra forma de abordagem metodológica. De certa forma, havia encontrado na A.D. os elementos que justificavam o arquivo que vinha mantendo quanto aos dizeres sobre o lazer e a cultura no espaço sindical.

A resposta para a pergunta norteadora deste estudo não pode estar no conteúdo, mas no processo de definição de que conteúdos vão ser contemplados pelas Resoluções, em seus mecanismos de funcionamento e nos impasses e conflitos que marcam esse processo. E conhecer este processo e estes conflitos é possibilidade fruto de aprofundamentos e averiguações sobre o modo do dizer lazer, que ali (naqueles textos) vai aparecer sistematizado. Com a Análise de Discurso trabalhamos a memória do dizer expressa nos textos contemporâneos àquela forma de dizer, trabalhamos a própria história através da historicização da possibilidade dos sentidos que buscamos.

E aí interessa saber quem escreveu o texto e como o escreveu. "Quem", nesse modo de ver, é menos a pessoa e mais a posição ocupada frente ao interdiscurso; "como", não é apenas o recurso utilizado, mas o processo que autoriza que tenha sido aquele e não outro que disse o que precisava ser dito, e que tenham sido aquelas coisas e não outras a serem ditas.

³⁴ - Fora dos limites do dizível entre trabalhadores organizados.

³⁵ - Autor que sugere ser a Educação Física o ramo pedagógico do que visualiza como "Ciência da Motricidade Humana" ainda em formação. Pode ouvir este seu comentário "saber sobre Educação Física é saber muito mais que Educação Física, em uma das conferências que pronunciou em visita ao Nordeste.

E aí interessa saber quem escreveu o texto e como o escreveu. "Quem", nesse modo de ver, é menos a pessoa e mais a posição ocupada frente ao interdiscurso; "como", não é apenas o recurso utilizado, mas o processo que autoriza que tenha sido aquele e não outro que disse o que precisava ser dito, e que tenham sido aquelas coisas e não outras a serem ditas.

Mas, como encontrar o "por trás"³⁶ no que se refere aos dizeres e ao silenciamento sobre o lazer entre trabalhadores organizados? O elemento chave aí, em nosso caso, seriam os discursos e os comentaristas dos discursos dispersos nos diversos textos que circulam e são arquivados no espaço sindical.

Depois de localizado o "corpus discursivo", verifiquei que algumas questões lançadas por interlocutores poderiam nos oferecer pistas quanto aos conflitos que envolviam o dizer sobre o lazer no espaço sindical: a possibilidade de intelectuais estarem sendo convidados a redigir o discurso; a possibilidade da disputa entre as tendências estar definindo as posições assumidas no discurso; a possibilidade de distanciamento da instituição, no processo de produção do discurso, dos seus interesses de origem e de seus representados; a possibilidade do discurso do lazer estar sendo silenciado pelas condições materiais objetivas; a possibilidade de não ser o discurso do lazer o necessário entre os trabalhadores, mas a superação das condições de trabalho que determinam, historicamente, o aparecimento do lazer como instituição e fragmentação do direito à fruição do lúdico.

"Escarafunchar" o processo de produção dos discursos sobre o lazer, em busca dos debates que se travam em seu interior é o que pretendo fazer neste estudo. O que há no discurso de **trabalhadores organizados num sindicato filiado à CUT** e no discurso **teórico acadêmico sobre o lazer**, que pode possibilitar perceber os conflitos de sentido, o interdiscurso, e a predominância de posições quanto à definição dos sentidos das políticas de ocupação do tempo disponível? Que cabos de guerra de interesses se articulam aí? É possível perceber para onde estes conflitos apontam?

No estudo sobre a posição de **trabalhadores organizados** quanto à questão do lazer, face às constatações metodológicas acima relatadas, vimos buscar as

³⁶ - Para ORLANDI, "o que se desenrola nos bastidores do dizer".

contribuições da Análise de Discurso acreditando na possibilidade material de compreensão da historicidade em que se inscreve a processualidade do dizer sobre o lazer - assim como do silenciar ou fazer ausente - nas Resoluções e demais fragmentos do discurso.

O confronto das posições oriundas da análise do processo de produção dos sentidos do lazer no discurso de trabalhadores organizados com as posições presentes na teorização acadêmica sobre o lazer exige, mais que a coleta de informações e conteúdos específicos ao tema nos textos escolhidos, a investigação sobre a dispersão de textos nos quais o termo emerge. Compõe-se, portanto, um "corpus discursivo" no qual o processo de produção dos sentidos vai estar sendo explicitado no próprio percurso de remeter o sentido a outros lugares de significação, produzindo outros efeitos de sentido (discurso).

Este outro discurso vai estar presente no meio das posições assumidas diante dos diversos temas que atingem e afligem trabalhadores organizados em sindicatos. O esforço metodológico maior é o de perceber, nas diversas falas internas (interdiscurso) ao discurso do movimento sindical cutista, as diferentes interpretações quanto aos motivos e destinos do lazer e a possibilidade de haver uma revolução do sentido entre trabalhadores organizados, quando este transforma-se em um outro discurso, com outra direção, diferente da proposta pela teorização e que tanto marcou nossas buscas iniciais.

Percebemos uma "brecha" para a compreensão do dizer sobre o lazer na multiplicidade de sentidos que envolvem a palavra "luta" organizadora do discurso de trabalhadores organizados em sindicatos, em especial o cutista, relacionando estes sentidos com as posições assumidas pelos sindicalistas metalúrgicos entrevistados quanto ao lazer.

Este destaque opera-se no momento em que percebemos a relação entre "luta" e trabalho, termo chave na teorização historicizada sobre o lazer, obtendo então uma visão associada da relação trabalho/luta/lazer em sua multiplicidade de sentido, e uma possibilidade de localização do percurso de silenciamento sobre o lazer nas Resoluções.

Fizemos então esta investigação, marcadamente guiados pelo entendimento de que "luta" traz à tona todos os sentidos postos no mundo do trabalho e nas lutas pela regulamentação deste universo.

1.6 Delimitando os discursos em estudo e os objetivos frente à questão guia e ao referencial metodológico:

A questão guia do estudo é a investigação do movimento que determina a ausência de deliberações explicitadas quanto a políticas de lazer nas Resoluções da Central Única dos Trabalhadores. Busca-se responder a esta questão através da investigação sobre as possibilidades de multiplicidade de sentidos sobre o lazer no discurso de trabalhadores organizados em sindicatos filiados à CUT que pode estar marcando este processo de silenciamento.

Pretendemos continuar analisando os textos investigados até aqui, complementando-os com entrevistas com "diretores" e "funcionários" de um sindicato filiado à CUT: os metalúrgicos de São José dos Campos e Região. Frente à quantidade e variedade dos textos, investigaremos como está caracterizada a preocupação com o tempo disponível nos discursos e como o lazer significa nesse processo.

Para efeito de confronto de posições e de esclarecimento das diferenças de sentido, vamos, ainda, analisar os discursos sobre o lazer presentes na "teoria do lazer", no que toca às suas preocupações e posições diante do "tempo disponível" do trabalhador.

Faremos este percurso pensando poder observar o movimento pelo qual são produzidos os sentidos e os silenciamentos sobre o lazer no discurso sindical cutista, no próprio movimento de institucionalização dos sentidos sobre o lazer através da história, representado na "teoria do lazer".

1.7 Sobre a coleta complementar de dados:

Durante todo este relato vimos apontando os textos com os quais trabalhamos e a necessidade de olhá-los com o intuito de verificar o movimento de significação

do lazer entre "trabalhadores organizados" e a "teoria do lazer". Aqui cabe especificamente, acrescentar informações sobre a aproximação com o sindicato selecionado, relacionar outros textos coletados entre os trabalhadores deste sindicato e relatar o processo das entrevistas, que entendemos ser o principal acréscimo.

Durante a realização deste trabalho, o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos passava por um processo de revisão e redefinição do papel de seu Departamento de Cultura. Perguntavam-se sobre a necessidade deste Departamento, sobre qual o rumo a tomar, sobre a possibilidade de uma ação política neste setor guiada somente por diretores e funcionário leigos, e sobre a necessidade e a possibilidade de contratação de um profissional responsável pelo setor, como no Departamento Jurídico, no Departamento Médico ou no Departamento de Imprensa.

Tomei contato com este momento do Sindicato, enquanto apresentava as "Primeiras reflexões sobre a questão do lazer no espaço sindical" no V Enarel³⁷. Um colega de curso, morador de São José dos Campos, procurado pelos Diretores do Departamento de Cultura do Sindicato para auxiliar no processo, participava do evento e assistiu à exposição do trabalho. Colocando-me a par da situação que preocupava os Diretores do Sindicato, acentuou a importância que poderia ter o acompanhamento deste processo de revisão para meu trabalho e para o próprio sindicato.

Foi assim que, em novembro de 1993, estabeleci os primeiros contatos com os Diretores do Departamento de Cultura do Sindicato. Acompanhei, durante um ano, suas discussões, indo às quintas e sextas feiras à São José dos Campos. Nestes dias, conversava com funcionários e diretores dos Departamentos de Formação Sindical, Imprensa, Cultura, Saúde, entre outros.

Neste meio tempo, selecionava charges, cartazes, panfletos ou jornais que estivessem divulgando os problemas do sindicato (utilizando conteúdos físico-esportivos ou através da menção do lazer) e selecionava pessoas que pudessem me auxiliar, como entrevistados, na percepção dos sentidos de "lazer" no interior do sindicato.

³⁷ - V Encontro Nacional de Recreação e Lazer, Bertioga, 19 a 24, out., 1993.

Do material coletado neste período, apenas as entrevistas passaram por um processo minucioso de análise. O Jornal da Categoria, as charges, os boletins e os panfletos entram no processo de análise, como referência de apoio ao entendimento da multiplicidade e da dinâmica dos sentidos.

As entrevistas começaram a ser realizadas em 28 de outubro de 1994 sendo concluídas em 15 de dezembro de 1994. Foram realizadas 17 entrevistas, durante os dias de semana, de acordo com a conveniência dos diretores e funcionários. Para agendamento da entrevista, entregamos uma carta informativa das intenções do projeto e da importância de suas colaborações na continuidade do mesmo. O roteiro elaborado encontra-se na terceira parte deste trabalho onde é relatada a análise dessas entrevistas.

O objetivo da entrevista foi o de conseguir pronunciamentos sobre temas não explicitados em resoluções ou teses, em charges, jornais, boletins, ou ainda, em relatos sobre histórias específicas de lutas travadas pelo Sindicato - como o livro "A greve da GM" de Celso Horta, contendo trechos dos processos dos 33 indiciados pelo ato grevista realizado na fábrica (Horta, 1993).

Observei um interesse geral dos contactados, em contribuir e participar do projeto. As entrevistas com diretores transcorriam com maior facilidade conforme a maior intimidade entre estes e o gravador³⁸. Suas falas dirigiam-se ao equipamento, e pareciam, todo o tempo, cuidadosos com o que estavam dizendo³⁹.

Os funcionários, de maneira geral, apresentaram-se à vontade nas entrevistas. Em maioria posicionaram-se contra as condições de trabalho vivenciadas no sindicato e contra as alterações que estavam sendo realizadas naquele momento⁴⁰.

³⁸ - Em função das mobilizações e das polêmicas que geram, os diretores são constantemente solicitados pelos jornalistas locais e pela imprensa estadual para prestar esclarecimentos. Desta forma, adquirem uma capacidade de exposição clara sobre seus problemas e as reivindicações que fazem.

³⁹ - Por traz da fala do direto escolhido para ser entrevistado, está presente a fala da categoria, da tendência e do próprio coletivo de diretores. Os sindicalistas sabem o peso que lhes cai sobre as costas, quando fazem pronunciamentos sobre coisas que estão em fase de discussão. Suas posições têm de ser condizentes e coerentes com a fala de suas referências. Quando algum ponto não foi discutido previamente com as "bases", estes, claramente, diferenciam sua posição da posição da posição da tendência, dos trabalhadores que representa e do sindicato como coletivo.

⁴⁰ - Em função da Conjuntura Nacional que incluía a revisão das contribuições sindicais, o repasse das verbas aos sindicatos, o "enxugamento da máquina sindical", as eleições próximas de nova diretoria, a revisão do "aparato

Entretanto, ressaltaram haver uma diferença entre trabalhar para o sindicato e para o patrão, apontada, respectivamente, como sendo a luta por uma causa em que se acredita e o trabalho forçado a favor de posições e interesses "burgueses".

Dessa forma as entrevistas foram realizadas de maneira semi-estruturada, transcorrendo de acordo com a disponibilidade dos entrevistados em desenvolver alguns aspectos mais que outros. Ao entrevistador coube, além do planejamento da entrevista, o desenvolvimento de alguns aspectos que afluíam no decorrer da fala, aspectos que pudessem oferecer mais pistas sobre as questões em foco neste estudo.

1.8 Possibilidades do estudo no vínculo com a "teoria do lazer" e a Educação Física.

Em todas as instâncias em que, até agora, comunicamos nossa intenção de pesquisa surge a pergunta: considerando ser este um estudo realizado em um "Mestrado em Educação Física", na área de concentração "estudos do lazer", sub-área "interrelações do lazer na sociedade" que contribuição vem trazer para a educação física?

Esta questão me remete à história em dois momentos: o primeiro, mais próximo a nós no tempo, quando a "cultura corporal" produzida pela humanidade é aparelhada, nos sindicatos, com o objetivo de desviar, segundo os próprios trabalhadores, os sentidos da "luta" (período da Ditadura de Vargas/Ditadura Militar); o segundo é o período da revolução industrial e das "lutas" pela redução da jornada de trabalho e por melhores condições de vida, em que, ambos, a educação física e o lazer, estiveram presentes⁴¹. A primeira, ajudando a sustentar a ideologia

assistencial", entre outros aspectos, inquietavam os funcionários que desenvolviam trabalhos a longos anos, basados na crença e na militância.

⁴¹ - O primeiro texto clássico sobre o lazer é o panfleto "O direito à preguiça" de Lafargue. Este manifesto é divulgado em 1880 nas páginas do jornal *L'Égalité*, no contexto das lutas dos trabalhadores pelo direito a melhores condições de trabalho e a redução da jornada. Lafargue revolta-se com a posição dos trabalhadores e refutando o discurso do "direito ao trabalho", recomenda "o direito à preguiça". Faz esta recomendação a partir da ideia de que, com a industrialização, haveria uma superprodução, não sendo mais necessário que os trabalhadores se matassem e sacrificassem suas famílias, sendo possível, então o trabalho em três horas diárias e o resto do tempo estaria livre para passeios.

Os estudos de Soares (1994) buscam perceber, durante o século XIX, a incorporação da educação física na campanha de higienização contra a miséria causada por razões sócio-econômicas e convenientemente explicada como uma "doença social" curável pela higienização.

burguesa como um paliativo contra a miséria; o segundo, como promessa de ocupação do tempo dos trabalhadores quando livres do trabalho.

No registro de Lafargue (1977), o lazer vai aparecer, ao lado da contestação, como uma promessa. Durante o século XIX os trabalhadores estavam organizados e em luta contra os interesses burgueses. É nesse movimento do conflito de interesses que o discurso de Lafargue - contrário às reivindicações dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e garantia de emprego - ironiza a preguiça dos patrões com um manifesto que brada, também para os trabalhadores, "o direito à preguiça".

No discurso de Lafargue o exercício do lazer vai aparecer como o discurso da libertação e vingança dos trabalhadores contra a escravidão do trabalho e a usura burguesa. Ao mesmo tempo, à educação física era dado embelezar a desgraça, pelo exercício físico torneador da magreza e da fome, cabendo-lhe zelar pela saúde e higiene do sistema que negava-se a olhar de frente a podridão que produziu. Os estudos de Soares (1994) são ricos para a visualização deste período da humanidade.

Parecendo autônomos e opostos, estes movimentos têm, em essência, uma proximidade histórica que é necessário aprofundar e verificar mais detidamente. Entretanto, esta tarefa - que formiga em minhas idéias - não pode ser cumprida neste estudo. Seria outro estudo, embora reconheça-o como fundamental para a compreensão da relação lazer/educação física, e para o entendimento do vínculo histórico entre estas duas atividades e o trabalho como "categoria sociológica".

Por hora, importa-nos perceber que o "lazer" e a Educação Física, que são apregoados no período de Revolução Industrial até a reflexão crítica que fazemos em nossos dias, são produzidos como atividades com dupla finalidade: primeira, a melhoria da raça (através do discurso da saúde e da robustez) e o controle gritante da miséria; segunda, amenizar os impactos, sobre o homem, do modelo de produção adotado e desenvolvido a partir do século XVIII, através do controle do corpo e da promessa de felicidade para os momentos pós sofrimento do trabalho massacrante e desumano.

Tais constatações, entretanto, não inviabilizam projetos em que estas atividades tenham o sentido da revolução e da transformação das mesmas condições que vêm sustentando. Vivenciando o tempo livre das obrigações formais de trabalho, os homens talvez possam enxergar a miséria da exploração, possibilitando a consciência da situação.

Entretanto, estas possibilidades não devem fazer com que percamos de vista o fato de que a forma moderna do capitalismo utiliza-se tanto do lazer como da Educação Física - através de ídolos e equipamentos - para a promoção de "valores" interessantes para a manutenção e propagação das normas do sistema. Estas atividades aparecem, então, como possibilidade de ocupação do tempo desocupado do trabalho produtivo⁴² (crescentemente inexistente), e como dupla mercadoria comercializável e comercializadora de bens de consumo.

Quando estudamos o lazer, estudamos a Educação Física, não como coisas mesmas, mas como ações humanas contextualizadas historicamente, com determinadas características geradas a partir das necessidades e interesses historicamente colocados. Quando, além disso, buscamos compreender o movimento histórico em que se estruturam como ações humanas, passamos a viabilizar o andamento da história.

Esta argumentação, certamente, não vai satisfazer a quem, como nós, se dedica ao aprofundamento das especificidades de nossas áreas de atuação, mas pode alimentar-nos de esperanças de que a descoberta das bases da existência histórica desta relação pode nos fazer mais fortes, na medida em que mais próximos da consciência sobre a totalidade de nossas ações em sua inscrição na história.

Argumentamos ainda, num último esforço, que tanto o lazer quanto a educação física são manifestações culturais humanas marcadas pela tentativa de "controle" da capacidade revolucionária do homem.

Através da proposta de fruição compartimentalizada do lúdico no lazer, o homem-poder que autoriza e imputa que seja esquecido - banindo do trabalho a felicidade e a alegria, que alguns acreditam um dia ter existido como forma de

⁴² - São significativas as pesquisas que relatam o sofrimento dos brasileiros, aos domingos, nas grandes cidades, sem ter trabalho e nenhuma outra coisa para fazer.

expressão da essência humana - o fato de que o homem, necessita espelhar-se no que produz com suas próprias mãos, necessita de admirar-se a si mesmo como criador capaz e alegra-se com isso. Esquecendo-se do sentido de suas potencialidades históricas presentes no trabalho-lúdico, planta-se a semente da desesperança e a acomodação.

Mas esta semente tem o poder limitado por cada espaço de independência e expressão criado pelos homens. Mesmo agindo desorganizados e desordenados, descobrem-se com poder criador. Mesmo impedidos de incorporar as razões da história pelo conhecimento, conhecem as razões da história nos pequenos gestos de sua própria razão criadora. Mesmo não remetendo esta razão criadora ao movimento do mundo, disso vão sobreviver... Até que resolvam reunir-se e fazer aflorar estas possibilidades num movimento coletivo. Aí sairão de qualquer controle. E, de certa forma, é isto que a preocupação com o tempo disponível deseja conter⁴³.

Este potencial revolucionário é visível e marcante no exercício da arte e da ciência, onde cada descoberta torna-se uma comunicação fabulosa com a maravilhosa lógica do mundo natural marcado pelas ações e subjetividade humanas.

Mais uma vez, lazer e Educação Física reúnem-se para lembrar ao homem as razões da estética, da necessidade de auto-realização, de beleza. Por isso lazer e educação física fazem parte de um movimento em que inscrevem-se os sentidos da liberdade e da opressão com a força do ferro em brasa. Por isto estas atividades despontam como fenômenos a serem desvendados. Por isso, metodologicamente, necessitamos descobrir seus sentidos.

1.9 Das partes ao todo:

Alguns elementos chave possibilitaram a realização deste estudo, e temo que não tenham ficado claros no decorrer do relato do processo de produção do estudo e de nosso próprio discurso: o primeiro refere-se à possibilidade de reunião de duas áreas polêmicas na atualidade - a ação sindical e a prática social do lazer - e o segundo, trata da posição determinante que a análise de discurso tem na reunião do que era um projeto "estranho", em uma sistematização com um mínimo de lógica.

⁴³ - Ver Oliveira (1986)

Apesar de ter verificado atividades que não hesitaríamos em considerar como "de lazer" entre trabalhadores organizados, não são estas que estão sendo analisadas aqui, embora sejam uma referência imprescindível para que possamos captar a materialidade do sentido do lazer entre trabalhadores organizados em sindicatos. Neste estudo, analisamos as falas, os ditos sobre o lazer no conjunto dos dizeres dos trabalhadores, sobre suas posições e necessidades, e da teorização, sobre a identidade do lazer.

Apesar da observação de atividades que entendemos, inicialmente, serem classificadas como "de lazer", optamos por analisar, no discurso, como estas estiveram sendo identificadas pelos próprios trabalhadores. Em outras palavras, trabalhamos para captar ou fazer-se explicitar entre trabalhadores organizados, um discurso sobre o lazer que contribuísse para ajudar a esclarecer a dinâmica que envolve a questão do lazer no espaço sindical, comprovando, ou não, afirmações que fizemos em estudos anteriores. O nosso trabalho neste estudo foi o de fazer explicitar-se um **discurso** e observando este processo, captar a dinâmica desta produção.

Por sua vez, na teoria do lazer onde já estavam explicitadas posições sobre o lazer (inclusive no que toca à possibilidade de relação com a ação sindical), interessou-me mais a dinâmica da institucionalização dos sentidos do termo. Observando o discurso de teorização sobre o lazer, tentei identificar as bases em que se instalam os sentidos e as razões da negação de algumas possibilidades de sentido que poderiam deslocar-se em relação ao sentido histórico hegemônico que a ele vem sendo atribuído.

Nos dois casos, acentuo, lidei com o discurso, mas não foi durante todo o processo de investigação que tive consciência disto. Aí, entra o segundo elemento que pretendo destacar, talvez, repetitivamente: é no momento em que percebemos a possibilidade de pesquisar a posição de trabalhadores organizados em sindicatos nos discursos produzidos a partir de suas próprias necessidades e conjuntura, que se deflagra a possibilidade de sistematização deste estudo.

De certa forma, o todo a que nos referimos no título deste tópico instala-se a partir da A.D., e, talvez, estejamos descobrindo um excelente instrumental de análise

para auxiliar-nos na difícil tarefa de sistematização da gama de conhecimentos que vem sendo produzida pela Educação Física e que Manuel Sérgio, entre outros, vem tentando sistematizar.

Creio que, com a recente contribuição da Prof^a Ms. Carmen Lúcia Soares sobre a importância do pensamento médico-higienista na definição do papel social que vem sendo atribuído à educação física, com a revisão de fontes e interpretações feitas, juntamente com a incorporação dos recursos metodológicos disponíveis na Análise de Discurso à nossa área de investigação, caminhamos para explicitar mais e mais o papel social histórico que coube até a atualidade e poderá vir a caber à educação física e ao lazer.

PARTE II

OLHANDO UM ASPECTO DA REALIDADE:

O JOGO DOS SENTIDOS NO DISCURSO DA TEORIA DO LAZER E EM SUA DIFUSÃO

1. Introdução

Dissemos que na "análise de discurso", "discurso" é efeito de sentidos entre locutores. "Fazer sentido" é fazer funcionar o dizer na direção de sentidos que já estão postos no lugar em que se deseja significar. Mas que implicações diretas isto pode ter em nossa investigação? Quando verificamos que o "lazer" aparece silenciado nas Resoluções do 4º Concut, há a possibilidade de que o processo de significação do dizer sobre o "lazer" transite por um caminho diferenciado do que percorremos inicialmente para localizar seus sentidos.

Isso implica duas afirmações: quando busco sentidos sobre o lazer entre trabalhadores organizados em sindicatos, caminho guiada por sentidos já apreendidos sobre o termo fazendo-os funcionar no discurso sindical na direção que aponto como possibilidade; quando os elementos que encontro não são suficientes para justificar as posições e os sentidos verificados entre estes trabalhadores, por sua vez, há a possibilidade de que o trânsito dos sentidos neste processo obedeça a uma outra lógica e a uma outra ordem de sentidos diferente da que utilizo como referência.

Em outras palavras, há a possibilidade de que o "lazer" tal como o identificamos e conhecemos, não signifique da mesma maneira entre trabalhadores organizados como significa para a referência que utilizamos a partir da teorização. Há a possibilidade, ainda, de que o lazer seja identificado com outros termos que não conseguimos captar em nossas leituras iniciais.

Entretanto, mesmo havendo estas possibilidades, permanece a sensação inicial que temos de haver um silenciamento sobre o tema/assunto "lazer" nas Resoluções do 4º Concut. Isto nos coloca diante da necessidade de compreender o processo deste silenciamento, na compreensão mesma do que significa silenciar. Novamente tomamos a A.D. para verificar na referência metodológica de análise o que pode estar significando o silêncio.

Para Orlandi⁴⁴ (1995) o silêncio significa e é fundante. Há uma lógica no silenciamento que organiza e está organizada em torno do dizer. Diz:

"Quer dizer, o silêncio é a matéria significante por excelência, um continuum significante. O real da significação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso." (Orlandi, 1995, p.31)

Verificando haver uma política do silêncio que define como "silenciamento" a autora entende que:

"Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto como parte retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência). E tem todo um campo fértil para ser observado..." (Orlandi, 1995, p. 30-31)

Sendo silêncio, a ausência de menção ao "lazer" nas Resoluções significa e reflete um processo de produção da significação do lazer, e é este processo que desejamos conhecer. Este processo de significação pode, indicar que o termo aparece no texto com outra forma nominal ou que aparece no texto incorporando sentidos que não estão autorizados a continuar significando e aí são silenciados como sujeição à maioria representada no discurso. O silêncio observado nas Resoluções pode, então, estar significando a "dominação" do sentido ou a "resistência" do mesmo.

Entretanto, para identificar um silenciamento sobre o lazer nas Resoluções, além de revermos as próprias resoluções e constataremos efetivamente um processo de silenciamento, necessitamos investigar o discurso do lazer em sua difusão no "real" de forma a que possamos reconhecer as bases materiais de sua teorização. Tal investigação tem por objetivo instrumentalizar-nos dos processos de significação do

⁴⁴ - E. P. ORLANDI, As formas do silêncio no movimento dos sentidos.

termo na teorização sobre o lazer para, em seguida observarmos a possibilidade de significação semelhante ou diferenciada nas Resoluções.

Desta maneira, entendo que perguntar sobre o movimento que determina a ausência de fala sobre o lazer entre trabalhadores organizados, implica em conhecer os processos de significação do "lazer" na "teoria do lazer" comparando-o com o processo de significação do discurso sobre o lazer - que inclui o silêncio - entre "trabalhadores organizados".

Como o "discurso sobre" o lazer e os "sentidos do" lazer são produzidos na teoria do lazer? Qual a diferença do processo de significação do lazer na "teoria do lazer" e entre trabalhadores organizados? Estas são as questões que estão orientando estes dois próximos capítulos.

Como dissemos, é próprio da ação sindical o esforço de organização dos trabalhadores em torno de projetos mediatos e históricos que, enfrentando e argumentando com o projeto liberal de organização do modo de produção, atendam a seus interesses específicos enquanto classe. Faz sentido observar o "lazer" neste lugar de encaminhamento de interesses de classe?

Acreditamos que esta resposta só será possível mediante a verificação de um processo semelhante de produção de sentidos no discurso da teorização sobre o lazer. Há no discurso do lazer um conflito semelhante ao colocado entre trabalhadores organizados? Em caso positivo, para onde os sentidos do lazer está sendo direcionado? Tal direcionamento corresponde a seus interesses de classe?

Esta reflexão procede guiada pela hipótese de haver no discurso da "teoria do lazer" e de "trabalhadores organizados em sindicatos" embates de interesse que interferem e direcionam o processo de significação e silenciamento do lazer nestes discursos.

Encontramos na "teoria do lazer" duas pistas importantes justificando esta análise dos "estudos do lazer" e sua efetivação como prática social e política entre trabalhadores organizados em um sindicato cutista: a teoria preocupa-se em justificar o lazer como conquista histórica dos trabalhadores, analisando os conteúdos e a maneira como este lazer vem sendo vivenciado entre eles, entretanto, até este

momento não houve um olhar atento para as reivindicações feitas por trabalhadores organizados.

Os estudos de Magnani (1984) contribuem para que conheçamos mais de perto a vida privada do "trabalhador". Aparece como uma crítica aos estudos "empenhados em analisar a exploração exercida sobre este contingente da mão-de-obra urbana" que descrevem "indivíduos programados apenas para o trabalho e incapacitados para o prazer". O esforço do autor é o de comprovar a existência de lazer na vida do trabalhador, apesar de todos os problemas apontados pelos estudos sócio-econômicos, ressaltando que este lazer está organizado em uma lógica própria, em torno de conteúdos e atitudes regidas e mantidas pelas normas do próprio "pedaço"⁴⁵ onde habitam.

Os estudos de Goldenstein⁴⁶ (1991) buscam fazer um "mapeamento das práticas de lazer e das maneiras pelas quais elas são vivenciadas" entre operários "na São Paulo dos anos oitenta". Os dois trabalhos citados preocuparam-se em descrever e enumerar atividades praticadas pelos trabalhadores no tempo disponível direcionado ao lazer.

Pacheco⁴⁷ (1992), por sua vez, preocupou-se em "levantar questões sobre a política de lazer que as empresas públicas ou privadas estabelecidas no país têm levado a efeito, buscando investigar a participação dos trabalhadores na definição dessa política e tendo como objetivo elaborar propostas para uma participação democrática".

Este autor verifica o jogo de interesses que envolve a definição de políticas de lazer nas empresas, revelando a prioridade de "manutenção de equipes esportivas de alto nível" e a pouca participação dos trabalhadores no gerenciamento destas instituições. Sugere uma maior pressão por parte destes em função da democratização das decisões e menor interferência em suas atividades de lazer.

⁴⁵ - "Pedaço" é uma expressão utilizada pelo autor que resume, ao mesmo tempo, espaço geográfico, grupo social habitante deste espaço, normas de comportamento e de convivência.

⁴⁶ - G. T. Goldenstein, Lazer operário e consumo cultural na cidade de São Paulo dos anos oitenta. Revista de administração de empresas, v. 31, n 3, p. 13-35, jul./set.

⁴⁷ - R. T. B. Pacheco, O lazer nas empresas : onde está o trabalhador? Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 12, n. 1/3.

Além destes autores, Cunha (1987), Faleiros (1980) e Paulo de Salles Oliveira (1986), localizam o lazer no contexto do ciclo produtivo característico ao modo capitalista de produção, referenciando-se nos estudos de Marx.

Os estudos destes autores fizeram com que perguntasse qual a natureza do entendimento da "teoria do lazer" sobre o conflito de interesses entre capital e trabalho colocado na atualidade, de maneira a que, até este instante não tenham sido observados os discursos de trabalhadores organizados enquanto classe.

No momento em que diversos autores criticam a prioridade das ciências sociais em observar o trabalhador na esfera do trabalho⁴⁸, indicando a necessidade de observação atenta à esfera do "não-trabalho", parece-nos estranho que, diante desta evidência, e de vínculos que vêm sendo feitos entre o trabalho e o lazer no processo de mercadologização da sociedade⁴⁹, nenhuma investigação tenha procurado conhecer a posição de trabalhadores organizados quanto ao que lhes é atribuído como uma necessidade básica e histórica.

2. As referências para a leitura dos textos fundadas na A.D. e na observação do discurso de trabalhadores organizados

2.1 A leitura dos textos que compõem a teoria do lazer

O discurso da "teoria do lazer", no recorte por mim delimitado, caracteriza-se por um diálogo que se estabelece em relação a "outros" (sujeitos e interdiscurso):

a) Dialoga com o que é percebido como origem: o discurso de Dumazedier, a "revolução industrial" ou as "características e concepções gregas clássicas" sobre o termo.

b) Dialoga com o "o elogio do lazer" - a crença na liberação do homem através do avanço e difusão da maquinaria, que tem como principais representantes Lafargue e Dumazedier, sendo esta concepção aceita ou criticada mas sempre comentada.

⁴⁸ - Ver OLIVEIRA (1986), VALLE (1988),

⁴⁹ - Ver CUNHA (1986), FALLEIROS (1980).

c) Dialoga com o "outro" que "bebe da mesma fonte" mas "toma outro caminho" ou diz coisas diferentes a partir de um mesmo não reconhecido; ou ainda com o que "comprova o fenômeno" - recortes de jornais, artigos de revista, resultados de pesquisa etc. - ou o nega.

Neste jogo discursivo, vou estar atenta às **imagens** que os sujeitos fazem **do objeto; dos outros sujeitos presentes** no processo de significação do discurso sobre o objeto; e **dos sentidos** que estes outros sujeitos elaboram neste percurso.

Vamos observar este jogo de imagens na disputa pelos sentidos colocada nas "relações de força" entre dizer e poder dizer segundo às normas da teorização. Estaremos dando atenção especial aos termos repetidos, que vão espelhar o jogo dos sentidos ligados ao lazer como "valores", "trabalho", "lúdico", entre outros.

Neste diálogo com a teoria, temos duas portas de entrada: o conflito silenciado dos discursos que acabam por silenciar sentidos; o silenciamento do conflito... Entrando pelas portas abertas nos textos, aparentemente perdidas em qualquer lugar do discurso, percebe-se o discurso presente em todo lugar... Aí, o que aparece como fragmento, apresenta-se, então, como um recorte que permite a visualização do todo.

2.2 O sentido de texto para a AD

Cabe, talvez, localizar o sentido de texto na perspectiva da AD, onde o discurso é observado sob os princípios da "descontinuidade", da "especificidade" e da "exterioridade"⁵⁰.

Orlandi (s/d)⁵¹, falando sobre a forma como vem identificando o texto, diz:

⁵⁰ - Segundo os quais rege que "Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam, se justapõem, às vezes, mas também se ignoram ou se excluem"; (especificidade) "não resolver o discurso num jogo de significações prévias; não imaginar que o mundo volte para nós um semblante legível que teríamos apenas que decifrar; ele não é cúmplice de nosso conhecimento; não há providência pré-discursiva que o disponha em nosso favor. É preciso conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, de qualquer forma, como uma prática que nós lhes impomos; e é nessa prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade"; (exterioridade) "não mais ir do discurso em direção a seu núcleo interior ou oculto, em direção ao coração de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele; mas, a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, ir em direção de suas condições externas de possibilidade, em direção ao que dá lugar à série alcatória de seus acontecimentos, e que lhe fixa os limites." FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Aula inaugural pronunciada no Collège de France no dia 2 de dezembro de 1970. Tradução: Sírio Possenti. Campinas, abril - junho, 1993. (mimeo)

"Ao longo de meu trabalho tenho colocado já repetidas vezes que um texto, do ponto de vista de sua apresentação empírica, é um objeto com começo, meio e fim, mas se o considerarmos como discurso, reinstala-se imediatamente sua incompletude. Dito de outra forma, o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada - embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira - pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer)." (Orlandi, s/d, p.3)

Para Orlandi o texto é uma "peça de linguagem" que representa "uma unidade significativa" contendo nele mesmo os elementos que caracterizam esta realidade significativa de que faz parte.

A partir deste princípio da A.D., a autora diz que "as palavras não significam em si. É o texto que significa"⁵². O significado das palavras vai depender, então, do contexto de significação em que estão organizadas produzindo sentidos. Os sentidos das palavras vão estar funcionando na relação com o texto de que foram extraídas, e o texto, na relação com o discurso de que é parte.

Este dado advém da idéia de "textualidade" como uma "função da relação do texto consigo mesmo e com a exterioridade". Isto porque:

"Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa.

É assim que, na compreensão do que é texto, podemos entender a relação com o interdiscurso, a relação com os sentidos (os mesmos e os outros)." (Orlandi, s/d, p.1)

Este entendimento de processo de significação está fundado, ainda, na ideia de que "o texto é um objeto histórico". O que significa entendê-lo não como um documento, mas como "discurso" passando a observá-lo como um acontecimento produzido em um contexto histórico e com uma história interna de sua produção.

Citando Pêcheux, a autora lembra que:

⁵¹ - E. ORLANDI, Texto e discurso. (mimeo).

⁵² - Idem Ibidem.

"A especificidade da análise de discurso está em que o objeto a propósito do qual ela produz seu "resultado" não é um objeto linguístico mas um objeto sócio-histórico onde o linguístico intervém como pressuposto. (...) A análise concreta de uma situação concreta pressupõe que a materialidade discursiva em uma formação ideológica seja concebida como uma articulação de processos. A este respeito, Pêcheux remete à observação de P. Fiala e C. Ridoux (1973, p.45): o texto - diríamos o discurso - não é um conjunto de enunciados portadores de uma, e até mesmo várias significações. É, antes, um processo que se desenvolve de múltiplas formas, em determinadas situações sociais." (Orlandi, s/d, p.3)

Mais adiante, diferenciando história e historicidade na materialidade textual, a autora explica que a Análise de discurso "é um marco nas história das idéias linguísticas" no que diz respeito à distinção que faz entre "história e historicidade". Fazendo um breve histórico sobre as tentativas de "ajuste e adaptação" da noção de "história" com a noção de "língua" como "sistema", a autora explica que "elas (as tentativas) acabam sempre por colocar a história como algo exterior, complementar ou em relação de causa e efeito com o sistema linguístico".

Ainda relatando o processo de distinção entre "história e historicidade" que a A.D. opera, a autora ressalta que,

"Com a AD - é isto que estamos chamando de historicidade - a relação passa a ser entendida como constitutiva. Desse modo, se se pode pensar uma temporalidade, essa é uma temporalidade interna, ou melhor, uma relação com a exterioridade tal como ela se inscreve no próprio texto e não como algo lá fora, refletido nele. Não se parte da história para o texto - avatar da análise de conteúdo - se parte do texto enquanto materialidade histórica. A temporalidade (na relação sujeito/sentido) é a temporalidade do texto.

Não se trata assim de trabalhar a historicidade (refletida) no texto mas a historicidade do texto, isto é, trata-se de compreender como a matéria textual produz sentidos."⁵³

Importa ainda recuperar que, na discussão realizada por esta autora, é a "análise da historicidade" do texto que permite visualizar as "formações discursivas" que o constituem, bem como, percebê-lo como uma "unidade" que "se estabelece pela historicidade enquanto unidade de sentido".

⁵³ - Op. cit. p. 4.

O texto, para a análise de discurso francesa, é uma unidade discursiva atravessada por várias formações discursivas. Além disso nele está estabelecido o diálogo com os outros textos (intertextos) com e sobre os quais produziu a significação que o diferencia.

Destas considerações sobre o texto e sua historicidade de produção implica, para nós, que na desordem aparente da seleção de textos feita nesta investigação, há uma "lógica" que os organiza, primeiro como textos produzidos sobre o lazer; depois como textos em que estão representadas as formações discursivas que compõem o discurso do lazer; por último, como confronto de posições sobre o lazer, como prática social, presentes no discurso da teorização. É neste terreno que tendemos a caminhar⁵⁴.

3. Os textos da teorização sobre o lazer aqui privilegiados, suas ordens internas e o jogo dos sentidos necessários à sustentação do discurso

Para o estudo do discurso da "teoria do lazer", analisando os sentidos de "lazer", "trabalho" e a preocupação com a ocupação do tempo disponível, vamos estar observando os textos produzidos por Jofre **Dumazedier**, Nelson Carvalho **Marcellino**, Luís Otávio de Lima **Camargo**, Paulo de Salles **Oliveira**, Newton **Cunha**, Lilian A. B. do **Valle** e Maria Isabel Leme **Faleiros**.

Foram selecionados artigos, participações em livros e livros publicados pelos autores já citados. A leitura dos textos de cada autor foi feita com o cuidado de perceber, a título de informação de referência, os desdobramentos de seus trabalhos.

Entretanto, alerta desde já, selecionei os trabalhos que considereei significativos para a reflexão teórica sobre o lazer ("estudos do lazer") que proponho fazer nesta investigação. Tenho em vista que a preocupação central nesta parte do estudo é a análise do "discurso do lazer" presente na "teorização sobre o lazer", em busca das bases em que este se instala, para, mais tarde, confrontá-lo com as bases sobre as

⁵⁴ - Interessa-me, ainda, ressaltar que há um eixo de sentidos não explicitados ordenando os textos aqui seleccionados. Embora não possamos identificá-las como escolhas intencionais em função de um sentido que visualizamos e desejamos explicitar, o esforço da análise é o de fazer falar estes sentidos que apenas intuimos, em alguns momentos, durante a análise.

quais se instala o discurso sobre o lazer produzido entre trabalhadores organizados em sindicatos.

Dos textos de **Dumazedier**⁵⁵ selecionamos, como principal foco de atenção, o "Questionamento teórico do lazer" (1975), apoiando-nos ainda sobre os textos "Sociologia empírica do lazer" (1974), "A teoria sociológica da decisão" (1980), "Valores e conteúdos culturais no lazer" (1980), além de comentários de Renato Requixa e José Papa Jr. sobre o autor e a coleção do SESC.

O texto selecionado "Questionamento teórico do lazer" traz as reflexões do autor sobre o "conjunto de fatores que explicam a produção do lazer na sociedade contemporânea", sendo reprodução integral do curso ministrado pelo sociólogo no Centro de Estudos de Lazer e Recreação - CELAR - da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em setembro de 1975⁵⁶.

Destacamos este texto primeiro por tratar-se de uma abordagem a respeito das "teorias do lazer" por parte de Dumazedier; segundo porque, na introdução ao curso ministrado no CELAR, o sociólogo posiciona-se metodologicamente diante de sua preocupação de estudo do lazer numa abordagem teórico-prática, de maneira a explicitar a estrutura sobre a qual estabelece os fundamentos do lazer, que mais tarde, em "Repensando o lazer" é criticada por Faleiros (1980).

⁵⁵ - Operando uma alteração na noção formal de citação bibliográfica, a partir deste parágrafo até o fim deste tópico, quando citar pela primeira vez o autor analisado, o farei com letra minúscula e em negrito. O ano das publicações será citado imediatamente depois do título texto pertencente ao autor analisado.

⁵⁶ - J. DUMAZEDIER, Questionamento teórico do lazer. Dados relatados na contracapa do livro. Na apresentação do livro consta o seguinte texto:

"O presente texto é a reprodução do curso ministrado pelo Sociólogo e Professor Jofre Dumazedier - no Centro de Estudos de Lazer e Recreação - CELAR - da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no período de 1º a 5 de setembro de 1975, para graduados e professores universitários, sobre o tema Teoria do Lazer.

Preferimos dar-lhe o título de "Questionamento Teórico do Lazer" por entendermos que corresponde melhor ao posicionamento adotado pelo ilustre sociólogo e também porque nosso principal objetivo, ao divulgá-lo, é fornecer subsídios para que a preocupação com o lazer, em rápida expansão entre nós, se constitua num questionamento sério e realista que propicie ações eficazes e condizentes com o respeito ao Homem e à sua liberdade.

O texto foi reproduzido de gravações e apontamentos e organizado de maneira a servir ao leitor que não participou do curso. Os originais não foram revisados pelo professor. Esperamos, no entanto, ter sido fideis ao pensamento do mestre, sem distorcer nem desfigurar sua contribuição na brilhante e afetuosa passagem entre nós." O texto é assinado por Lúcia Castillo do Departamento de Planejamento, Pesquisa e Laboratório - CELAR.

Este posicionamento metodológico é expresso pelo autor na organização de um "questionamento teórico do lazer" a partir de "uma teoria empírica que valoriza a ação". Dizendo haver uma dificuldade de articulação de um questionamento teórico e prático do lazer, Dumazedier recorre, para "ultrapassar esta dificuldade", à Teoria Sociológica da Decisão.

Segundo o autor, esta teoria permite, "pela primeira vez", "articular, sem confusão, três tipos de pensamento difíceis de serem articulados e harmonizados", descrevendo-os como sendo: "um pensamento axiológico" que é aquele sobre "o que é desejável"⁵⁷, "um pensamento teleológico instrumental"⁵⁸ que é aquele sobre o "que é possível" e um "pensamento probabilístico", que é aquele sobre o "que é provável"⁵⁹ na realização de intervenções na área do lazer.

Ele descreve e exemplifica sua abordagem da seguinte maneira:

"Este esquema permite uma análise da situação de intervenção da ação recreativa em qualquer meio. Permite relacionar um pensamento axiológico, que habitualmente serve para discussões abstratas, com um pensamento prático, que freqüentemente torna-se rotineiro ignorando os princípios, e um duplo pensamento probabilista, que permite a relação com dois tipos de pesquisa empírica: a pesquisa das necessidades, que é a análise da situação e a pesquisa dos resultados, que é a transformação da situação.

Tomo um exemplo muito simples que corresponderá ao tema do próximo capítulo. Se me perguntam: quais são as forças que produzem o lazer numa sociedade em vias de industrialização? Posso tomar duas atitudes. Construir uma teoria especulativa, partindo ou de uma teoria marxista do trabalho, ou de uma teoria liberal do trabalho, ou de uma teoria católica do trabalho ou outras e *deduzir*, da natureza do trabalho, a natureza do lazer, sem me obrigar a provar que a teoria é verdadeira em todas as articulações do raciocínio. Isto não quer dizer que teorias assim sejam falsas. Elas podem

⁵⁷ - "que responde à pergunta: porque é preciso fazer isto? Em nome de que valores, de que filosofia, de que concepção de mundo?" Op. cit. p. 12.

⁵⁸ - Descrito como sendo "o pensamento das finalidades e dos meios. Quais são os objetivos da recreação? Quais são os métodos e os meios para realizar estes objetivos? O pensamento teleológico é um pensamento relativo aos objetivos. Objetivos no tempo, no espaço, não uma finalidade em geral. São tais recursos, tais restrições, quanto a dinheiro, quanto a tempo, quanto a talento, quais os obstáculos na cidade, quais os obstáculos na organização do lazer, quais os recursos visíveis, invisíveis, escondidos, etc. O pensamento instrumental é o pensamento dos que fazem máquinas, que realizam sistemas de intervenção eficazes com as coisas ou com os homens." Idem, *ibidem*.

⁵⁹ - Descrito como sendo o "que responde à questão; qual é, provavelmente, a situação na qual eu ajo e que age sobre mim e quais são os resultados prováveis que poderei obter? Trata-se de um simples conceito pouco desenvolvido ou pouco utilizado na ação. A ação é muitas vezes o resultado do entusiasmo mas nem sempre o resultado de uma previsão sobre conseqüências e que leve em conta a situação em si".

tornar-se teorias empíricas, mas em geral nós as formulamos em termos de teorias especulativas. Afirmamos, mas não provamos nada. Para a teoria empírica existem somente hipóteses que pedem uma demonstração por *indução*. Na teoria especulativa, uma proposição leva a uma outra, a uma outra, a uma outra, etc. Na teoria empírica há um movimento indutivo e dedutivo que parte dos fatos, sendo cada articulação uma hipótese a ser provada.

Este é o gênero de questionamento teórico que julgo mais importante para os professores da ação recreativa. Este tipo de pensamento exige um treinamento que não é um mero quadro a preencher. É um movimento, uma reflexão a ser desenvolvida em cada um de nós, para evitar que a ação seja somente uma rotina sem princípios, sem consciência nítida da situação e dos resultados." (Dumazedier, 1975, p. 14 e 15)

Sobre esta argumentação Dumazedier descreve sua visão do movimento que estabelece o lazer como uma prática social que prescinde de uma direção baseada em um planejamento. Este é um dos aspectos que desejo captar no processo de elaboração da "teoria do lazer" entendendo que é no meio desta discussão que se explicitam os interesses postos em jogo na produção dos sentidos do lazer que encaminham a direção dada aos planejamentos.

Por sua vez, entre os textos de **Marcellino**⁶⁰, selecionamos os artigos publicados no "Jornal Correio Popular" - coluna "Lazer e Turismo"⁶¹ - entre 10 de abril de 1987 até 29 de abril de 1988, incluindo o artigo publicado em 1 de dezembro de 1981, na seção de turismo, sob o título: "Lagoa, seringueira e guarantã: é hora de se pensar o lazer". Selecionamos ainda os livros "Lazer e Humanização" (1983), "Lazer e Educação" (1987), "Pedagogia da Animação" (1990), e o texto "Perspectivas para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia?" publicado na coletânea "Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI" (1992). Concentramos atenção especial nos artigos, no texto publicado como "Perspectivas" e no livro "Pedagogia da Animação".

Os artigos publicados em jornal são posições estabelecidas a partir dos estudos realizados e publicados em 83 e 87, sendo uma rica contribuição num diálogo aberto

⁶⁰ - O autor vem se caracterizando há muitos anos como sistematizador dos estudos do lazer no Brasil, resumindo a maior parte destas falas e posicionamentos, sendo um autor importante para a verificação dos eixos sobre os quais o lazer se instala, justamente, por realizar este passeio constante no conhecimento teórico produzido.

⁶¹ - Aqui cabe um agradecimento especial ao autor que cedeu os artigos colecionados e organizados

ao público. "Pedagogia da Animação" é a tese de doutorado, o texto contendo "perspectivas" é o último trabalho escrito publicado.

Marcellino define o rumo da "coluna" a partir da leitura de textos literários e musicais que apontam um "ideal" de dispor de "momentos em que seria possível ficar de 'papo pro ar', 'gozando a vida' junto a pessoas queridas, e não impostas, como geralmente acontece no mundo do trabalho, ou em contato mais estreito com a natureza e o belo"⁶². Define a diretriz com que vai conduzir a coluna dizendo:

"É sobre esse universo do poder ter direito a um tempo para si mesmo, **lícito** e que se contrapõe e complementa ao terreno das "obrigações" sociais, ou em uma palavra, sobre o "lazer", entendido em sentido amplo, e portanto, incluindo uma série de interesses culturais dos quais faz parte também o turismo, que estarei conversando, semanalmente, com os leitores deste Suplemento "Lazer e Turismo"."(Marcellino, 1987)

Em "Pedagogia da Animação", o autor expressa a intenção de "contribuir para o debate" da situação do ensino escolar institucional levando em conta "a relação de interdependência entre o lazer, a escola e o processo educativo". Dizendo ser a temática do lazer "maldita" no contexto do discurso sério que envolve a discussão sobre a escola, o autor posiciona-se da seguinte maneira⁶³:

"Para mim, o reconhecimento dessa relação de interdependência exige uma nova pedagogia, embasadora de uma nova prática educativa e realimentada através dessa própria prática, considerando as possibilidades do lazer como canal viável de atuação no plano cultural, de modo integrado com a escola. **Dessa forma o lazer poderia contribuir para a elevação do senso comum, numa perspectiva de transformação da realidade social, sempre em conexão com outras esferas de atuação política.** A esta alternativa educacional dei o nome de "pedagogia da animação". Esclareço que não se trata de um termo novo, mas de uma nova proposta, que reconhece as relações lazer-escola-processo educativo. Este estudo prende-se à busca de novos elementos para essa "pedagogia da animação, em termos de conteúdo e forma, que possam contribuir para o seu embasamento filosófico." (Marcellino, 1990, p.18)

Rubem Alves, orientador e prefaciador do livro em questão descreve o texto do autor dizendo:

⁶² - N. C. MARCELLINO, De papo pro ar, Correio Popular.

⁶³ - Aqui é interessante o esforço teórico de colocar a questão do lúdico não como algo marginal, mas como algo que poderia ser constitutivo dessa relação.

"Quando Nelson Marcellino fala sobre uma 'pedagogia da animação' ele está sugerindo que a educação tem de redescobrir suas origens na alma. Pois animar é vibrar a *Anima*, alma, vida: resgatar a Alma das sepulturas onde ela se encontra enterrada. Antes e além de tudo o que possamos aprender objetivamente sobre o mundo, antes e além de todo saber competente que possamos desenvolver, é necessário descobrir este mundo como destino e missão: ele precisa ser transformado segundo as exigências do desejo. O mundo inteiro como Brinquedo: haverá coisa mais bela que se possa desejar? O texto do Nelson Marcellino é, assim, antes de mais nada, um desafio para se repensar os próprios fundamentos da educação. O que nos remete ao lindo parágrafo com que Roland Barthes encerrou sua aula inaugural no Collège de France, resumo de sua filosofia de professor:

'nenhum poder
 um pouco de saber,
 um pouco de sabedoria,
 e o máximo de sabor possível...'
 Que a leitura seja um Brinquedo...
 Que a Alma voe, descolando-se do texto, para fazer suas próprias aventuras...
 Que haja coragem para pensar o insólito...
 Que o pensamento seja capaz de contemplar os fundamentos..."
 (Alves, in Marcellino, 1990, p.16)

No texto sobre as perspectivas para o lazer no século XXI, Marcellino preocupa-se em fazer um balanço geral das perspectivas e prognósticos para o lazer, no que toca à sua vivência na atualidade, à prática profissional na área e a relação com as outras áreas de atuação, bem como aos estudos realizados neste século, renovando suas posições.

Fazendo a crítica à visão funcionalista e utilitarista que tem predominado nos estudos e planejamentos do lazer, o autor propõe uma "visão crítica" que entende o lazer

"como um fenômeno gerado historicamente e do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente." (Marcellino in Moreira, 1992, p.188)

Desta forma, o autor posiciona-se, no conjunto das abordagens e estudos do lazer, pelo estudo da relação trabalho/lazer, "aqui e agora", tais como estes são vivenciados.

Acentua, com relação ao trabalho, a "impossibilidade de manifestação concreta dos componentes lúdicos da cultura nessa área da atividades humana" bem como "as barreiras que são observadas para a vivência desse mesmo componente no lazer", destacando, entretanto, haver uma possibilidade privilegiada de "manifestação do elemento lúdico no lazer". Este último, no conjunto da obra do autor, é definido como "a cultura - compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída) no "tempo disponível".

"Isso não significa que o elemento lúdico da cultura não possa se manifestar em outros tempos. Muito pelo contrário, o lazer é entendido como um campo de atividades, com possibilidade de gerar valores que ampliem o universo de manifestações do brinquedo, do jogo, da festa, para além do próprio lazer. A vivência do componente lúdico da cultura, sua visão principalmente em termos de processo, é considerada como manifestação da utopia e, dialeticamente, como denúncia da realidade insuportável." (Marcellino, in Moreira, 1992, p. 181-196)

Temos, nesta "participação em livro", um resumo das posições, que vêm sendo elaboradas e assumidas pelo autor no conjunto de sua obra, caracterizadas pelo diálogo que estabelece com o "já dito", eliminando daí o que considera "impróprio" para seu posicionamento pessoal sobre a temática.

O texto de **Camargo** com que estamos trabalhando é "O lazer é um perigo", referenciado pela leitura de "O que é lazer?", texto da coleção Primeiros Passos publicado pela Brasiliense e reeditado pela "Círculo do Livro".

Trata-se de entrevista concedida a Geraldo Mayrink e publicada nas páginas amarelas da Revista Veja em 30 de junho de 1995. Numa definição do entrevistador, neste texto, Camargo "pinta um retrato duro do trabalhador brasileiro, que diz não ter tempo para não fazer nada mas se desespera nas noites de domingo depois de mais um fim de semana perdido".

Camargo entende o lazer como o "tempo livre diário, semanal ou anual, nas férias", em que "apesar dos determinismos, a pessoa pode escolher mais livremente o que fazer com prazer", verificando haver um problema psico-social, determinado pela moral do trabalho, de incapacidade de fruição do tempo destinado para o lazer.

No seu modo de ver, o que fazer no lazer é uma questão de olhar para si mesmo e verificar o que é melhor fazer neste tempo livre. "O tempo de trabalho é de Prometeu, da obrigação. O tempo de lazer é o tempo de Narciso". As pessoas se angustiam no tempo de lazer por observarem primeiro os padrões sociais esquecendo de verificar suas próprias expectativas. Como acentua-se o mercado do consumo, acreditam que só quem tem dinheiro pode ter lazer."

Para o autor o "conceito de pobreza é uma das grandes armadilhas nas quais estamos sempre sendo apanhados". No seu entendimento não há uma relação material entre "lazer" e "dinheiro", o grande problema na prática do lazer é não saber o que fazer com o tempo livre. Este não saber o que fazer traz infelicidade, vazio e desespero. Desta forma, o lazer torna-se um perigo porque nele temos de aprender a não fazer nada.

"Por isso o lazer é tão essencial quanto a alimentação, um contraponto à jornada de trabalho que não obriga à nada. Tem uma função de recuperação psicossomática." (Camargo, 1993)

Acentua a importância do lazer e do animador cultural, na atualidade pós urbanização, explicando haver a necessidade de aprender o que fazer com o tempo livre, já que com a revolução industrial desaprendemos a disponibilidade para o "não fazer nada". Este dado é acentuado pela contribuição da escola que "prepara o homem artificialmente para o trabalho".

"O trabalho é chato, como a escola é chata, para a imensa maioria das pessoas. A sociedade incorporou ao absurdo o conceito de que o trabalho é tudo. Adam Smith e Karl Marx, por exemplo, diziam a mesma coisa e prometiam a felicidade neste mundo, mas só depois que o futuro felizardo desse duro a vida toda, dezesseis horas por dia, todos os dias da semana. Lamento que os marxistas não tenham aproveitado a tradição do pensamento de Paul Lafargue, genro de Marx, que, no seu manifesto, "O direito à preguiça", criticava a tolice dos operários que lutavam pelo direito ao trabalho em vez de lutar abertamente, sem subterfúgios, pelo direito aos mesmos privilégios de lazer dos patrões." (Camargo, 1993, p. 9)

Na visão do autor, o lazer é um perigo porque pode, ao mesmo tempo, mostrar a desgraça que está posta no trabalho e a maravilha que é estar parado, oferecendo elementos que contrariam posicionamentos de negação do lazer como índole do

preguiçoso. A mesma alusão à influência do marxismo no elogio do trabalho podemos encontrar em Marcellino (1987, p. 23) e Dumazedier (1975, p.29).

De **Oliveira** está sendo considerado o texto publicado na Revista Reflexão, "Tempo livre, trabalho e lutas sociais". Neste texto o autor, preocupado com os discursos do trabalho que silenciam os sentidos do lazer, abre o debate, explicitando o conflito colocado na teoria do lazer entre visões liberais e críticas sobre o tema.

Para tanto, estabelece um "diálogo crítico" com o que chama de "versões do pensamento liberal" explicitando sentidos sócio-históricos postos no lazer. Identificando estes sentidos, questiona as premissas sobre as quais estes discursos se instalam, dizendo haver um "jogo de interesses contraditórios" nos quais está colocado "o uso do tempo livre pelos trabalhadores".

Este jogo de interesses vai desde o modo como o tempo livre é socialmente produzido, gerado historicamente no conflito entre produtividade e humanidade, até as possibilidades de acesso a este tempo socialmente produzido:

"Há uma certa concordância generalizada quanto ao direito de todos ao lazer e às práticas de reequilíbrio psico-social. Quando, contudo, o uso do tempo livre passa, além disso, a ser exercido de forma conscientemente crítica pelos trabalhadores, negando as prisões visíveis e invisíveis que a indústria cultural procura, ao mesmo tempo, criar e ocultar, reaparece, com vigor, a questão da democratização social do poder e do estabelecimento da efetiva igualdade, abolindo todas as formas de dominação ou discriminação socialmente existentes.

O tempo livre é produzido nas relação capitalistas de dominação porque o trabalhador precisa de um tempo para a sobrevivência. Entretanto, ao se apropriarem deste tempo, os trabalhadores podem transformá-lo num espaço de reivindicações e de questionamento. Os trabalhadores descobrem que esse tempo livre, nascido da submissão à disciplina do mercado, só vai ser um tempo de liberdade no momento em que se romper a disciplina do mercado. Ao politizar o uso do seu tempo disponível, os trabalhadores podem desvendar as máscaras de liberdade que a sociedade produz no trabalho e fora dele." (Oliveira, 1986, p.13)

Vejo nesta citação o cerne da questão que as discussões sobre o lazer têm tentado silenciar.

Junto com Paulo de Salles Oliveira, Valle, Faleiros e Newton Cunha, esforçam-se por situar o lazer, também, como uma categoria econômica. Fundamentados em um estudo mais detido sobre o pensamento marxista, estes autores buscam demonstrar a dinâmica social que envolve a relação trabalho/lazer oferecendo-nos elementos para o aprofundamento sobre os diversos interesses pelo tema.

Em "A Felicidade Imaginada" **Newton Cunha** parte para investigar o motor das ações humanas (leitmotiv). Para ele este motor é a busca da felicidade e é o lugar do bloqueio a este desejo de felicidade que o autor esforça-se por demonstrar. Identificando na materialidade e concreticidade das ações de trabalho e lazer expressões caricaturais da felicidade (lugar efetivo do bloqueio a esta), nega-os, buscando um outro lugar de realização.

Nesta busca, passa pelo pensamento marxista, no que toca às explicações sobre o modo de produção e a forma da organização da divisão social do trabalho e do processo de trabalho, colocando o lazer como uma categoria estreitamente vinculada à esfera da produção material dos objetos. Descreve o lazer, depois desta incursão, como mais uma categoria econômica inserida na esfera da produção.

Seu primeiro impulso é buscar as bases nas quais se instala este modelo de felicidade frustrante, para encontrar uma saída. Passa a verificar o modo da organização dos tempos em que se inscreve o lazer, que sustenta a posição anterior. Faz o estudo do pensamento mitológico sobre o trabalho, investiga a visão filosófica advinda do rompimento entre mito e razão, concentra a atenção no pensamento idealista de Hegel e na visão materialista de Marx.

Relaciona novamente o lazer com a utopia da "comunidade real" elaborada pela visão materialista da história. Quando parece haver encontrado a solução, depara-se com as elaborações de Freud contrárias à ideia marxiana de que é a eliminação da propriedade privada quem vai liberar a humanidade da opressão (estranhamento) do homem quanto a expressar-se a si mesmo pelo trabalho.

Em Freud, a propriedade privada é gerada pela humanidade, sendo um resultado posto na própria natureza humana, não sendo tão fácil assim combatê-la. Estando o obstáculo da felicidade nas mãos dos próprios homens, delinea-se o

"grande obstáculo": a superação do conflito não é apenas uma questão material, mas uma questão essencial da natureza humana.

Desenvolvendo a linha de raciocínio de negação do trabalho e do lazer como atividades que são fruto de um processo de escravização da humanidade, busca a utopia da superação da exploração e da desumanização do homem de si mesmo. É com susto que o autor descobre o pensamento freudiano sobre a humanidade. E as constatações freudianas sobre o "*leitmotiv*" das ações humanas são consideradas como o último obstáculo no caminho da "felicidade imaginada", em que uma solução ainda não se faz possível.

Em Valle (1988), observei uma crítica rigorosa a alguns estudos realizados no Brasil e no exterior que em virtude de sua "significativa fragilidade teórica" têm contribuído para "reforçar os preconceitos existentes em relação ao tema":

"(...) na medida em que, com aparente sem cerimônia, compensa a ausência de referências teóricas e explicativas mais sólidas pelo recurso a postulações bastante gerais e imprecisas, relacionadas de maneira bastante falaciosa a dados empíricos isolados e "previsões" nunca realizadas." (Valle, 1988, p. 44)

A autora diferencia a produção teórica e a vê organizada em dois grupos que "nascem em contextos sócio-econômicos de pós-guerra bastante diversos", a "sociologia do lazer" dos Estados Unidos da América e a "Sociologia do tempo livre" da Europa do leste. Avalia esta produção da seguinte forma:

"Porém, tanto o "lazer" ocidental, entendido como compensação para as insuperáveis contradições desse mesmo progresso técnico-industrial que o produziu, quanto o "tempo-livre" soviético, encarado como "conquista socialista" de um espaço de tempo para a formação do novo homem, apresentam-se como a grande panacéia capaz de remediar, de justificar por que, em diferentes situações, as transformações sociais, o desenvolvimento capitalista ou a revolução soviética não foram capazes de alterar as penosas condições de trabalho, nem de atenuar suas consequências sobre a vida do trabalhador. De um lado, a "sociologia do lazer" alimentou previsões de uma "sociedade pós-industrial" mais igualitária, onde os conflitos sociais se produziram e se resolveriam ao nível do consumo cultural - e houve mesmo quem a chamasse de "civilização do lazer"; de outro "a sociologia do tempo livre" buscou planificar o tempo fora do trabalho, adequando-o às necessidades da produção e da construção da sociedade socialista." (Valle, 1988, p. 44-45)

O objetivo da autora do texto é demonstrar o lazer como o lugar possível para a existência do exercício da resistência no modo de produção capitalista (que tem a equação produção / consumo / satisfação das necessidades / criação de novas necessidades / produção, como eixo motor que vem sendo muito mal observado pelos "estudos do lazer") que carece de uma investigação mais rigorosa e séria.

Utilizando-se de Lefébvre, a autora diz que "é no lazer e através dele que o homem comum realiza a crítica a sua realidade cotidiana":

"Na agressividade ou na aparente alienação ou apatia, no consumismo ou na criação de novos comportamentos, na recuperação da tradição tanto quanto em seu abandono, a prática de lazer espelha a realidade cotidiana, a cuja dinâmica está associada, e a convivência da sociedade com ela, sob a forma de conformismo, de revolta ou ainda de busca de superação." (Valle, 1988, p. 48).

Ela lembra, que no caso do Brasil, diante das condições de vida dos brasileiros, "a prática de lazer é, muitas vezes, por si só, mais do que uma crítica, uma resistência cotidiana à lógica dominante na sociedade". Isso se dá, mesmo que de forma difusa, "porque a prática de lazer não se funda na superação das necessidades da produção material, **mas se realiza apesar dessas necessidades não estarem ainda satisfeitas**".

Para esta autora, a prática de lazer disputa espaço (de tempo) com "o sono", as "obrigações familiares", o que a faz concluir que o sentido de vivência do lazer é o de "reapropriação (...) de um espaço de liberdade".

Recordando a "institucionalização" das "práticas populares" a autora lembra que estas foram alvos dos governos "**para forjar um sentimento de identidade comum que resistisse à prova das desigualdades concretamente vivenciadas no cotidiano social**". (Valle, 1988, p.49)

Preocupada com a institucionalização das "práticas culturais espontâneas" como forma de desapropriação faz uma ligeira análise da questão, mostrando o processo de institucionalização x resistência, para dizer:

"No seio desse movimento, revelam-se mecanismos de transmissão, de organização e de reorganização do patrimônio cultural que ainda carecem ser analisados."(Valle, 1988, p.50)

E, é justamente esta a sua proposta no texto. Considerando o lazer como um espaço valioso de estudo quanto às formas de resistência dos indivíduos ao que chama de "lógica dominante de produção material", a autora defende a idéia de que é necessário estudar o lazer com seriedade e sem preconceitos quanto às suas vinculações econômicas.

Partindo do princípio de que "a compreensão do lazer não pode se dar desvinculada da realidade do trabalho que o gera, da mesma forma, aceitando-se que a lógica dominante na organização da sociedade se relacione à produção material, sua análise não pode dispensar um exame mais detido do lazer, onde parte de suas implicações encontram-se explicitadas" (Valle, 1988, p.48), conclui:

"Assim sendo, a compreensão da realidade do lazer parece emergir de uma dinâmica social onde lógicas opostas estão em ação, e onde a prática popular pode ser entendida como uma forma de resistência que assume múltiplos significados. Dessa forma é que se permite **propor o lazer como objeto necessário de estudo, como dimensão obrigatória de análise da sociedade atual, das contradições aí contidas e dos caminhos possíveis de sua superação, cujas premissas se encontram de uma forma que por certo não é nem dominante nem imediatamente visível, mas é desordenada e contraditoriamente presente no cotidiano social.**" (Valle, 1988, p.50)

Há em comum entre Valle e Faleiros a crítica severa à produção teórica sobre o lazer guiada por pressupostos empiristas. Há em comum também, entre Valle, Oliveira e Cunha, a bibliografia analisada e utilizada como referência para sustentar a necessidade de estudos sérios e profundos sobre o lazer como atividade de resistência realizada no tempo de não-trabalho.

Esta necessidade é sustentada pela ideia de que as atividades de lazer espelham as normas vigentes no modelo de produção dominante, fazendo parte da equação necessidade / produção / consumo / satisfação das necessidades / criação de novas necessidades / produção. Entretanto, apesar de trabalhar com este mesmo modelo, Faleiros despreza o lazer como "fenômeno" relevante.

Detendo-nos mais nesta autora, podemos dizer que **Faleiros (1980)** propõe-se a repensar o lazer a partir da crítica a Dumazedier. Entendendo que Dumazedier não capta a dinâmica que envolve a questão, passa ela mesma a buscar o modo da

ocorrência desta dinâmica. Investiga, então, em Mallinowski, Baudrillard, e Marx o modo como cada autor resolve o problema da "equação" necessidade x satisfação.

Considerando as explicações de Mallinowski e Baudrillard insuficientes, opta pela referência a Marx. E é no contexto do pensamento marxista que encontra as "novas" bases em que instala a problemática do lazer: "considerando a existência de uma unidade particular entre "tempo de trabalho" e "tempo de não trabalho", o lazer é encarado como um momento necessário à reposição e reprodução da força de trabalho" (Faleiros, 1980, p.51)

"A busca de explicação da manifestação contemporânea dessas atividades, ligadas à recreação, ao entretenimento, à criatividade, ao divertimento ou ao descanso, levou certos sociólogos a contribuírem para o seu obscurecimento. Dominadas pelo "reino das mercadorias", tais atividades passaram a se realizar tão separadas de outras esferas - como o trabalho, a religião e a família - que apareceram, aos "olhos míopes", como um novo fenômeno social. Equacionada nesses termos, a problemática tem assumido uma dimensão falsa, enquanto inserida em pressupostos empiristas e atomizadores."(Faleiros, 1980, p.64)

Pela data dos textos aqui analisados, observo um combate intenso aos estudos que fundaram-se numa análise exclusivamente empírica da temática do lazer. O alvo principal destas críticas tem sido Dumazedier. Creio que isto se dá por este autor defender a idéia de uma "sociedade do lazer" como destino do modo de produção hegemônico, algo que as análises mais simples do contexto social atual detectam como improvável e absurdo.

Outro dado talvez seja o fato de este autor ter sido a principal influência entre autores brasileiros em meados da década de 70 e 80. É justamente neste período que são publicados os textos com as críticas mais severas à discussão desenvolvida pelo autor e seguida pelos teóricos do lazer no Brasil. Tais críticas vêm de Faleiros (1980), Oliveira (1986) e Valle (1988).

Há um debate velado no discurso do lazer, que se faz através da negação de sentidos considerados inadequados, sendo a partir daí "arredondados". Neste debate há de uma lado a afirmação de sentidos que correspondem aos interesses de estruturação da "teoria empírica do lazer" e de outro a negação de um certo sentido que predominou na década de 80, cujo maior representante foi Dumazedier.

Neste debate, tal como Valle e Oliveira o localizaram, há um duelo entre teorias sobre o lazer que tentaram explicá-lo a partir de determinados interesses. E é neste debate travado entre os autores destes textos que venho observando o modo como estes discursos produzem efeitos de sentidos, na medida em que dizem diferentemente sobre um mesmo tema, demarcando aí suas posições.

4. A ordem dos discursos:

Sobre qual "mesma coisa" estes textos falam e o que dizem de "diferente" entre si? Todos os textos selecionados esforçam-se por expor uma justificativa histórica para a prática social e para a teorização sobre a prática social do lazer; por estabelecer uma relação entre lazer e trabalho e por teorizar sobre sua origem. Desta forma, os textos aqui selecionados elaboram um discurso sobre a temática da prática social do lazer.

Os textos estão articulados a partir da ideia do "autor" como sujeito responsável pelo dito, como a própria fonte do dizer, e, portanto, como aquele que deve ser negado quando o que diz não parece fazer sentido.

Por sua vez, os sentidos do lazer, na totalidade dos textos analisados, está organizado, de maneira explícita ou implícita, em torno da idéia de um "valor" social do lazer com implicações históricas. Este valor vai estar sujeito a duas variáveis: aos interesses dominantes que tentam cooptar o lazer como forma de apoio a seus objetivos; e, por outro lado, aos interesses dos que têm o lazer como um momento de recriação e reorganização de si mesmos, como um espaço de resistência e manutenção do que lhes é furtado diariamente.

No aspecto do lazer como resistência, apesar de explicações e vinculações diferenciadas para o fato, todos os autores parecem concordar.

4.1 Onde o discurso localiza a origem:

A verificação do processo no qual o lazer se constitui, historicamente, como instituição é resolvida diferentemente entre os autores, com maior ou menor profundidade na abordagem a depender da conveniência. Ora citam esta

historicidade remetendo-a ao processo de urbanização, ora citam esta historicidade vinculada à Industrialização, ora especificam a dinâmica que permite, no processo de industrialização e urbanização, a institucionalização do lazer.

Camargo (1993) opera uma distinção entre urbanização e industrialização, dizendo vincular a origem do lazer à urbanização:

"Veja - *É possível o lazer num país pobre?*

Camargo - Sem dúvida. Minha tese surgiu num momento em que o lazer era um tema completamente inóspito e visto com bastante rejeição. A sociologia brasileira, que sempre foi meio à esquerda, achava que apenas quando a economia está suficientemente desenvolvida (liberando horas para o trabalhador) é que surge essa questão. Mas o problema do lazer já estava colocado aqui e não cabia mais discutir se era oportuno ou não. Procurei atrelar o lazer não à industrialização, mas à urbanização, que é um fenômeno muito expressivo no Brasil. Justamente por causa da baixa atividade econômica havia no país um lazer tanto de pessoas que tinham tempo livre quanto de pessoas que simplesmente tinham um tempo intocado pelo trabalho. Não existe lazer de países ricos e lazer de países pobres."(Mayrink, 1993, p. 8)

Em outro trecho da mesma entrevista, desenvolvendo a idéia de que no lazer não há distinção entre ricos e pobres, visto ser nos países ricos onde existem os maiores problemas de lazer, o autor elabora o argumento de que não é este (a diferença entre classes) o principal problema da atualidade em relação ao lazer.

Em sua concepção o problema fundamental do lazer está no fato de "nós não sabermos fazer nada", e onde "o perigo de uma pessoa ficar a toa", é justamente constatar que o soar do sinal de finalização das obrigações, não é suficiente para a liberação do "impulso dos homens para o trabalho".

Elabora esta ideia recordando aos leitores:

"**Lembro** que desde a Revolução Industrial, há mais de dois séculos, a sociedade vem esmagando o *homo ludens* de maneira sistemática. O homem, desde sempre, começa lúdico. É expressão pura. Aprende a se exprimir para a vida, a se esticar, a tentar desenvolver suas potencialidades. Não é só a natureza que tem biodiversidade. Nós também temos. Antes da Revolução industrial, a passagem do *homo ludens* para o *homo faber* era mais espontânea. Ao longo da vida ia aprendendo a trabalhar com o pai, mergulhando na intensidade do trabalho, um pouco hoje, mais amanhã, até

ficar adulto. A Revolução Industrial breou essa situação. Foi como se dissesse: a partir de agora o trabalho passa a ser a necessidade fundamental do homem."(Camargo em entrevista a Mayrink, 1993, p. 8)

Refletindo sobre o já dito, a problematização da passagem do "*homo ludens*" ao "*homo faber*", na fala do autor, é feita sobre a acentuação de uma transformação ocorrida a partir da Revolução Industrial. Marcando a historicidade do sentido obrigatório do trabalho, há uma transformação material que indica sua mudança de sentido como trabalho "necessário" e "natural" para trabalho "obrigatório".

Para identificar a especificidade da situação do lazer no Brasil, o discurso, de maneira geral, remete-se à passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna, acentuando "que na realidade" estes estágios "se apresentam num 'continuum', ou são contemporâneos dentro da mesma sociedade, representativos de estilos de vida diferentes".

"A industrialização, que pode ser considerada o divisor de águas entre os dois estágios, só vem se consolidando, entre nós, ha algumas décadas. Ao se consolidar, provoca uma série de modificações no comportamento das pessoas, acelera o processo de urbanização de novas áreas e promove a concentração populacional em torno de áreas já urbanizadas.

A caracterização de nossa sociedade como preponderantemente urbana começa a se configurar a partir do censo de 70, tendência essa confirmada pela análise dos números levantados em 80, com ênfase na concentração da população nos grandes centro."(Marcellino, 1987a)⁶⁴

Dumazedier, por sua vez, exemplificando a metodologia que utiliza para o desenvolvimento do estudo da "teoria do lazer"⁶⁵, diz:

"Tomo um exemplo muito simples que corresponderá ao tema do próximo capítulo. Se me perguntam: quais são as forças que produzem o lazer em uma sociedade em vias de industrialização? Posso tomar duas atitudes. Construir uma teoria especulativa, partindo ou de uma teoria marxista do trabalho, ou de uma teoria liberal do trabalho, ou de uma teoria católica do trabalho ou outras e *deduzir*, da natureza do trabalho, a natureza do lazer, sem me obrigar a provar que a teoria é verdadeira em todas as

⁶⁴ - N. C. MARCELLINO, "Ocorrência histórica do lazer". Correio Popular, 14 ago. 1987.

⁶⁵ - J. DUMAZEDIER, Questionamento teórico do lazer: "Porque o questionamento teórico me parece mais importante que a teoria? Porque acredito que é o melhor meio para que a teoria seja associada à prática. É o melhor meio para que as questões da prática conduzam às respostas teóricas. É o melhor meio para que as respostas teóricas conduzam ao questionamento da prática. Porque o questionamento da prática é o melhor meio para evitar a rotina. E o questionamento da teoria é o melhor meio para evitar a abstração".

articulações do raciocínio. Isto não quer dizer que teorias assim construídas sejam falsas. Elas podem tornar-se teorias empíricas, mas em geral nós as formulamos em termos de teorias especulativas. Afirmamos, mas não provamos nada. Para a teoria empírica existem somente hipóteses que pedem uma demonstração por indução. Na teoria especulativa, uma proposição leva a uma outra, a uma outra, a uma outra, a uma outra, etc. Na teoria empírica há um movimento indutivo e dedutivo que parte dos fatos sendo cada articulação uma hipótese a ser provada." (Dumazedier, 1975, p. 14-15)

No capítulo citado, Dumazedier, dizendo ser a história o "ponto de partida" para a elaboração de uma "teoria do lazer", identifica os fundamentos histórico filosóficos do lazer como sendo a "laicização do tempo livre" e a "introdução de um corte nítido entre as horas de trabalho e as horas de lazer" (Dumazedier, 1975, p. 18).

"Tal regulamentação do tempo de trabalho cria o tempo de lazer, enquanto que nas civilizações rurais tradicionais o tempo de lazer era um tempo ritual de festa, de culto regulado pelas autoridades religiosas e a natureza do trabalho era praticamente sem fim (contínua), exceto quanto às condições naturais, como a chuva, a neve, as doenças, os cataclismos, a fome, as epidemias, etc. Nestas condições tradicionais, creio que não se pode a rigor falar de lazer. Então, se os fundamentos históricos estão no advento do processo de industrialização, eu falarei daqui em diante, nas sociedades tecnológicas." (Dumazedier, 1975, p. 18)

Toda a discussão que desenvolve a seguir ocorre de modo a acentuar a produção do lazer como tendo um significado mais profundo que a simples consequência de liberação do tempo. Descreve esta idéia discorrendo sobre o que percebe como sendo o processo de produção do lazer, situando-o em:

a) uma "dinâmica técnico-econômica", na qual identifica o aparecimento do "tempo liberado" e do "desemprego tecnológico". O primeiro é considerado um "sinal de vigor, de saúde no sistema de produtividade, enquanto que a parte do tempo desocupado para aqueles que a sociedade não pode dar trabalho é um tempo de má saúde econômico social". Segundo suas palavras:

"As sociedades tecnológicas repousam sobre um paradoxo sem precedentes na História. Pela primeira vez, desde que existem homens sobre a terra, estes descobrem técnicas de produção tais, que chegam a produzir mais, trabalhando menos. É o resultado disto que se chama aplicação da ciências na produtividade. Daí em diante, as sociedades tornam-se capazes de

produzir em ritmos diferentes mais riqueza e mais tempo livre. Seria mais preciso falar-se *tempo liberado*. O lazer supõe tempo liberado, mas nem todo tempo liberado é ocupado pelo lazer. Por exemplo, as atividades religiosas ou as atividades políticas, não as coloco como atividades do tempo de lazer. Portanto, esta sociedade produz mais riquezas e produz mais tempo liberado."(Dumazedier, 1975, p.19)

Na concepção de Dumazedier, o "tempo desocupado" é gerado "porque a máquina econômica não é bastante forte para dar trabalho a todos", isto é entendido como um problema das sociedades em "vias de desenvolvimento" em que o Brasil é enquadrado.

b) uma "dinâmica social" na qual opera uma distinção entre o tempo liberado como "ócio das grandes classes dominantes da antiguidade que tinham escravos à sua disposição", e o tempo liberado conseguido "com o advento das sociedades industriais" que é "fundado sobre o paradoxo da economia industrial, capaz de produzir mais, trabalhando menos" em que "é o conjunto dos trabalhadores que reclama o tempo liberado" (Dumazedier, 1975, p. 20).

Identificando a descrição marxiana (*O Capital*) como a mais adequada para acompanhar este movimento, de conquista "de um dia de trabalho mais curto, uma semana mais curta, um ano de trabalho mais curto, uma vida de trabalho mais curta", Dumazedier identifica "dois grandes livros da tradição socialista que tiveram (...) uma importância decisiva, após o trabalho de Marx" o livro de Thorstein Veblen, a "Teoria da classe ociosa" e o livro de Lafargue "O direito à preguiça". Estes livros, na concepção do autor, representam duas posições "opostas de socialismo" , expressando "a dinâmica da produção dos fenômenos":

"A reivindicação dos trabalhadores de um tempo liberado para todos os trabalhadores, contra a utilização deste tempo por uma classe ociosa que tenta imitar a nobreza dos tempos passados. Para os socialistas da corrente de Veblen, para quem o socialismo é sobretudo trabalho, o tempo liberado é recusado. Para a outra tendência socialista enquadrada por Lafargue, o tempo liberado é aceito considerando que o futuro da sociedade industrial é uma vez mais a preponderância do tempo livre sobre o tempo de trabalho, para o conjunto dos trabalhadores. Isto é o que se passa na dinâmica social no sistema capitalista. Isto é, no sistema em que a empresa está nas mãos dos organismos privados."(Dumazedier, 1975, p. 21)

Acrescentando dados sobre a situação do lazer na Rússia, Dumazedier conclui que, também lá,

"(...) com a elevação do nível de vida, com o aperfeiçoamento da máquina tecnológico-econômica, com o aumento da produtividade, não somente a diminuição do tempo de trabalho veio para a ordem do dia, nos anos 55 - 60, mas os valores mudaram; o último livro que saiu na Rússia, sobre o tempo livre, defendia um modo de vida totalmente diferente. O lazer já não se apresenta como uma forma de recuperação da força de trabalho, mas a força de trabalho é que se torna um meio de produzir um novo modo de vida."(Dumazedier, 1975, p. 22)

c) uma dinâmica de "transformação do tempo liberado em lazer" em que procura demonstrar que o tempo liberado não foi ocupado com atividades religiosas ou políticas, mas por atividades de "lazer", diz:

"Houve, na verdade, valorização do lazer, aí compreendido o quadro familiar. Há todo um movimento de liberação da condição feminina, que reivindica também para a mulher o direito ao lazer. (...) O lazer não é o fim do trabalho; é uma nova concepção mais humana do trabalho, mais humana dos deveres, mais humana das obrigações sociais. O sujeito, a pessoa humana, ela mesma tem direitos. Então é preciso explicar isto, e é por esta razão que critico a teoria da história da produção do lazer, que o confunde com tempo liberado. Porque ela não dá explicação para estes fatos. É preciso inventar alguma coisa para compreender o que se passou, para explicar porque a maior parte do tempo liberado se transformou em tempo de lazer. Eu acredito que uma explicação se impõe. É que o lazer não é somente um produto do progresso da produtividade econômica e da reivindicação social para que este tempo liberado seja repartido de modo justo. Acontece que durante o mesmo período assitimos, nas sociedades urbanas industriais a uma regressão dos controles institucionais sobre o indivíduo. Houve um movimento de laicização que limitou o controle religioso sobre o tempo livre. Houve um movimento de regressão da tutela da família sobre o tempo livre do homem, da mulher, dos adolescentes, das crianças. Houve reivindicação de uma autogestão de uma parte deste tempo liberado, por si mesmo e para si mesmo, com o que se gosta, dentro ou fora da família. Na política, houve, durante o mesmo tempo, resistência e depois luta contra uma concepção totalitária da política, que governaria a vida privada, com alternativas de sucessos e de fracassos. Na Europa, por exemplo, os trabalhadores alemães e italianos viveram e sofreram durante certo tempo esta organização totalitária do lazer, pela política através da "Força pelo Prazer" (Krast durcht Freude). (Dumazedier, 1975, p. 24)

d) uma dinâmica cultural da produção do lazer na qual se evidencia uma mudança de valores "que entram em conflito com antigos valores em categorias cada vez mais vastas de população" (Dumazedier, 1975, p.25).

"Existe uma espécie de reivindicação social da pessoa, a fim de exprimir suas tendências profundas, que eram reprimidas no período anterior." (Dumazedier, 1975, p. 25)

Ele observa estas dinâmicas ocorrendo em três momentos históricos de conquista dos direitos humanos: na Renascença, com o direito de escolher o Deus de culto; no momento em que aparece a república, o "sufrágio universal", a conquista dos direitos políticos; e no momento em que os trabalhadores conquistam a escolha livre do trabalho.

Dumazedier conclui sua argumentação sobre os fundamentos históricos do lazer e as perspectivas para as quais apontam, dizendo:

"(...) tudo se passa como se hoje em dia a pessoa reivindicasse o direito à autogestão do tempo liberado chamado lazer. Um tempo que não é feito para produzir, que não é feito para exercer obrigações familiares, nem para os engajamentos espirituais, nem para os engajamentos políticos, mas que assim que todas essas obrigações são assumidas é reservado a própria expressão do indivíduo como indivíduo. **À expressão, à criação da pessoa pela pessoa, com a ajuda que ela escolher, naturalmente, no limite do condicionamento social da sociedade. É o que chamo uma espécie de "revolução cultural, e é o terceiro elementos dos fundamentos históricos da produção do lazer, fundamento econômico-sócio-cultural.**" (Dumazedier, 1975, p.26)

É importante registrar o modo como a discussão, é conduzida por Dumazedier, por duas razões que orientam implicitamente a análise dos textos realizada por mim: **primeiro**, porque a teoria do lazer no Brasil estabelece-se sobretudo a partir do discurso de Dumazedier - seja para confirmá-lo pelo engajamento, adaptação e complementação de suas ideias seja para negá-lo, estabelecendo posições contrárias sobre o discurso; **segundo**, porque o discurso de Dumazedier expressa claramente um embate histórico que o autor esforça-se por apagar, colocando o lazer no lugar da reivindicação universal.

Debatem as posições de Dumazedier, Oliveira (1986), Faleiros (1990), Cunha (1987) e Valle (1988). Quais as bases deste debate? Suas bases estão fundamentalmente na crítica à duas perspectivas chaves dos estudos de Dumazedier: a possibilidade progressiva de liberação dos trabalhadores pela maquinaria e a pesquisa empírica como base para a fundação de uma "Sociologia Empírica do Lazer".

Esta crítica traz como consequência, a revisão do conceito de tempo liberado em quase todos os autores que discutem o tema no Brasil e a revisão do sentido histórico posto no lazer.

A revisão dos sentidos do lazer propostos por Dumazedier e seus seguidores, feita pelos autores já citados que os criticam, caminha entre:

a) sua absoluta negação como possibilidade de expressão dos indivíduos, visto ser o lazer uma fragmentação do homem trabalhador que não dá conta de resolver o problema do estranhamento posto no trabalho (Newton Cunha é um exemplo deste posicionamento, aproximando-se dele, também, Faleiros);

b) sua consideração como um sinal dos tempos, uma forma de expressão e resistência dos trabalhadores e como um campo privilegiado para a vivência de "valores" questionadores e transformadores da sociedade (Marcellino, Oliveira e Valle).

Um referencial clássico que oferece elementos para a observação e compreensão do debate sobre a possibilidade de liberação do trabalhador pela maquinaria pode ser visto no cruzamento do texto de Lafargue (1977) "O direito à preguiça" com o XIII capítulo de "O capital" (Marx, 1989, p. 423)⁶⁶.

Neste debate, onde Lafargue verifica uma paixão dos trabalhadores pelo trabalho opressor, Marx demonstra o peso da história determinando estas posições; onde Lafargue advoga a liberação do trabalhador pela máquina, Marx demonstra a progressiva evolução da maquinaria que culmina com a Revolução Industrial a utilização da maquinaria pelo capitalista para conseguir a produção de mais valia

⁶⁶ - O texto "K. Marx: Crítica a Proudhon", uma carta a P. V. Annenkow, publicado em "Marx e Engels : história" (Fernandes, 1989, p. 431), oferece elementos para que entendamos que este debate está colocado de maneira mais aguçada entre Marx e Proudhon.

sobre o trabalho explorado. Ambos os textos lutam contra o trabalho estranhado, embora percebam e problematizem diferentemente sua origem e as possibilidades de sua transformação.

É a incorporação deste debate, por Faleiros (1980), Oliveira (1986), Cunha (1987) e Valle (1988) que faz com que, timidamente⁶⁷, no Brasil da década de 80, comece a apontar uma crítica "marxista" às posições de Dumazedier. Obsevemos o desenvolvimento deste debate em Oliveira e Faleiros.

Como já indicamos, Oliveira (1986), no texto "tempo livre, trabalho e lutas sociais" discute as "versões do pensamento liberal" ("exaltação do trabalho disciplinado"; a "ode aos progressos da automação" e os "anacronismos da modernização") entendendo estarem estas versões entre os "discursos do trabalho que silenciam o não trabalho", impedindo uma discussão mais apropriada da temática do lazer.

Identificando a lógica que organiza estas versões, começa seu "questionamento" das "premissas" em que se fundam estes discursos, fornecendo elementos sobre as condições de trabalho no Brasil. Sua argumentação sobre as condições de trabalho e as possibilidades de liberação do trabalhador pela industrialização, diz:

"(...) O censo de 80 mostrou que, da população economicamente ativa (PEA), estimada então em 44 milhões de pessoas, mais de um terço (ou seja, cerca de 12,5 milhões de pessoas) trabalhava mais de 48 horas por semana (...)

Como falar, então, que a industrialização teria aumentado o tempo livre? As máquinas, as conquistas tecnológicas e os métodos gerenciados aplicados ao trabalho interferiram, antes de tudo, na potenciação da força de trabalho. Com a máquina, os trabalhadores passaram a produzir mais riquezas em tempos cada vez menores, reduzindo a quantidade de trabalho necessário à sua remuneração e aumentando a quantidade de trabalho excedente, cuja riqueza é apropriada pelo empresário capitalista. Além, disso, a introdução da maquinaria na produção permitiu ao capitalista dispensar trabalhadores ou substituí-los por outros menos qualificados. "Daí", mostrou Marx, "esse estranho fenômeno da indústria moderna: a máquina põe abaixo todos os limites morais e naturais da jornada de

⁶⁷ - Posso observar, pelas datas das publicações, que este debate ocorre de maneira mais significativa na década de 80.

trabalho. Daí o paradoxo econômico que torna o mais poderoso meio de encurtar o tempo de trabalho no meio mais infalível de transformar todo o tempo da vida do trabalhador e de sua família em tempo de trabalho de que pode lançar mão o capital para expandir seu valor"(Oliveira, 1986, p.10)⁶⁸.

Faleiros, por sua vez, procurando perceber a dinâmica que gera as atividades de lazer, após estudar os textos de Dumazedier afirma que ele "não consegue apanhar a dinâmica social que permite estas manifestações". Opta, então, por estudar a proposição marxiana sobre a forma do trabalho no modo capitalista de produção, a ênfase na produção de mais valia que caracteriza este modo de produção de objetos e a forma como as atividades praticadas no "tempo liberado" das atividades de trabalho adquirem aí o caráter de mercadorias (Faleiros, 1980)⁶⁹.

Neste percurso, acaba por discutir a ideia de "tempo liberado". Verificando que o tempo chamado "liberado" retém "o consumo e a produção", uma vez que consome o tempo e os objetos produzidos como mercadorias no tempo de trabalho, que já foram pagos no processo de produção (Faleiros, 1980, p.62), afirma ser neste contexto e "somente nesse contexto" que "podemos construir uma explicação suficiente para a problemática atual do lazer, enquanto determinadas atividades que se desenvolvem num tempo que, além de ser em si mesmo uma mercadoria, é veículo para circulação de outras mercadorias" (Faleiros, 1980, p.63).

"Independente do tipo de articulação social produzido pelo grupo, as necessidades humanas perdem o seu caráter orgânico e natural para adquirirem um caráter histórico e social. Mas só com o capitalismo é que as diversas necessidades passaram a ser satisfeitas através de mercadorias. E no caso específico das atividades que são caracterizadas como lazer, todas elas, sem exceção, passaram a reproduzir esse processo mais amplo." (Faleiros, 1967, p. 63)

Evidencia-se o esforço da autora de analisar a dinâmica que gera as atividades de lazer, primeiro como objeto necessário, depois como objeto do desejo, e a seguir a produção da institucionalização do lazer como mais uma mercadoria de consumo.

⁶⁸ - P. de S. OLIVEIRA, "Tempo livre, trabalho e lutas sociais." pág. 10. Neste trecho Oliveira faz referência à explicação de Marx sobre o desenvolvimento da maquinaria e as consequências imediatas da produção mecanizada sobre o trabalhador, no texto "A Maquinaria e a Indústria Moderna", capítulo XIII de "O Capital - crítica da economia política", "Livro I - O processo de produção do capital", Volume I.

⁶⁹ - Para um melhor entendimento da argumentação da autora ver M. I. L. Faleiros, Repensando o lazer. Perspectivas, n. 3, 1980.

Até agora vimos acompanhando a forma como o discurso localiza a origem do lazer. Observamos a origem do lazer em Camargo como uma sinalização do esforço de reapropriação do "*homo ludens*", esmagado durante o período da Revolução Industrial pela ânsia da produtividade.

Em Dumazedier, a origem do lazer é vista como uma consequência da maior produção de riqueza, gerando a possibilidade de redução da necessidade de trabalho, gerando por sua vez mais tempo liberado do trabalho pela maquinaria e daí a necessidade de ocupação do tempo livre com atividades de lazer.

Debatem com estas duas posições, Oliveira (1986) e Faleiros (1980). Pegamos em Oliveira os argumentos sobre a impossibilidade de a maquinaria estar liberando o trabalhador do trabalho - negando a ode aos progressos da automação; em Faleiros, observamos a dinâmica que gera o lazer como uma atividade de consumo, como mais uma mercadoria produzida no seio do capitalismo, que já foi paga pelo trabalhador no tempo de trabalho. Faz esta afirmação com base no cálculo do valor da força de trabalho, produzido por Marx, que prevê o retorno do trabalhador ao local de trabalho no dia seguinte.

Faremos a seguir uma estudo sobre as diferentes percepções dos autores sobre a relação "lazer/trabalho".

4.2 Como o discurso localiza a relação lazer/trabalho:

Camargo (1993) é muito claro ao dizer:

"O tempo de trabalho é de Prometeu, da obrigação. O tempo de lazer é o tempo de Narciso." (Camargo, 1993, p.7)

Operando a distinção entre trabalho e lazer, o primeiro como obrigação e segundo como contemplação de si mesmo, não está colocada para o autor a preocupação com a compensação, ou a alienação, ou ainda a impossibilidade de contemplação pelo estranhamento que ocorre no processo de trabalho.

O problema, em seu entendimento, está em aprender a conviver com esta divisão e saber separar e esquecer o trabalho do/no lazer, livrando-se do vício que o

caracteriza. Neste caso, a relação entre lazer trabalho é uma relação dispensável da qual não nos livramos pela inculcação histórica do impulso para o trabalho

Entretanto, para outros autores, a relação lazer/trabalho é, principalmente, considerada a partir de uma "unidade particular" (Faleiros, 1980) entre estas esferas da vida humana, onde a falta de realização em um vai, invariavelmente, aparecer expressa no outro.

Marcellino, em "Pedagogia da animação" (1990, p. 29), discutindo o que nomeia "a busca da possibilidade ausente" a fim de estabelecer "alguns sinais para uma proposta utópica de educação: o lazer como espaço para o lúdico" posiciona-se sobre as origens do lazer, dentro dos marcos que já indicamos, dizendo:

"Embora não exista um consenso entre os vários autores que se dedicam ao estudo do assunto, pelo menos a maioria deles concorda, que é justamente esse período do início da consolidação da industrialização / urbanização, que marca, com contornos bastante nítidos, os campos das obrigações sociais, notadamente as profissionais - o trabalho - e do lazer (Marcellino 1983, 20-21). A partir dessa ruptura trabalho/lazer (Mills 1969, 253-256), verifica-se **uma variação no entendimento do significado os elemento lúdico da cultura nas sociedades urbano-industriais, que tem provocado muita polêmica entre os estudiosos do tema.**" (Marcellino, 1990, p.30)

No seu entendimento, "a base de toda essa polêmica (...) parece estar na valorização unilateral das diversas esferas de atuação humana":

"Na maioria das vezes, dá-se o confronto de posturas baseadas nas potencialidades do trabalho, sobretudo derivadas de uma interpretação "marxista" (Marcellino, 1983, 23; 1983, 23-24), ou do lazer, marcadas por um modelo "funcionalista" (Marcellino 1983, 26-29; 1987, 35-40). E há ainda os que distinguem sinais característicos de uma futura "civilização do lazer", que já estaria em gestação (Dumazedier 1973, *passim*; 1977, 43-52). Creio que essas posturas baseiam-se em possibilidades abertas de uma perspectiva ideal, e desse prisma deve-se considerar que as mesmas potencialidades que se oferecem ao trabalho, também poderão ser verificadas no lazer, entendidos ambos como campos de ação humana que busca satisfazer "necessidades". Assim, a análise em separado do dois campos em si mesmos, e desvinculados de contexto social mais amplo, não pode ultrapassar o nível das possibilidades isoladas." (Marcellino, 1990, p. 30-31)

Frente ao conflito colocado, Marcellino posiciona-se dizendo não concordar com o isolamento destas duas esferas "tendo em vista suas relações interdependentes como esferas de atuação humana" (Marcellino, 1990, p. 30-31). No seu entendimento, os limites desta divisão apresentam-se "tênués" diante da evidência de atividades que ocorrem em um mesmo momento como lazer para o praticante e como trabalho para aquele que oferece o serviço.

Questionando também a possibilidade de uma "civilização do lazer", entendendo-a como um exercício de "futurologia", encaminha uma posição dizendo:

"Prefiro colocar a questão a partir do aqui e agora; a partir de como o trabalho e o lazer são vivenciados" (Marcellino, 1987)⁷⁰.

A principal crítica feita por este autor às visões "marxistas" do trabalho, refere-se ao que chama de "mitificação do trabalho" que entende gerar "quase sempre, uma atitude de desconhecimento de outras dimensões do humano, sobretudo as possibilidades pela vivência do tempo de lazer" (Marcellino, 1987). Explicando que:

"Essa mitificação do trabalho, na sua identificação com a essência humana, longe de poder ser questionada apenas com idéias, parece estar progressivamente, sendo contestada pela realidade empiricamente observada. A os progressos e riscos dos avanços tecnológicos são tomados os da automação. Pode-se argumentar que essa realidade é própria de países de características bem distantes das nossas. Mas, a rapidez na difusão da automação faz pensar que esses elementos não estão assim tão distantes quanto possa parecer." (Marcellino, 1987, p.22)

Passa a discutir e aprofundar esta visão "mitificadora do trabalho", tomando as discussões de diversos autores para argumentar no sentido de comprovar, referenciando-se em Bosi e Riesman, que a alienação posta no trabalho vai estar presente também no lazer seja na forma da evasão ou da compensação.

Indica outra corrente de pensadores em que "a observação do lazer concreto, tal como se manifesta notadamente nas sociedades contemporâneas mais desenvolvidas, marcado, tanto quanto o trabalho, pela alienação e por conceitos de produtividade, faz com que alguns autores critiquem as duas esferas da atividade

⁷⁰ - Em nota de rodapé, acrescenta: "O 'aqui e agora' são colocados como pontos de referência, a partir dos quais a análise é efetuada, mas sem ficar restrita a eles.

humana". Citando como exemplos Marcuse (teórico crítico) e Edmir Perrotti, posiciona-se:

"De fato, a observação da prática de lazer na sociedade moderna é marcada por fortes componentes de produtividade. Valoriza-se a "performance", o produto e não o processo de vivência que lhe dá origem; estimula-se a prática compulsória de atividades denotadoras de moda ou "status". Além disso, o caráter social requerido pela produtividade, confirma e adia o prazer para depois do expediente, fins de semana, períodos de férias, ou, mais drasticamente, para a aposentadoria. No entanto, isso não nos permite ignorar a ocorrência histórica do lazer, inclusive como conquista da classe trabalhadora." (Marcellino, 1987, p. 28)

Oliveira (1986), justificando o esforço de investigar "porque os discursos acerca do trabalho silenciam o não-trabalho", diz:

"Não se trata de buscar compensar a predominância de estudos referidos ao trabalho propondo uma eventual multiplicação de estudos relativos ao lazer, e sim de procurar um entendimento da totalidade das relações sociais, nas quais o trabalho ocupa posição fundamental, mas sem excluir uma compreensão articulada com as dimensões do não-trabalho". (Oliveira, 1986, p.7)

Sua preocupação com estes aspectos do discurso se dá por verificar que:

"A produção em Ciências Sociais no Brasil tem mostrado uma preocupação acentuada com as condições de vida dos trabalhadores na fábrica, no campo, na escola, na rua, etc. Esses estudos, não obstante múltiplos e diferenciados, na maioria das vezes apresentam interpretações vinculadas estritamente às relações de trabalho. Não resta dúvida de que o trabalho é uma atividade essencial na compreensão da vida social. Contudo, se, invariavelmente, as condições de trabalho são opressivas, que dizer do não-trabalho? Magnani, em obra recente, apontou a necessidade de investigar também o que é feito do tempo disponível aos trabalhadores quando **não** estão trabalhando nas fábricas, na roça, nos estudos, nas tarefas domésticas, nos biscates, etc." (Oliveira, 1986, p.7)

No entendimento de Oliveira, a "totalidade das relações sociais" que envolve a questão do lazer, está marcada por condições de trabalho inóspitas que negam as condenações postas nos discursos:

a) de "exaltação do trabalho disciplinado", insinuando uma falta de "vontade" de trabalhar no brasileiro;

b) a "ode aos progressos da automação" apontando a situação de opressão em que vivem os trabalhadores no local de trabalho e fora dele (usando indicadores como taxas de desemprego, índices salariais, dados sobre os acidentes de trabalho nas fábricas, e dados sobre as condições de aposentadoria dos brasileiros);

c) sobre "os anacronismos da modernização", que pregam que se trata apenas de uma "vontade política" fazer com que as "anomalias" - do desemprego e das péssimas condições de trabalho - herdadas pela incompetência administrativa sejam corrigidas⁷¹.

Quanto a este último posicionamento, o autor responde:

"Isto tudo, efetivamente, não resulta apenas da falta de vontade política dos donos do poder, dado que o Estado não é inocente. É composto por representantes diretos ou indiretos dos interesse empresariais. Se não há, é certo, um consórcio único, orquestrado e coerente, entre Estado e empresas, o fato é que, nas questões essenciais, ou seja, naquelas em que o espaço de poder é posto em causa, as disputas se não são eliminadas de todo, pelo menos, são contornadas." (Oliveira, 1986, p.29)

Newton **Cunha** apresenta uma visão muito aproximada das posições de Marcuse e Perrotti, descritas por Marcellino (1987, p.27). Sua visão da relação trabalho/lazer descrita em "A felicidade imaginada" no item "A realidade do trabalho e do lazer" esta posta na reflexão da divisão social do tempo, onde identifica um "tempo de trabalho" ou "tempo produtivo" e um "tempo não-produtivo"⁷².

O tempo não-produtivo é visto por Cunha (1987) como um "resultado das "forças produtivas" (Cunha, 1987, p.12)⁷³, da "forma da sociedade"⁷⁴, do "grau de

⁷¹ - É interessante verificar que a crítica feita pelo autor neste último item é especialmente dirigida ao sociólogo Fernando Henrique Cardoso, por ocasião de sua "Palestra inaugural" pronunciada no "Encontro Internacional de Pesquisadores em lazer: Atualidade e Perspectivas", São Paulo, SESC, 19/05/86, sob o título "Significado do tempo livre na realidade brasileira".

Não vai ser novidade lembrar que este é o atual presidente do Brasil. Entretanto é também muito interessante verificar as críticas que vêm sendo feitas ao Presidente e à política neo-liberal que vem implantando no Brasil. Para acompanhar este debate, ver "Isto é", na seção "Entrevista", os depoimentos de Veríssimo e D. Morelle.

⁷² - "em que os indivíduos não exercem esforços economicamente produtivos"

⁷³ - "instrumentos, máquinas e técnicas utilizadas".

⁷⁴ - Idem, "tribal, escravagista, feudal, capitalista, socialista".

organização e de autonomia ou poder daqueles que produzem ou mantêm a vida diária, ou seja, dos trabalhadores" (Cunha, 1987, p.12)⁷⁵.

Explica seu entendimento do tempo não-produtivo, dizendo:

"(...) estamos fixando como produtivo, aquele tempo obrigatório em que se criam ou se conservam riquezas materiais potencialmente apropriáveis por toda a sociedade. Claro? Nem tanto. Acontece que o tempo não produtivo (residual, complementar) adquire, também para a sociedade, um valor ou uma função produtiva. Por quê? Porque ele recupera as nossas forças (nos permite descansar ou divertir) e nos dá condições de consumir (comer, viajar, comprar). Dito de maneira mais acadêmica, o tempo de não-produtivo ainda conserva um valor socialmente produtivo, pois resgata as condições mínimas de retorno da força viva de trabalho e libera os indivíduos para o consumo. Ora, sendo o consumo um dos momentos inevitáveis do circuito econômico (produzir, distribuir, trocar, consumir), então o tempo não-produtivo converte-se em tempo indispensável à produção. É a sua finalidade e ponto de partida. Tudo ao mesmo tempo." (Cunha, 1987, p.13)

O autor em questão comenta a discussão de Baudrillard em "*La Société de Consommation*" para sustentar sua teoria sobre o tempo produtivo, passando, em seguida, a fazer a distinção entre "tempo produtivo" e "trabalho produtivo":

"Como último esclarecimento referente ainda ao tempo produtivo, é bom lembrar que ele não se confunde com o conceito de trabalho produtivo. Nas sociedades capitalistas, o trabalho produtivo é aquele que permite a acumulação de capital através da mais-valia, em que há uma maior ou menor diferença de valor de troca da mercadoria e os valores pagos aos trabalhos que a produziram. É porque cria a mais valia que o trabalhador se torna produtivo. Desvinculada, portanto, do modo de produção que lhe deu origem, essa noção não possui o mesmo significado. Logo, quando utilizamos a idéia de tempo produtivo, nós englobamos tanto o trabalho produtivo como o trabalho de simples troca econômica (serviço doméstico, por exemplo), que nada acrescenta ao produto social que se acumula" (Cunha, 1987, p.15).

Expostas as bases onde estrutura sua discussão da relação trabalho lazer, acrescenta que o "tempo residual" é um tempo que "se subtrai do tempo produtivo", explicando:

⁷⁵ - "As forças produtivas e as relações sociais de produção não implicam um automático e contínuo declínio do tempo de trabalho. Elas são condições básicas, indispensáveis, mas não as determinantes. A luta política efetivada no interior das relações sociais é que constitui o estopim do recuo do tempo em outra coisa qualitativamente diferente, não "produtiva".

"Ele é residual justamente pelo fato de o tempo produtivo ser o principal e determinante das sociedades atuais. Existe em função e como decorrência do tempo produtivo, porque este tem mais valor econômico e social; porque o tempo produtivo cria ou reproduz as condições materiais de existência. E aqui não importa muito a grandeza do tempo produtivo. Comparando-se ambos, verifica-se que o tempo residual pode, muitas vezes, ultrapassar em extensão o tempo produtivo. Mas o tempo residual, não-produtivo, se distribui em torno do tempo produtivo como se fosse o núcleo de uma molécula, pois, de fato, corresponde ao centro de nosso sistema vital." (Cunha, 1987, p.15)

Afirmando ainda que:

"Pela natureza dos tempos até aqui assinalados, percebe-se que a vida social se desenrola através de tempos distintos, embora intimamente ligados e interdependentes. São distintos quanto à natureza da ação, quanto aos fatores que condicionam o nosso agir e quanto aos valores dominantes na sociedade. Mas, principalmente - e isto é o que queremos ressaltar - são diferentes pelas relações que os indivíduos mantêm entre si e com os objetos. Isso quer dizer que, nesses tempos, o sujeito objetiva-se de forma diferente" (Cunha, 1987, p. 16).

O autor descreve ainda o seu entendimento do processo de "estranhamento" posto no tempo de trabalho, dizendo:

"Assim acontece porque o tempo produtivo, o tempo socialmente necessário a produção, é imposto e coercitivo. Somos nós que nos adaptamos e ele e às suas finalidades. Logo, as relações dos sujeitos produzem objetivações desviadas e limitadas. Imperiosas e estranhas. Ou - em linguagem filosófica - alienadas e alienantes." (Cunha, 1987, p. 16)⁷⁶

Entretanto, como Dumazedier, Cunha não diferencia a forma de organização do processo de trabalho no modo socialista de produção e no modo capitalista, embora ressalte as diferenças ideológicas aí existentes. Cita os esforços de Lênin para "difundir e empregar os métodos de Taylor no processo de trabalho das indústrias soviéticas como instrumento de produtividade e de superação dos países capitalistas avançados" (Cunha, 1987, p.17), para acentuar que "são muito semelhantes o caráter

⁷⁶ - A caracterização do processo abordado por Cunha neste trecho pode ser melhor verificada na leitura de "Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana", manuscrito de Marx, traduzido por Florestan Fernandes e publicado em "Marx e Engels : História", Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1989.

coercitivo e as limitações da objetivação individual em ambos os modos de produção".

Partindo então para situar o tempo de lazer neste contexto que descreve, diz:

"Dependendo finalmente das conquistas políticas e do grau de organização e contrapoder das classes produtivas e trabalhadoras, haverá ainda um terceiro tempo, no qual as imposições do trabalho e as necessidades sociais e físicas do tempo residual passarão a exercer efeitos atenuados. É aquele período durante o qual o controle do produto e do excedente social não precisará ser rigidamente cumprido, já que as funções precípuas do trabalho, do consumo, do descanso ou da alimentação já se encontram realizadas, quer dizer, momentaneamente satisfeitas. Esse terceiro tempo representa assim um novo resíduo de vida social. É aqui que se iniciam o tempo e as atividades de lazer." (Cunha, 1987, p. 18)

Como sinal distintivo do tempo de lazer, Marcellino, Dumazedier, Camargo e Cunha, colocam a "flexibilidade de escolha e engajamento que o sujeito possui relativamente à atividade e à sua objetivação" (Cunha, 1987, p.19). Entretanto, Newton Cunha opera uma distinção fundamental para o lazer na argumentação que elabora. Como Faleiros e Oliveira, Cunha discute a noção de tempo livre localizando o lazer como "categoria interna da economia política, sendo gerado e apropriado em decorrência das mesmas relações sociais" (1987, p.18-24).

Incorporando os elementos básicos com que concorda na fala de Marcuse, acentua no entanto o que chama de consequência de um "pessimismo ranheta", do autor, que faz com evidencie e reforce que "sob o domínio do princípio de desempenho o corpo e a mente passam a ser instrumentos de trabalho alienado"⁷⁷.

O lazer, na concepção de Cunha, não poderia satisfazer o princípio do prazer, que é intemporal, sendo impossível que o homem se sinta pleno vivenciando sua parcialidade fragmentada materializada na própria divisão do tempo.

O autor conclui, então, que:

"... o "tempo livre" (o lazer) ainda permanece como momento negativo, isto é, como período contraposto ao tempo de trabalho. e por representar ainda uma espécie de radiação deste, vê-se condicionado a várias

⁷⁷ - Trecho de Marcuse citado por Cunha em A Felicidade Imaginada.

circunstâncias. No plano das idéias é uma categoria que não se afirma como substrato, como essência. A sua liberdade é derivada do tempo produtivo; a sua flexibilidade (nas relações dos sujeitos com os objetos) é dependente das relações sociais de produção. Ainda hoje, a qualidade do tempo livre não consegue romper a função de meio compensatório de forças sociais e econômicas que lhe são subjacentes." (Cunha, 1987)⁷⁸

Cunha cita Dumazedier, Friedman e Pridenskij para exemplificar seu entendimento de que, nas discussões conduzidas nos "textos contemporâneos", o "lazer é sempre encarado como um fenômeno compensador ou oposto à atividade produtiva e de troca. Como antítese ou secreção do trabalho". Resume o trabalho dos autores citados dizendo:

"Os autores aqui citados buscam os fundamentos e o conceito do lazer em um tempo fora do trabalho, no espaço não-produtivo, em um tempo aparentemente "livre", bem organizado, racionalmente empregado.

Compreendido dessa forma, o lazer não existe como essência, como substância. E, na verdade, para ele jamais se poderá reivindicar um estatuto dessa natureza. Enquanto o modo humano de existência permanecer submetido a parcelas de tempo, aos conflitos entre a objetivação alienada e a auto afirmação, entre a apropriação fragmentada (ou inapropriação) do ato criativo e a apropriação global da produção social, entre a necessidade imediata e a liberdade, entre o indivíduo e a sociedade, o homem continuará também exteriorizando apenas parcelas de seus sentimentos, desejos e qualidades." (Cunha, 1987, p. 23)

Isto se coloca de tal modo em sua argumentação que permite que conclua, baseando-se em Charlotte Busch:

"Sendo uma ação negativa, em face da compulsão de outras necessidades, o lazer, como o próprio trabalho, não consegue afirmar-se como autodeterminação do homem." (Cunha, 1987, p. 37)

É sobre estas bases que Newton Cunha sustenta a negação do trabalho e do lazer e sugere que seja buscada na história uma outra forma, ainda silenciada pelo apelo à produtividade, de possibilidade de realização humana.

⁷⁸ - Estranhamente, este é o único autor que ousa fazer estas afirmações com tamanha profundidade. Falleiros chega muito próxima desta constatação.

4.3 As justificativas históricas para o estudo, o planejamento e a intervenção na área do lazer:

Mesmo constatando a unidade particular entre lazer e trabalho, estes autores, excetuando Cunha e Faleiros, procuram demonstrar o significado subjetivo do lazer como expressão da resistência dos trabalhadores frente a exploração, a alienação e o estranhamento do processo de trabalho.

Há um terceiro esforço de sustentação do lazer, além do argumento da origem histórica e da unidade significativa entre trabalho e lazer e este argumento esta nos "valores questionadores" que podem aflorar e ser desenvolvidos no tempo destinado ao lazer.

Afirmando o lazer como um "fenômeno gerado historicamente" onde são gerados "valores questionadores da sociedade" e onde a "estrutura social vigente" exerce suas influências Marcellino entende que

"...a admissão de importância do lazer, significa considerá-lo como um tempo privilegiado para a **vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural.**

Mudanças necessárias para a implantação de uma nova ordem social." (Marcellino, 1987i)

Os "valores" que podem contribuir "para mudanças de ordem moral e cultural" na "ordem social" são apontados em "Pedagogia da Animação" (Marcellino, 1990, p.45):

"É importante frisar, mais uma vez, que a consideração da relação entre a manifestação do componente lúdico da cultura, no lazer, e a educação, transcende a aquisição de informações, vai além dos conteúdos culturais. Não se trata, pois, da consideração de um instrumento leve e eficaz para facilitar o processo de aprendizagem, para a adequação conformista de indivíduos a uma inquestionável sociedade estabelecida. Longe disso, é uma questão de participação cultural - usufruir e criar cultura.

Entendo por verdadeira participação cultural a atividade não conformista, mas crítica e criativa de sujeitos historicamente situados. Assim, a vivência do lúdico precisa ser considerada também na sua contribuição para que os níveis culturais conformistas sejam superados e que a prática de atividades de lazer se transforme em participação efetiva. Entendo, ainda, a participação cultural como uma das bases para a renovação democrática e

humanista da cultura e da sociedade na perspectiva gramsciana (Marcellino [27]: 33-46), tendo em vista, não só a instauração de uma nova ordem social, mas de uma nova cultura, iniciada pela necessária reforma intelectual e moral. Isso não significa o isolamento do plano cultural, do social e do econômico, mas tão-somente, que não cabe justificar o imobilismo pela existência de uma ordem social adversa. Pelo contrário, essa situação aumenta a responsabilidade de atuação na vida cultural, procurando um vínculo orgânico com o povo, buscando sua participação cultural efetiva." (Marcellino, 1990, p. 45-46)

Na conclusão do texto "Gramsci e a Revolução Cultural" citado no trecho acima, Marcellino coloca o lugar, fundamentado em Gramsci, em que percebe possibilidades de transformação da "ordem social vigente":

"Movimento intencional, a Revolução Cultural exige disciplina e organização, mas, nem por isso é imposta, e nem teria condições para sê-lo. Ao mesmo tempo que Gramsci reconhece a importância da reforma moral e intelectual, ou seja, a modificação na consciência do homem, para que qualquer mudança histórica significativa possa acontecer, não ignora que esse processo depende de uma série de circunstâncias históricas. O movimento é desencadeado junto ao "simples", com eles, a partir de sua vivência, e os intelectuais organicamente ligados ao processo, para desempenharem seu papel pedagógico precisam mergulhar - na feliz expressão de Gramsci - no "húmus" da cultura popular, expressão essa que caracteriza a grande contradição: é o próprio produto decomposto das bases populares - o folclore -, amalgamado com detritos da ideologia dominante e com os restos da cultura erudita, que constitui a fonte geradora, de onde deverá germinar a Revolução Cultural.

Essa Revolução comporta, assim, duas fases relacionadas: a destruição e a construção, sendo que Gramsci privilegia o segundo aspecto. Com relação à arte em especial a questão é sobremaneira controversa e imprevisível, pois uma arte nova deverá nascer do novo tipo de relações entre homem e realidade. A imprevisibilidade da nova cultura enquanto produto gerado numa nova ordem social, não se restringe à arte, mas a toda produção cultural (...). Dessa forma, a reforma moral e intelectual não se basta, mas somente se justifica, se considerada como elemento de preparação para mudanças, concomitantes ou posteriores, na frente econômica e na frente política.

(...)

A Revolução cultural proposta por Gramsci, o distingue como teórico das possibilidades e estrategista dos meios pelos quais, mesmo numa situação adversa, onde impera a exploração, um movimento revolucionário pode se preparar e ganhar corpo; e isto não seria possível sem o destaque que é dado ao aspecto cultural das relações sociais, na sua contribuição para as mudanças históricas. Aos educadores, situados dentro ou fora da instituição

escolar - jornalistas, artistas, animadores culturais etc. - compete, longe do imobilismo justificado pela existência de uma ordem social adversa, contribuir, interagindo na vida cultural e política, procurando construir um vínculo orgânico com o povo, na busca da renovação democrática e humanista - no conceito gramsciano - da cultura e da sociedade."⁷⁹

Os objetivos de Gramsci na elaboração de uma "política cultural" visando a "Revolução Cultural" apontados por Marcellino no texto citado, "situam-se":

"(...) em duas frentes interligadas: uma de derrubada da ideologia dominante, e outra de reconstrução. Em síntese, o que se busca em ambas as frentes é a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade, tendo em vista uma sociedade que obedeça, como observam Coutinho e Konder, não só uma economia planificada e socializada, mas uma nova cultura, uma comunidade humana real e autêntica. Para tanto é necessário uma reforma intelectual e moral, ou, em outras palavras, uma Revolução Cultural."⁸⁰

Nesse contexto o lazer é entendido como um "sinal de utopia", e como um espaço privilegiado para a vivência do "componente lúdico da cultura" e para o "questionamento dos valores e da moral vigentes". Sob uma "política cultural" fundada sobre princípios críticos e criativos, poderá ser um meio e o lugar de lançar as bases da "nova sociedade".

Por sua vez, Oliveira (1986) demonstra que há uma unanimidade em afirmar o lazer como uma necessidade histórica voltada para o "reequilíbrio psico-social", mas que esta unanimidade cai por terra quando os trabalhadores usam este mesmo tempo para demonstrar as diferenças sociais no seu aproveitamento, e para lutar e reivindicar direitos iguais. É com este argumento básico que o autor defende a necessidade de estudos que busquem investigar o lazer frente aos estudos sobre a esfera do trabalho que silenciam as sérias questões colocadas neste tema de investigação.

Camargo identifica no lazer a possibilidade de evadir-se e de contemplar-se. E este é um valor suficiente da atividade para o autor.

⁷⁹ - N. C. MARCELLINO, "Gramsci e a revolução cultural", *Reflexão*, n.35, p. 33 a 45.

⁸⁰ - Idem, *ibidem*, p. 34

Valle, como Oliveira (1986) e Marcellino⁸¹, afirma a existência de uma unidade entre lazer e trabalho. A autora identifica a existência de uma lógica própria no lazer, que faz com que, principalmente no caso da sociedade brasileira onde predomina a dominância das necessidades de sobrevivência, as atividades de lazer aconteçam diante de e apesar destas mesmas necessidades, instalando-se como ação resistente. Neste sentido, propõe como uma importante justificativa para os "estudos do lazer" o fato de estarem presentes, também no lazer, as formas da resistência.

É por este motivo que Oliveira, Valle e Marcellino, entre outros autores, reafirmam a necessidade de "estudos sobre o lazer", contextualizados na forma da organização sócio-econômica, que estejam preocupados com a prática social mesma desta atividade.

Desta forma a justificativa para o lazer entre estes autores vai estar organizada em torno da ideia de um valor psíquico sócio-histórico nas atividades praticadas no tempo de lazer que superam o limite concreto de sua característica de mais uma mercadoria produzida para o consumo.

5. Repetições e diferenças de sentido no jogo do discurso teórico sobre o lazer: pistas para a ordem do discurso.

O discurso do lazer organiza-se a **partir da problemática da relação estabelecida entre lazer e trabalho**. Observando esta tematização, Marcellino⁸² distingue, nos estudos sobre o lazer, abordagens "indiretas" e "diretas" sobre o tema, com as seguintes características:

"A abordagem indireta do lazer pode ser verificada pelo menos em duas situações: a primeira, quando o foco principal de análise é um de seus conteúdos culturais - ou seja, ao falarem das atividades artísticas, ou das práticas físicas, por exemplo, os autores freqüentemente abordam conteúdos ou situações de lazer; a segunda, quando o foco principal de análise é marcadamente caracterizado por componentes de obrigação, como por exemplo as relações familiares, o trabalho escolar e, sobretudo, o trabalho profissional." (Marcellino, 1987h, p. 20)

⁸¹ - No conjunto de seus estudos.

⁸² - N. C. MARCELLINO, "Lazer e humanização", p. 19 a 29, "Lazer e educação", p.19-35, e "Pedagogia da animação", 23-29.

Os estudos diretos sobre o lazer caracterizam-se por tentar entender o tema a partir do próprio "lazer", fazendo-o através do estudo das definições atribuídas ao termo, dos conteúdos praticados e classificados como lazer, das diferenças de fruição do lazer entre faixas etárias e gêneros, de políticas de lazer etc.

Entretanto, dando continuidade ao trecho citado acima, o autor preocupa-se em salientar, com vistas a apontar um problema metodológico no estudo das relações estabelecidas entre "lazer" e "educação" na produção teórica sobre os temas:

"Disso decorre um primeiro problema metodológico: - a impossibilidade da distinção rígida entre o que se poderia classificar como "teórico do lazer" e "teórico da educação". Na produção intelectual, por mais que seja exigida a especialização, por mais que se pregue a sua necessidade, dividindo o conhecimento em compartimentos estanques, na realidade ela não se consubstancia de modo tão rígido, o que, longe de me levar a adotar uma posição pessimista, constitui um estímulo para a análise das relações entre os campos de investigação aqui explicitados.

Reconheço a amplitude de englobar os valores expressos sobre o lazer em todas as abordagens indiretas. Não é essa a minha intenção e nem disporia de recursos para um trabalho tão abrangente. No entanto, gostaria de registrar que a maioria dos estudos que enfocam o tema diretamente, no Brasil, quase sempre deixam de lado a primeira postura, apesar de alegarem a existência de pouca produção teórica específica." (Marcellino, 1987h, p.20)

O autor observa ainda, duas "grandes linhas na forma de entendê-lo":

"(...) a que se fundamenta na variável atitude e considera o lazer como um estilo de vida, portanto independente de um tempo determinado; e a que supõe esse tempo, situando-o como "tempo liberado" do trabalho ou como "tempo livre", não só do trabalho, mas de outras obrigações: familiares, sociais, políticas e religiosas, enfatizando a qualidade das ocupações desenvolvidas." (Marcellino, 1987h, p. 23-24)

Dessa forma, a relação entre lazer e trabalho vai estar sendo elaborada, primeiramente, em torno das categorias "tempo", "atividade" e "atitude":

a) na direção da definição da fração do tempo em que a categoria lazer vai estar situada;

b) na direção da identificação da atividade a ser considerada como "lazer", ou não lazer, ou ainda "antilazer"⁸³;

c) e na direção de definição da classificação de uma determinada atividade como sendo de "lazer" a partir do princípio da "atitude" demonstrada pelo participante.

A opção por cada uma delas vai determinar diferentemente as explicações e definições sobre o assunto.

O mais importante **desdobramento** destes entendimentos sobre o lazer, no conjunto do discurso "teórico" sobre o tema, vai estar na preocupação em identificar e definir a natureza da fração de tempo em que o lazer se localiza: "tempo livre", "tempo liberado", "tempo de recuperação para o trabalho" (Faleiros, 1980), "tempo disponível" (Marcellino, 1987h), "tempo residual" (Cunha, 1987).

Outro **desdobramento** importante destes entendimentos vai ser a identificação (ou não) de uma relação estreita entre "trabalho" e "lazer" como "unidade única" (Faleiros, 1980) ou como "oposição" (Camargo⁸⁴, 1993).

O **segundo eixo organizador do discurso do lazer** produzido pela teorização, são as discussões que marcam a preocupação com a atribuição de "valores" a esta prática social.

Neste item observamos, de forma explícita ou implícita, o esforço de identificar aquilo que caracteriza o lazer como "fenômeno", mesmo quando já estão explicadas sua relação com o modo de produção e com as necessidades imediatas. Fenômeno este que se estabelece como resistência, apesar das diferenças que marcam a disponibilidade de acesso ao lazer e apesar de as necessidades de sobrevivência estarem predominando, indicando a necessidade de averiguações e aprofundamentos rigorosos.

⁸³ - Daí a elaboração da categoria "antilazer", ou atividade classificada como "lazer" mas sendo incentivadora de valores prejudiciais ao indivíduo.

⁸⁴ - Como já enunciado, o texto citado é uma entrevista de Luís Otávio de Lima Camargo a Geraldo Mayrink, 1993, Revista Veja.

Estão por traz do jogo entre estes temas as preocupações dos "autores" e "instituições" com a ocupação do tempo disponível dos indivíduos⁸⁵. Preocupações estas traduzidas nos termos "valores", "resistência", "vivências lúdicas", "nova sociedade", "obrigatoriedade", entre outros.

As preocupações destes autores e instituições vêm mediadas pelas posições ideológicas a que vinculam a problemática do lazer. E os sentidos que atribuem ao termo/tema vão estar localizados no lugar destas posições ideológicas.

É na preocupação com a ocupação do tempo fora do trabalho formal que identifico o aspecto fundador, o eixo central do discurso do lazer. Na preocupação com a ocupação do tempo "livre" do trabalhador o discurso do lazer vai se instalar:

- a) com o sentido de fração do tempo de recuperação para o retorno ao trabalho em que os indivíduos fruem o descanso e o divertimento;
- b) com o sentido de negação do trabalho, como categoria histórica e realidade concreta da situação de exploração;
- c) com o sentido de "relevância" histórica, na medida em que representa a resistência dos trabalhadores, demonstrada nas "lutas" pela redução da jornada de trabalho;
- d) com o sentido de possibilitar a vivência de "valores" questionadores do modelo de sociedade vigente, com potenciais transformadores da situação de opressão/exploração/infelicidade vivenciada pelos indivíduos e identificada como estando no mundo do trabalho/esferas de obrigações sociais. Esta possibilidade questionadora pode ser direcionada na medida em que houver uma política que incentive níveis de participação críticos e criativos na fruição do lazer.
- e) como algo a ser negado, juntamente com o trabalho, em busca de uma outra construção - inacabada e da qual o autor desiste no meio do caminho - que dê conta de explicar a existência histórica do lazer e as necessidades que este vem

⁸⁵ - Aí eu verifico o "motor" do discurso do lazer.

mascarar, demonstrando a preocupação com outras formas de subjetivação que não estão contempladas na forma atual da teorização sobre o lazer.

Acentuamos ainda que estas opções, entendimentos e elaborações discursivas sobre o "lazer" possuem naturezas diferenciadas, determinadas fundamentalmente, pelos entendimentos sobre o "trabalho" e pelas referências ideológicas/ lógica de ideias expressas nestes entendimentos.

Identificamos entre estas posições ideológicas a noção liberal sobre o trabalho e a noção crítica sobre o trabalho, que, por sua vez, produzem noções liberais e críticas sobre o lazer (Oliveira, 1986).

Desta forma, em determinados sentidos, o lazer pode aparecer como um elemento de equilíbrio social (Gaelzer, 1975), em outros, ele vai aparecer como a possibilidade de questionamento, ruptura e transformação⁸⁶ de uma situação social entendida como insuportável.

Este jogo de interesses percebidos através da Análise do Discurso nos permite afirmar a impossibilidade de "consenso" na definição do tema. Qualquer esforço nesse sentido corrobora para o autoritarismo e a ocultação imposta das diferenças de posição existentes na teorização sobre o lazer, impedindo, inclusive, o esclarecimento do cerne da problemática e mascarando suas vinculações políticas.

É no conjunto das posições destes autores, e de outros não citados que produzem a teorização sobre o assunto, que é possível observar a dinâmica em que as discussões sobre a temática, e até mesmo a prática social do lazer, se inscrevem.

Cada posição é assumida segundo a filiação com a referência de fundo que orienta cada um dos autores - princípio fundamental de controle e rarefação do discurso.

Neste sentido, ainda parece lógico afirmar que, no seio deste debate sobre a temática, os destinos para o lazer vão estar indicados de acordo com os comprometimentos dos autores, de acordo com as posições que estes assumem

⁸⁶ - MARCELLINO (1987 e 1990) e OLIVEIRA (1986).

frente aos acontecimentos sociais aos quais entendem que estão vinculadas as práticas sociais de lazer.

A tomada de posição de cada um destes autores torna-se um acontecimento frente outras posições presentes no discurso. É neste lugar que se instala a dinâmica da produção dos sentidos, quando o dito pelo "outro" significa e ecoa no "mesmo", no "diferente-novo", ou no "diferente-reacionário".

PARTE III

UM OUTRO ASPECTO DA REALIDADE...

O JOGO DOS SENTIDOS NO DISCURSO DE TRABALHADORES ORGANIZADOS.

1. Introdução:

Neste capítulo pretendo descrever o processo de coleta e análise dos textos e trechos de entrevistas produzidos entre e com "trabalhadores organizados" a fim de conseguir configurar e, mais tarde, sistematizar uma explicação sobre o modo como a "questão do lazer" está colocada entre estes trabalhadores.

Atravessam e compõem as análises sobre a conjuntura em que está inserida a ação sindical cutista na atualidade as referências de Boito (1991a e b), Rodrigues (1990) e Antunes (1991,1992,1994). A grosso modo adianto que esta conjuntura pede um recuo nas ações de enfrentamento até o lugar da negociação pela garantia de emprego⁸⁷ ou redução das taxas de desemprego.

O capítulo está estruturado a partir da forma como foram feitas as investigações. Em primeiro lugar, olho e descrevo o discurso de trabalhadores organizados percorrendo o caminho pelo qual é produzido o discurso coletivo⁸⁸ representado nas Resoluções.

Através da análise do processo de produção do discurso da representatividade presente nas Resoluções do 4º Congresso da Central Única dos Trabalhadores, destaco como recorte, pela característica da repetição, a categoria "luta". O passo seguinte foi destacar os sentidos que pude perceber atribuídos ao termo.

⁸⁷ - "A CUT troca conflito por negociação", Folha de São Paulo, Tese da semana, São Paulo, 18 de out., 1993.

⁸⁸ - Esta parte do estudo é um resumo do trabalho "Os sentidos da luta nas Resoluções do 4º Congresso da Central Única dos Trabalhadores" elaborado para a disciplina Introdução à Análise de Discurso, ministrada pela Profª Drª Eni Orlandi. Campinas, janeiro de 1994.

Concluída a análise das Resoluções, passo a descrever o processo empírico da investigação desde a elaboração do roteiro e a realização das entrevistas no Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos até o momento da análise.

Os recortes do discurso foram feitos no exato lugar onde perpassam os sentidos dos termos "trabalho" e "lazer", que entre trabalhadores organizados vão estar localizados nos termos "luta" e "cultura".

Indicados os fragmentos que compõem o discurso, passo, a seguir, a tentar captar e descrever o movimento no qual, entre trabalhadores organizados, a questão do lazer se apresenta, sendo, ela mesma, um efeito de sentido no jogo dos discursos.

2. As referências sobre a "teoria do lazer" e algumas características gerais sobre seu acontecimento entre trabalhadores organizados, determinado o olhar sobre o objeto

A discussão realizada neste capítulo tem como referência, ainda, o olhar, feito no capítulo anterior, para as posições que movimentam a elaboração teórica⁸⁹ sobre o lazer.

Recordo que esta produção teórica sobre o lazer, tal como a analisamos, caracteriza-se por diferentes entendimentos sobre seu sentido como "prática social", variando entre as posições:

- a) de "dizer" o que é e o que deve ser feito neste momento, através do dizer sobre o que não deve ser feito;
- b) de "dizer" lazer como "forma da resistência";
- c) do elogio ao lazer como conquista histórica e espaço com maior possibilidade de realização humana;
- d) a negação da possibilidade da realização humana compartimentalizada exclusivamente no lazer.

⁸⁹ - Entendida como a prática social de reflexão sobre o "real".

De certa forma a ordem neste jogo discursivo é dizer lazer, definindo seus limites, para que "lazer" não signifique fazer qualquer coisa.

Esta delimitação inclui a negação da atividade sindical como atividade que prejudicaria a fruição do tempo de lazer, uma vez que a ação sindical relaciona-se diretamente com o trabalho formal obrigatório e desprovido de prazer.

As limitações postas para a variação do movimento dos sentidos do termo no "discurso teórico sobre o lazer"⁹⁰, nos colocam frente à necessidade de reflexão quanto às possibilidades de vinculação produção teórica / práxis social na percepção do movimento dos sentidos do lazer entre trabalhadores organizados.

Esta questão aparece na medida em que verificamos a realização de ações no espaço sindical⁹¹ que, embora sejam providenciadas sob a alcunha de atividades culturais, acontecem direcionadas para o entretenimento do trabalhador sindicalizado.

Observamos que estas atividades no interior do sindicato, visam reativá-lo como um lugar no qual estariam muitos trabalhadores sindicalizados à categoria metalúrgica, reivindicando e participando no encaminhando de ações em favor de interesses seus e do movimento dos trabalhadores, possibilitando a continuidade do enfrentamento ao patronato, respaldado pela base.

Pudemos perceber que, na atual conjuntura, está em jogo a característica fundamental do sindicato que é a representatividade dos interesses de classe. Parece-lhes óbvio, então, ser preciso fazer algo para retomar a representatividade que, pela legitimidade histórica e pela legalidade, cabe ao sindicato.

O investimento, ainda que inicial, em atividades culturais, está acompanhado da ideia de "sindicato" como um "clube do trabalhador" com uma característica um pouco mais ampla que a ideia de clube.

⁹⁰ - Aqui recortado nas falas elaboradas da "teoria do lazer" e na fala de trabalhadores organizados, ainda carente de sistematização.

⁹¹ - As quais não exitaríamos em caracterizar, baseados na referência teórica, como sendo "de lazer".

Seu interesse em intervenções na área de cultura/lazer visa o retorno dos trabalhadores ao espaço sindical com a conseqüente e lógica participação destes nas decisões e encaminhamentos para a conquista dos objetivos da "luta".⁹²

Neste capítulo, interessa-me estabelecer relações materiais entre as posições sobre o lazer presentes na "teorização" e as posições de trabalhadores organizados em sindicatos. O efeito de sentidos produzido a partir desta relação pode possibilitar visualizar uma outra dinâmica no que se refere às características do lazer entre trabalhadores organizados.

Penso que esta articulação vai permitir ampliar as referências de que dispomos, quanto ao modo como trabalhadores organizados vêem a questão da cultura/lazer. Ao mesmo tempo, esta investigação pode clarear a natureza da interferência da ação sindical na fruição do tempo destinado ao lazer entre trabalhadores organizados, na medida em que esta aparece para os "estudos do lazer" como mais uma atividade "obrigatória" a ocupar o tempo disponível.⁹³

Entretanto, investigar a concepção de lazer no interior de um sindicato não pode ser dissociado do esforço de perceber os sentidos atribuídos a trabalho, cultura e até mesmo às noções de papel e ação sindical⁹⁴.

Acentuo este dado tendo em vista que há uma especificidade marcando a produção destas concepções entre trabalhadores organizados, e a noção de lazer se estabelece articulada com esta especificidade. No discurso sindical, o discurso sobre o lazer se dá associado ao conjunto de planos e projetos que os trabalhadores aqui delimitados traçam, politicamente, para si. E é esta a primeira afirmação que fazemos.

⁹² - Outro fato interessante a ser considerado aqui, é que tais ações, algumas vezes, são realizadas com o auxílio de profissionais definidos na teorização sobre o lazer, como "animadores culturais".

É o caso, por exemplo, dos mestres de capoeira que ministram aulas nas sedes dos sindicatos vinculados - como prestação de serviços - aos departamentos de cultura, ou ainda, de técnicos de som, músicos metalúrgicos, poetas metalúrgicos ou atores metalúrgicos que desejam ver funcionar a parte de cultura nos sindicatos, negando-se a ter uma convivência mais próxima com as ADC's, definidas por estes como entidades "pelegas". Isto indica uma proximidade entre as categorias "cultura" e "classe" que entendemos ter sido pouco explorada neste caso.

⁹³ - Os aspectos propostos me colocam, concretamente, diante da diferença de interesses entre uma determinada concepção teórica da "teoria do lazer" e a visão destes aspectos no sindicato.

⁹⁴ - Engloba planejamento e atividades para a organização, a mobilização e o encaminhamento de interesses de "classe" ou de "categoria". É a materialidade do posicionamento político.

3. Luta: o sentido de unidade na fala do "sujeito coletivo" e as diversidades

Quero começar este ítem com a hipótese de que vamos poder perceber e entender a questão do lazer entre trabalhadores organizados se, e somente se, entendermos o sentido de "luta" posto insistentemente em seus discursos.

Se, para a "teoria do lazer", a questão do lazer passa pelo entendimento dos sentidos do trabalho, de forma similar, os sentidos do lazer entre trabalhadores organizados vão estar marcados pelos diversos sentidos postos na noção de "luta".

3.1 O processo de produção das Resoluções

As Resoluções são definidas como o "pensamento vivo da CUT", contendo "reflexões sobre sua estrutura, o que quer para o Brasil e como quer atingir seus objetivos..."⁹⁵

No processo de elaboração deste texto⁹⁶ há uma disputa oficializada e legalizada pelo "lugar de onde se diz", em que o sujeito-autor⁹⁷ sofre um apagamento, passando a ser considerado a voz do sujeito coletivo: primeiro da tendência, depois, pela seleção, da Classe.

Esse processo se dá da seguinte forma:

1) cada tendência elabora uma "tese ao congresso", contendo suas posições políticas e sindicais⁹⁸;

⁹⁵ - "Resoluções do 4o. Congresso da Central Única dos Trabalhadores". Realizado de 4 a 8 de setembro de 1991, no Palácio de Convenções do Anhembi, São Paulo, SP.

⁹⁶ - Sobre as formas de dispersão do sujeito. Orlandi, Terra à vista, p. 180.

⁹⁷ - Princípio que regula o efeito de unidade. Orlandi, Terra à vista, p. 180. "O autor se encontra, deste modo, na busca da coerência do discurso. Entre as diferentes funções que tem o sujeito em um texto, a função de autor é a mais afetada pela forma social e pelas instituições. É a função em que jogam mais explicitamente as coerções sociais (em que a escrita representa uma influência paradigmática muito forte)."

⁹⁸ - Rodrigues, (1990, p. 83) **Teses políticas**: "partem explicitamente de uma avaliação da situação política nacional e, com base em esquemas teóricos e doutrinários, apresentam um conjunto de propostas de mudanças estruturais..." **Teses sindicais**: teses com propostas específicas e limitadas a questões da organização sindical. O autor dá mais atenção às "Teses políticas" tendo em vista a crítica que elabora à manutenção do *ethos* socialista no discurso cutista.

2) estas teses são organizadas em um "Caderno de Teses", distribuído entre os sindicatos filiados antes e durante o evento;

3) nos primeiros momentos do Congresso são votados o "regimento" - com as normas de funcionamento, credenciamento e participação (o instrumento legal) - e a "tese guia" - contendo as posições da tendência majoritária.

4) Sobre esta tese eleita serão feitas discussões e votações que, no decorrer do evento, podem ter o poder de modificar o texto majoritário nos pontos mais polêmicos.

A escolha da "tese guia" e a decisão sobre as reformulações, dependem menos do debate, e mais da coligação de "forças políticas" que se "articulam", após negociações antes e durante o Congresso. Dessa forma, a disputa material pelos sentidos dominantes se dá na legitimidade e legalidade do fórum coletivo.

Nesse processo, o interlocutor (com quem o discurso dialoga) parece decidir, junto com o autor, o discurso que deve seguir no documento (quando seleciona o que vai ser dito e quem vai dizer). **Esse é o primeiro fato.**

O **segundo fato** é que há um silenciamento legal, pelo princípio da decisão democrática, através do voto da maioria, de outros discursos que se apresentam como candidatos nessa eleição. Eles passam a fazer parte do discurso eleito pelo processo de emendas ao texto original⁹⁹.

O **terceiro fato** é o princípio da unidade entre as diversas tendências, que acaba por garantir, em nome desta unidade, a existência contraditório-dialética da "pluralidade" de idéias a que nos referimos no parágrafo anterior.

A CUT estrutura-se sobre a teoria marxista da "luta de classes" unificando as diversas categorias que compõem a classe trabalhadora. Esta unidade da classe trabalhadora se mantém regida pela teoria/ideologia marxista. São as diversas interpretações sobre a atualidade deste princípio, bem como as avaliações sobre

⁹⁹ - Este processo é perceptível nas contradições que o texto das Resoluções apresenta no momento em que vira-se contra si mesmo. A tese-guia dita o rumo da entidade, mas as posições majoritárias, entre as minoritárias, ainda podem se colocar e dizer contrariando e contrariada, como acha que devem ser conduzidos determinados pontos polêmicos.

os rumos que a luta deverá tomar frente a ele, que fundam a diversidade e a pluralidade presentes na CUT. São estas interpretações e avaliações que estão em discussão durante o Congresso.

É na categoria "luta" que aparece o princípio teórico-ideológico que rege as ações sindicais: o princípio marxista da "luta de classes". Nela estão representados os conflitos postos no interior da CUT (categorias de trabalhadores organizados pela unidade do interesse de classe comum) e na relação deste discurso com a fala do outro diferente representado pelo patrão.

3.2 As posições ocupadas pelo sujeito do discurso na disputa pelos sentidos

Neste processo de elaboração do discurso da CUT, é possível visualizar as diversas posições ocupadas pelo sujeito.

A primeira delas é a fala do sujeito coletivo (a classe trabalhadora), caracterizada pela universalização dos interesses num só lugar. Aí o sentido da "luta" está na relação direta com a necessidade da imagem de unidade:

"As grandes ações da classe se desenvolveram sob a exigência de reposição salarial e contra as políticas econômicas impostas pelos sucessivos governos, subordinados às orientações do FMI. As mobilizações dos trabalhadores e as greves gerais de dezembro de 86, agosto de 87 e março de 89 barraram o avanço de políticas antipopulares e possibilitaram conquistas maiores do que as permitidas pela legislação salarial em vigor."¹⁰⁰

Nesta imagem (ideologia) o sentido da luta diz, a grosso modo, "somos todos iguais em combate contra o inimigo comum: o explorador". A isso estou chamando de ilusão do sujeito coletivo. É sobre esta fala que se funda o discurso da CUT e é sobre ela que a ilusão do sujeito deve ser discutida. Mas, antes, vejamos as outras falas do sujeito e como elas se apresentam.

Na fala do sujeito coletivo, falando pelo que ele seria, está a fala da tendência majoritária. Ela ganhou o direito de dizer o sentido da luta, que está por

¹⁰⁰ - Resoluções do 4o. Congresso da Central Única dos Trabalhadores. Ítem: "Balanço político e organizativo" sub-ítem: "Resistência - marca do período", p. 4.

dentro do sentido imaginário dominante que o sujeito coletivo diz. Estar de acordo com o sentido imaginário dominante é um princípio básico para que concorra a dizer os sentidos, inserindo-se no discurso que já está lá e passando a ter identidade com o grupo, podendo, então, significar.

Aqui, o sentido da luta é o de coisas que precisam ser feitas (uma cobrança do coletivo de trabalhadores), e o de coisas que puderam ser feitas até ali. Esse (inter)discurso é carregado de justificativas e de propostas. É a "versão oficial" dos fatos:

"A Executiva Nacional ampliada com representações dos Estados e categorias, após avaliar as dificuldades de mobilização, concluiu pela necessidade de mudar o caráter para greve nacional das categorias em luta. Atitude que significou o reconhecimento das condições objetivas daquele momento, não levadas em conta por aqueles que, de forma sectária e despolitizada, priorizaram a disputa interna em detrimento da unidade de ação dos trabalhadores. Nossa tática possibilitou que diversas categorias a nível nacional conquistassem reajuste acima da Medida Provisória, transformando-a de teto em piso de negociação."¹⁰¹

Na fala da tendência majoritária, encontram-se as falas das tendências que foram silenciadas. A fala destas tendências só é possível de ser percebida, nesse processo de produção de sentidos, na fala da tendência majoritária, no momento em que esta se posiciona contra as oposições, ou nas emendas - quando é cobrado à tendência majoritária que cumpra os princípios da CUT.

É aí, quando a tendência majoritária cede à pressão da tendência que se opõe, que fica garantida a unidade, caso contrário, haveria o rompimento. A tendência é majoritária mas não pode dispor das minorias. Este é um fato que já tem relação com a competição, entre as centrais sindicais, pela maior representatividade perante a sociedade.

"A CUT enfrentou algumas dificuldades nesse processo, pelo equivoco de setores minoritários que, desrespeitando a democracia interna, decidiram encaminhar na base contra as deliberações da Central. Assim, cada assembléia ao invés de organizar a mobilização dos trabalhadores, se transformava em reavaliação da deliberação de comparecer às negociações, disseminando a desinformação e confundindo

¹⁰¹ - Ídem nota 24, sub-ítem: "O governo Collor e a resistência dos trabalhadores", p. 4.

propositalmente e de má-fé o processo de negociação com "pacto social", fazendo couro com os patrões e o governo."¹⁰²

Aqui, a palavra "luta" tem o sentido de manter a identidade do grupo. De silenciar as diferenças. Quando alguém se rebela, o discurso tem que convencer de que fez o certo, de que cumpriu sua parte, de que o outro está prejudicando a caminhada. Permanece aí a seleção do discurso. Há diferenças, só que elas não são importantes no momento. Insistir em demonstrá-las é atrapalhar a outra "luta" fundamental e prioritária.

Entre estas falas, sem se caracterizar diretamente como oposição ou majoritária, encontram-se as posições políticas e sindicais de grupos minoritários, às quais ninguém se opõe, por que não vão de encontro aos interesses de ninguém. São, em sua maioria, reivindicações específicas ou moções, passadas ao movimento sindical cutista para que, como um sindicato, uma organização com direito de voz perante a sociedade, possam ser encaminhadas e levadas a público. Chamo a esta fala de fala das categorias e minorias.

Entre elas estão a fala das mulheres, dos trabalhadores rurais, dos povos da floresta, dos negros etc. Esta fala, em sua maioria, está colocada na forma de manifestos. Funcionam como a memória do sentido da "luta", como o "saber" oculto do discurso. Vêm cobrar à CUT o olhar para as diferenças e, mais uma vez, lembrar que a unidade é algo difícil de ser alcançado quando não se está atento e se posicionando frente aos problemas desses pequenos grupos. Vêm lembrar à sociedade, que existem e que não suportam e nem aceitam as condições em que vivem.¹⁰³

¹⁰² - Ídem nota 24, sub-ítem: "A CUT e as negociações", p. 5.

¹⁰³ - É interessante observar não ser a toa que ouvimos e vemos insinuações na mídia, e em piadas nas rodinhas de amigos, sobre as diferenças internas do PT e da CUT. Quando um partido de direita apresenta diferenças, é porque estão em jogo disputas lógicas e legítimas pelo poder interno - no partido - e externo - perante a sociedade. Quando esta mesma situação aparece no PT, são matéria de primeira página ou destaques dos jornais televisivos, aparecendo como sinal da bagunça e da ganância que abala e abate a organização dos trabalhadores. O argumento vem sustentado pela tragicômica e solidária ideia de que, como os trabalhadores nunca tiveram a oportunidade (argumento da experiência) de liderar isso faz com que quando a tenham em mãos, não saibam o que fazer com ela. Por esta ótica, estes conflitos justificam, aos olhos intencionalmente míopes, suas incapacidades de "governabilidade da causa social" e de representação perante a sociedade. Como no caso dos índios, seria melhor que deixassem este negócio de gerir a coisa pública para os que entendem. Este tem sido um argumento claramente utilizado pelo virtual candidato às eleições em Macció, em oposição à coligação dos partidos de esquerda.

Amarrando todas estas falas está a fala da CUT. São seus princípios que garantem a ilusão do sujeito coletivo e sua unidade. A CUT necessita das "tendências" unidas. Dela é o discurso perante a sociedade. Nela, as outras falas são interdiscurso. A fala da CUT é o discurso da identidade. Os maiores choques entre as tendências se dão quando, na fala da CUT, predomina a fala e as posições da tendência majoritária.

"Em setembro de 1990, o governo volta a insistir numa negociação tripartite, desta vez acenando com a discussão de temas gerais e até consensuais, como a erradicação da pobreza. Cumprindo as Resoluções do 3º Concut, que definiram a nossa Central como entidade sindical que negocia representando a classe, e partindo das definições da Plenária Nacional de agosto, que compreendeu a necessidade de atacar o projeto Collor em todos os espaços, a CUT, após uma consulta democrática às suas instâncias de base, compareceu ao fórum das negociações com o governo, empresários e outros setores do movimento sindical."¹⁰⁴

É a característica do processo de produção dos sentidos presentes nas Resoluções, que permite visualizar a dispersão do "sujeito coletivo" e os interesses diferentes que, quando não contemplados, ameaçam os princípios, da identidade e da unidade, que o criam.

Aqui, o sujeito coletivo autônomo, classista, independente (enquanto coletivo que se organiza pela conquista de seus interesses conjuntos) parece capaz de mudar a história. Mas, aí estão presentes as adversidades. Tudo é possível se o sujeito coletivo estiver organizado, se for coerente, se não houver oposições à vontade da maioria (que é ele), se não for questionada sua autonomia e onipotência. E é aí que se configura a ilusão.

3.3 A ilusão do sujeito para a AD - para entender a ilusão do "sujeito coletivo"

"O assujeitamento, como vimos, realiza-se no sujeito moderno (sujeito-de-direito) sob a forma da autonomia. Pêcheux teoriza essa forma de assujeitamento colocando que existem dois modos de esquecimento na linguagem que constituem a referida ilusão subjetiva. **a.** O sujeito esquece a inclusão necessária de toda seqüência em uma formação discursiva (e

¹⁰⁴ - Ibid.

não outra) para que essa seqüência tenha um sentido (e não outro). Dessa forma, o sujeito tem a ilusão de que é ele próprio a fonte desse sentido, i.e., ele se apresenta como criador absoluto, fonte de seu discurso. Temos o sujeito onipotente, e **b**. O sujeito esquece que há uma seleção que ele opera em relação aos processos de produção de uma língua de tal forma que, ao falar, ele vai delimitando o que diz e, conseqüentemente, excluindo o que não diz. O sujeito tem, assim, a ilusão da realidade do pensamento, ou seja, o seu discurso se apresenta como o reflexo de seu conhecimento objetivo da realidade. Por esse processo toma-se como essência do real aquilo que é representação para um sujeito." (Orlandi, 1987, p. 63)

Falando pela Classe Trabalhadora¹⁰⁵, o sujeito coletivo esquece o universo que a compõe. Ele deseja e precisa ver reunidos, no seu discurso, todos os interesses. Instalado na ideologia da luta de classes, o sujeito coletivo sustentou a dicotomia inicial proposta pela ideologia mas acompanha tropeçadamente os passos velozes das mudanças históricas que a transformaram.

Duella com o sujeito coletivo o interdiscurso lembrando-o a todo instante os princípios originários e as mudanças históricas, sugerindo alterações nas formas e objetivos da luta. O sujeito coletivo tende, então, a assumir os rumos e formas que estejam sendo organizados pelo interdiscurso hegemônico.

¹⁰⁵ - Segundo Rodrigues (1990, p.86) verificam-se "algumas diferenças importantes" em comparação "com interpretações comunistas de há algumas décadas". Em seguida o autor identifica esta diferença como sendo "o abandono do conceito habitual de "classe operária" ou de "proletariado" , e sua substituição pelo de "trabalhador" ou de "classe trabalhadora". Embora nas avaliações mais concretas das divisões da sociedade as fronteiras da "classe operária" ou de "proletariado" nunca fossem estabelecidas com precisão, entendia-se ou subentendia-se, por esses termos os trabalhadores manuais assalariados, especificamente o proletariado industrial, que comportaria o núcleo mais típico da classe operária. Nos documentos levados ao III CONCURT, fala-se em trabalhador ou classe trabalhadora, categorias mais abrangentes. Essa alteração, que se deu quase inconscientemente, sem uma discussão ou reflexão mais específica, corresponde, de modo geral, a uma tentativa de adequação às novas realidades sociais do país e, de modo particular, à composição profissional e ocupacional dos participantes nos congressos da CUT. Como vimos na parte relativa ao perfil dos delegados, a proporção de trabalhadores manuais do meio urbano é minoritária em relação às categorias habitualmente consideradas como de classe média (profissionais liberais, técnicos e professores). Além disso, é grande o peso dos sindicatos e associações de empregados das estatais, dos serviços e de funcionários públicos, quer dizer, dos assalariados do setor terciário. Conseqüentemente, a utilização do conceito de "classe operária", ou de "proletariado", cada vez menos serviria para retratar a composição profissional dos militantes e dirigentes cutistas, onde é forte, ao lado dos assalariados rurais, a presença de pequenos proprietários, posseiros e sem terra, quer dizer, segmentos não assalariados e sem vínculo empregatício". Esta nota serve também como referência para se ter uma noção do universo de diferença em que se tenta iludir uma unidade.

Pude verificar em dois dos comentaristas que compõem o corpo do discurso sindical que delimito, a referência a dois imaginários que são entendidos como prejudiciais à representatividade, à organização e à caminhada do movimento sindical:

1. A visão da "luta de classes" acontecendo entre dois pólos opostos: trabalhadores x capitalistas, em que as negociações são desprezadas pela ideia de que "com inimigos de classe não se deve firmar acordos",

"A percepção da realidade como dividida em campos inimigos, entre os quais não pode haver compromisso, dificulta ao sindicalismo ocupar um espaço no interior do sistema político, participar do sistema decisório e apresentar propostas que sejam ao mesmo tempo exequíveis num dado contexto da relação de forças e que avancem além do campo das meras reivindicações defensivas." (Rodrigues, 1990, p. 88-9)

Esta visão está presente em Rodrigues (1990) que a identifica como sendo o " 'ethos' socialista". Segundo o autor este "ethos"

"...dificulta à CUT desenvolver o seu lado mais moderno e mais antiburocrático, que é a demanda de negociação direta com o patronato e de redução do intervencionismo estatal na esfera das relações entre capital e trabalho. (...) Na negociação, ainda que os sindicatos procurem maximizar as vantagens dos trabalhadores, está implícito o reconhecimento dos interesses da empresa e a legitimidade do lucro. Ora os fundamentos doutrinários e teóricos da CUT levam a entender o lucro como resultado da exploração dos trabalhadores. O negociador do outro lado da mesa é um "explorador" (ou um representante dos 'exploradores'. (...)"(Rodrigues, 1990, p.89)

Afirmando que essa "orientação contestatória (...) não prevaleceu em parte alguma. Declinou junto com o ethos socialista que nas fases iniciais do movimento operário, foi um fator que contribuiu para a consolidação das associações de trabalhadores...". O autor defende a hipótese de que:

"... do ponto de vista do sindicalismo o ethos socialista é funcional nas fases iniciais da consolidação dos sindicatos, mas passa a ser disfuncional quando se trata de ampliar o poder sindical no interior de sociedades desenvolvidas e democráticas." (Rodrigues, 1990, p. 89)

2. Por sua vez, Armando Boito (1991), considera que

"Todo movimento sindical é portador de uma determinada ideologia. O sindicalismo produz, ou assimila, de modo consciente ou inconsciente, representações, sistemáticas ou difusas, sobre o Estado, a sociedade, os objetivos, e os meios da luta sindical. Essas representações refletem, de modo aberto ou dissimulado, a situação e os interesses de um ou mais setores das classes trabalhadoras. Tais representações estão indissolúvelmente ligadas à prática dos integrantes - dirigentes, ativistas, trabalhadores - dos movimentos sindicais. Não só porque se trata de ideias produzidas ou reiteradas nessa prática, como também porque essas ideias, numa relação de causalidade circular, acabam por governar a conduta dos sindicalistas. Elas funcionam, como toda ideologia, como "(...) sinais e vetores carregados de proibições, de permissões, de obrigações, de resignações e de esperança" (Boito, 1991, p.63).

Esta sua reflexão faz com que explique o apego à estrutura sindical populista que os trabalhadores ainda não deram conta de demolir, como uma consequência da visão do Estado como o "grande pai" neutro e defensor dos injustiçados. Neste caso, no sentido inverso ao anterior, acredita-se que os interesses de classe prevalecerão através da negociação e demonstração de representatividade.

Boito identifica como empecilho para a caminhada o que chama de "ideologia da legalidade sindical". Segundo o autor ela está caracterizada

"(...) pela submissão voluntária ao conjunto de normas jurídicas que regulamentam a organização e as formas de ação sindical no Brasil. Este é um tipo particular de legalismo. A sua característica essencial (...) é a submissão voluntária e estrita à norma jurídica segundo à qual cabe ao Estado estabelecer qual organização pode representar sindicalmente os trabalhadores, isto é, o apego ao estatuto do monopólio legal da representação sindical que cabe ao sindicato oficial. (...) o que acreditamos dominar o sindicalismo de estado brasileiro ao longo de sua história, e, principalmente, dominar a base de sustentação desse sindicalismo (...) é a expectativa de que a tutela do estado sobre os sindicatos capacite os trabalhadores para impor limites à exploração do trabalho assalariado. (...) a ideologia da legalidade sindical é uma manifestação localizada da ideologia populista, na medida exata em que representa o fetiche do Estado-protetor no terreno sindical." (Boito, 1991, p.65)

E seu efeito maior sobre o movimento sindical brasileiro se dá, quando os sindicatos de esquerda, pensando romper a estrutura sindical por dentro, passam a fazer parte dela sem destruí-la.

Ao entrarem no aparelho de estado, passam a ter uma "relação frouxa e distante" com os trabalhadores. Esta "relação frouxa" é

"(...) determinada, ao mesmo tempo, pelo aparelho do sindicato de Estado e pela ideologia da legalidade sindical. O monopólio legal da representação sindical dispensa o sindicato oficial da luta pela ampliação e organização consistente do quadro de associados. Os impostos sindicais, assegurando a entrada regular de fundos financeiros independentemente da sindicalização, agem no mesmo sentido. Pela observação direta da atividade cotidiana de alguns sindicatos paulistanos, podemos afirmar que as campanhas de sindicalização são consideradas, nos sindicatos oficiais, tarefa secundária e de menor importância. Nesse mutirão, os sindicalistas estabelecem metas quantitativas que, atingidas ou não, em nada alteram a organização e a ação desses sindicatos. Mas é preciso observar que o monopólio legal da representação sindical só é um fator eficaz de desorganização porque os sindicalistas encontram-se ofuscados pelo legalismo sindical.

O sindicalista legalista vive a ilusão do poder. Ao fetichismo do estado corresponde o fetichismo do aparelho sindical oficial. De posse de aparelho sindical, ou melhor, empossado nesse aparelho, o sindicalista legalista ilude-se quanto à sua própria força. Ele acredita, realmente, representar o segmento de trabalhadores que lhe foi consignado pelo sindicato de Estado. Todo sindicalista apresenta a base legal do seu sindicato como se se tratasse do contingente de trabalhadores que ele, efetivamente, representa. O sindicato oficial dos metalúrgicos de São Paulo apresenta-se - e é unanimemente aceito - como o maior sindicato da América Latina", por "representar" mais de 300 mil trabalhadores. A CUT proclama "representar" nada menos que doze milhões de trabalhadores, isto é, a soma de trabalhadores legalmente atribuídos aos sindicatos oficiais que têm comparecido aos congressos da CUT. (...) Iludido pelo fetiche da legislação, e vendo essa ilusão confirmada pelo funcionamento do sindicato oficial mesmo quando esse se encontra vazio de trabalhadores, a tendência do sindicalista legalista que atua no sindicato oficial é evitar o trabalho, repleto de custos políticos e materiais, de organização nas bases." (Boito, 1991, p. 238-239)

Por sua vez, Antunes (1995), criticando as análises que verificam e decretam o fim do mundo do trabalho, propõe-se a reafirmar sua centralidade, analisando com profundidade as transformações ocorridas neste universo.

Colocando como questões centrais de seu estudo a identificação destas transformações e da maneira como estas transformações afetam "metamorfoseando" as classes trabalhadoras (sua forma de organização e

subjetividade), propõe-se a indicar "porque a centralidade do trabalho é visível hoje".

Neste percurso, começa por afirmar haver, desde a década de 70, uma crise no movimento sindical que afeta o mundo do trabalho. Identifica as raízes desta crise do movimento sindical:

a) nas mutações que o modo capitalista de produção foi obrigado a realizar em seus modelos padrão de produtividade (taylorismo e fordismo), produzindo modelos de acumulação flexíveis;

b) no fim do Leste europeu em 1989, concebido "erroneamente" pelo ideário dominante como o fim do socialismo, afetando violentamente a esquerda e a organização operária;

c) nas mudanças ocorridas nas esquerdas do mundo que, em função da queda do Leste, migraram para o campo social democrata. Sendo a esquerda a principal referência para o movimento operário, esta migração trouxe abalos consideráveis para a organização dos trabalhadores;

d) no desgaste significativo do mundo do trabalho devido à avalanche do projeto neo-liberal que reina isolado, e sem concorrência ou modelos contrários de organização e encaminhamento da produção e da vida social.

Reafirmando que estas alterações não significam o fim do mundo do trabalho, o autor demonstra como as alterações propostas pela "avalanche" do projeto neo-liberal já se refletem sobre a classe trabalhadora, fazendo com que se agravem as condições de trabalho.

Entretanto, ressalta que a capacidade de organização e mobilização da classe trabalhadora está seriamente abalada em virtude da horizontalização do plano fabril, que faz com que a produção de um único objeto se dê de maneira espalhada em uma imensa área, o que dificulta o acesso do sindicato aos trabalhadores.

A tese que defende é que está ocorrendo na atualidade um processo de "complexificação", "heterogeneização", "fragmentação" e "intensificação do trabalho" que alteram a organização dos trabalhadores.

Segundo Orlandi (1990), para a Análise de Discurso a ideologia é tida:

"(...)como o processo de produção de um certo imaginário, ou seja, uma interpretação que aparece como necessária e que destina sentidos fixos para as palavras, num mesmo contexto histórico" (Orlandi, 1990, p.244)

Em outro trecho, prossegue dizendo:

"Então é isto a ideologia, na perspectiva do discurso: há uma injunção à interpretação, já que o homem na sua relação com a realidade natural e social não pode não significar; condenado a significar, essa interpretação não é qualquer uma, pois é sempre regida por condições de produção de sentidos específicos e determinados na história da sociedade. O processo ideológico, no discursivo, está justamente na injunção a uma interpretação que se apresenta sempre como 'a' interpretação. Esse é um dos princípios básicos do funcionamento da ideologia, apreendido pelo discurso.

A AD, entretanto, procura ver o sentido como o possível (não preenchido), sendo assim uma abordagem crítica da ideologia."(Orlandi, 1990, p.36)

Desse modo, esse jogo de interesses internos do sujeito coletivo, bem como as posições de Rodrigues, Boito e Antunes quanto à situação da CUT e do movimento sindical no Brasil (cujas leituras são extraídas das resoluções da CUT e da experiência do sindicalismo brasileiro e mundial), demonstram um momento de revisão do papel e dos objetivos do movimento sindical, na relação com as posições tomadas por suas diversas tendências.

Penso que esta revisão está associada às ameaças à representatividade legítima e aos abalos evidentes na organização sindical e na possibilidade de reivindicação, negociação e conquista dos interesses de classe.

Nesse jogo necessário entre pluralidade e unicidade, não se consegue fixar os sentidos da "luta" em um único lugar. Estão, antes, nos lugares e posições que

o "sujeito coletivo" se vê obrigado a assumir para garantir a unidade e a identidade no meio de tanta diversidade e adversidade.

Aí, "dizer qual o sentido" da "luta" no momento das Resoluções do 4º Concut, significa disputar pelo poder de gerir uma entidade "de massa" na ilusão de "poder" depois de o ter.

Se, de um lado, em sua origem histórica e no dogmatismo de algumas tendências, a "luta" significa caminhar para a revolução, a ditadura do proletariado, o socialismo; no extremo oposto, significa negociar com o poder a fim de garantir direitos mínimos e conquistas do passado ameaçadas.

No entremeio pode ser não saber, exatamente, o que fazer e "se perder" entre tantas propostas e ações desarticuladas. A contradição é tamanha que os faz denunciar e atacar o inimigo, para posteriormente, tomar suas palavras, como propostas em defesa da "Classe".

O sujeito coletivo, disperso nas diversas falas, parece confuso. A ideologia que se propôs seguir não é a que segue. As "lutas" que enfrenta pedem um fim, mas ele não tem armas para colocar-se (a não ser o discurso da representatividade). E é nesse discurso que, mesmo sendo contraditório, ele pode rever passos dados e reaver rumos.

4. O processo de produção e análise das entrevistas

Iniciando o trabalho de análise das posições de trabalhadores organizados, quero esclarecer que os dados aqui apresentados representam um recorte de um estudo mais amplo em que, ocupando uma posição acadêmica-universitária, **procuro perceber como o discurso do lazer se inscreve e é produzido em outros dois discursos, o discurso de trabalhadores organizados em sindicatos, e o discursos da "teorização sobre o lazer" observando o efeito de sentidos que se origina a partir daí.** Esta imensa investigação tem por objetivo encontrar a dinâmica das relações de sentido que determina a ausência de deliberações explícitas quanto à questão do lazer nas Resoluções do 4º Congresso da Central Única dos Trabalhadores.

Inserido no discurso do sujeito coletivo CUT, encontra-se o interdiscurso das tendências e das minorias. Cada uma destas falas está marcada por posicionamentos diante das ações e das ideias que o sujeito coletivo dita e representa.

O sujeito coletivo é, portanto, uma soma de interesses diferenciados unificados por um projeto coletivo mediado pela discussão sobre a melhor maneira de executar este projeto que legitima a disputa pelo direito de fala, que, por sua vez, representa o direito legítimo de dizer sendo a CUT.

Em sua estrutura, a CUT representa o "sujeito coletivo" disperso em regiões, categorias, sindicatos... Por este motivo, opera-se, aqui, novo recorte: visando uma maior proximidade com as bases da organização sindical cutista, proponho-me observar como sindicatos filiados à CUT, que têm Departamentos de Cultura e projetos de atuação nestas áreas vêm a questão do lazer.

Para efeito de encaminhamento do trabalho, delimito como foco central da investigação o caso de trabalhadores organizados no Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos.

Continuamos analisando o discurso, mas este discurso é observado, a partir de agora, através do efeito de sentidos que as questões que elaboramos, e colocamos em jogo através de um questionário, suscitaram nas falas individuais e grupais (tendências) destes trabalhadores.

Durante um ano acompanhei a situação deste sindicato, observando as interferências sobre o projeto de elaboração de políticas de ação na área da "cultura". Durante este período, selecionamos sujeitos "chave" e realizamos entrevistas com diretores e funcionários do sindicato. É este processo que pretendo relatar a seguir.

4.1 As falas do discurso (agentes, organismos e textos)

Compõem o universo pesquisado, "trabalhadores sindicalistas": diretores do sindicato, e funcionários do sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região. É importante ressaltar a inclusão destes últimos no universo do estudo.

De certa maneira, acompanhando estas falas, o que fiz foi mostrar como esse discurso é administrado - os agentes, os organismos, os textos - e o que caracteriza o aspecto relevante pra nós no funcionamento desse discurso: o percurso por onde circulam os sentidos da representatividade e neles, os sentidos do lazer.

Com a legislação trabalhista¹⁰⁶, ocorre uma mudança na natureza e no modo de organização e ação dos sindicatos. As contribuições sindical e assistencial passam a ser feitas diretamente na empresa e repassadas por ela aos sindicatos. Esta e outras medidas contribuem para mudanças na natureza da ação sindical, tornando os sindicatos verdadeiros "aparelhos" burocráticos.

Os sindicalistas passam a ocupar parte do tempo da ação sindical com papéis e normas trabalhistas e organizacionais. Para agilizar a ação, aparecem os burocratas funcionários do sindicato. Estes são pessoas que assumem a estrutura material da ação sindical e que preparam a infra-estrutura para a realização de atividades como debates, passeatas, comícios de "porta de fábrica", agendas, relatórios de reuniões, atas de assembleias, greves, negociações, agendamento de processos e garantia de representatividade dos trabalhadores nas datas marcadas, entre outros.

Estas elaborações legais vão gerar a necessidade de profissionais especialistas em leis (advogados), e em conteúdos (professores, charginistas, jornalistas) que cuidem de detalhes para o encaminhamento das ações sindicais como representação coletiva dos trabalhadores por categorias, ramos de produção e unidade; condução da escola do trabalhador metalúrgicos (ETM); elaboração de boletins e os mais diversos informativos que, necessariamente, pela legislação e divisão social do trabalho, têm de ser assinados por profissionais credenciados.

Desse modo, o que no início era conduzido e realizado por sindicalistas e militantes passa a estar profissionalizado. O sindicato é, então, composto por dois

¹⁰⁶ - Como exemplo podemos citar o fato de que para que um sindicalista falte o trabalho é preciso haver uma solicitação por parte do sindicato para a empresa, há o direito de greve, o reembolso de horas descontadas na empresa, o pagamento de horas de ação sindical, os processos trabalhistas encaminhados por advogados contratados pelo sindicato, etc.

grupos de ação: **diretores**¹⁰⁷ eleitos pelas bases, e **funcionários** que trabalham no sindicato para agilizar a "ação burocrática" e institucional.

A ação sindical já não é mais, apenas, um ato de trabalhadores "conscientes" nos locais de trabalho, mas uma profissão que tem, por sua vez, um outro grupo de trabalhadores, os **funcionários do sindicato**. Desse modo, quando me refiro a "espaço sindical" englobo a organização hierárquica sindical como um todo¹⁰⁸, em que se inscreve a "ação" de sindicalistas e de funcionários do sindicato.

Considerando esta "divisão social do trabalho" no interior do sindicato, resolvi entrevistar tanto "trabalhadores sindicalistas" quanto "funcionários do sindicato". Tendo em vista a necessidade de verificar concepções que fundamentam ações políticas, optei por não consultar, neste momento, a chamada "base".

O que justifica esta decisão é o fato de considerar importante perceber a posição dos **envolvidos no planejamento de atividades ligadas à cultura e ao lazer**¹⁰⁹, o sentido deste planejamento de atividades para o sindicato, e os sentidos de lazer e cultura contidos neste planejamento.

Uma descoberta geral e interessante é que eles não falam em lazer nos textos, mas aparece muito claro que eles querem e começam a investir na ocupação do tempo disponível, sob a forma da "política cultural", para dar conta de recuperar um contato concreto com a "base".

Esta tendência concretiza-se como necessidade a partir do momento em que a situação financeira começa a estar ameaçada pela conjuntura político-econômica (que inclui as discussões sobre o fim do imposto sindical).

¹⁰⁷ - Trabalhadores sindicalistas.

¹⁰⁸ - No projeto elaborado para o ingresso no mestrado, defino "espaço sindical" como a "organização sindical que vai dos filiados aos sindicatos (também chamada "base", ou "sócios") à Executiva Nacional. No caso específico desse projeto monográfico, dos filiados aos sindicatos cutistas à Executiva Nacional da Central Única dos Trabalhadores". Peixoto, Concepções sobre trabalho e lazer no interior do espaço sindical, 1993, p. 18. (mimeo)

¹⁰⁹ - Mesmo que estas tarefas sejam delegadas a um grupo de diretores e funcionários, a fragmentação da divisão social do trabalho no interior destes espaços faz com que nenhuma ação ocorra sem passar por outros departamentos e seções. Conta também neste encaminhamento, o fato de o sindicato estar dividido em tendências que por sua vez procuram dominar setores estratégicos.

Mas em que jogo de relações a questão da cultura vem sendo discutida / planejada entre trabalhadores organizados? A elaboração do roteiro, a colocação das questões em jogo e a análise das respostas foi o próximo passo na direção de explicitar melhor esta questão.

4.2 A elaboração do roteiro

Os dados que apresento aqui foram colhidos mediante a aplicação de entrevista semi-estruturada, segundo grupos de interesse para o pesquisador, buscando perceber aspectos que possibilitassem visualizar os sentidos atribuídos a trabalho e lazer no sindicato.

Com o objetivo de complementar lacunas no material analisado, as questões foram elaboradas de modo intencionalmente repetitivo, procurando **captar, pelos mais diversos ângulos, a conjuntura em que a problemática das posições de trabalhadores organizados sobre a questão do lazer se inscreve.**

Na elaboração do roteiro de entrevistas procurei atender minha curiosidade sobre aspectos tais como:

- a) o processo de envolvimento do entrevistado com a ação sindical;
- b) a concepção sindical do entrevistado;
- c) as concepções e críticas quanto ao modo como o sindicato funciona;
- d) como o entrevistado vê seu próprio papel no sindicato;
- e) as concepções que têm de cultura e lazer e como as relacionam com o sindicato;
- f) a influência da tendência de que fazem parte sobre estas posições e vestígios da história da implantação do departamento de cultura no sindicato.

Quando elaborei as questões que descrevo a seguir, pretendia fazer o entrevistado transitar entre sua posição pessoal e a posição da tendência (ou

grupo) de que fazia parte, bem como perceber como o entrevistado localiza e posiciona o objeto de nosso interesse em relação à sua tendência e em relação às outras posições presentes no sindicato.

4.3 O Roteiro das entrevistas:

Os encontros para entrevista foram previamente marcadas e os entrevistados previamente informados sobre seu objetivo e intenção, mediante a entrega, em mãos, de carta explicativa.

As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro contendo cinco grupos de questões. O mesmo roteiro foi utilizado para diretores e funcionários, com o cuidado de tentar adequar as questões às funções de cada sujeito dentro da ação sindical.

No primeiro grupo de questões objetivava-se identificar os indivíduos selecionados e as posições ocupadas por estes na estrutura sindical:

1. Data, hora e local da entrevista.
2. Nome do entrevistado.
3. Qual a sua profissão?
4. Qual a sua função no Sindicato e há quanto tempo trabalha aqui?
5. Quantas horas trabalha por dia?
6. Como você começou a trabalhar como funcionário do Sindicato?

O segundo grupo foi montado de maneira a permitir observar a relação pessoal que o indivíduo selecionado estabelece com o sindicato (instituição e ação sindical):

1. Qual, na sua opinião e experiência, é o papel do Sindicato?
2. Qual a contribuição do seu trabalho para o funcionamento do Sindicato?
3. Como é trabalhar na sua função no Sindicato?
4. Qual a sua opinião sobre o modo como o Sindicato funciona?

O terceiro grupo de questões objetivava levantar elementos que possibilitassem visualizar a posição pessoal do indivíduo selecionado (funcionário/diretor), sobre a relação lazer/trabalho/sindicato:

1. O que faz no tempo em que não está trabalhando?

2. Quantas horas você passa fora do trabalho?
3. Como você se diverte?
4. O que você entende por cultura e lazer?
5. O que, na sua opinião, o Sindicato tem a ver com Trabalho, Cultura e Lazer?
6. O que você entende por trabalho?

O quarto grupo buscava captar elementos que permitissem visualizar e analisar pontos de vista diferenciados com relação aos sentidos do lazer, segundo o jogo de imagens: "o que eu penso sobre a questão", "o que o outro pensa sobre a questão", "o que eu acho que o outro pensa sobre a questão".

O alvo era a relação lazer/sindicato mediada pela posição posta pelos representantes das tendências.

1. Você pertence a alguma tendência no interior do Sindicato e do movimento dos trabalhadores? Pode dizer qual é?
2. Quais são, na opinião do seu grupo, o objetivo e o papel do sindicato hoje?
3. Como esta tendência está vendo o papel da secretaria de Cultura?

O quinto grupo de questões tinha por objetivo levantar o processo e o sentido da implantação de departamentos de cultura no interior dos sindicatos.

Este grupo foi muito pouco produtivo em função de um apagamento progressivo da memória das transformações institucionais em virtude da mudança dos quadros dirigentes e da ausência de um relato escrito sobre a história do sindicato¹¹⁰:

1. Como os Departamentos de Cultura aparecem nos Sindicatos?
2. Como o Sindicato deve trabalhar com a Cultura?

Além das questões "guia" foram feitas questões complementares com o objetivo de desenvolver algumas idéias da fala dos entrevistados que nos ofereciam elementos para compreender a conjuntura em que estava envolvida a ação sindical possibilitando ampliar o leque de informações sobre a dinâmica do lazer nos sindicatos.

¹¹⁰ - Durante o período em que estive no sindicato procurei acentuar a necessidade de um trabalho de historiadores, recuperando as falas de antigos diretores e funcionários, para a documentação da história do sindicato. Alguns esforços nesta direção já haviam sido feitos sem grandes resultados.

As entrevistas foram conduzidas de maneira a que os entrevistados se posicionassem sobre os aspectos em foco, relacionando-os com suas experiências e opiniões pessoais. Em alguns casos a fluidez mesma com que correram dispensou que algumas questões fossem feitas. Noutros momentos, mesmo reconhecendo uma resposta obtida, optei por repetir, reformulando, a questão a fim de verificar com maior clareza a resposta encontrada.

A entrevista como um todo teve por objetivo levantar elementos que possibilitassem a análise do contexto em que está localizada a questão do lazer no sindicato, e o modo como este contexto e os sentidos de lazer daí originados se remetem à organização sindical cutista mais geral.

4.4 O processo de realização das entrevistas

Foram realizadas dezessete entrevistas, sendo dez com diretores e sete com funcionários. As entrevistas foram acontecendo segundo os critérios da disponibilidade de funcionários e diretores, e da ocasião propícia, evitando, ao máximo, interferir no andamento das atividades do sindicato¹¹¹.

O sindicato estava tomado pelas mobilizações contra as privatizações, especialmente a privatização da Embraer. A coordenação da campanha contra a privatização desta empresa estava sob a responsabilidade dos diretores funcionários da mesma, chamados, dentro do sindicato, de "Grupo da Embraer"¹¹².

Este movimento, por sua vez, refletia-se internamente na estrutura de poder do sindicato. Na medida em que o chamado "Grupo da Embraer" tornava-se "independente"¹¹³ rompendo relações com a tendência à qual estava ligado

¹¹¹ - Houve ocasiões em que, havendo uma entrevista marcada e me deslocado para São José apenas com esta finalidade, tive de adia-la em função de situações mais prementes para a organização, como um determinado acidente de fábrica em que um trabalhador estava bastante ferido e era necessário garantir atendimento no hospital, apoiar a família, e evitar a ocultação do acidente através da imediata e ampla divulgação pelos meios de comunicação, envolvendo a maior parte dos diretores e funcionários.

¹¹² - Este grupo havia, recentemente, rompido com a tendência da qual faziam parte, a convergência. Mais tarde há um rompimento entre a tendência convergência e o PT. Aquela converte-se então em PSTU.

¹¹³ - "Independentes" é uma expressão utilizada para identificar aqueles que não pertencem a nenhuma das tendências internas no sindicato ou no partido. Acabam, em muitos casos, por formar uma nova corrente, na medida em que defendem, em bloco, como "independentes", posições que vão de encontro com as posições

(convergência) e, na medida em que a luta contra a privatização da Embraer incendiava e mobilizava a categoria, este grupo passava a ser e ter uma força política significativa, passando a ser disputado pelas tendências majoritárias em luta pela direção ideológica da instituição.¹¹⁴

Outros fatos ocorridos no período das entrevistas, que pude acompanhar, e que interferiram em sua realização, foram dois grandes acidentes nas fábricas, com a morte de um dos trabalhadores.

Nestas ocasiões percebia a tristeza profunda e a urgência em tomar providências, tais como: garantir que os acidentes não fossem abafados, informando-os aos "contatos" dos jornais locais e estaduais; garantir o isolamento das áreas de acidente para investigação pericial - sendo urgente localizar cipeiros e diretores sindicais responsáveis pelo setor em que ocorreu o acidente; garantir o acompanhamento da situação do acidentado, a circulação das notícias entre outros diretores; assegurar o acompanhamento dos familiares, entre outras providências de responsabilidade da secretária da diretoria.

De modo geral, a entrevista tinha por objetivo captar as falas sobre a dinâmica da ação sindical e a tramitação dos sentidos com que "cultura", "lazer", "trabalho" e "luta" aparecem neste contexto, entretanto, muitas vezes, foram testemunhos de militância e de crença na possibilidade de intervenção organizada na direção da alteração da realidade.

Nestes momentos procurei, principalmente, verificar tanto as posições individuais, quanto as posições do "sujeito coletivo" na fala de todos.

4.5 O processo de análise

As entrevistas foram todas realizadas por mim. A transcrição das dezessete entrevistas, por sua vez, foi feita em conjunto com profissionais especializados, sendo mais tarde conferidas por mim.

dominantes. Quando existem "independentes" em número considerável, o posicionamento que assumem passa a ser o fiel da balança.

¹¹⁴ - As tendências em questão eram a "Convergência" e a "Articulação". Neste período a convergência já havia rompido com o PT, passando a instituir-se como partido: o PSTU.

Preparando o material para a análise, realizei diversas leituras, sublinhando, conferindo e retocando as respostas obtidas, procurando ao máximo ser fiel à forma das respostas e às palavras utilizadas pelos entrevistados para responder às questões.

Durante e depois das entrevistas, de posse das respostas, comecei a confrontá-las com as posições dos outros entrevistados, com os dados que possuía quanto às concepções sobre a "luta" presentes na CUT e com as análises sobre as posições da teorização. Este confronto esteve mediado pelos registros e observações feitas no diário de campo.

Neste processo pretendia obter um quadro amplo de situação da questão do lazer e da cultura, no contexto das lutas políticas internas e externas travadas pela instituição.

Isto me permitiu intuir no entremeio da problemática, relações complexas que se estabelecem, onde o "dito" fica pelo "não dito" e o que não é dito é o que realmente significa. Os textos não dizem tudo, mas o "não dito" aparece nas entrevistas, nas entrelinhas, na forma de avaliação da situação falando sobre o que "deveria ter sido feito".

Foi esta fala que tentei captar na análise das entrevistas, através do olhar para repetições e diferenças de sentido que as questões, mediadas pelas posições dos entrevistados, faziam produzir.

Entretanto, a quantidade de observações, textos e respostas obtidas nas entrevistas impossibilitariam um tratamento adequado no curto período de que dispúnhamos para a conclusão do estudo.

Em função das determinantes "quantidade"/"tempo" busquei operar uma seleção do material a ser analisado que garantisse, ao mesmo tempo, o aprofundamento da questão que nos propomos discutir neste estudo, bem como sua devida contextualização nas representações e conjuntura atual da ação sindical.

Pelos motivos acima relatados, do grupo de dezenove questões realizadas vou priorizar a descrição daquelas que: 1. **oferecem o pano de fundo para o entendimento da questão central que nos interessa imediatamente;** 2. **relacionam-se diretamente à temática central.** Por este critério, as demais questões que foram formuladas e respondidas passam a servir como "elemento-conhecimento" para a percepção e compreensão da conjuntura em que as concepções sobre lazer estão inseridas na ação sindical.¹¹⁵

5. Os sentidos atribuídos a "cultura" e "lazer" no interior dos sindicatos e o vínculo com o "movimento" da ação sindical como representação social legal dos trabalhadores.

Venho dizendo que o sentido de "lazer", entre trabalhadores organizados, vai estar diretamente relacionado aos problemas postos na ação sindical. Faço esta afirmação com base nas análises das Resoluções do 4º Concut.

Nesta análise, vimos que a palavra luta, no discurso de trabalhadores organizados, evoca os sentidos de "trabalho explorado" e "luta de classes" considerados por alguns autores, na atualidade, como categorias superadas¹¹⁶.

Observamos também que este sentido de "ideologia" superada emerge, também, na polissemia presente nas Resoluções, nas entrevistas e nos intérpretes da situação da ação sindical na atualidade¹¹⁷, refletindo a preocupação em constatar esta superação ou negá-la.

Voltamos a afirmar que é na relação com as noções de "trabalho explorado" e "luta de classes" presentes na palavra "luta" que a existência e a ausência do termo "lazer" - ou similares - produz sentido. Foi este jogo que buscamos apreender na análise do discurso do lazer entre trabalhadores organizados.

¹¹⁵ - No total, foram realizadas 17 entrevistas, perfazendo cada uma média de 20 páginas. Em função da riqueza das respostas obtidas tive muita dificuldade em abrir mão de apresentar as entrevistas na íntegra. O recorte utilizado pareceu-me como a melhor forma de aproveitar ao máximo a dinâmica utilizada na investigação e análise do percurso dos sentidos.

¹¹⁶ - Ver discussão sobre o assunto em Antunes (1995).

¹¹⁷ - Boito (1991), Antunes (1995) e Rodrigues (1990).

Depois de analisado o sentido da "luta" nas Resoluções, selecionei, entre as questões feitas aos diretores e funcionários do Sindicato dos Metalúrgicos, aquelas que possibilitassem perceber mais diretamente as relações feitas pelos entrevistados entre sindicato, ação sindical e lazer. Tomamos, então, as respostas às questões sobre **o papel do sindicato, a natureza da ação sindical e sobre o papel dos departamentos e atividades culturais.**

Operado este recorte, passei, pelo mecanismo da análise de discurso, a destacar as repetições e apontar a diferença de sentidos com que os termos repetidos apontam nos trechos destacados das entrevistas. Estes termos, por sua vez, indicam as preocupações em foco no momento, que, a seu tempo, dirão os sentidos que emergem, mais tarde, relacionados ao lazer.

Durante as análises estas questões revelaram que as atividades culturais no interior do sindicato objetivam a ocupação do tempo disponível do trabalhador metalúrgico para conseguir, nestes momentos, realizar os trabalhos de afirmação da necessidade de filiação à ação sindical e de politização sobre as questões mais prementes.

5.1 As posições sobre o papel dos sindicatos

Das dezessete entrevistas realizadas, **selecionamos as seguintes definições sobre o papel do sindicato:**

"Eu **acredito** que o papel do sindicato é de **revolucionar**, de questionar. Ele é algo assim: está dentro das leis, dentro da legislação, **mas** é anárquico, é contra as leis, é contra a legislação. Ele tem que ser um **elo** do presente com o futuro, entendeu? Ele precisa **ser** essa passagem, ele precisa **dar** condição de ser essa passagem. Ele **tem** que questionar tudo que tá aí. Porque **tudo o que tá aí tá errado**. Você vê essa quantidade de gente na favela. Essa quantidade de gente em baixo da ponte, essa vida que o pessoal leva **tá tudo errado**. Então, pra resolver esse problema o sindicato **tem que ser algo que aponte pro novo**. Não pode ser estático. Por isso ele tem que estar sempre **se oxigenando** tanto politicamente como fisicamente. Tem que estar sempre vindo com as pessoas que estão lá dentro da fábrica, nessa **luta** diária, porque o sindicato tem que ser esse reflexo. Ele tem que refletir, tem que ser o

reflexo da luta diária do trabalhador. Eu acho que é isso que é o sindicato. É essa transformação né? É um **elo**. Ele não é um fim, é um **meio**."

Aqui a alusão ao papel do sindicato remete imediatamente à noção de crença ideológica. Vemos a direção ideológica definindo a crença sobre o sentido da ação sindical, através do entendimento de qual seja seu papel na sociedade: *revolucionar* sendo o *elo* e o *meio*.

Para isso a crença ideológica diz que o sindicato precisa estar formalmente inserido na estrutura social representado pelo *estar dentro da lei* mas, ao mesmo tempo, precisa estar fora delas, na medida em que *é contra* as mesmas leis que o sustentam socialmente.

A direção deste *revolucionar* aparece simbolizado no *ser*, como possibilidade exclusiva, o lugar/porta de passagem do insatisfatório, entendido como *tudo errado*, para o vir a ser que objetiva por o "certo" no lugar do "errado".

Nesta fala o papel da ação sindical desloca-se provisoriamente do lugar "concreto" da "luta" pela transformação material das condições adversas, para ocupar o lugar de ação abstrata em função de um "que" a ser transformado para a construção de um outro "que" não dito.

Este deslocamento representa a manutenção do discurso da necessidade de mudança e o silenciamento do "em elaboração sobre o que deve ser mudado" ocupado pela ideia generalista do "tudo errado". Em outras palavras, neste momento, o discurso dispersa-se entre as possibilidades, amarrando-as apenas na expressão "tem que". Estes dados exemplificam as alterações que vêm marcando a "crença ideológica".

Em outra fala, observamos um sentido diferentemente fixado atribuído ao sindicato.

"Olha, o papel do sindicato é limitado, entendeu? Tem gente que vê que o papel do sindicato **passaria**, **ultrapassaria** o papel de **um** partido político. E isso, **eu tenho bem claro**, não é. Qual que é o papel do sindicato e qual que é o papel do partido político? Eu acho que o sindicato **tem que ser democrático entendeu?** E principalmente... tentar

conscientizar os trabalhadores. Entende? É até **dar** a ele **uma consciência de classe**. **Tendo, nos seus limites**, aí, as **negociações** né? E hoje, eu, lógico, qualquer sindicato precisa de resultados, muito diferente do Medeiros lá que é de negócios. Deixar bem claro isso daí... Se não as pessoas confundem... É de resultado, igual ao Medeiros não... O sindicato do Medeiros lá, a Força Sindical, é de negócios. Né? Aquele não é um sindicato. Lá é negócio. **O nosso papel é de tá lá mobilizando os trabalhadores, dando sua consciência de classe** entende?? **Eu acho que um sindicato não pode ser um partido político** entende? A base hoje, eu acho que tem que ser democrático aqui... tem nego aqui que gosta Maluf, gosta Fleury, gosta Lula... entendeu? Eu acho que não pode extrapolar, aqui no sindicato não pode permitir aqui que... Olha... **Só entra nêgo do PT, sabe? Eu acho que ele tem que ser democrático...** Tá muito definido nesse papel. É muito limitado o papel do sindicato. **O que cê pode aproveitar é tentar uma consciência de classe pro trabalhador** entende? **Mobilizar ele... ver que classe social ele pertence...** É através também, você poder usar outros departamento aí até formar... **Formar companheiros visando o futuro:** ou cipeiro, das comissões de fábrica; até os diretores do sindicato..."¹¹⁸

Diferentemente da outra fala, a deste sindicalista está marcada pela certeza. Pela análise de conteúdo veríamos a clareza do entrevistado na diferenciação entre o papel do sindicato e o papel do partido. Pela análise de discurso vemos que o sentido de papel do sindicato atribuído pelo entrevistado dialoga diretamente com as outras falas que "confundem" o papel do sindicato com o papel do partido, e dialoga com esta diferença em função da "luta" pela manutenção da unidade. Por isso a necessidade de marcar uma posição doutrinária definitiva representada pelo *é*.

Isto se mostra para nós através do seguinte detalhe: a preocupação com indicar a diferença entre partido e sindicato, não solicitada pelo entrevistador. Tal indicação tem a ver com a alusão necessária ao conflito/discussão presente no interior do movimento em que se chocam a possibilidade de uma orientação partidária única com a pluralidade de filiações presentes na categoria, envolvendo a reunião de uma categoria de trabalhadores em função de um "objetivo comum".

De fato, diversos partidos e tendências políticas compõem a direção da categoria. Identificados pelos projetos que caracterizam a esquerda - variando do

¹¹⁸ - Entrevista nº 13.

socialismo à social democracia - estes partidos e tendências lutam pela direção político ideológica da entidade segundo as concepções que defendem, sem, no entanto, desejarem o seu esfacelamento.

A luta destes grupos tem sido, primeiramente, impedir que o sindicato caia nas mãos dos "pelegos". Quando no enfrentamento aos interesses do empresariado, ou no objetivo coeso de derrotar os "pelegos" apoiados pelo patronato, estes grupos constituem-se como unidade.

Suas diferenças, pode-se dizer, são domésticas e emergem apenas, fora dos períodos de eleição. Nestes períodos de eleição as diferenças são ajustadas, através de coligações e filiações com posições mais próximas, objetivando a reunião de forças contra posições mais extremas.

Esse reunir, não passa pelo viés da micro-diferença ideológica, mas, justamente, pela ideia de unidade de categoria e de classe, e pela democrática pluralidade de ideias e concepções. Não interessa salientar a contradição e os choques ideológicos presentes nas filiações partidárias que a categoria possa ter em seu interior. Não é prioritário saber em quem votam os sindicalizados nas eleições. Prioritário é mantê-los unidos como "iguais". São as noções de "luta de classes" e "categoria" que permitem esta unidade dentro dos sindicatos.

Esta constatação faz aflorar no sindicato a direção colegiada. Por este mecanismo, todos vão estar representados na direção formal do movimento. Entretanto, nesta composição o poder de voto é proporcional, o que acaba por manter uma certa direção tendencial baseada na maioria.

Desta forma, a fala analisada revela muito mais que uma a clareza absoluta quanto a diferença institucional entre partido e sindicato. Ela denuncia a existência concreta da disputa, entre doutrinas político-ideológicas, pela direção do movimento. Aponta aí a necessidade de garantir que o fato da existência de *um* partido ou tendência regendo os nortes políticos tem de ser amenizado pelo princípio da pluralidade representado pela ideia de democracia, de participação e de contribuição coletiva nas decisões e definições.

A unidade é necessária porque é necessário haver "o" sindicato reunindo a categoria. O sindicato é único ou não vai existir unidade e possibilidade de enfrentamento como "classe". A ideia da unidade é necessária porque é preciso manter acesa a possibilidade de argumentar e conquistar a posição do que optou pelo partido da "outra classe".

Evidencia-se ainda, claramente nesta fala, que há uma relação expressa entre **um** partido / tendência e o sindicato, que desloca-se, pela ideia do complemento, pela necessidade de diferenciar as naturezas da intervenção de um e de outro.

Nesta complementaridade, a ação do sindicato estaria limitada à luta econômica e ao posicionamento frente as intercorrências políticas, mobilizando os trabalhadores, organizando-os, dando-lhes a "consciência", que aparece como algo pronto. Ao sindicato cabe criar e gerir o espaço e as condições para formar "novos quadros", e o silêncio que acompanha a afirmação: novos quadros políticos para representar-nos no partido.

Na fala do primeiro entrevistado citado, este "criar quadros" reduz-se ao universo do próprio sindicato, expresso pela ideia da "oxigenação" e de reciclagem. Não oxigena-se o movimento sindical para um outro estado superior àquele nível, mas para que aquele lugar cujo "ar" está "viciado" possa respirar. Na fala do segundo entrevistado a formação de quadros ultrapassa o universo da ação sindical. A formação de quadros visa "o futuro", aquilo que pode estar indefinido, mas também pode estar guiado pelo projeto que é preciso providenciar desde já através da conscientização.

Em outras palavras a relação entre papel do sindicato e papel do partido é determinante na definição das ações sindicais. A definição desta relação passa pela necessidade de delimitar os campos de ação de cada um, para que os interesses da categoria não sejam prejudicados pelos interesses partidários deste ou daquele. O sindicato remete ao partido, mas o partido não pode remeter-se, ao menos diretamente, ao sindicato.

Enfatizamos este embate para dizer que há uma diferenciação no entendimento do papel do sindicato, que, pelo peso político da tendência

majoritária, vai determinar, concretamente, a distribuição dos cargos que compõe a estrutura oficial¹¹⁹ e as decisões dados às questões relativas à cultura e ao lazer.

O choque de posições vai se dar, exatamente, no encaminhamento das ações por parte dos departamentos. Este encaminhamento é determinado, em primeiro lugar, pela decisão de seus diretores e, depois, pela decisão colegiada. Isto traz uma forma de direção complexa onde os encaminhamentos são lentos e penosos. O discurso oficial tramita por estas instâncias acabando por explicitar-se, aparado e esquecido, na fala deste segundo entrevistado.

Um outro aspecto observável é o da relação estreita entre o "dar" e a expressão "consciência de classe" sugerindo o ato de passar, para outro "já pronto" um bem necessário, valioso e urgente. Um bem que, neste caso, é considerado necessário tendo em vista o objetivo da unidade de posições frente o inimigo comum.

De certa forma, conscientizar significa mostrar a outrem algo que não aparece tão evidente, mas é necessário e fundamental para a convivência coletiva, para a compreensão da situação vivenciada, ou, no extremo oposto, preparar para algo em construção. Dizer "tenha consciência", significa cobrar uma "catequese" já realizada. Mas dizer "dar consciência" é realizar o processo de catequização. Deste modo seu sentido é profundamente dogmático e sabe-se, exatamente, qual a consciência a ser transmitida¹²⁰.

Vejamos o sentido de ação sindical em outra situação:

"Então, eu, pra mim, o sindicato é de fundamental importância **na vida do trabalhador** e até da **economia do país**... O sindicato hoje... é... A concepção que eu tenho de sindicato hoje tem **um papel fundamental na sociedade**... Nós não somos um **sindicato** só dos trabalhadores da GM, nós somos um sindicato que vale pra sociedade toda do Vale do Paraíba e de São José dos Campos. Nós temos um compromisso com a sociedade. Pra você ter ideia, agora nós estamos discutindo uma questão

¹¹⁹ - É interessante observar que o Departamento de cultura é entregue num pacote de cargos, como uma secretaria de pouco peso, não sendo alvo de disputas. Na forma colegiada, as secretarias de peso têm, cada uma, um representante de cada tendência. As de pouco peso podem contar com um representante de uma única ou duas das tendências presentes no sindicato.

¹²⁰ - Esta consciência vai estar variando de acordo com as posições e concepções de cada tendência.

na fábrica que é a montagem da nova... a ampliação da fábrica de São José. A vinda de nova fábrica...

* Da GM...

Da GM aqui em São José... A vinda de nova... nova unidade da fábrica aqui pra São José... E isso engloba a sociedade... Isso aí traz ansiedade pra sociedade joiense... Porque isso tudo... Vindo a fábrica prá cá, vai gerar mais emprego... Gerando mais emprego vai gerar mais impostos... Gerando mais impostos, vai ser melhor pra cidade. É... E além disso o comércio, o comércio vai ganhar... Então engloba tudo... O sindicato tem um papel na sociedade... **Ele não tem o papel só do trabalhador dentro da fábrica... O papel dele é dentro da sociedade em si...** E prá isso a nossa responsabilidade é muito grande... O diretor do sindicato que hoje, no estágio em que está o sindicato no Brasil, a força que tem o sindicalismo no Brasil, é de fundamental importância, hoje, esse trabalho do diretor... **Assim, nós temos que discutir questões nacionais, não podemos discutir só questões locais...** Nós temos questões de Câmara setorial, de Mercosul. É tudo! **Questões nacionais e mesmo até a nível internacionais... O sindicato tem que tá sabendo, tem que tá discutindo, e o trabalhador tem que tá representado, porque nós temos propostas.** É isso que eu acho do papel do sindicato.

* Quer dizer que vai além do que chama de imediatismo?

Muito além. Muito além. **Não é só essa questão de 10% de aumento 20 % de aumento.** Isso é lógico, faz parte da melhoria de vida do trabalhador mas é uma coisa muito mais ampla, **muito mais além do que isso...**¹²¹

Aqui, pela análise do conteúdo da fala do entrevistado, identificamos, ainda, a preocupação com a amplitude e os limites da ação sindical. Nesta fala, contrapondo-se à anterior, aparece a preocupação de apontar a amplitude da ação sindical desde a representação dos trabalhadores da fábrica - *nós não somos um sindicato só dos trabalhadores da GM* - até a representação dos interesses da sociedade - *a concepção de sindicato que eu tenho hoje tem papel fundamental na sociedade*.

Pela análise de discurso podemos perceber uma identidade estreita entre a noção de representação sindical e atuação partidária. Quando o entrevistado diz "nós não somos um sindicato só dos trabalhadores da GM", ele está dizendo: "nós não representamos só a GM".

¹²¹ - Entrevista nº 4. O aparecimento do asterisco indica a minha intervenção no momento da entrevista.

A linguagem faz, de certa forma, uma violência com a própria linguagem... Como descrever a fala destes trabalhadores sem violentá-las? .

Na fala deste entrevistado, a noção de sindicato está bastante associada com a noção de partido e de cidadania, na medida em que cabe ao sindicato zelar pelos interesses da sociedade. Entretanto, a noção de cidadania refere-se, especificamente, à posição de direito do indivíduo, enquanto que a noção de sindicato refere-se, historicamente, à noção de luta pelos direitos enquanto classe.

Outro detalhe é o uso do termo sociedade, que amplia o leque de ação da instituição, deslocando a noção de classe para a noção de parceria entre classes. Quando se fala em sociedade, apaga-se, imediatamente, a noção de classe, visto que o termo tem a origem histórica do associativismo e da parceria pelo bem comum.

Na noção mesma de sociedade é que o entrevistado identifica a noção de sindicato. Não cabe, nesta fala imediata, superar uma situação, mas garantir o equilíbrio no seu funcionamento. A explicação sobre o ciclo ampliação da fábrica - geração de empregos - recolhimento de impostos - melhor funcionamento do comércio é clássica na visão mercadológica de sociedade.

Nesta organização cabe ao sindicato muito mais que representar um segmento, cabe ao sindicato representar interesses da "sociedade joseense" e auxiliar no equilíbrio da infra-estrutura da cidade. Neste sentido, a postura é bastante diferenciada do segundo entrevistado.

Ainda nesta fala, podemos encontrar uma outra característica presente na fala de sindicalistas: a preocupação com a identificação de dois níveis em que a "luta sindical" se dá, através da citação das expressões "luta econômica" e "luta política".

Esta discussão pode ser melhor observada no artigo "A CUT amadurece", uma entrevista de Jair Meneguette concedida a Venceslau (1989), mas funda-se, basicamente, na idéia de um embate de classe imediato e histórico em que têm igual importância a "luta econômica" e de resistência pelo salário e por melhores condições de vida hoje, e a "luta política" histórica pela transformação das condições de exploração.

Esta relação entre a "luta econômica" e a "luta política" pode ser melhor observada no trecho abaixo:

"Na minha opinião, o papel do sindicato é **mobilizar e avançar na consciência de classe dos trabalhadores...** Ou seja, o papel do sindicato é, provar através de todas as formas **de luta, que existe uma exploração capitalista e essa exploração capitalista tem que ser enfrentada**, e cada vez mais o trabalhador ter consciência que ele tá de um lado, ele produz, e do outro lado ele é explorado pelos patrões. Então, eu acho, que esse é o papel estratégico fundamental do... sindicato, que é **dar consciência de classe**.

* Hum, hum.

A partir disso, todo... Porquê, e eu entendo que todas as conquistas que a gente tenha no movimento sindical - seja abono, seja aumento de salário - são questões que rapidamente - seja pela precarização do trabalho, seja pela infla... anteriormente inflação - elas são roubadas pelos capitalistas. Portanto essas **lutas mínimas econômicas de resistência**, são lutas que nós fazemos, temos que fazer, com o objetivo principal de avançar na consciência dos trabalhadores, na **consciência de classe, que ele é explorado e que precisa acabar com essa exploração**. Acho que essa é o papel fundamental do sindicato, **o sindicato é uma escola pro trabalhador.**"¹²²

Aqui é possível observar a repetição do discurso oficial cutista de que "o papel do sindicato é mobilizar e avançar na consciência de classe dos trabalhadores", acentuando a centralidade da categoria trabalho e da ideologia da "luta de classes". Aí explicita-se, também, a certeza de que o sindicato é uma "porta", como diz o primeiro entrevistado, pela qual o trabalhador entra para receber "a consciência" de ser "classe explorada".

Esta ação do sindicato é tida como estratégica para "formar" a possibilidade de "avanço" em uma dada direção.

"O papel do sindicato na verdade, ele tem que **ser** um ... ele tem que **ter** um papel ... é ... **de formação** dos trabalhadores na área, politicamente. Tem que formar bem os trabalhadores para que eles possam **entender um pouquinho o que é cidadania, né?! Que é exigir seus direitos e... porque os deveres todo mundo te fala o que que é ... né?! Principalmente nesta área, é... O sindicato ele tem que exercer a função dele de tá **cumprindo esse papel na formação dos trabalhadores** e tá**

¹²² - Entrevista nº 17.

fazendo isso que eu falei né?! Na porta da fábrica, no dia a dia e esse, na minha opinião, é o papel do sindicato, né?! De tá formando os trabalhadores, e tá preparando eles pro dia a dia."¹²³

Novamente a "luta imediata" aparece como um papel central do sindicato, acompanhada da ênfase na idéia de "cidadania" a ele associada. O discurso do sindicato como escola de formação de uma consciência também reaparece. Entretanto, na fala anterior, a noção de cidadania vem acompanhada da noção de "luta de classes"; nesta fala, a noção de sindicato aparece associada à noção de preparação de cidadãos.

Neste caso a noção de sindicato está marcada pela concepção de unidade componente de um todo que vai funcionar na medida a consciência da importância da participação individual nesta unidade estiver devidamente explicitada, cabendo ao sindicato este trabalho.

O entrevistado anterior refere-se à "luta" organizada, o segundo, à formação do indivíduo, unidade da classe trabalhadora, que deve ter, também, o direito à cidadania. Ambas as falas presentes num espaço cuja trajetória histórica se faz pela emergência da noção e da necessidade da luta coesa e coletiva.

"Olha... eu acho que o sindicato **deve ter** um papel além de... é... além de tá defendendo o **direito dos trabalhadores** que é **prá isso** que **existe o sindicato**, eu acho que tem um outro papel que a gente não cumpre muito porque ou não tamo preparado ou num temos temos tempo e num temos espaço prá fazer isso **que é uma atividade cultural, lazer pro trabalhador!**

Que o sindicato não é só **luta, luta, luta**, eu acho que o sindicato **também tem** que fazer uma **atividade social**... fazer uma atividade esportiva prá poder **relaxar** os próprios diretores e também o associado, né?! Mas nós nessa **luta** de domingo a domingo **que você acaba não tendo um projeto prá esse lado**. Então isso o pessoal, prá ser sincero o pessoal, **dá menos importância**. Dá mais importância à **luta** e dá menos importância a atividade... **atividade de lazer**... O "**social**", vamos falar assim, no sindicato, né?! E aí não só com o associado mas também com os funcionários, né?! **Não há aquele entrosamento, aquele enlaçamento entre diretores e funcionários porque falta tempo**. Os caras tão **cansado** querem **descansar**, esse negócio todo, né?! Então tem essa **falha** da gente **discutir** as vezes "ah! "vamos fazer", "vamos fazer" e

¹²³ - Entrevista nº 14.

acaba num fazendo... Então, quer dizer... Então a primeira coisa que tem que ter é um projeto bom, projeto bem **discutido**, bem **elaborado** prá você trabalhar em cima dele... Enquanto não tiver isso não adianta que não sai... Não faz... Então eu acho que o sindicato não é só a **luta** pelo **salário**, prá manter o **emprego**, esse negócio todo. **É também uma atividade social, uma colônia de férias, um baile, é uma festa, é lazer**... Por exemplo, poderíamos se tivesse estrutura, condição de fazer, ir pros bairros fazer essas atividades, né?! Então, mais falta isso, então eu acho que a atividade do sindicato não é só a **luta** pelo salário ou pelo emprego. Essa **pode ser a principal, mas eu acho que tem o lazer também que o pessoal precisa. Porque veja bem, quem são os trabalhadores hoje que podem é, pagar um título de um clube?** Quem pode ser **sócio** de um clube pra ir num final de semana por exemplo, como um "luso-brasileiro", um "Santa Rita", um parque... Muito poucos... Então se o sindicato tivesse condição de **entreter** esse pessoal, principalmente o pessoal que trabalha em fábrica pequenininha, fabriqueta, que não tem condições mesmo de nada, nem de ir na colônia de férias. Esse é um problema que nós **tem que discutir**, uma maneira de levar pessoas prá colônia de férias... uma temporada fora, esse negócio todo. Então é uma coisa que nós temo que discutir e isso nesse ponto é falho, eu acho que o sindicato peca nesse ponto. **Tem que ter uma atividade social também voltada pro sócio e não tem, não tem.**

* O que que você define como luta ?

Olha, o problema é o seguinte: eu acho tem várias coisas, a **luta** direta hoje, direta que nós temos é praticamente na porta de fábrica, né?! É o que? **Lutar** pelo salário, pelo emprego, contra os acidentes de trabalho, contra as condições de trabalho, melhores condições de saúde, né?! Dar cursos de CIPA... instruir os trabalhadores, vamos dizer, essa é a **luta**. Tem a **luta** imediata que é a greve por salário. Mas tem também essas outras que nós temo a paralelo e que a gente não consegue atingir por dificuldades dentro da fábrica que os patrões não deixa e aí, ainda pela deficiência que nós temos, tá certo?!

* Hum! Hum!

Então a turma fala: "**luta** do sindicato", mas qual? Não é essa que nós tivemos na porta da Embraer hoje, na passeata. Não. É você fazer um curso de CIPA. É você dar um curso sobre saúde do trabalhador, sobre leis trabalhistas, pro trabalhador ficar sabendo... Porque eu acho que isso também é uma **luta** que você instrui. É bom, que cê tá instruindo o trabalhador que fica muito mais fácil pra cê chegar lá, falar, fazemos isso por causa daquilo lá, entendeu?! Então eu acho que a nossa **luta** ela passa por vários estágios, tá certo?"¹²⁴

¹²⁴ - Entrevista nº 15.

Nesta fala, defende-se um terceiro papel para o sindicato além da "luta econômica" e da "luta política", caberia a esta entidade promover a integração interna dos diretores através de atividades de "lazer". Por isto a noção de "social" associada à noção de "lazer". Mas em que contexto aparece esta vinculação?

Respondendo a pergunta sobre o "papel do sindicato", o entrevistado utiliza a expressão "o sindicato tem que" e em seguida as palavras e expressões: "atividade de lazer", "atividade social", "relaxar", "entreter", "entrosamento" e "fazer o social" mediadas pela palavra "sócio" no lugar da palavra "sindicalizado" aplicada aos indivíduos filiados ao sindicato, que remete à ideia de sindicato como um clube.

Isto parece estar indicando que frente ao trabalho na fábrica e frente ao trabalho sindical, o sindicato deveria cuidar de uma terceira parte, que tem "menor importância" para a diretoria, que seria a promoção de atividades de descanso e relaxamento. Entretanto, isto não se dá porque o "pessoal" já está cansado... De estar no sindicato, de estar o tempo todo na "luta", e precisa fruir de um tempo só para si mesmo. Por isso a discussão sobre o lazer não é importante como algo a ser desenvolvido no sindicato... Mas precisava...

A vinculação feita entre lazer e sindicato, neste caso, remete-nos ao período de Ditadura Militar entre 1964 e início da década de sessenta, em que houve um silenciamento autoritário dos sentidos da "luta", predominando nos sindicatos a política assistencialista e a descaracterização de seus princípios históricos.

Este sentimento assistencialista, ainda bastante presente, que entende o sindicato como um espaço de auxílio ao trabalhador individualizado, interfere decisivamente nos embates internos sobre a questão cultura/lazer pesando no sentido da constatação de implantação de políticas de lazer/cultura como mais uma ação na direção do assistencialismo¹²⁵.

¹²⁵ - Isto evidenciou-se bastante durante o 3º Congresso dos Metalúrgicos de São José dos Campos, quando decidia-se a contratação ou não de um profissional responsável pela coordenação do Departamento de Cultura. Todos eram unânimes em que a definição de uma política cultural era importante para a ação sindical, mas o argumento contrário à possibilidade de contratação de um profissional específico para tratar da questão referia-se, basicamente, a que a "máquina" estava "inchada" pelos resquícios do assistencialismo propagado no período da Ditadura.

Na fala deste diretor, o termo "lazer" aparece como contraposição evidente à "luta" no sentido de "cotidianidade repetitiva e stressante", "batalha", "exaustão", "estado de alerta", aparecendo com o sentido de possibilidade de "relaxamento" e "sociabilidade". Relaxamento das tensões e sociabilidade dos membros do sindicato que estão unidos e divididos pela "luta".

Um outro termo é marcante nesta fala: "discutir". Tudo o que é posto em discussão é ponto polêmico. Da mesma forma, o sentido de discutir traz a idéia de esclarecer, conscientizar e formar opinião pelo argumento. Mas discutir pode estar significando também, "ainda não nos detivemos neste aspecto", ou, noutro sentido, "aguardamos momento propício para aprofundar este aspecto". Vai do extremo do "inativismo" ao outro extremo de "processo democrático de aprofundamento, conscientização e decisão" sobre um determinado aspecto, podendo significar ainda "argumentar para convencer".

Na fala dos funcionários os sentidos aparecem com outras nuances:

"É uma pergunta interessante. Hoje de manhã veio duas menininha aqui perguntando isso pra mim... Pra ser bem sucinto, o papel dele é representar os empregados perante os tra... Perante a classe empresarial."¹²⁶

Esta é uma pergunta "interessante" porque que já foi exaustivamente feita e "sem mais delongas" ser "sucinto" indica ter em mãos, também, uma resposta que já foi exaustivamente elaborada.

Por sua vez, "representar perante", traz uma variação da ideia de equilíbrio que indicamos na outra fala. Nesta variação, o termo "perante", não traz a idéia de equilíbrio de forças, mas a idéia de "em presença de"; alguém com poder sobre aquele que está sendo representado.

Na presença do patronato, o sindicato representa o trabalhador. Na presença daquele que é considerado "o grande" o sindicato tenta apresentar-se, também,

Os efeitos desta marca assistencial na definição de políticas culturais no interior do sindicato são os bloqueios taxativos aos planejamentos na área da intervenção cultural, no que toca, por exemplo, à contratação de serviços especializados ou à destinação de verbas específicas para o setor, devido à predominância da idéia de que as atividades de cultura no interior do sindicato devam ser auto-sustentadas.

¹²⁶ - Entrevista n° 8.

como grande, na medida em que unifica a quantidade de pequenos como representante único e oficial. O termo representar traz, ainda, a relação direta com a idéia de caráter oficial do encontro.

A posição sobre o papel do sindicato em outra entrevista vai aparecer da seguinte forma:

"É. Nos quatro anos... Eu **já vou falar** a nível de base... Eu acho que é, **em primeiro lugar** ele **evitar a exploração**, por parte do patrão, em relação ao trabalhador. Principalmente, ultimamente, em relação às terceiras... Nossa, a coisa tá... Eu não consigo ver o trabalhador sem o papel do sindicato tá? Porque **mesmo com o sindicato trabalhando e defendendo** o trabalhador, **a exploração é imensa**, é uma coisa que revolta a qualquer um... Então o papel do sindicato é **orientar**, tá? É **amparar** o trabalhador... É fazer com que... É, inclusive, **estabelecer acordos** né? E fazer com que os **patrões cumpram** os acordos, embora, nem sempre isso acontece.

* Tem que tá fiscalizando...

Sempre **fiscalizando** tá? **Sempre fiscalizando o papel de empregador** principalmente tá? Porque eles **não pensam nunca na parte humana**, e o **sindicato pensa**... Eu acredito que todo o papel do sindicato é pensando **principalmente no lado humano** do trabalhador, tá? **Seus direitos**..."

Em outra possibilidade de sentido, saindo do enfrentamento, aparece novamente a resistência imediata: "evitar a exploração". "Mesmo" com o sindicato "trabalhando e defendendo o trabalhador" a exploração é constante e desproporcional. A fala da mulher-mãe, então, remete seu entendimento pessoal da ação sindical: "orientar" e "amparar" o trabalhador e por outro lado, "fazer cumprir" o decidido em conjunto. Orientar por um caminho a seguir, amparar nas quedas e agruras, defender como um advogado e ordenar como um juiz.

Desta forma, dizer "qual é o papel do sindicato", em tantas quantas sejam as falas que possamos recolher, vai ser dizer o que **também** é o papel do sindicato. Reza a cartilha, mas rezam, sobretudo, os sentidos postos cotidianamente nas ações que são necessárias para dar conta da "luta". Além do sentido oficial que consta nos manuais sobre a ação sindical, ouvimos os sentidos pessoais postos cotidiana e subjetivamente, na ação sindical.

Neste contexto os sentidos atribuídos ao "papel do sindicato" definem qual vai ser a "ação sindical" reorganizando as questões polêmicas em discussões até que vença a maioria convencida.

5.2 As posições sobre os problemas de funcionamento do sindicato

A "cultura" vai ter a conotação que tiverem as palavras organizadoras do discurso, bem como a relação concreta mantida entre estes termos. Assim, "consciência de classe", "luta", "máquina", "ação sindical", "mobilização", "base", "representatividade" entre outras repetições presentes no discurso, indicam o percurso de sentido em que a "cultura" e o "lazer" vão estar significando na fala de trabalhadores organizados.

Estes sentidos de "papel do sindicato" postos na fala de diretores e funcionários remetem-nos à história do dizer, que, por sua vez, tem relação com acontecimentos passados, presentes e previstos ou planejados para o futuro, constitutivos do processo de produção deste mesmo dizer.

Quando, perguntamos "**qual a sua opinião pessoal sobre o funcionamento do sindicato**" de maneira geral obtivemos dos entrevistados respostas que refletem uma situação de crise e de transição, marcada pela esperança, pelas incertezas e pelo esforço de tentar acertar.

"Ah, a **minha visão** é a seguinte, esse Sindicato aqui ele **melhorou muito** com o processo de colegiado, né. **Agora**, todas as **mudanças** elas **trazem... outros desafios**, outros problemas, **alguns** né, só vê aumentar os problemas, tal, eu acho não eu acho que hoje são **outros desafios** que antigamente nós não tínhamos por exemplo hoje **não existe autoritarismo** dentro do Sindicato, hoje há uma democracia, não é um democratismo mas é um... **Agora**, nós **ainda estamos aprendendo a trabalhar com isto**, entendeu. São dois anos de aprendizado, quem sabe na próxima gestão a gente consiga ter mais frutos né.

Que nem se for plantar na primeira colheita ela não é boa mas a segunda, ela já começa a ser melhor."¹²⁷

Mudanças trazem outros desafios. O novo desafio passa a ser aprender a trabalhar fora do autoritarismo, dentro da democracia. A promessa de

¹²⁷ - Entrevista nº 1.

continuidade joga-se para a possibilidade de uma nova gestão. Mas para chegar a esta nova gestão é necessário rever e justificar o que não foi feito porque não foi possível.

Em outro trecho, a resposta à questão formulada aparece da seguinte forma:

"Bom, eu acho que o sindicato tá **cumprindo o papel dele** que é esse **de lutar** por melhores salários e por melhores condições de trabalho. Um sindicato combativo, um sindicato que tá **sempre presente** na, na ... nas lutas né? **Agora, lógico**, tem problemas também, tem dificuldades, às vezes **as coisas demoram muito a ser resolvidas** porque é, **prá** se tomar uma determinada **decisão** precisa... passar pela executiva da diretoria, daí, **num chega a ser um acordo**, vai prá... pro colegiado que são 41, eram 41 diretores, e, **às vezes, é necessário urgência** numa determinada atitude. Isso fica atrapalhando um pouco né? Na parte nossa aqui da imprensa também tem, tem esse problema, nós já aqui demo, já tentamos mudar o logotipo do sindicato, por exemplo, que é um negócio extremamente ultrapassado e não conseguimos ainda, né?! Uma vez foi utilizado o argumento, que era preciso ser aprovado pelo congresso, dos metalúrgicos, a mudança do logotipo do jornal, por exemplo, é um absurdo, é uma coisa **extremamente burocrática**, na verdade né?! E alguma coisas também no caso, do departamento de imprensa, tô me referindo ao departamento de imprensa que às vezes também por, por ter que passar por, 300 votações, aí acaba é... perdendo tempo, às vezes até você acaba perdendo mesmo uma batalha por causa desse excesso de ...

* Burocracia.

De burocracia... Votação, votar aqui, votar lá, isso aí atrapalha né? Principalmente atrapalha, lógico, e atrapalha prá gente aqui muito né?!"¹²⁸

Aqui, a reflexão apoia a ação do sindicato que "cumpre seu papel" de "lutar" e de estar "presente" nos momentos de luta, sem deixar de lembrar na expressão "agora, lógico" que existem "problemas e dificuldades", apresentados como a demora na tramitação devido à burocratização interna.

A fala seguinte concorda com a análise anterior no que se refere aos problemas gerados pela burocratização, mas já apresenta uma avaliação mais elaborada sobre a problemática da direção colegiada nos sindicatos:

¹²⁸ - Entrevista nº 2.

"Eu acho o seguinte: a gente tem uma proposta política para os trabalhadores de organização, de conscientização uma proposta interessante, positiva. Eu acho que esse Sindicato, de um modo geral, no decorrer desses anos todos, como acho que é a maior parte dos Sindicatos do Brasil, também eles **cumpriram o papel fundamental de organização da classe trabalhadora**. Basta a gente hoje ver o que que é São Bernardo o que surgiu a partir daquelas greves de 89, **hoje é uma classe... é uma categoria útil, organizada**. Eu acho que isso tem a ver com o papel do Sindicato. Eu acho que o Sindicato aqui **se propõe a ter um trabalho sobre isso, um trabalho de combatividade, de conscientização, de passar uma política pro trabalhador ter uma visão da luta de classes, entende? Uma política de classes**. Nesse aspecto é muito positivo inclusive essa questão, por exemplo, agora, da **proporcionalidade**, eu acho que é um negócio ultra-democrático porque até então, antes dessa gestão, o Sindicato era dirigido pela convergência socialista, quase exclusivamente, e independentes, né? Que eram grupos que compuseram em conjunto a chapa naquela época mas tinha uma maioria que era convergência. Mas ficou excluído um setor da categoria que tinha uma representatividade. Eu acho que **nesse aspecto**, por exemplo, é **positivo a proporcionalidade**, por isso. É mais difícil trabalhar com uma direção proporcional tendo todas as correntes, é muito mais complicado. Mas acho que na verdade a gente sabendo trabalhar aqui dentro com a democracia no movimento, porque hoje estão **representadas** as correntes do movimento, entende? **Se elas tem representação** eu acho que elas têm que ser **respeitadas** aqui. Eu acho que é um negócio que a gente vai ter que aprender muito porque o movimento, ele veio assim com as chapas da CUT, contra a Força Sindical, depois as disputas entre as chapas da CUT, mas, **sem entrar aquela hegemonia total**, e o **restante tava de fora**. Isso, eu acho que nos educou mal, nos educou a só saber ser maioria. **Só saber ganhar**. Vencer. Na verdade, não saber **garantir o espaço democrático com o conjunto dos trabalhadores** porque não é só a Diretoria que tem. É os trabalhadores se sentirem representados. Então isso eu acho que é um aspecto muito positivo. Isso mudou muito, a última gestão que tá aí é um negócio totalmente diferente. É aquilo que eu falava no começo: você tem que ter cuidado como você inovar política no jornal, como você faz, como você contempla. Porque que a Diretoria amadurece nas discussões, prá tentar sair alguma coisa unificada. Muitas vezes não saem unificados são posições diferentes. Então é um negócio que tem aí e que tem que saber trabalhar mais com isso, mas eu acho que é educativo. É educativo porque prá nós é fundamental. **Se a gente não aplica a democracia no movimento, nós podemos**

estar tendo uma política de acabar com o movimento. Olha, eu acho que muitas vezes, tem problema: quando tem muitas divergências acaba votando, passa o que é por maioria na coordenação. Isso acaba não contemplando a minoria. Aí muitas vezes eles não querem distribuir o nosso jornal que não tá a matéria que eles queriam pôr. Então eu acho que o ideal prá isso é você garantir espaços democráticos. Como tem. Quando tem **polêmica**, tem duas **posições**, eu acho que nós temos que **garantir o espaço**, tem que **sair as duas posições**. Assinam os Diretores mas eles colocam suas duas posições. Isso abre o debate na categoria. E eu acho que a **proporcionalidade também é elevar o discurso até a categoria, não é só aqui**. Aí se vai levar nos jornais para que a categoria saiba o que se discute. O que a Diretoria discute, o que eles estão discutindo, ter mais consciência das argumentações, esse tipo de coisa. Isso ainda tem um pouco, né? Agora teve o processo **que teve uma unidade bem geral da diretoria** então não teve muitos problemas recentemente. Mas anteriormente, acho que uns sete meses atrás, teve todo o período da câmara setorial, por exemplo, que tinha divergências na Diretoria, fundamentalmente diretores da GM. Aí foi um processo que a gente teve que exercitar bastante. Porque tinha que soltar boletim de uma corrente, boletim de outra, jogar com essa posições, etc. Algumas vezes não passa o que é da maioria, e não solta uma outra matéria da minoria. Isso eu acho que a gente tá aprendendo a fazer? Mas tem que exercitar bastante. Agora eu acho que é educativo. Vale a pena esse projeto... Ah! E outra coisa que eu tava falando¹²⁹, eu acho que tem um projeto político legal, tem essa questão democrática, apesar de tá gatinhando em problemas, é muito importante pro movimento. Mas também tem problemas. Aqui, por exemplo, tem vários projetos que a gente não consegue implementar... Não tem... Tem o discurso, entende? Discutimos com a Diretoria, a Diretoria tem o discursos de apoiar, mas na verdade não tem esse apoio efetivo. É um processo que acaba enrolado e engolido pelo cotidiano, de um dia a dia sem as cores aqui no departamento de imprensa. É uma pastelaria! (a gente brinca que isso aqui é uma pastelaria ou uma padaria). Porque toda hora tá saindo pastel e o pão quentinho. Porque são 5 boletins meio ofício por dia, um jornal de uma fábrica, o boletim de outra, então todos os projetos que você tem a longo prazo eles se perdem nesse dia a a dia corrido. A gente já teve alguns projetos de soltar revista trimestral que aborda essas coisas da categoria ou da classe de um modo em geral. Como a

¹²⁹ - Houve uma primeira parte da entrevista, que por um descuido, não foi gravada. Por esquecimento ou "ato falho" conversamos bastante sem que o gravador estivesse. Por esse motivo, as questões tiveram que ser refeitas, e algumas respostas e pontos já abordados foram lembrados dessa forma, uma coisa dita sobre a outra no cuidado de recordar.

terceirização, a questão da mulher trabalhadora, a reestruturação do setor industrial... **Depois pegar coisas mais leves como cultura**, etc. E não conseguimos fazer, justamente porque era um projeto, mais a longo prazo. "Então vamos tentar, cê tira tua tarde prá fazer isso", a gente falava pra um jornalista. Aí começava a fazer, de repente, não tem computador prá todo mundo, aí tem que parar porque entraram três boletins. Aqui vamos ter que dar prioridade porque é tudo para amanhã. E aí não tinha vontade política da Diretoria de dar uma batalha, porque a partir do momento que as coisas são prioridade, certo (?), a prioridade seria de ficar ali fazendo, e não, ou outro jornalista, ficar com os três boletins. Por isso que eu acho apesar da gente ter um pouco dessas coisas, um pouco não, apesar de ter isso no discurso não conseguimos implementar. E aí a questão da revista, agora tem um projeto de implementar um jornal maior, quatro páginas que aborde as coisas que têm a ver com o dia a dia do trabalhador não só dentro da fábrica, mas o dia a dia da vida dele de um modo geral, da família, etc. Coisas de prestação de serviços pro trabalhador como FGTS, aposentadoria. Coisas que a gente queria fazer para aproximar mais o jornal. A gente por exemplo, não tem muita noção de qual é a aceitação. Inclusive a gente tava fazendo uma pesquisa da aceitação do jornal, se lêem ele todo, se os trabalhadores lêem... Gostam, não gostam... E já esse projeto tem a ver um pouco com isso de ligar mais ao dia a dia dele, e não só coisa da fábrica. Tipo ele pegar o jornal, ele sabe que ali ele só vai ler coisa sindical. Se ele tem aumento, ataques à patronal, e num sei o quê, a política do governo, entende? Que tem coisas que ele sinta também o dia-a-dia dele ali dentro. Mas tem muitas coisas que a gente fica com um pouco de dificuldade de implementar e de apresentar alternativa em função dessa dificuldade. A esperança é a última que morre. Tamo fazendo novo projeto, junto com a coordenação, prá ver se consegue implementar essas coisas. Saiu uma revista cultural que foi super bem recebida pelo movimento sindical, que é uma revista sobre é... a estória de Maiakóvski e suas poesias. A gente teve, o Rogério teve, a iniciativa de fazer essa parte. Foi parar junto com o Departamento Cultural e daí mandava pro país todo, prá vários sindicatos e teve uma puta receptividade. A gente recebeu carta, muitas coisas. Falando que gostaram, que devia continuar! Então o que deu prá sacar com isso, também, é que os maiores Sindicatos, eles tem mais suporte prá fazer esse tipo de coisa, eles tem como investir mais nesse tipo de coisa. Então um pouco a gente foi barrado um pouco, por causa de investimento de grana. Essas coisas... Prá sair aquela revistinha foi dar uma batalha (!), sei lá ... Custa hoje, sei lá... seriam R\$200,00. A gente teve que dar uma batalha, discutir com a coordenação. Pô, duzentos reais é o preço

de um boletim que vai pra uma fábrica grande... É o preço de um boletim que vai prá uma fábrica grande. Então eu acho que os grandes Sindicatos tem mais facilidades nesse aspecto porque eles têm mais suporte prá tudo, prá pesquisa, prá tudo! Eles tem um suporte! Nós não temos aqui. Mas o que deu prá perceber é que não é só aqui. Agora o movimento em geral, o Sindicato em geral eles têm uma... Eu acho que uma necessidade de trabalhar mais com isso. Deu pra perceber com o retorno das cartas que a gente recebeu sobre essa revista né? Mas o problema é esse, você tem dificuldade em apresentar e em acreditar em projetos maiores, né? A gente aqui trabalha muito com o dia a dia, o imediato, o boletim, o jornal... Eu acho que em outras áreas... Aqui também, tem o setor da saúde que eu acho que faz um trabalho legal, dá prá perceber que é um setor extremamente ativo e eu acho que dessa última gestão é que deu um salto mesmo, que era a diferença de concepção da saúde anterior. Agora tem outros setores, outras secretarias: tem formação, organização de base que eu também acho que pega nesse aspecto viu?!

* De entrar em contato prá fazer trabalho em conjunto.

De entrar em contato prá fazer trabalho em conjunto... Por exemplo, a imprensa, eu acho que ela vai servir de subsídio... Na verdade a imprensa, prá isso, vai ter... Vai ter que pensar como jogar tudo isso pros trabalhadores. Se tem um trabalho de formação, nós temos que ajudá-los os caras, como fazer, não digo se meter a fundo porque não temos condições, mas ajudar em alguma coisa. Entende?! A preparar, a fazer o material final, entende?! Esse tipo de coisa, mas não tem ainda ... eu acho que **não tem esse entrosamento** porque as secretarias as vezes não funcionam a fundo também.

* Não são nem todas as secretarias que funcionam."¹³⁰

Repete-se a preocupação com a representatividade e com a democratização das decisões, através dos termos "proporcionalidade", "contemplar", "maioria", "minoridade". Enfatiza-se a dificuldade de contemplar a todos, pelo menos expondo a existência de diferenças, e, de outro lado, aponta-se a lentidão que marca um encaminhamento democrático de decisões polêmicas, definido pela "burocratismo" ou passagem institucional por instâncias que acabam por inviabilizar a execução de projetos considerados urgentes.

No momento em que realizamos as entrevistas havia uma relativa situação de equilíbrio político no sindicato. Este relativo equilíbrio político dava-se em

130 - Entrevista nº 6.

virtude do rompimento ocorrido entre o grupo da Embraer e a Convergência. O sindicato estava bastante ocupado com as mobilizações contra a privatização da Embraer e com a instabilidade econômica causada pelas definições constitucionais quanto ao imposto sindical, principal fonte de sustento dos sindicatos. Os membros do grupo da Embraer, que coordenavam as ações contra a privatização, passavam a ter mais força na medida em que as decisões a serem tomadas dependiam de seu posicionamento. É um momento evidente de articulações políticas.

Em outra fala podemos verificar um problema que preocupa sindicalistas e funcionários e acaba por interferir diretamente nos sentidos atribuídos à cultura, ao lazer, e à definição de políticas de ação nesta área:

"Eu acho que o sindicato está um pouco **afastado da base**... E, olha, a gente luta não só... Eu vejo muitos diretores esforçados portanto, pra esse sindicato se aproximar da base, uma outra casta, **o que a gente chama de burocratismo, distante da base**. Eu acho que o sindicato hoje tá num vazio bem diferente da... Do começo da década de 80, que a gente fazia assembleia com duas mil, três mil pessoas, em praça, ou lotava o sindicato. Eu acho que o que contribui até um pouco pra o **esvaziamento** é os nossos caminhões, nosso aparato, nossos caminhões estão na porta das fábricas fazendo assembleia deixa o trabalhador, quem sabe, um pouco acomodado. E a gente precisa **trazer o trabalhador de volta** pra o sindicato. **É a casa dele**."¹³¹

Ao mesmo tempo em que se preocupa em garantir a democracia interna no sindicato, em apontar os aspectos positivos da proporcionalidade o discurso citado alerta para a lentidão nas decisões. Ao mesmo tempo em que entende terem sido tomadas posições políticas coerentes com o que se define como papel do sindicato, este discurso destaca o afastamento sindicato/base e a burocratização do movimento.

Cumpramos ressaltar, que mesmo com a preocupação evidente com a burocratização da máquina, os funcionários, em sua maioria militantes incorporados, estavam visivelmente insatisfeitos. Essa insatisfação não se restringia apenas à ameaça de perderem um emprego, ou um cargo, mas,

¹³¹ - Entrevista nº 16.

concretamente, à frustração pela falência de projetos que vinham desenvolvendo há anos, inclusive, com o sacrifício de suas vidas pessoais.

É o caso deste entrevistado:

"O sindicato hoje, pelo menos os sindicatos que eu conheço, eles funcionam de uma **forma burocrática**... Todos eles funcionam... Na verdade **eles não tão nem representando tanto os trabalhadores como representavam antigamente**. Eles não representam mais as ideias dos trabalhadores, **hoje eles representam a ideia de correntes políticas**... O trabalhador não é o mais importante no sindicato... O mais importante é que corrente política que domina ele... Hoje não é importante se o trabalhador da GM ou de qualquer outra fábrica, ele acha importante num trabalhar, ter duas horas de almoço, trabalhar normal, num trabalhar sábado... Não. O importante é se a corrente política deles fechar com o governo... O que é que a corrente política acha... E a corrente impõe ao trabalhador... Não tem opção mais... Hoje o sindicato funciona baseado nisso..."¹³²

Suas ações, quaisquer que sejam, estão marcadas por estas dificuldades, e dentro desta conjuntura todos os diversos departamentos, setor jurídico, imprensa, escola, saúde, organização de base, secretaria geral, secretaria da diretoria, secretaria de cultura, ficam comprometidos. Aí, sindicato é sinônimo de ordem fora do controle, de ordem desprovida de direção, de ordem estranha aos desejos e projetos...

Quando perguntada sobre o funcionamento do sindicato uma funcionária expressa da seguinte maneira as dificuldades que enfrenta:

"O pior possível viu? Aqui, eu acho que eles deviam aprender a respeitar mais as pessoas... Ter um pouquinho mais de educação... Aqui não se tem mais **diálogo com o funcionário**... Nossa! Se você viesse pra cá a algum tempo atrás isso aqui era muito bom... Final de semana! Pra você ter uma ideia, juntava diretor, administrador, funcionário, **ia tudo passear, bagunçar**... Hoje em dia não tem mais isso... Eu acho que o relacionamento do pessoal aqui no sindicato hoje em dia é só aqui dia de semana... Cê encontra lá na rua um finge que não conhece o outro... Ninguém conversa com ninguém..."¹³³

¹³² - Entrevista nº8. Respondendo à questão "qual a sua opinião pessoal sobre o funcionamento do sindicato?".

¹³³ - Importantíssimo!!! A mesma referência é feita na entrevista nº15. O entrevistado está bem preocupado com o entrosamento entre os funcionários, entre os diretores, entre os diretores e os funcionários e destes com suas famílias. Ele está preocupado com isso tanto na ideia de aproximação entre sindicato e família - o fato

* Porque você acha que ficou assim?

Eu não sei viu?... Eu acho que é... **essa nova ganância de um querer mandar mais que o outro...** Porque antigamente não tinha... Antigamente era o presidente... E cada um tinha a sua função... **Agora aqui todos os diretores mandam** então fica aquela briga pra ver quem aí manda mais... Aí ninguém respeita ninguém, um quer mandar mais que o outro nos funcionários... Aí é onde acaba a falta de respeito mesmo...¹³⁴

Destacamos nestas falas os termos "luta", "burocracia", "representação", "proporcionalidade", "autoritarismo" e "democracia" como palavras organizadoras do discurso em que, mais tarde, vamos buscar os sentidos de "cultura" e "lazer".

Esta organização do discurso está ordenada pelo sentido dogmático posto na palavra "luta", a partir do qual, na unidade de classe, deve-se orientar as ações, que se apresenta em dois níveis: o interno ao sindicato e o externo. Na relação com o exterior, o sindicato tem o papel de "mobilizar-organizar-representar" os trabalhadores" frente aos interesses do empresariado garantindo "conquistar-resistir-avançar" propostas que os "defendam-auxiliem-amparem".

Por sua vez, garantindo a unidade interna, a "oxigenação-futuro" e a "representatividade", o sindicato deve realizar ações que "contemplem" os princípios da "pluralidade" de idéias e da participação democrática, da "formação da consciência de classe" e de novos líderes e, ainda, romper com a estrutura "burocrática".

Neste sentido, as relações entre as palavras se dão numa proporção em que à ideia de "burocratismo", corresponde a ideia de "representatividade"; à ideia de "autoritarismo" contrapõem-se os projetos e ações na direção da "pluralidade" e da "democracia" objetivando a "unidade". Estes termos estão organizados em torno da "ideia geradora" traduzida pela palavra "luta" em sua multiplicidade de sentidos.

de ser separado é um fator importante - quanto com a criação de condições mínimas para que o sindicato possa recebê-las (criação de creches, banheiros adequados para receber esposas e crianças e cozinhas equipadas para o preparo de um almoço improvisado ou de uma mamadeira). Por outro lado, foi o único diretor que considerou importante frequentar os clubes da empresa e em manter uma relação mais próxima com os colegas de trabalho, diferente da relação "representante".

¹³⁴ - Aqui aparece uma visão da forma proporcional de direção do sindicato. O lugar sem dono onde todo mundo manda.

Assim, quando os entrevistados referem-se à "burocracia", "burocratismo" e "burocrático", podem estar-se referindo a entraves para a "luta", na forma da tramitação lenta de uma decisão, pela compartimentalização das instâncias decisivas ocasionando a lentidão das ações; podem estar-se referindo a um mecanismo que anda preocupado apenas com o processo político sem se preocupar em representar os interesses da categoria e dos trabalhadores, sem a preocupação de ouvi-los; ou ainda, referindo-se aos sindicalistas distanciados da base, especialista em negociações e articulações sem, no entanto, ter representatividade.

Da mesma forma, quando eles se referem ao autoritarismo, referem-se à imposição de idéias e propostas através da ditadura da maioria, com o apagamento das diferenças. Este autoritarismo põe em risco a unidade de classe, sendo nocivo à organização. No lugar deste entrave à luta coesa e coletiva, propõe-se o respeito à pluralidade de ideias, à discussão dos pontos de vista polêmicos em busca da argumentação e do convencimento e à proporcionalidade na composição das instâncias deliberativas.

Pensamos que é no contexto destas discussões que está organizada a proposta de uma ação cultural de lazer no interior dos sindicatos, vinculadas ou não à ação sindical. É esta questão que pretendemos aprofundar agora.

5.3 As posições sobre a relação cultura/lazer/sindicato:

Perguntei aos entrevistados qual a relação existente entre trabalho/cultura/lazer/sindicato. Suas respostas ofereceram reflexões e argumentos importantes em defesa da vinculação e da indissociabilidade entre estes temas. Observando repetições de alguns termos nestas respostas é que será possível captar os sentidos atribuídos a cultura e ao lazer.

"O Sindicato tem tudo a ver... Um homem, ele não vive sem as três coisas... Ele até pode passar a vida toda sem uma delas mas ele vai ser sempre uma pessoa que tem uma parte dele que não funcionou... **Se ele viver de cultura e lazer e não trabalhar, e não transformar aquilo em algo pra sociedade ele vai ser sempre alguém manco.** Vai ser sempre alguém que vai sentir falta de alguma coisa... Então eu acho que o Sindicato, como ele representa uma classe, ele tem dever, não é só o papel

não, ele tem o dever... **E como ele propõe também uma mudança no que existe hoje, então ele tem o dever de juntar as três coisas, o trabalho, a cultura e o lazer...** trabalhando sempre os três lados do trabalhador comum, do trabalhador da fábrica..."¹³⁵

O primeiro trecho vem dizer ser "dever" do sindicato juntar "trabalho", "cultura" e "lazer" para fazer com que o trabalhador/indivíduo seja um homem "todo", inteiro, completo. Esta unidade é trabalhada a partir da idéia de completude entre trabalho/cultura/lazer tendo o sentido de responsabilidade/educação/diversão.

Quando o entrevistado remete-se ao "viver só de cultura e lazer" quer dizer, viver só "estudando e se divertindo", sem "transformar aquilo em algo útil para a sociedade". Reaparece o esquecimento constitutivo da impossibilidade de fracionamento do homem / indivíduo, ao mesmo tempo em que sinaliza a dolorosa consciência do fracionamento: trabalho / lazer; realizador do trabalho / possuidor de cultura; teoria e prática etc.

Neste outro trecho vemos outras posições e outros sentidos:

"Bom, o trabalho é ligado diretamente com o papel que o sindicato desempenha, né?! **Tem a questão de salário, a questão de... de... condições de trabalho e tudo mais, então... tá ligado intimamente, então... é o papel fundamental do sindicato, primordial, né?! Com relação a cultura e lazer, depende, lazer é que não é, né?! É um negócio mais simples, né?! Como a gente tá falando, o sindicato pode, pelo menos essa é a minha visão, sei lá, é um pouco superficial demais, né?! Eu acho que a visão que a maioria das pessoas tem, com relação... mas poderia, sei lá, como no caso pode promover aí, não é fundamental pro sindicato, eu acredito, né?! Seria a mesma de, de... de formar um time de futebol, vários times, promover um campeonato, né?! Uma corrida, como aqui o sindicato já fez, coisas do tipo.**

Coisa mais, mais...

Mais leve vamos dizer assim, né?! Agora, cultura, bom tem a ver, tem a ver diretamente com o papel que o sindicato faz, nessa, por exemplo, a imprensa do sindicato, tem o papel de **formação da opinião** mesmo, né?! Então, no caso, a cultura pode ajudar nesse aspecto né?! O meu medo é que... como sindicato, tem esse lado meio que doutrinário às vezes, meio chato até, ao se abordar um sindicato, ao abordar, a cultura

¹³⁵ - Entrevista nº 1

pode trazer esse, esse vício, esse ranço, e tornar, se tornar uma coisa chata mesmo, entendeu?"¹³⁶

Nesta entrevista, aparece clara a diferenciação entre trabalho/cultura/lazer. Do mundo do trabalho é que o sindicato se ocupa. O lazer é tido como "superficial" havendo uma relação muito próxima entre o conteúdo do lazer com os interesses físico-esportivos. Já a noção de cultura vem relacionada à ideia de "formação de opinião" que, no contexto da ação sindical, deriva para o sentido de conscientização. Entretanto, há a preocupação de diferenciar a ideia de "formação de opinião" daquela do "sentido doutrinário" para onde pode derivar.

Noutra fala:

"Então eu falei prá você na outra resposta, eu acho que o sindicato peca no lazer. Um trabalho que eu digo trabalho mesmo, esse a gente faz, que é trabalho **na porta de fábrica**, o trabalho do **dia a dia** com o trabalhador, né?! Que acaba com esse enfrentamento aí do salário, crise, tal. Então isso... Agora na cultura tem assim..., como eu falei prá você da outra vez que peca o sindicato, não tem nenhum plano de cultura, não tem, não tem um projeto cultural, em qualquer setor, por exemplo. A gente discutiu de várias vezes tem aí o vídeo esse negócio prá passar filmes, tem os... prá passar filmes que mostra a lógica, que a vontade aqui é mais prá cultura do trabalhador, a luta do... o dia a dia, né?! E mostrar como foram as **revoluções**, como é que foram as **guerras**, como é que foram as mudanças **de época prá época** é... então mostrar isso, agora não tem que mostrar só isso mas tem que ter uma cultura geral, tem que mostrar por exemplo **a cultura do nordeste**, um filme sobre o nordeste, tal, as culturas tem que... que , que é... é... né?!, a cultura do Centro-oeste. Acho que tem que mostrar isso, algumas palestras sobre isso... é algumas fitas ... e outro dia passa um filme, um filme mesmo, normal, passa um filme pro pessoal ver por exemplo, a questão (...) começou mas não foi em frente porque não teve o apoio da diretoria, ela com o sindicato, vamos falar assim, o sindicato não influencia isso, então tem essa dificuldades que acaba não tendo um projeto prá cultura, não mostra aquilo que o povo... Quem que vai no teatro hoje?! Quase ninguém né?! Quer dizer, vai simplesmente aquelas pessoas... Agora, as pessoas que tão no nosso meio é muito difícil, muito difícil ir no teatro ver uma peça. Ver uma fita, um documentário só (...) isso eu tenho na colônia de férias, mais nada. Não faz um torneio de futebol, não faz um torneio de pesca, não faz um torneio de truco, não faz nada por causa dessas debilidades que tem. Porque é muito fácil de fazer, tem essa sede que é boa, tem outra fábrica

¹³⁶ - Entrevista n° 2

que dá prá fazer (...) Caçapava. Espaço tem, agora, **não tem um projeto**, tem aqueles dois ...

* Agora... Qual é a importância que tem a cultura pro sindicato?

Eu acho que teria o seguinte: não só, mas pros sócios... mas o que se vê, se discute aí um projeto de... **de lazer**, por exemplo. Estamos fazendo um pagode de **final de semana**, vamos fazer um baile, esse negócio todo, ó... peça de teatro e aí você trazer prá cá aquelas pessoas que não tem acesso a nada. Através dessas pessoas que tão vindo prá cá, porque gostam, porque cobram, inclusive. Através dela você traria mais gente pro sindicato e... o pessoal, e as pessoas já conheceriam o que é o sindicato, porque as pessoas não sabem o que é o sindicato hoje (...) **o sindicato é aquele que dá porrada, é o enfrentamento** né?! É o sindicato dentro do sindicato, a estrutura do sindicato, que que significa. Que que é um diretor sindical, que que é o pessoal do sindicato. As pessoas vão ter essa visão, né?! Porque? é questão de obstar, não tem nada que o atraia prá cá (...) não vem ninguém percebe? **A pessoa vem aqui no último caso mesmo**, então eu acho que a **cultura e o lazer** pro sindicato seria um modo de **aproximar o sindicato do trabalhador**, né?! Trazer eles pra dentro do sindicato, pra essas atividades que nós não temos, entendeu?! **Os clubes**, por exemplo, né?! Eles tem lá, **todo final de semana** tem baile (...) tem torneios esse negócio todo. Até (...) tem seus projetos culturais, quer dizer, tem tudo **projeto de lazer que leva o associado, que leva o trabalhador, o sindicato, não tem, entende, poderia uma vez por mês ou duas vezes por mês fazer um baile aqui, contrata um conjunto esse negócio todo, tá?! Fazer, mas... não tem!!!** Não faz, então o sucesso tá muito longe, e por aí tem outras coisas também (...) mas, eu fico em casa assistindo televisão, não venho, não tenho esse interesse de vir prá cá porque não tem nada, porque a gente fica ... o presente pro final tá aqui ó. Isso é prá você, cê não vai pagar nada, tal, tal, tal. Então não tem, então (...) eu acho que a **cultura dentro do sindicato seria muito importante prá aproximar o sindicato dos trabalhadores**, né?! Pra trazer eles prá cá. E qual que eles (...) metalúrgico, né?! (...) mas eu acho que vai aproximar (...) tudo, **lá dentro tem até a sessão, dentro da fábrica prá eles se divertir** né?! Então....

Este longo trecho é rico em fornecer um sentido fundamental para um departamento ocupado com a cultura nos sindicatos. Primeiro, o entrevistado atribui dois sentidos para trabalho: "ação sindical" e "produção formal". Depois, o entrevistado começa a relacionar as atividades que o sindicato poderia realizar: apresentações teatrais, jogos de futebol, gincana de pesca, campeonatos de truco, projeção de filmes, documentários sobre a memória da classe, das revoluções, entre outros eventos.

É no caráter de "evento" posto na noção de "cultura" que vislumbramos o vínculo entre cultura/lazer. O problema apontado pelo entrevistado é a ausência de um projeto de cultura/eventos que dê conta da tarefa de trazer os trabalhadores para o espaço desocupado do sindicato. O uso da cultura como chamariz funda-se no argumento de fazer algo para "os que não têm acesso a nada"¹³⁷.

Outro ponto a destacar é a associação da ideia de sindicato com a ideia de clube e a intenção de equiparar-se com a empresa na capacidade de atrair o trabalhador, vencendo uma primeira etapa na "luta" a de garantir representação significativa para o enfrentamento. .

Em outro trecho, registra-se ainda:

"Eu acho que hoje o sindicato está um pouco, devido a luta trabalho, mais, a gente deveria até trabalhar mais pra trazer o trabalhador até a base... Falta um pouco de atividade que possa **trazer o trabalhador aqui**... Então, nesse ponto, a cultura e o lazer o sindicato tem falhado nisso... Não sei se nos outros sindicatos isso existe também... em São José dos Campos eu considero falho... **Nós não temos um bar**... Então o lazer que poderia... O trabalhador metalúrgico **gosta de tomar cerveja no final de tarde**... Em vez de **tá dando lucro aí**, nós não temos aqui um bar dos metalúrgicos... Uma sinuca que o trabalhador gosta, um dominó... Poderia ter aqui no sindicato. Tem que fazer algo como a associação dos aposentados, anexo aqui ao sindicato, e trazia o trabalhador..."¹³⁸

Repete-se a argumentação anterior acrescida do interesse financeiro - a recuperação das finanças pelo lucro do bar - e de um certo caráter permanente da ação cultural: um bar, a sinuca, a associação de aposentados anexa ao sindicato.

Em outra fala:

"Quando o trabalho é a nossa **velha disputa aí do capital** do trabalho que a gente tá, a gente briga nesse... com esse sistema aí, da utilização da mão-de-obra né?! Com a cultura dentro daquela... dessa linha que eu coloquei, **das artes que você vê em um monte de fábrica** né?! A gente tem exemplo aí, trabalhador que ele **não deixa o cérebro dele na máquina** né?! **Ele sai daí, ele vai fazer música, vai fazer teatro, vai fazer artes plásticas qualquer coisa. E lazer é o descanso dele** né?! Que ele tem prá fazer essas coisas, que hoje tá cada dia menor.

¹³⁷ - Aliás, uma noção muito próxima daquilo proposto na década de 60/70 pelo CPC da UNE.

¹³⁸ - Entrevista 16.

Infelizmente nós tamo vivendo aí, um capitalismo que tá **apertando cada dia mais esses nossos momentos de lazer né?**"¹³⁹

A relação entre sindicato e trabalho aparece associada à exploração da mão-de-obra e à "velha disputa aí do capital". A relação cultura/sindicato é a de reunir as artes espalhadas pelas fábricas na unidade de "símbolo de resistência": o trabalhador que faz "arte/cultura não deixou o cérebro", a sensibilidade, no trabalho mecânico. O lazer é um tempo de propriedade do trabalhador, "um tempo dele que ele tem pra fazer essas coisas" que são suas e ainda não lhe foram expropriadas.

"Acho que o sindicato tem tudo a ver com trabalho, com cultura e lazer. Ele **tem que tá preocupado** com isto, porque na verdade, de uma forma ou de outra o **patronato tá se organizando**, ele tá criando é... formas não, não de cultura, mas de... nem sei se seria de lazer, mas ele cria, por exemplo, **os clubes nas fábricas**. E seria talvez uma forma de tá impedindo que o trabalhador vá **viver uma outra realidade, né?** Então, fica preso aquele... aquele castelinho ali, que é empresa né?, **a semana inteira, empresa, final de semana, clube da empresa**. Começa novamente a semana, empresa, novamente né?, voltando pro trabalho, tal, então **eu acho que o sindicato tem, tem tudo a ver com isso daí, ele tem que, inclusive, tem que investir na cultura dos trabalhadores, prá que a gente possa tá preservando inclusive... a nossa própria história né?**, que senão de repente, o trabalhador, esquece que tem um compromisso com o sindicato também, né? E se distancia do sindicato e fica só vivendo dentro, naquele pequeno mundinho dele, que é a empresa, tal... entendeu?! E acaba não tendo nem cultura, nem lazer né? E nem trabalho na verdade, que ele acaba sendo um **objeto da empresa**."¹⁴⁰

Aqui a preocupação direciona-se para outro sentido: o sentido de lazer de classe, que o discurso entende já ter sido percebido pelo patrão. "Ele tá criando formas" - e as palavras não ditas - "*de ocupar o tempo dos funcionários da empresa, fora do tempo obrigatório exigido para a produção*". "Formas" é identificada como sendo "os clubes nas fábricas" que são "uma forma de impedir que o trabalhador vá viver uma **outra realidade**".

O diretor do sindicato sabe que o patrão sabe o que faz... Ele quer fazer um mesmo dentro do sindicato... Mas, em uma **outra direção**. Ele sugere uma política

¹³⁹ - Entrevista 9.

¹⁴⁰ - Entrevista 16.

de "lazer de classe" que mostre ao trabalhador sua história. Sua condenação do clube de empresa não reduz-se à concorrência sindicato / empresa, mas preocupa-se, além daí, com a possibilidade de não haver fruição de uma "cultura" e de um "lazer", preocupa-se com o risco que corre este trabalhador de continuar sendo "objeto da empresa".

Nesse sentido, a implantação de departamentos de cultura no sindicato e a relação que parece estar estabelecida entre cultura/trabalho/lazer é a de atividades que podem possibilitar ver, viver e produzir "uma outra realidade".

Preocupados com a construção de espaços de classe, trabalhadores organizados em sindicatos elaboram suas propostas:

"Eu acho que ele teria que **haver** com todas... Tá? Eu acho que ele teria que **haver** com todas... Mesmo porque existe esse **papel importante** que o sindicato tem **na vida do trabalhador**, eu acho que não pode resumir só nisso... Porque o trabalhador, as pessoas aí fora, elas têm uma visão meia grosseira, meia brutal do sindicato... Não são todas as pessoas, mas uma grande parte, vê diretor só como aquele líder de movimento... Sabe? Só esse tipo de coisa... **Então tem que ver... teria que ter cultura e lazer aqui dentro pra mostrar pros trabalhadores que... que o sindicato, a diretoria do sindicato, o pessoal do sindicato é um pessoal normal... um pessoal comum como ele. tá? E que vê isso como uma coisa normal e necessária na vida da gente...**

* Mas, você falou que teria que haver...

Eu... Eu vejo assim, teria que ter...

* Mas, não acontece?

Não... Acontece, mas são poucos né? aqui tem pouca atividade de cultura... Pouca atividade de lazer... Eu acho que o sindicato tinha que investir um pouco mais nisso... **Seria até uma forma de trazer o trabalhador pra cá... Eu vejo um barzinho aqui no sindicato, uma coisa deliciosa...** Eu venho aqui, tomo uma cerveja, enquanto ele tá aqui tomando uma cerveja, ele tá conversando com os diretores, ele tá... sabe? tendo mais afinidade com o nosso trabalho... Então eu acho que... que teria que ter muito mais atividades culturais e lazer aqui dentro..."¹⁴¹

Nesse contexto, falar em lazer passa, necessariamente, pela condenação do que é tido como "leve" ou "superficial", em função da elaboração de uma outra coisa que dê conta de "mostrar ao trabalhador" a existência de uma outra

¹⁴¹ - Entrevista n. 10.

realidade: o peão sindicalista que é "normal" e trabalhador como o próprio trabalhador; a possibilidade de diversão em espaços fora do local de trabalho; a "cultura de classe" que não é algo diferente do comum mas que vai estar marcada pelo fazer o "comum", como classe, com projetos e propostas próprias.

5.4 Os sentidos de "cultura" e "lazer" presentes nos recortes

A vinculação lazer / cultura / sindicato pode significar "assistencialismo" - dar ao trabalhador o que ele não pode ter em outro lugar, não resolvendo o motivo histórico dessa ausência; ou "cultura de classe", entendida como construção de uma nova realidade a partir daquilo criado pelo próprio trabalhador que não deixou na máquina o seu "cérebro", a sua sensibilidade.

Mas ainda precisamos caracterizar melhor os conteúdos postos para o termo "cultura" e o termo "lazer".

De forma geral, parece haver uma tendência de considerar "cultura" como informação e "lazer" como diversão. Entretanto, o sentido pode sempre ser outro, derivando até mesmo para a completa inversão destas posições como pudemos observar:

"Olha,... eu acho que a cultura... **tudo o que** você **aprende** hoje é cultura. Em qualquer setor, em qualquer espaço. Eu acho que você estando aprendendo, você tá **adquirindo** uma cultura... né?! De qualquer maneira, por exemplo, eu acho que a **área sindical precisa aprender aqui uma cultura que se tem**. Aquilo que você aprende na **escola** é cultura, e o que você aprende no seu **dia a dia**, na vida, nas **leituras** que cê faz de jornais e livros também é cultura... E tem, lógico, as **culturas diversas**, né?! Que a gente tem, hoje, dividindo o país, realmente, dividindo em várias **regiões**, que, por exemplo, têm um cultura, né?!... (...) O Nordeste tem uma, o Norte tem outra, o Centro-oeste, aqui o sudeste tem outro, o sul tem outros tipos de cultura, né?!"¹⁴²

Nesta mesma fala cultura aparece com os sentidos de:

a) "tudo o que você aprende", tudo aquilo que vem de fora pra dentro;

¹⁴² - Entrevista nº 15.

b) "a cultura que se tem na área sindical";

c) as diferenças que são construções, modos de divisão e diferenciação das regiões do país - a diversidade da unidade chamada "Nação".

Deste modo, em um único exemplo, numa mesma questão, um único diretor apresenta diversos sentidos possíveis para os termos cultura / lazer. Entretanto, há um sentido específico posto aí que preocupa mais a este diretor. Na fala deste sindicalista, quando diz "eu acho que a área sindical precisa aprender aqui uma cultura que se tem", está dizendo, que há uma cultura diferente e específica presente e componente do sindicato que é necessário tematizar, problematizar e trazer à tona, através da formação e da informação que vem através do "aprender".

A cultura é informação, mas não é a qualquer informação que este diretor se refere nesta frase. O que é apontado aqui ("precisa aprender aqui uma cultura que se tem..."), é a cultura que prepara, que mostra, que justifica e se constitui na "luta". Esta cultura é a ideologia que perpassa a ação sindical, mas é mais que a ideologia.

Esta cultura é a forma como a luta ocorre, as estratégias, os cartazes, a forma da colocação das mensagens, o jeito de falar, o próprio "dito". "Aqui, uma cultura que se tem". Há, na organização dos trabalhadores, uma informação/cultura que é necessário aprender. E esta informação não pode estar em qualquer lugar, mas "aqui", próxima, controlável e presente.

"(...)e tem, é lógico que a gente sempre fala pro pessoal,... pessoa **culta** é aquela pessoa que estudou, né?! E eu acho que também passa muito por aí. Mas não é só... **A cultura não é só essas pessoas...** (Isso no meu entender!...) Não é só aquela que tem o canudo, que estudou. **É aquela que procura se informar.** Eu acho que a cultura é isso."

A cultura traz a marca da diferença. Há um outro que possui "a" e é a "cultura"; aquilo que diferencia classes de pessoas. Mas é possível ver uma mudança na "diferença". Esta mudança se dá com a percepção de que é possível obter "aquela" cultura que a "pessoa culta" tem, através da expressão: "a cultura

não é só essas pessoas", "a cultura não é só aquela que tem o canudo, que estudou", "a cultura é aquela que procura se informar".

Quando a "pessoa" procura se informar obtém aquilo que a "pessoa culta" tem. Observamos a associação entre "culto" e "cultura" e a personificação "é a que procura se informar", a que através do próprio esforço, conquista e passa a "ser". Isso é possível se a "pessoa" faz por onde, "se procura se informar".

A complexidade em que se dá a produção social do conhecimento e o fato de a cultura não ser, apenas uma informação externa a ser adquirida, mas a própria elaboração feita a partir do gesto de adquirir e refletir sobre esta informação não são evidentes para este diretor.

Não é visível, a este sindicalista, **os custos materiais** de que a produção do conhecimento necessita para ser produzida, a divisão social do trabalho que o faz **produtor indireto** de cultura, ou ainda, o fato de ser um produtor **direto**, na medida em que recebe e recria objetos segundo suas próprias necessidades.

"Cultura... Cultura eu acho que é um fator importante na vida das pessoas, e ela tem que ser encarada como... Então eu acho que a cultura é importante na vida das pessoas né? Ela **pode ser objeto de transformação** de uma sociedade, eu entendo que ela tem que ser, **tem esse objetivo também**. E **ela pode ser um lazer também**, né?! Você usar a cultura como **um objeto de lazer**, e o lazer o que que eu posso dizer como lazer? Lazer, eu entendo, que é **um momento prá você**... esquecer de tudo que você faz continuamente. Que você faz no dia a dia... Lazer, é você **parar com tudo aquilo que você faz e viver uma outra coisa que vai te dar satisfação**. Vai te tirar **um pouquinho**, vai fazer você **pensar em outras coisas** que não aquilo que você pensa normalmente. Né?"¹⁴³

É interessante observar que as respostas obtidas à pergunta "o que você entende por cultura e lazer" trazem menos o conteúdo e muito mais o sentidos que podem ser assumidos pelo termo. A cultura é algo que pode ser um "objeto de transformação da sociedade" e "pode ser um lazer também", pode ser "um objeto de lazer".

¹⁴³ - Entrevista nº 20.

Já o lazer é descrito como "um momento prá esquecer tudo o que você faz continuamente", "parar com tudo", "fazer uma outra coisa que dá satisfação". "tirar um pouquinho" do que se "faz no dia a dia", "vai fazer pensar em outras coisas que não aquilo que pensa normalmente".

"O lazer acho que é isso que você faz é... é... **se divertir, relaxar...** é tá com os amigos, com as pessoas que você gosta, tá se divertindo, tá saindo, né?! Eu acho que é isso não foge disso, não!"

Aparece, nesta fala uma visão mais pessoal de lazer carregada da possibilidade de distrair-se, divertir-se, evadir-se de uma determinada realidade: "tirar um pouquinho", "tá (estar) saindo"; Relaxar - sair do estado de contração, de tensão. É uma atividade praticada num tempo que está fora do vivido no "dia-a-dia", acompanhado de outros "que (de quem) você gosta".

"Aí fica difícil... Lazer: **lazer pra mim é quando você pode fazer alguma coisa pra esquecer tudo o que cê tá fazendo...** Você vai, cê se distrai, cê se alivia de tudo... Cê tá ali cê chega até a **flutuar no mundo...** Isso é uma delícia... Agora, cultura, deixa eu ver, aí, tá difícil... Aí eu não sei responder viu?

* Mas o que é que vem na tua cabeça quando fala cultura?

Aprender... Aprender muito... Entender problemas de hoje em dia que tá difícil... Ler bastante... Conversar, dialogar... Agora, te explicar direitinho... sobre essas coisas eu num..."¹⁴⁴

Uma contradição nos sentidos dos termos evidencia-se de maneira dual. No lazer: "esquecer", "distrair", "aliviar", "flutuar"... Na cultura: "aprender", "entender", "ler"...

"Esquecer/entender"... "Distrair/aprender/ler"... Evadir-se do insolúvel; encarar o que "tá difícil de entender"...

"É... eu digo que a cultura ela é **um complemento** né ... Se você diz que quer buscar uma sociedade melhor, quer buscar algo novo, quer buscar uma alternativa melhor, é preciso trabalhar junto com o **crescimento mental** dessa parte mesmo, intelectual da pessoa, não só para o trabalho mas parte cultural também. Prá poder ter essa **visão do novo mundo** acho que sem a cultura não tem jeito, não é possível... entendeu? **Quanto menos cultura menos você enxerga**, teu campo fica

¹⁴⁴ - Entrevista n° 11.

menor e **menos** você consegue ver **alternativas de futuro**, menos você consegue **discutir**, menos você consegue **ter acordo**."

Neste entrevistado vemos que o "novo/melhor" a ser construído só será possível através da parte "complementar" correspondente à cultura que trará o "crescimento mental" necessário para possibilitar a "visão" do "novo mundo", da "alternativa de futuro".

A alternativa de futuro, por sua vez, depende da capacidade de discutir/negociar. Depende de "ter acordo". O sentido da cultura nesta fala é outro. Ter acordo é diferente de "impor" e de "vencer". Ter cultura é a possibilidade de construir racionalmente uma argumentação que convença da necessidade de uma outra realidade.

Uma racionalidade necessária de que não se tem, ainda, "dimensão":

"A cultura é essencial é muito importante, entendeu? Eu acho que a gente não tem ainda a dimensão disso né?"

Definindo "cultura", este outro entrevistado diz:

"É preciso **pensar** a cultura, é preciso **promover** a cultura. Hoje o trabalhador sai da casa dele vai pro trabalho, bate cartão, passa o dia inteiro na fábrica, **agora, ele só vai ter a hora de almoço**, depois ele vai prá casa já tá cansadaço, cai na cama, dorme, **no máximo ele vai assistir uma televisão**, uma novela ou outra coisa parecida. Então a cultura, ela tem que tá é... trabalhando essa questão **de usar esse tempo do trabalhador, de fazer ele ir pro Sindicato, de promover atividades que possa fazer ele crescer**. Entendeu? Dentro desse trabalho que ele faz né... mas, tamo longe disso ainda né, longe de pensar esse projeto, acho que mais é por falta de condição mesmo, nossa.

Cê pega a diretoria do Sindicato cê vai encontrar **poucos** companheiros que conseguiram se **formar na faculdade**, entendeu? Cê vai encontrar poucos que têm **tempo prá poder ler** um bom livro, prá poder **assistir um bom filme**, ou **ouvir boa música**, entendeu? **Ler uma boa poesia ...**

Então isso **reflete**, hoje, a **dificuldade** que nós temos prá poder fazer **andar definitivamente a cultura**. Mas ela nasceu **dessa necessidade** mesmo, nós fomos obrigados a fazer a Secretaria da Cultura, foi **uma necessidade que nos obrigou**.

Né... acho que é por causa **da gente ser imediatista**. Ter sempre que **responder ontem a pergunta que vem hoje**. Nós fomos obrigados a

criar a Secretaria de Cultura não porque não tivéssemos planejamento estratégico. Quem sabe a a gente consegue chegar lá agora com a incorporação de novos elementos aqui no Sindicato.

Acho que nós criamos uma cultura de Sindicato, que as pessoas que vêm prá cá são as pessoas que fazem greve. São as pessoas que é... estão do lado de frente enfrentando o chefe dentro da fábrica tal ...

Eu acho que agora é o momento do Sindicato defrontar e conseguir **abrir mais que vamos conseguir atrair não só essas pessoas pro Sindicato**, vamos conseguir atrair também essas pessoas que **também fazem greve mas que fazem cultura**, fazem arte. Entendeu? Então é um novo momento que a gente tá né? **Nós criamos a secretaria de cultura obrigados, e agora nós também vamos ser obrigados a dar um salto de qualidade na Secretaria de Cultura.**"¹⁴⁵

"Pensar" e "promover" a cultura; pensar e promover atividades que permitam "usar esse tempo do trabalhador"; "fazer ele ir pro Sindicato"; planejar "atividades que possa fazer ele crescer". Crescer para ver que "ele passa o dia inteiro na fábrica", que "só tem a hora do almoço" e que "chega em casa cansadaço". Aí "cultura" não é vista como um recurso estratégico, mas como um exercício de sensibilização e humanização.

Entretanto, fazer isso que consideramos importante e estratégico, depende de perceber a "dimensão" da necessidade de uma "ação cultural". A "falta de condições" de realizar e pensar um projeto nesta direção é identificada na desinformação, traduzida como falta de escolaridade, na não formação escolar dos diretores. É a desinformação que "reflete" a dificuldade de "fazer andar a cultura", e esta mesma desinformação que obriga a criar no sindicato um setor específico e obriga a dar um "salto de qualidade" para tentar suprir esta ausência¹⁴⁶.

No quinto parágrafo, no quinto parágrafo da fala deste sindicalista há a referência à "cultura de sindicato" que faz "os que vêm para cá" serem os que fazem a greve. Agora é preciso mudar, e trazer "para cá" os que "fazem greve"

¹⁴⁵ - Entrevista n° 1

¹⁴⁶ - Ao mesmo tempo em que este entrevistado destaca a necessidade de dar um "salto de qualidade" melhorando a formação escolar da diretoria, relacionando esta necessidade aos departamentos de "cultura" e "formação", no mesmo período, discute-se acirradamente a função da "Escola do Trabalhador Metalúrgico" existente no sindicato, fechando-se suas portas e demitindo seus funcionários e professores.

mas "também fazem cultura, fazem "arte". A fonte do isolamento está no extremismo da imagem ideológica (dogmática) divulgada (cultura de sindicato). É preciso abrir-se para um outro sentido de sindicato, um sentido que inclua, além de posições de classe, inspirações (no sentido estético) de classe, uma vez que há um novo contingente de filiados buscando este aspecto no departamento de cultura do sindicato.

Em outro momento, outro sindicalista pode dizer:

"Olha, eu acho que de alguma maneira cultura e lazer estão **interligadas**. Mas, eu tenho uma, ultimamente eu tenho uma visão. Eu acho que a cultura é um negócio de mais **profundidade** porque você aborda a questão cultural, Acho que tem a ver você aborda a questão de arte, cultura, música ... sei lá ... fotografia, qualquer coisa. Esse tipo de coisa, eu acho que a cultura ela tem a ver com negócio também de **estudo nosso**, de você **saber essas coisas, não ser limitado**. É... não sei, é um negócio... prá mim a **cultura** passa mais ou menos por aí, **alguma coisa mais que você vai procura saber**, tem a ver com **questões de informação, né?! Tem a ver com informações que você adquire**. E às vezes não, eu já acho que já tá mais **na área do divertimento né?! De que você não tenha tanto compromisso**. A cultura é uma coisa que tem mais **compromisso**, e o lazer eu não sinto como uma coisa de tanto compromisso. Cê pode ir prum futebol, cê pode ir prum sei lá ... uma coisa sem compromisso. Agora porque que eu acho que **também é interligado**. Porque é lazer você assistir um show, você ir assistir uma peça, ir assistir um filme e isso também é cultura! Faz parte de todo um processo cultural. Então, **apesar de eu achar que um é mais compromissado que o outro**, é... eles tão interligados. Porque (?) ... porque eu acho que cultura também é lazer! Pelo menos eu sinto assim né?! A questão cultural ela faz parte do lazer."¹⁴⁷

Novamente diferencia-se "cultura/informação" de "lazer/divertimento" pelo grau de compromisso que envolve cada um deles. Mas, ao mesmo tempo, acentua-se a interligação atividade cultural que é de lazer e atividade de lazer que é cultural.

Por último, como podemos ver, em outra fala o lazer pode ser ainda:

"Veja bem, o que eu entendo... E é isso... Por isso que eu **almejo e luto**... Não só por lazer... Eu acho que **cultura e lazer** tem que ser... Lazer: **uma questão tem que ser comunitária**. O lazer individual,

¹⁴⁷ - Entrevista n° 14.

particular, eu acho que não é lazer. É solidão é separação. Então o lazer eu acho que tem que ser aquela forma mais social. Mais em conjunto... E a aí isso pode ser... Em qualquer... **Conjunto aí quando eu falei que é a questão das fábricas... Essas questões... Isso também faz parte do nosso lazer do sindicato, e do cidadão e do trabalhador...** No caso do trabalhador, **o lazer dele está dentro das fábricas, com os trabalhadores conversando...** E em alguns momentos com a família... Logicamente, quando a gente tem algum tempo, de dar alguns minutos... Ficar na casa da gente... Aquilo é um lazer, porque inclusive, não é todo momento que a gente pode estar com a família. Então isso eu acho que é o lazer.

A questão da cultura. Eu acho que a **cultura que os trabalhadores necessita, não é essa cultura que tem aqui, atual no sistema. A cultura dos trabalhadores... Tem aquela que forma os trabalhadores, dentro das suas necessidades e pensando numa estrutura da dominação dos trabalhadores. Cultura é o que trás o que? É a questão de administrar, e a questão de formar uma sociedade pensando no seu conjunto, na sua perenidade. E que os trabalhador não são respeitado nisso, nesse sistema, e é por isso que tem que o movimento sindical trabalhar todo esse tempo, conforme eu relatei anteriormente, e considerar como se fosse um lazer... Porque a sociedade necessita desse tipo de cultura... Uma formação que entenda quem é trabalhador, qual é suas dificuldades e como superá-las. Então isso é que eu acho que é cultura.**"¹⁴⁸

Como demonstra o roteiro já descrito, utilizei uma questão sobre o "divertimento" dos trabalhadores-sindicalistas e funcionários, para conhecer melhor suas definições de lazer. Em geral, estas questões tiveram um cunho mais pessoal. Entretanto, para dizer o que entende por lazer e cultura, este trabalhador refere-se a um outro trecho de sua fala em que, após dizer que o tempo de lazer do sindicalista é tomado pela "luta", perguntado como se diverte, responde:

"Eu... A... A maior... **O maior divertimento** no meu ponto vista é nas... **Nos meio das greve...** É nos movimento... Nos enfrentamento... É tanto que, agora, nesse período, em algumas greves, **a gente sentia até mais alegre...** A gente foi ameaçado... Apontado armas em direção, e **a gente até ficava rindo com os acontecimentos...** Isso... Essa questão... Por exemplo, na EMBRAPE¹⁴⁹ uns dez batalhão de polícia... Nós tava em três diretor querendo demonstrar aquela potência dos trabalhadores, aquela apoio do nosso trabalho... E acontece o seguinte: nós ficamos

¹⁴⁸ - Entrevista n. 7. Considero esta entrevista uma das mais bonitas, porque na simplicidade do verbo, diz-se muito...

¹⁴⁹ - Desconhecemos a sigla.

fazendo piquete na frente dos carro... Veio vários policial nos tirar da frente dos carro arrastado, como se fosse uns animais qualquer.

Quando foi isso?

Foi agora no dia 30 de agosto... Então, na realidade, **aquilo lá era o maior divertimento que eu tava sentindo...** Porque os policiais não podia tirar a gente... **Tirava a gente, a gente voltava... Então isso é que eu acho que é o maior divertimento...**¹⁵⁰

Observamos que a noção de "divertimento" vem associada à noção de "luta" representada pela palavra "enfrentamento". Desta forma, os sentidos tramitam de maneira a que se torne evidente esta associação entre "lazer" e "coletividade". "Lazer" e "cultura" são momentos e espaços dedicados à conscientização e a formação dos trabalhadores, "uma formação que entenda quem é trabalhador, qual é suas dificuldades e como superá-las. (...) isso é que eu acho que é cultura".

Nesta outra fala, começam a aparecer os conteúdos identificados como "cultura" e "lazer":

"O que eu entendo por cultura e por lazer? ... Por lazer eu entendo toda a fase de divertimento de (...) **esporte**, as vezes (...) Lazer é aquela coisa na minha opinião é o que distrai. Cultura ela **combina distração com adquirir conhecimentos** (...)"¹⁵¹

Por outro lado, outro entrevistado exemplifica com muita clareza o caráter coercitivo no esforço de padronizar o entendimento do que pode ser uma atividade de lazer, diz:

"Cultura a gente pode entender como sendo, as relações de cada grupo... Cada grupo tem o seu... a sua... sua forma de viver... Como cê pega um grupo, a forma de viver deles é indo na igreja aos domingos... Freqüentando... Trabalhando dia-a-dia... Toda hora... 20 horas por dia... Indo na fábrica, respeitando o chefe... Isso é o tipo de cultura daquele grupo...

Isso é uma cultura pra um... O outro tipo de cultura, é aquele que não quer saber de trabalhar, ele quer só viver... Cê vai pegar assim... A gente pega a região Norte do país, ela é assim hoje... As pessoas não querem, como na região sudeste, trabalhar desesperadamente pra ganhar dinheiro, porque acham que vão ter futuro... Não lá eles trabalham quinze dias por mês, no máximo... A hora que eles tiram o salário deles vê que aquele salário dá pra eles comer o resto do mês, eles não vão trabalhar

¹⁵⁰ - Entrevista número 7

¹⁵¹ - Entrevista nº 16.

mais, porque não interessa trabalhar pra ser rico, interessa cê trabalhar só pra comer...

* Aonde é isso? Aonde é isso?

Na região Norte do país... Principalmente na região de Manaus...

É?...

Aquelas fábricas de Manaus todas trabalham mais ou menos nesse esquema... Por isso que tem muito interesse nas fábricas de Manaus, quando elas tão no auge - que não é o caso, hoje tá em recessão, de vir pegar empregado aqui, da região sudeste, região Nordeste... E levar lá pra trabalhar... Porque eles não têm essa visão... Não tem essa visão de que um dia vai ficar rico trabalhando... Então, cada povo, cada região, tem a sua forma de pensar, sua forma de ser, essa forma é **a cultura de cada povo**.

* Legal, eu não sabia desse detalhe sobre Manaus... E o lazer?

Lazer é aquilo que você faz pra espaiar¹⁵²... Não é... Lazer não é uma... Não é você ir pra praia... Pra mim não é... Porque quando, toda vez que eu vou pra praia, eu saio da praia mais cansado, com a cabeça mais cheia de alguma coisa, porque sempre fica alguém me enchendo, querendo fazer isso que eu não quero fazer... Pra mim isso não é uma forma de lazer... **Pra mim uma forma de lazer é você ficar fazendo o que você quer, independente que seja dormir... Dormir, se for o que eu tô a fim de fazer naquela hora, isso pra mim é lazer...** Aquilo que você tá... Cê tá a fim de fazer alguma coisa, cê vai e faz... Cê pode **achar lazer, pode ser trabalhar...** Desde que você trabalhe naquilo que você gosta e não se esgote naquele serviço, que cê fique satisfeito... aquilo é uma forma de lazer também..."¹⁵³

Entre estes trabalhadores, o lazer não pode ser uma coerção impelida por definições. Aqui, o lazer tem que ter o caráter de possibilidade de realizar algo em que se acredita, porque o trabalho é fruto de um exercício de crença. Derivam deste sentido, os tipos de ocupação escolhidas como atividades realizáveis no tempo disponível.

Em outra possibilidade de sentido, frente à incompreensão da situação vivenciada, e a necessidade de relaxamento e descanso, o lazer é evadir-se, sair, mudar de ares e ambiente; pode ser ainda um momento para estar com amigos, companheiros de luta, familiares, colegas de trabalho; ou, em outro sentido,

¹⁵² - No lazer, haveria uma diminuição do ritmo... Espaiar... Desobstruir... Relaxar... Inverso de produzir desenfreadamente... Inverso da disciplina imposta... Inverso do controle...

¹⁵³ - Entrevista nº 8.

realizar coisas que nos façam lembrar de nós mesmos, que exercitem o "cérebro" que não ficou na máquina... nem na "luta".

Entretanto, quando predomina o sentido de "luta", quando há uma "causa" a ser ganha, quando há o embate e o enfrentamento... Este caráter de possibilidade estreita-se para o lugar da necessidade de agir em função da causa.

É preciso ir ao trabalhador nas fábricas... É preciso trazer o trabalhador ao sindicato... É preciso ocupar o trabalhador com coisas que lhe mostrem quem ele é e a situação em que vive... É preciso que haja um destino: conseguir avançar na luta e superar a situação de ação sindical reduzida à resistência, ou ao burocratismo...

6. O jogo dos sentidos no discurso.

Algumas destas constatações fazem com que repensemos e relativizemos, reposicionando, a afirmação de que as atividades sindicais interferem e comprometem a fruição do tempo de lazer destes trabalhadores. Quando os trabalhadores vão para o sindicato, vão por opção, por crença e, na maioria das vezes, coagidos a não fazê-lo.

Há neles um sentimento forte de repulsa e revolta com uma situação que não suportam: salários baixos; vigilância em função da produtividade; a morte dos companheiros nas grandes engrenagens; a pressão; o esforço de destruir e calar sua capacidade de opinar e dizer diferente do que o patrão prega todos os dias.

Estão entre estas pressões, a realização de um trabalho doloroso e estranho, limitado pela impossibilidade de contato com o trabalho de outros companheiros em outros setores e atividades e pela especialização, impedindo-os de conhecerem o processo do fabrico do produto final, do qual conhecem apenas partes; entre outros aspectos. Sentimento este que dificilmente vai ser aliviado, amenizado ou curado em atividades de lazer.

Todos os sindicalistas, sem exceção, falam da dureza que é a atividade sindical. Muitos deles, deixaram bastante clara a necessidade de por um limite à

vida na militância, dando atenção às famílias e reservando os fins de semana e as noites apenas para o convívio com eles.

Outros sindicalistas, entretanto, deixaram clara uma "felicidade" que vivenciam na atividade sindical. Esta felicidade se dá devido a possibilidade de contrariar os limites postos pela empresa à vida no trabalho, devido a possibilidade de planejar e agir na direção da construção de uma outra realidade.

Creio haver uma ludicidade e uma capacidade de driblar as normas do "esforço" e da "produtividade" no gesto de ser sindicalista. Em sua companhia, constatee, de fato, a vivência lúdica nos períodos de ação sindical (classificados por eles como trabalho).

No traslado de uma fábrica a outra, em alta velocidade para chegar a tempo a outro compromisso político, descrevem suas revoltas, e fazem piadas com inspetores e companheiros de luta. Suas anedotas são o exercício lúdico da reflexão crítica e da condenação de um modo de trabalho (exploração na fábrica) e ação sindical (no caso em que há lesão da representatividade) que desejam ver banidos e modificados.

Entre eles a questão do lazer tem outra conotação que precisamos investigar mais detidamente, a fim de compreender a amplitude de sentidos posta nesta construção histórica do modo capitalista e industrial de produção de bens e serviços.

Se observarmos linearmente a ação sindical como obrigação que prejudica a fruição do lazer, simplesmente, corremos o risco de confundir "compromisso" de que, sob determinadas condições, a qualquer hora, pode-se abrir mão, e obrigatoriedade, em que abrir mão significa colocar em risco a própria sobrevivência.

Estes trabalhadores têm um compromisso pessoal com a causa da ação sindical que compõe, de forma complexa, numa forma de resistência, o processo de objetivação prometida pelo sistema para o tempo de lazer: fim do dia, fim da semana, férias, aposentadoria. Não descartam o lazer como desnecessário,

transformam a ação sindical em outra coisa que ocupa o lugar do lazer e do trabalho estranhado e compartimentalizado.

Creio poder dizer que a atividade de lazer se constitui no mesmo lugar em que ocorre a atividade sindical, mas se constitui diferentemente em função de determinadas necessidades que precisam ser satisfeitas em favor da objetivação que o trabalhador sindicalizado deseja construir em suas ações diárias, não como uma promessa ao indivíduo para depois, mas como uma conquista coletiva a ser construída a partir do agora.

Uma conquista dolorosa em que entra em jogo o próprio sacrifício pessoal, uma conquista prazerosa porque significa, já, driblar a norma do trabalho escravo atendendo, apenas, aos interesses do patrão.

Entre os trabalhadores, o lazer aparece como uma opção, uma possibilidade de ocupação do seu tempo de "não-trabalho" como tantas outras. Sua opção predominante na ocupação deste tempo "disponível", que, aparentemente, possui, é pela ação sindical. Há aí um outro sentido. É aí o lugar exato de onde o sentido escapa para outro lugar de significação.

Na ação sindical o trabalhador sindicalista subjetiva-se de uma forma diferente da que ocorre no tempo de lazer. E é por esta objetivação que ele opta.

Mas, não descartando o tempo de lazer como possibilidade de distração, divertimento, de relaxar da tensão, o trabalhador sindicalista apresenta possibilidades pessoais de lazer, onde ele volta a ser o indivíduo: a corrida solitária, a diversão junto com os filhos da "família desfeita", o bar, os bailes, o clube da empresa onde o sindicalista vira mais um trabalhador circulando no meio dos companheiros...

Já no caso dos funcionários, sua subjetividade aponta na direção da possibilidade de trabalhar em algo que exija deles mais que a mera atividade braçal, mais que a mera troca da ação geradora de riquezas pelo símbolo da riqueza (o dinheiro).

Para o funcionário do sindicato o seu trabalho objetiva-se no reconhecimento da possibilidade concreta de contribuição com a causa operária. O seu trabalho é o meio do seu sustento, mas é, também, a possibilidade de construção planejada de algo que supera a ação imediata, numa intervenção nos rumos da história.

O seu trabalho objetiva-se no envolvimento com "a" causa, e dela prescinde, junto com o retorno financeiro, para a objetivação do indivíduo que o empresta para o sindicato.

Mas ainda é um trabalho. E, como trabalho, necessita do descanso, como duplo trabalho - para o sustento e militante - necessita do divertimento, como trabalho tenso em função de uma luta que está constantemente derrotando por todos os lados, necessita de um desenvolvimento.

Suas concepções de lazer denotam este conflito: ali, naquele lugar prometido, haja descanso, liberdade, divertimento, desenvolvimento, distração, relaxar... Trabalhando, sua objetivação é dolorosa; prometem, então, para si um lazer que não o seja. Neste caso o lazer aparece como um momento pessoal, um instante para evadir-se e despir-se das preocupações, das ocupações, da responsabilidade auto imposta.

Postos os elementos iniciais para a discussão, resta-nos reconhecer os excessos e os limites, mais uma tarefa difícil no gesto de escrever, ler, assinalar e eliminar sentidos...

PARTE IV

EFEITOS DO OLHAR PARA A REALIDADE...

EFEITOS DA INTERRELAÇÃO ENTRE O DISCURSO DA TEORIZAÇÃO SOBRE O LAZER E O DISCURSO DE TRABALHADORES ORGANIZADOS EM SINDICATOS.

1. Introdução

Propus-me a investigar o processo de significação do lazer no discurso de trabalhadores organizados em um sindicato cutista, tendo em vista afirmações da "teorização" sobre ser o lazer uma conquista histórica da classe trabalhadora e tendo em vista, ter encontrado em cartazes, panfletos e textos produzidos por trabalhadores de diversas categorias, vestígios de políticas de lazer vinculadas aos Departamentos de Cultura dos sindicatos.

Observando os discursos produzidos sobre o lazer pela "teoria do lazer" e por "trabalhadores organizados em sindicatos" como discursos produzidos sobre a "prática social" do lazer, incorporei o referencial metodológico da Análise de Discurso na vertente francesa.

Tal opção se dá que pelo fato desta metodologia ter o objetivo de verificar o processo de produção dos discursos, possibilitando, neste estudo, uma observação historicizada dos efeitos de sentidos produzidos pelos textos aqui delimitados.

Conduzida pela referência da A.D. observei o processo de produção dos discursos sobre o lazer entre a teorização e trabalhadores organizados, de modo a verificar repetições - e diferenças de sentido nestas repetições - que pudessem estar orientando os sentidos do lazer nestas formações discursivas.

À guisa de conclusão deste momento do estudo sobre a posição de trabalhadores organizados quanto a questão do lazer proponho discutir alguns achados da investigação a fim de produzir aproximações em relação à dinâmica dos sentidos que podem estar interferindo no silenciamento observado nas Resoluções.

2. O que fizemos neste estudo até agora

Venho acompanhando na "teorização sobre o lazer" a forma como este é justificado em sua origem histórica e a forma como é justificado como necessidade social e individual contemporânea.

Por sua vez, no discurso produzido por "trabalhadores organizados em sindicatos" venho observando, os sentidos e o papel atribuído as atividades de "lazer" e "cultura" dentro de uma organização sindical.

Esta investigação foi feita através da análise do processo de produção do discurso presente nas Resoluções do 4º Concut e de entrevistas realizadas com diretores e funcionários do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos.

O objetivo desta investigação foi traçar um esboço inicial das razões que envolveram o aparecimento da temática do lazer nas Resoluções do 3º Concut e o seu silenciamento nas Resoluções do 4º Concut.

Para efeito de investigação inicial sobre este silenciamento, trabalhamos com a hipótese de que os sentidos do lazer entre trabalhadores organizados em um sindicato cutista podiam transitar por caminhos de significação diferenciados do percurso de sentidos produzido pela "teorização" sobre a temática do lazer.

Desta forma, observando o processo de produção dos sentidos do lazer nestas formações discursivas, verifiquei que:

a) o discurso da "teoria do lazer" está organizado em torno dos termos "estudos", "valores" e "conteúdos", realizando discussões e formulações sobre a forma como vem ocorrendo a "teorização" e "prática social" do lazer. Há nesta discussão o duplo esforço de delimitação do que seria e como estaria sendo utilizada esta prática social, bem como de crítica às formulações empiristas sobre o tema.

b) por sua vez, o discurso de "trabalhadores sindicalistas cutistas" está organizado em torno dos termos "representatividade" e "luta" e das ações e intervenções que envolvem o encaminhamento destas.

O discurso dos "valores" do lazer para a sociedade moderna (pós Revolução Industrial), vem marcado pela preocupação com a ocupação do tempo disponível do trabalhador. Nesse discurso o lazer aparece como atividade praticada no tempo disponível (livre, liberado ou de não-trabalho) onde os autores entendem haver maior possibilidade de fruição do "lúdico".

A preocupação com a fruição do lúdico nestes discursos aparece vinculada às constatações de "perda" desta fruição, através das diversas transformações ocorridas nos processos de produção e circulação dos objetos com "valor de uso" e "valor de troca" desde o chamado período de Revolução Industrial.

Por sua vez, o discurso da "luta" presente na CUT vem marcado pela preocupação com a unidade e a representatividade de classe. Nesse discurso o lazer vai aparecer como uma possibilidade de retomada da representatividade ameaçada pela crise que vem abalando a organização sindical dos trabalhadores.

3. O foco de interesse

O que me interessou foi reconhecer, através da Análise de Discurso, o processo de produção do discurso sobre o lazer na teorização e entre trabalhadores organizados em sindicatos, a fim de verificar as relações e a possível interferência desse processo no silenciamento observado nas Resoluções.

4. Os processos de significação

Verifiquei diferenças nos processos de significação e conseqüentemente, dos sentidos que o termo adquire em cada um destes contextos e jogos de interesse:

a) O discurso da teorização sobre o lazer é produzido segundo uma "sociedade do discurso" fundada sobre o ritual de seleção da fala sobre a temática do lazer. O "autor", neste discurso, aparece como a origem e o responsável direto pelo "dito". Entretanto, o discurso percebe as filiações entre os sujeitos que dizem sobre o lazer e as ideologias que os sustentam, indicando estas filiações na crítica ao discurso empirista sobre a temática do lazer.

b) Entre trabalhadores organizados em sindicatos, os sentidos de lazer são produzidos a partir da preocupação do "sujeito coletivo" com a manutenção da representatividade de classe. Neste discurso a tramitação dos sentidos do lazer vai depender dos debates e discussões coletivas sobre as posições internas quanto aos destinos da "luta" de enfrentamento à ordem vigente e aos interesses do patronato.

As discussões e os planejamentos de atividades e eventos que estão caracterizados como "de lazer" na teorização vão estar marcadas pela necessidade de investigação sobre as formas como vem sendo ocupado o tempo disponível para o lazer na atualidade e a caracterização de atividades que seriam predominantemente de lazer¹⁵⁴, segundo o critério do "valor" da atividade a ser praticada neste tempo.

Os sentidos do lazer são produzidos no discurso da teorização segundo os debates em torno das posições evidenciadas pelos outros autores que "não dão conta de captar a dinâmica do lazer" (Faleiros, 1980)

As discussões e os planos para a realização atividades e eventos que caracterizamos como "de lazer"¹⁵⁵, na fala do sujeito coletivo, vão estar marcadas pela necessidade de cooptação do trabalhador metalúrgico e de uso do seu tempo disponível em função da garantia da representatividade.

Seus planos de eventos a serem realizados vinculados aos departamentos de cultura estão direcionados à necessidade concreta de trazer de volta¹⁵⁶ o peão¹⁵⁷ ao espaço do sindicato a fim de garantir, desta forma, a continuidade da unidade e

¹⁵⁴ - É interessante observar que algumas atividades praticadas neste período, quando consideradas inadequadas são chamadas de "antilazer".

¹⁵⁵ - Por apresentarem algumas características como a eventualidade, como o desejo de politizar através do uso do divertimento como chamariz. Quando organizam um pagode, estão preocupados em fazer a reaproximação entre trabalhadores e sede do sindicato, com o sindicato como "a casa do trabalhador metalúrgico"(entrevista n° 4).

¹⁵⁶ - Verificando que o patrão consegue prender os trabalhadores na fábrica através de atividades culturais e equipamentos direcionados à diversão, o trabalhador sindicalizado vem ensaiando planejamentos de ocupação do espaço do sindicato direcionados a torná-los lugares atrativos para a categoria. Estes planejamentos estão carregados da dupla expectativa de reaproximação com a categoria e de politização das atividades através da demonstração da diferença de uma ação realizada pelo sindicato da categoria e uma ação realizada pela empresa.

¹⁵⁷ - Forma como os trabalhadores sindicalistas e funcionários chamam os trabalhadores vinculados à categoria metalúrgica.

da representatividade, e o poder de barganha e conquista frente ao "inimigo-parceiro".

Além do sujeito coletivo, há ainda, nas entrevistas realizadas, a fala dos indivíduos que materializam a ação sindical - funcionários e diretores do sindicato.

Nestas falas consideramos um dado a destacar o fato de que tanto funcionários quanto diretores, quando falam de suas atividades pessoais de lazer, remetem-se a atividades e conteúdos que fogem da ordem diária estabelecida no trabalho, no sindicato, ou em outras esferas da vida social, a depender de quais sejam estas esferas.

Assim, se para o sindicato os sentidos do lazer, como atividade institucionalizada, vão estar associados aos sentidos da luta, os sentidos pessoais do lazer fogem ao controle de qualquer das atividades comuns e corriqueiras da vida diária, porque passam pelo sentido da reordenação, da reorganização dos interesses pessoais bloqueados pelas obrigações e comprometimentos.

5. Os sentidos verificados

Na preocupação com a ocupação do tempo fora do trabalho formal identifico o aspecto fundador do discurso da teorização sobre o lazer.

Neste prisma da preocupação com a ocupação do tempo "livre" do trabalhador o discurso sobre o lazer vai se instalar, na teorização, organizado pelo princípio do "autor" segundo os sentidos dos "valores" sociais e pessoais das atividades de lazer, visando ora a adaptação dos indivíduos ao jogo do capital, ora a emancipação humana, com os seguintes sentidos:

- a) com o sentido de fração do tempo de recuperação para o retorno ao trabalho em que os indivíduos fruem o descanso e o divertimento;
- b) com o sentido de negação do trabalho, como categoria histórica e realidade concreta da situação de exploração;

- c) com o sentido de "relevância" histórica, na medida em que representa a resistência dos trabalhadores, demonstrada nas "lutas" pela redução da jornada de trabalho;
- d) com o sentido de possibilitar a vivência de "valores" questionadores do modelo de sociedade vigente, com potenciais transformadores da situação de opressão/exploração/infelicidade vivenciada pelos indivíduos e identificada como estando no mundo do trabalho/esferas de obrigações sociais. Esta possibilidade questionadora pode ser direcionada na medida em que houver uma política que incentive níveis de participação críticos e criativos na fruição do lazer.
- e) como algo a ser negado, juntamente com o trabalho, em busca de uma outra construção - inacabada e da qual o autor desiste no meio do caminho - que dê conta de explicar a existência histórica do lazer e as necessidades que este vem mascarar, demonstrando a preocupação com outras formas de subjetivação que não estão contempladas na forma atual da teorização sobre o lazer.

Na preocupação com a recuperação dos poderes da representatividade e de organização da classe trabalhadora, tendo em vista a manutenção do poder de resistência e barganha frente ao "inimigo comum" identifico o aspecto fundador do discurso de trabalhadores organizados sobre o lazer.

Neste prisma da preocupação com a recuperação da capacidade de representatividade, o discurso sobre o lazer vai se instalar, entre trabalhadores organizados em sindicatos, organizado pelo princípio do "sujeito coletivo". Segundo os sentidos das "lutas" sociais e pessoais contra a exploração colocada no mundo do trabalho, o sujeito coletivo visa ganhar dos trabalhadores de "classe" e "categoria" o direito de "representatividade", para através deste direito adquirido, encaminhar discussões e decisões nas direções, ora, da emancipação humana, ora, da participação dos trabalhadores na gerência do capital.

Neste jogo, os termos "cultura" e "lazer" na fala do sujeito coletivo tem os seguintes sentidos:

a) mais um resquício do assistencialismo atribuído ao sindicato pelo Governo Populista associado com os sindicalistas pelegos;

b) descartando o sentido de lazer, cultura aparece como:

- . "tudo o que você aprende";
- . como algo específico produzido pela área sindical e que deve ser ensinado pelo sindicato e aprendido pelos diretores, funcionários e pela "base";
- . como a diversidade da unidade chamada "Nação";
- . derivando ainda para a noção de "pessoa culta", como sendo aquela que "tem o saber". Este saber que "se tem" é, ao mesmo tempo, algo fácil de ser incorporado desde que a "pessoa" procure "se informar";
- . como algo que se aprende para entender "problemas de hoje em dia";
- . ler, conversar, dialogar;
- . aparece ainda como "objeto de transformação de uma sociedade";
- . como algo que precisa ser pensado dentro do sindicato em função de atender ao trabalhador determinado pelo ritmo da fábrica e da máquina;
- . podendo "ser um lazer". "Você usa a cultura como objeto de lazer";
- . como uma nova concepção de sociedade que se constrói a partir das dificuldades e necessidades dos trabalhadores objetivando transformar a sociedade e satisfazer as necessidades destes trabalhadores.

c) referindo-se especificamente ao lazer encontramos os seguintes sentidos:

- . momento pra você esquecer de tudo o que você faz continuamente;
- . parar com tudo aquilo que é cotidiano para viver uma outra coisa que vai te dar satisfação;
- . como algo que vai "tirar um pouquinho" do cotidiano fazendo "pensar em outras coisas que não aquilo que você pensa normalmente";
- . como algo restrito à diversão e ao relaxamento. Um momento para estar com amigos, com pessoas de que se gosta;

- . como um momento para "esquecer tudo o que cê tá fazendo", distrair, aliviar de tudo, flutuar no mundo;
- . como uma certa leveza posta na condução de um ideal perseguido pelo coletivo, que não faz sentido individualmente;

d) quando interligados, aparecem com os seguintes sentidos:

- . com o sentido de atividades integradas em que realizam-se ao mesmo tempo a informação e o divertimento;
- . como atividades diferenciadas pelas noções de "maior" ou "menor" compromisso como traços definidores, respectivamente, da "cultura" e do "lazer";
- . apesar de haver graus de compromisso diferenciados, estão interligadas "porque é lazer você assistir um show, você ir assistir uma peça, ir assistir um filme e isso também é cultura!";
- . combinando distração com divertimento; entre tantos outros sentidos possíveis.

Quando trabalhador sindicalista e funcionário do sindicato falam das possibilidades de sua autodeterminação - quando perguntados como é sua prática pessoal de lazer - remetem esta questão aos anseios de desorganização da ordem posta no mundo que não conseguem reorganizar segundo suas necessidades e projetos emergentes.

É assim que em suas falas pessoais o lazer vai aparecer como:

- a) confrontar o aparato policial que reprime e bloqueia a expressão de suas necessidades através do ato de greve;
- b) como uma forma de conduzir a "luta", amenizando os impactos das frustrações e das derrotas diárias, preparando a semente da esperança até chegar o momento de retomar a luta. De certa forma, é uma forma de continuar lutando;

- c) relaxar, sair do ritmo frenético da estrutura que se quebra e corre, atordoada, atrás das possibilidades de salvação do projeto, do sonho coletivo que rui;
- d) estar na companhia dos amigos que compartilham a "luta" nos mais diversos lugares, atividades e tempos diários;
- e) não fazer o que é imposto, mas o que se tem a necessidade de fazer naquele momento;
- f) sair do convívio dos colegas de trabalho, e conversar sobre coisas amenas com amigos outros que não fazem parte daquele mundo do raciocínio, da astúcia aguçada, do trabalho constante pela "causa" que sacrifica, até mesmo, a possibilidade do trabalho adaptado, no caso de desistência da "luta", aos interesses do capital;
- g) esta na ação sindical mesma como a possibilidade de ter de volta, através da consciência adquirida da necessidade de lutar contra o estranhamento e a alienação;

Entretanto, como pudemos constatar e ressaltar no item anterior, quando no princípio da "posição individual", os sujeitos retratam uma outra ordem ainda não abordada pela teorização, embora sinalizada em Cunha (1986), Oliveira (1986), Valle (1988) e Marcellino (1990) e ainda não explicitada de maneira sistemática entre trabalhadores organizados ou na teorização sobre o lazer. Quando está em jogo a posição pessoal dos indivíduos vem à tona, então, a questão da "autodeterminação do sujeito"¹⁵⁸, ou de sua "objetivação"¹⁵⁹.

¹⁵⁸ - Expressão utilizada pela professora Mônica Zoppi durante a avaliação do texto de qualificação, com base em sua leitura dos sinais deixados por Cunha e dos trechos de fala dos entrevistados.

¹⁵⁹ - Eis a expressão tal como Marx a identifica em "Trabalho alienado e superação positiva da auto alienação humana" texto publicado em F. Fernandes, Marx e Engels : História, pág. 149, no seguinte trecho:
 "O trabalhador se torna tão mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz só mercadoria; produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na proporção em que produz mercadorias em geral.

Este fato nada mais expressa senão: o objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um *ser alheio*, como um poder *independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, se fez coisa, é a sua objetivação do trabalho. A realização efetiva do trabalho é a sua *objetivação*. No

Neste ponto parece confirmar-se a hipótese da teorização quando esta diz que existe uma maior possibilidade de fruição do lúdico no momento do lazer em função da menor pressão das obrigações aí observadas, este dado evidencia-se nos sentidos e aspirações postos pelos trabalhadores em suas atividades pessoais de lazer.

Entretanto coloco aqui algumas inquietações quanto a esta suposição da teorização referente a uma à possibilidade de maior fruição do lúdico no tempo de lazer:

- a) o fato da disponibilidade de uma parcela do tempo diário, semanal ou anual para a prática de atividades de lazer, não garante que ocorra a inspiração lúdica nestes momentos;
- b) o fato da disponibilidade de uma parcela do tempo diário, semanal ou anual para a prática de atividades de lazer, não garante que o indivíduo se recupere do estranhamento que esta posto em sua vida como um todo, por não tem acesso aos bens mínimos que produz, por desejá-los como consumidor e produtor destes bens, e não ter acesso à satisfação deste desejo;
- c) o fato da disponibilidade de uma parcela do tempo diário, semanal ou anual para a prática de atividades de lazer, quando ele existe, não garante que o trabalhador tenha maior probabilidade de autodeterminação, em função de que neste tempo vão estar presentes as determinações da estrutura e da superestrutura da qual faz parte e é vítima.

estado econômico-político esta realização efetiva do trabalho aparece como *desejetivação* do trabalhador, a objetivação como *perda e servidão do objeto*, e a apropriação como *alienação*, como *exteriorização*. A realização efetiva do trabalho tanto aparece como *desejetivação* que o trabalhador é *desejetivado* a ponto de morrer de fome. A objetivação tanto aparece como *perda do objeto* que o trabalhador se vê roubado dos objetos mais necessários não só à vida, mas também dos objetos de trabalho. Sim, até mesmo o trabalho se torna um objeto do qual ele só pode se apoderar com os maiores esforços e com as mais irregulares interrupções. A apropriação do objeto tanto aparece como *alienação* que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais cai sob o domínio do seu produto, do capital." Fernandes, 1989: 149/150). É com base neste trecho que entendo entre outros dos manuscritos econômico-filosóficos que entendo que o homem objetiva-se através de suas ações e que no modo capitalista de produção esta sua objetivação se lhe torna estranha. Esta discussão é desenvolvida por Antunes (1995).

Abrimos esta longa nota tendo em vista que esta é uma discussão que apenas iniciamos neste texto, deixando para desenvolvê-la em um momento posterior.

O trabalhador sindicalistas e funcionários sabem disto. Quando percebemos em suas falas aparecer a emergência da necessidade de autodeterminação, quando percebemos aparecer em suas falas a necessidade de efetivação desta determinação no aqui e agora, não podemos reduzir esta constatação à simples predominância do sentido da categoria "atitude" priorizada por uma certa vertente da "teoria do lazer".

Estes são, apenas, alguns dos sentidos possíveis presentes entre "trabalhadores funcionários do sindicato" e "trabalhadores sindicalistas", que indicam o esforço de "autodeterminação" ou de "objetivação" que travam consigo em suas lutas diárias por uma melhor condição de vida.

É neste sentido que pretendo colocar a hipótese de que, entre "trabalhadores sindicalistas", no nível pessoal, não é a questão do lazer que se coloca como paradigma de vida.

Entre trabalhadores organizados em sindicatos, se coloca como paradigma de vida a possibilidade de "objetivação pessoal", a possibilidade de "autodeterminação", a possibilidade de "auto-objetivação" que, isto sim, expressa-se nas "lutas" diárias que envolvem a ação de fazer diferente frente ao proposto como hegemônico, levadas, inclusive para as atividades de lazer.

5.1 O sentido lúdico da ação sindical

Insisto em afirmar uma certa ludicidade presente nos momentos diários da "luta" de trabalhadores organizados em sindicatos de modo a mantê-la duradoura e severa.

Esta ludicidade apresenta-se entre os funcionários, mesmo diante da ameaça de desemprego e da quebra dos projetos que vêm a muito tempo realizando no sindicato. Ameaças estas que acompanham a queda da estrutura básica de apoio da ação sindical: as contribuições sindicais compulsórias.

Apresenta-se constante nos que acreditam e persistem acreditando nas possibilidades da ação organizada, pondo em jogo seus talentos individuais, em função do dizer e do representar suas necessidades pessoais e coletivas: as

charges, os discursos que pronunciam, as piadas e brincadeiras uns com os outros, as anedotas com os "chefes" do trabalho.

Tudo isso funciona como o fôlego do mergulhador que enfrenta o mar para encontrar-se com os mistérios da beleza marinha, e encantar-se com elas. A isto estou chamando de fruição "lúdica" existente na ação sindical, sustentando e inspirando a continuidade dos sonhos e das "lutas".

6. Limites para o entendimento das razões do silenciamento

É necessário ressaltar que os resultados apontados neste estudo são parciais e iniciais para a compreensão efetiva das razões do silenciamento sobre a questão do lazer no texto das Resoluções do 4º Concut.

Ainda não temos condições de afirmar as razões do silenciamento sobre a questão do lazer nas Resoluções do 4º Concut, por entendermos que a temática envolve variáveis amplas e hipóteses, também, bastante amplas

Vemos como importantes para a complementação e comprovação das questões feitas aqui estudos que possibilitem complementar as informações sobre as razões do silenciamento tais como:

- a) a realização de uma ampla investigação sobre a história das discussões e dos discursos sobre o lazer, vinculadas as alterações nos modos de produção de serviços e objetos, de modo a contextualizar as origens concretas da temática, bem como explicitar melhor, nesta discussão, as posições que marcaram e marcam as falas registradas e apagadas neste percurso;
- b) uma análise das posições das tendências, internas do PT, do PC do B, do PCB, do PSDB, entre outros presentes na CUT, quanto aos temas: "projeto histórico da classe trabalhadora"; papel social e histórico dos sindicatos; cultura como área de intervenção política, no partido e no sindicato; políticas de lazer no partido, nas administrações petistas e no sindicato, observando as interrelações aí estabelecidas.

- c) a investigação do contexto histórico que marcou a realização dos 3º e 4º Congressos da CUT, a fim de observar que acontecimentos predominaram como importantes para o aparecimento e silenciamento da temática no texto. Tal análise pode ser feita a partir do estudo comparativo dos discursos em cada uma das Resoluções. Podem ser variáveis importantes, por exemplo, o processo de embate entre as tendências pela direção da entidade, a margem de vitória da tendência vencedora, ou ainda a posição ocupada pela mesma no que toca á direção da "luta".
- d) verificar, especificamente, se o aparecimento da temática do lazer nas Resoluções do 3º Concut tem uma relação direta com a predominância social democrata na entidade, e se a tendência extrema a ela ainda mantém os princípios da "emancipação humana".

Entendo que estes são pontos importantes, ainda em aberto, para a compreensão das posições assumidas por trabalhadores organizados em sindicatos sobre a temática do lazer, que determinaram seu silenciamento nas Resoluções do 4º Concut.

Toda esta investigação estaria subsidiando uma investigação preocupada em desvendar como está desdobrado o marxismo na atualidade, na preocupação com a investigação das posições das tendências com a questão do estranhamento.

Em todo caso, mesmo de maneira silenciada e esquecida, entendo que entre trabalhadores organizados no Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, estão presentes certos traços que indicam que a questão do estranhamento ainda é uma questão básica do sentido da "luta" no movimento sindical.

Neste sentido, percebo que o lazer não está colocado como uma possibilidade de intervenção política consciente e definitiva entre trabalhadores organizados em sindicatos. Seus planos de políticas culturais indicam a emergência da necessidade de eventos chamativos que recuperem a possibilidade de representatividade de "classe" e "categoria".

A temática, no interior do sindicato, ainda está carregada da dúvida e da incerteza. de maneira geral podemos dizer, no entanto, que o discurso sindical sobre a temática do lazer também está bastante caracterizado pela preocupação com a ocupação do tempo disponível do trabalhador com atividades que possibilitem a aquisição de "consciência de classe".

Nesse sentido, coloca-se, então, como uma polêmica. Se pensarmos na problemática da objetivação, adia, como a teorização, as discussões sobre o direito do trabalhador de fruir sua subjetividade por inteiro e expressá-la em suas atividades diárias.

Por outro lado e ao mesmo tempo, intervindo nesta área, o sindicato, tal como outros espaços geridos por empresas privadas ou pelo estado, possibilitará momentos curtos de maior probabilidade de subjetividade em que, tal como nos demais espaços, e em virtude de sua natureza específica, vai estar marcado pela luta ideológica diária pela garantia de melhores condições de vida, de apoio ("base") e da continuidade da realização da "luta".

Em que lugar posso me colocar neste impasse?

Entendo, e este trabalho retrata esta ideia, que o conhecimento e as intervenções dos intelectuais têm de estar a serviço dos interesses e objetivos daqueles que sustentam a pesquisa e as investigações.

Entendo que estes financiadores são aqueles mesmos trabalhadores que lutam, diariamente, pela sobrevivência de sua dignidade, de seus interesses, de suas possibilidades de vida melhor.

Entretanto, apesar de considerar que a "luta" tem de ter o sentido histórico da emancipação humana, entendo que as decisões sobre os sentidos da "luta" por qualquer que seja o tema, tem de estar, necessariamente, nas mãos dos interessados, que são os próprios trabalhadores organizados e sindicalizados.

Cabe a mim denunciar, dentro dos limites postos através da história, as possibilidades concretas de cada uma, e qualquer uma, das intervenções que sejam apontadas nos sentidos que optem como hegemônicos.

Enfatizo que não acredito que a possibilidade de emancipação humana esteja posta no lazer tal como o fruimos na atualidade. Entretanto, concordo com os teóricos do lazer que dizem que nele, como no próprio capitalismo, estão os germes de destruição desta ordem e de construção de uma nova ordem.

Neste sentido, entendo que é preciso continuar estudando a temática do lazer como uma posição de classe, como um espelho de necessidades que vêm sendo silenciadas, e como uma possibilidade concreta de conhecimento daquilo que Marx chamou de "emancipação humana". Nesta direção, ainda engatinhamos, mas já engatinhamos.

Como questão específica para nós ficaria a investigação sobre o papel que vem sendo atribuído à Educação Física e ao lazer através da história de modo a que a questão do estranhamento posta nas relações de produção não apareçam e não sejam desvendadas nem elucidadas. Este silenciamento pode estar solidificando posições hegemônicas e afastando, mais e mais, a possibilidade da emancipação humana, uma utopia marxiana e um sonho presente e distante das condições colocadas na atualidade.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

- ABRAMO, P. Quem não se comunica... Teoria & Debate, São Paulo, n. 20, jan./mar. 1993.
- ALBORNOZ, Suzana. O que é trabalho. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- ALMEIDA, J. M. Barco furado. Teoria & Debate, São Paulo, n. 15, p. 59-60, jul./set. 1991.
- AMAZONAS, J. Capitalismo de estado na transição do socialismo Princípios, São Paulo, n. 29, p. 21-25, maio/jul. 1993.
- ANDERSON, P. Considerações sobre o marxismo ocidental. São Paulo : Brasiliense, 1989.
- ANDRADE, Mário de. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. São Paulo : Círculo do Livro, 1928.
- ANTUNES, R. C. O que é sindicalismo? 16. ed. São Paulo : Brasiliense, 1989.
- _____. O novo sindicalismo. São Paulo : Brasil Urgente, 1991.
- _____. A rebeldia do trabalho: o confronto operário no ABC paulista; as greves de 1978 - 1980. Campinas : Ed. da Unicamp, 1988. Cap. II.
- _____. Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 2. ed. São Paulo : Cortez, 1995.
- APPLE, M. W. Educação e poder. Porto Alegre : Artes Médicas, 1989.
- BACAL, S. Lazer: teoria e pesquisa. São Paulo: Loyola, 1988.
- BENEDITO, M. Futebol arte? Teoria e Debate, São Paulo, n. 26, p. 68-70, set./nov. 1994.

- BITTAR, J. O modo petista de governar. Teoria & Debate, São Paulo, 1992. (Caderno Especial).
- BOCCHINI, M. O. A festa do abacate Teoria & Debate, São Paulo, n. 20, jan./mar. 1993.
- BOITO Júnior, A. O sindicalismo de estado no Brasil : uma análise crítica da estrutura sindical. Campinas : Ed. da Unicamp / Hucitec, 1991.
- _____ (Org.). O sindicalismo brasileiro nos anos 80. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991.
- BORGES, A. Reflexos da automação na consciência operária Princípios, São Paulo, n. 26, p. 35-41, ago./out. 1992.
- _____. Cuba, uma experiência socialista sob cerco. Princípios, São Paulo, n. 29, mai./jul. 1993.
- BOSI, Ecléa. Simone Weil : a condição operária e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
- _____. Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias. 3. ed. Petrópolis : Vozes, 1977.
- _____. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.
- BRACHT, Válder. Esporte, estado, sociedade. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 10, n. 2, jan. 1989.
- _____. A educação física escolar como campo de vivência social. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 12, n. 1/3, 1992.
- _____. Educação física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992.

- BRAMANTE, A. C. Estamos vivendo uma civilização do lazer? Revista Brasileira de Ciência e Movimento, São Paulo, v. 4, n. 4, 1990.
- BRANDÃO, H. H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. 2. ed. Campinas : Ed. da Unicamp, 1993.
- BRUHNS, H. T. A proposta "carente" de lazer x o espaço de lazer dos "carentes". Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 11, n. 3, 1990.
- _____. O culto do corpo-prazer, o fenômeno lazer e o lúdico. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 12, n.1, 2, 3, 1992.
- BRUYNE, P. de Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. 3. ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1986.
- BUCCI, E. Nós que amaremos tanto a reforma. Teoria & Debate, São Paulo, n. 14, p. 40-46, abr./jun. 1991.
- _____. Guerrilheiros udenistas Teoria & Debate, São Paulo, n. 19, jul./set. 1992.
- _____. Lélia Abramo. Teoria & Debate, São Paulo, n. 5, p. 12-21, jan./mar. 1989.
- CAMARGO, L. O. de L. O que é lazer. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- _____. O lazer é um perigo. Veja, São Paulo, 30 de jun. 1993.
- CAMPOS, J. R. O Que é trotskismo. São Paulo : Brasiliense, 1981.
- CARONE, E. Os congressos da II Internacional Bale, Suíça - 1912. Princípios, São Paulo, n. 26, p. 66-71, ago./out. 1992.
- _____. Os congressos da II Internacional, Copenhague - 1910. Princípios, São Paulo, n. 25, p. 66-72, maio/jul. 1992.
- CARVALHO, M. C. M. Construindo o saber : técnicas de metodologia científica. 2. ed. Campinas : Papyrus, 1989.

- CASTELLANI, L. Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas : Papyrus, 1988.
- CHAUI, M. Cultuar ou cultivar? Teoria & Debate, São Paulo, n. 8, out./dez., 1989.
- _____. Conformismo e resistência : aspectos da cultura popular no Brasil. 4. ed. São Paulo : Brasiliense, 1989.
- _____. Cultura e democracia. 5. ed. São Paulo : Cortez, 1990.
- _____. Cultura e racismo. Princípios, São Paulo, n. 29, maio/jul. 1993.
- _____. Primeira filosofia : lições introdutórias. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- COELHO, M. Essa tal modernidade: Ávidos e Atávicos. Teoria & Debate, São Paulo, n. 18, p. 29-33, mai./jul. 1992.
- COSTA, Washington, SOUZA, F. C. de, BARGAS, O. A CUT veio para fazer o que? Teoria & Debate, São Paulo, n. 3, p. 38-45, jun. 1988.
- CUNHA, Newton. A felicidade imaginada : a negação do trabalho e do lazer. São Paulo : Brasiliense, 1987.
- DAMASCENO, A. A educação como ato político partidário. 2. ed. São Paulo : Cortez, 1989.
- DAÓLIO, J. Da cultura do corpo. Campinas : Papyrus, 1995.
- DECCA, M. A. G. A vida fora das fábricas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. 3. ed. São Paulo : Atlas, 1995.

- DULCI, L. A insurgência do vivido. Teoria & Debate, São Paulo, n. 17, jan./mar. 1992.
- DUMAZEDIER, J. Lazer e cultura popular. São Paulo : Perspectiva, 1973.
- _____. Sociologia empírica do lazer. São Paulo : Perspectiva, 1972.
- DUMAZEDIER. Valores e conteúdos culturais do lazer. São Paulo : SESC, 1980.
- DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. 8. ed. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1977.
- FALEIROS, M. I. L. Repensando o lazer. Perspectivas, São Paulo, n. 3. 1980.
- FANON, F. Os condenados da terra. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1979.
- FAVRE, L. Nem isolamento nem retrocesso Teoria & Debate, São Paulo, n. 15, p. 61-63, jul./set. 1991.
- FERNANDES, F. O PT em movimento. São Paulo : Autores Associados, 1991.
- FERNANDES, H. R. Wright Mills : sociologia. São Paulo : Ática, 1985.
- FERREIRA, M. Marxistas e cristãos; ontem e hoje. Princípios, São Paulo, n. 29, p. 52-59, maio/jul. 1993
- FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. Aula inaugural pronunciada no Collège de France no dia 2 de dezembro de 1970. Tradução: Sírio Possenti. Campinas, abril - junho de 1993. (mimeo)
- FREITAG, B. A teoria crítica ontem e hoje. 5. ed. São Paulo : Brasiliense, 1994.
- _____. Escola, estado e sociedade. 6. ed. São Paulo : Moraes, 1986.

- FREUND, J. Sociologia de Marx Weber. 3. ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1980.
- FRIEDMAN, G. O trabalho em migalhas. São Paulo : Perspectiva, 1979.
- GADET, F, T. HAK. Por uma análise automática do discurso - uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas : Ed. da Unicamp, 1993.
- GAELZER, L. Lazer : bênção ou maldição. Porto Alegre : Sulina, 1979.
- GENTILI, P. A. A. Neoliberalismo, qualidade total e educação : Visões críticas. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1995.
- GIANNOTTI, V. CUT : por dentro e por fora. Petrópolis, RJ : Vozes, 1990.
- _____. CUT : Ontem e hoje - o que mudou das origens ao 4º CONCURTO. São Paulo : Vozes, 1991.
- GONÇALVES JÚNIOR, L. A atividade física de lazer para os sindicalistas no período da Ditadura Militar. São Paulo, 1993, 139p. Dissertação (mestrado) - PUC, 1993.
- GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. 8. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1991.
- _____. Concepção dialética da história. 9. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1991.
- GUIMARÃES, J. A astúcia do marxismo : reflexões sobre a problemática do trabalho no final do milênio. Temáticas, Campinas, v. 2, n. 3, p. 1-11, jan./jun. 1994.
- HIRANO, Sedi. Pesquisa social : projeto e planejamento. São Paulo : T. A. Queiroz, 1979.
- HORTA, Celso. A greve da GM. São Paulo : Página Aberta, 1993.

- IANNI, Otávio. Florestan Fernandes : sociologia. São Paulo : Ática, 1986.
- JORGE, E. , DIRCEU, J. As alianças e o partido dos trabalhadores: debate. Teoria & Debate, São Paulo, n. 1, p. 12-17. 1987.
- KEHL, M. R. Anotações para concluir no mês que vem. Teoria & Debate, São Paulo, n. 5, p. 26-29, jan./mar. 1989.
- KONDER, L. Marx: vida e obra. 4. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981.
- _____. A derrota da dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro : Campus, 1988.
- LAFARGUE, P. O direito à preguiça. Lisboa : Estampa, 1977.
- LEFEBVRE, H. O pensamento marxista e a cidade. Lisboa : Ulisséia, 1972.
- LEITE, M. de P. O que é greve. São Paulo : Brasiliense, 1988.
- LIPIETZ, A. Verde que te quero verde Teoria & Debate, São Paulo, n. 15, p. 64-71, jul./set. 1991.
- LÖWY, M. Marxismo e teologia da libertação. São Paulo : Cortez/Autores Associados, 1991.
- _____. Método dialético e teoria política. 4. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.
- LÖWY, M. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen : marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo : Busca Vida, 1987.
- LÜDKE, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo : EPU, 1986.
- MACINTYRE, A. As idéias de Marcuse. São Paulo : Cultrix, 1970.

- MAGNANI, J. G. C. Festa no pedaço : cultura popular e lazer na cidade. São Paulo : Brasiliense, 1994.
- MARCELLINO, N. C. Lazer e humanização. Campinas : Papyrus, 1983.
- _____. Ocorrência histórica do lazer. Correio Popular, Campinas, 14 de agosto de 1987a.
- _____. De papo pro ar. Correio Popular, Campinas, 10 abr. 1987b. (Lazer e turismo)
- _____. O conteúdo do lazer. Correio Popular. Campinas, 22 maio. 1987c.
- _____. As barreiras para o lazer. Correio Popular. Campinas, 5 jun. 1987d.
- _____. Lazer : ainda sobre tempo e atitude. Correio Popular. Campinas, 24 abr. 1987e.
- _____. Lazer : atividade e passividade. Correio Popular. Campinas, 15 maio. 1987f.
- _____. Lazer : tempo e atitude. Correio Popular. Campinas, 17 abr. 1987 g.
- _____. Lazer e educação. Campinas : Papyrus, 1987h.
- _____. Valores : manutenção ou mudança? Correio popular, Campinas, 24 jul. 1987i. (Lazer & Turismo)
- MARCELLINO, N. C. Lazer dos trabalhadores. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 2, n. 3, jul./set. 1988.
- _____. Lazer e escola : fundamentos filosóficos para uma "pedagogia" da animação no início do processo de escolarização. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 11, n. 2, jan. 1990a.

- MARCELLINO, N. C. Subsídios para uma política de lazer: o papel da administração municipal. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 11, n. 3. 1990b.
- _____. Pedagogia da animação. Campinas, SP : Papirus, 1990c.
- _____. Introdução às ciências sociais. Campinas : Papirus, 1991a.
- _____. Lagoa, seringueira e guarantã : é hora de se pensar o lazer. Correio Popular. Campinas, 1 dez. 1991b.
- _____. O lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. Revista Brasileira de Ciências do Esportes, Campinas, v. 12, n. 1/3. 1992.
- MARCUSE, H. Eros e civilização. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.
- _____. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro : Zahar, 1982.
- MARIGNONI, G. Forte fortuna. Teoria & Debate, São Paulo, p. 40 a 48, set./nov. 1994.
- MARX, Karl. A miséria da filosofia. 2. ed. São Paulo: Global, 1985.
- _____. O Capital : crítica da economia política. 13. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1989.
- MARX, K. Textos filosóficos. São Paulo: Mandacarú, 1990.
- _____. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. in FERNANDES, F. Marx e Engels : história. 3. ed. São Paulo : Ática, 1989. p. 146-164.
- MAYRINK, G., CAMARGO, L. O. de L. O Lazer é um perigo Veja, São Paulo, 30 jun. 1993.
- MILLS, W. A nova classe média. Rio de Janeiro : Zahar, 1969.
- MORAES, I. N. de Marxismo, ciência e ideologia: um olhar gramsciano. Temáticas, Campinas, v. 1, n. 1/2, p. 153-188, jul./dez. 1993.

- _____ . Intelectuais e sindicalismo no Brasil : a ANDES-SN e a política educacional. Campinas, jun., 1995. (mimeo)
- _____ . Os intelectuais e a construção da hegemonia : considerações introdutórias; por que Gramsci? (mimeo)
- MOREIRA, A. J. Saudades do vácuo? Teoria & Debate, São Paulo, n. 14, abr./jun. 1991.
- MOROSINI, M. C. Universidade no mercosul: condicionantes e desafios. São Paulo : Cortez, 1994.
- MOTA, Ana E. Do operário padrão ao operário patrão. Temáticas, Campinas, v. 2, n. 3, p. 109-122, jan./jun. 1994.
- NAPOLEONI, Cláudio. Lições sobre o capítulo sexto (inédito) de O capital. São Paulo : Ciências Humanas, 1981.
- NOSELLA, P. A escola de Gramsci. Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 1992.
- NOVAES, A. O estado e o estrago. Teoria & Debate, São Paulo, n. 11 jul./set. 1990.
- OFFE, Clauss. Trabalho : a categoria chave da sociologia? Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 10, jun. 1989.
- OLIVA, A. Mercadante. Resultados para quem? Teoria e Debate, São Paulo, n. 1, p. 41-47. 1987.
- OLIVEIRA, C. R. de. História do trabalho. São Paulo : Ática, 1987.
- OLIVEIRA, P. S. de. Tempo livre, trabalho e lutas sociais. Reflexão, Campinas, n. 35, 1986.
- ORLANDI, E. P. Discurso : fato, dado, exterioridade. Campinas : Unicamp. (mimeo)

- ORLANDI, E. P. Dispositivos da interpretação. Campinas : Unicamp. (mimeo)
- _____. Entremeio e discurso. Campinas : Unicamp.(mimeo)
- _____. O estatuto do liberal e a reforma da Terra. Comunicações do ISER, dezembro. 1985.
- ORLANDI, E. P. A linguagem e seu funcionamento : as formas do discurso. 2. ed. Campinas : Pontes, 1987.
- _____. Foucault vivo : ilusões na (da) linguagem. Campinas : Pontes, 1987.
- _____. Discurso e leitura. São Paulo : Cortez, Campinas : Ed. da Unicamp, 1988.
- _____. Discurso e leitura. São Paulo : Cortez, Campinas : Ed. da Unicamp, 1996.
- _____. Texto e discurso. Campinas : Unicamp. (mimeo)
- _____. Protagonistas do/no discurso. Foco e Pressuposição,
- _____. Terra à vista : discurso do confronto velho e novo mundo. São Paulo : Cortez / Unicamp, 1990.
- _____. As formas do silêncio no movimento dos sentidos. Campinas : Ed. da Unicamp, 1992.
- _____. O lugar das sistematicidades lingüísticas na análise de discurso. D.E.L.T.A., n. 2, 1994.
- ORLANDI. Gestos de leitura. Campinas : Ed. da Unicamp, 1994.
- PACHECO, R. T. B. Lazer e cidadania. Estudo comparativo das políticas municipais de lazer em Santo André e São Bernardo do Campo - SP.

Monografia (Especialização em Recreação e Lazer) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1992.

- PARKER, S. A sociologia do lazer. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- PÊCHEUX, M. O discurso : estrutura ou acontecimento. Campinas, : Pontes, 1990.
- _____. Delimitações, inversões, deslocamentos. Caderno de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 19, jul/dez. 1990
- _____. Semântica e discurso : uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas : Ed. da Unicamp, 1988.
- PEIXOTO, E. M. M. Primeiras reflexões sobre a questão do lazer no espaço sindical. Monografia (Especialização em Recreação e Lazer) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1992.
- PERROT, M. Os excluídos da história : operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.
- POMPE, C. Difusão e crescimento do marxismo no Brasil Princípios, São Paulo, n. 29, p. 39-43, maio/jul. 1993.
- RABELO, R. A evolução da estratégia revolucionária marxista Princípios, São Paulo, n. 29, p. 13-20, maio/jul. 1993.
- REQUIXA, R. Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer. São Paulo : SESC, 1980.
- RIESMAN, D. A multidão solitária. São Paulo : Perspectiva, 1971.
- ROCHA SOBRINHO, J. Militância: prazer ou sacrifício? Teoria & Debate, São Paulo, n. 26, p. 53 a 56, set./nov., 1994.
- RODRIGUES, L. M. CUT: os militantes e a ideologia. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990.

- ROJEC, Cris. Capitalism and leisure theory. New York : Tavistock, 1985.
- RUSSEL, B. Elogio do lazer. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- RUY, José Carlos. A busca infrutífera do gene de Caim Princípios, São Paulo, n. 29, p. 67-69, maio/jul. 1993.
- SAVIANI, D. Marx, 110 anos: clássico e... dramaticamente atual Princípios, São Paulo, n. 29, p. 44-46, maio/jul. 1993.
- _____. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo : Cortez /Autores Associados, 1989.
- SCHAFF, A . História e verdade. 6. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1995.
- SEGATTO, J. A. A formação da classe operária no Brasil. Porto Alegre : Mercado Aberto,1987.
- SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 14. ed. São Paulo : Cortez /Autores Associados, 1986.
- SIQUEIRA, J. Fundamentos para uma política cultural Princípios, São Paulo, n. 25, maio/jul. 1992.
- SIMON, I. M. PT e Poesia: a cidadania de pé quebrado. Teoria & Debate, São Paulo, n. 26, p. 60-67, set./nov. 1994.
- SILVA, A. Desemprego: marca do capitalismo atual. Princípios, São Paulo, n. 26, p. 30-34, ago./out. 1992.
- SILVA, T. T. da O que produz e o que reproduz em educação - ensaios de sociologia da educação. Porto Alegre. Artes Médicas, 1992.
- SOARES, C. L. Educação Física - raízes européias e Brasil. Campinas : Autores Associados, 1994.
- SOUZA, Okky. A estética bicheira. Veja, São Paulo, 4 de março, 1992.

- TERUKINA, I. Apontamentos para uma estética marxista. Princípios, São Paulo, n. 29, maio/jul. 1993.
- THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa : a força dos trabalhadores. 2. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.
- TOCCQUEVILLE, A. O antigo regime e a revolução : pensamento político. 2. ed. Brasília : Ed. da Unb, 1982.
- TRAGTEMBERG, M. Sobre educação política e sindicalismo. São Paulo : Cortez/Autores Associados, 1990.
- TRIVINOS, Augusto N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais : a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo : Atlas, 1987.
- TUBINO, M. J. G. Dimensões sociais do esporte. São Paulo : Cortez / Autores Associados, 1992.
- VALLE, L. A. B. do. O lazer como resistência. Fórum Educacional, n. out./dez. 1988.
- VENCESLAU, P. de T. Jair Meneguelli : a CUT amadurece. Teoria & Debate, São Paulo, n. 5, p. 30-34, jan./mar. 1989.
- _____. Greve tem hora. Teoria & Debate, São Paulo, n. 15, p. 55-58, jul./set. 1991.
- _____. Paulo Freire. Teoria & Debate, São Paulo, n. 17, p. 28-40, jan/fev./mar. 1992.
- VIANA, V. Ainda não fomos radicais Teoria & Debate, São Paulo, n.16, p. 11-17, out./dez. 1991.
- _____. A teoria na prática e outras. Teoria & Debate, São Paulo, n. 13, p. 42-53, jan./mar. 1991.
- WEBER, M. Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro : Zahar, 1982.

- WEBER. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 6. ed. São Paulo : Pioneira, 1989.